



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGL**

Lenilza Teodoro dos Santos Mendes

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO TIPO DESLOCAMENTO À  
ESQUERDA DE SUJEITO:**

**UM OLHAR SOBRE A FALA CULTA DE SALVADOR**

SALVADOR  
2009



LENILZA TEODORO DOS SANTOS MENDES

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO TIPO DESLOCAMENTO À  
ESQUERDA DE SUJEITO:**

**UM OLHAR SOBRE A FALA CULTA DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL – Linha II – Linguagem Discurso e Sociedade - da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguagem.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Norma da Silva Lopes

Salvador  
2009

LENILZA TEODORO DOS SANTOS MENDES

**CONSTRUÇÕES DE TÓPICO DO TIPO DESLOCAMENTO À ESQUERDA DE**

**SUJEITO:**

**UM OLHAR SOBRE A FALA CULTA DE SALVADOR**

Dissertação de Mestrado em Estudo de Linguagens. Linha II. Linguagens, Discurso e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Linguagem.

BANCA EXAMINADORA:

---

Professora Doutora Norma da Silva Lopes – UNEB/Letras e Linguística  
Orientadora

---

Professora Doutora Therezinha Maria Mello Barreto – UFBA/Letras e Linguística

---

Professor Doutor Gilberto Nazareno Telles Sobral – UNEB/Letras e Linguística

Defendida a dissertação:

Em: / / 2009.

**A Leonícia (*in memoriam*) e Manoel Teodoro**, meus pais, pelo amor e confiança dedicados a mim.

**A Manuel Mendes e Christian Aleph**, meu esposo e filho, pelo companheirismo, ajuda, incentivo e amor, combustíveis necessários para esta realização.

**A D. Eunice (*in memoriam*)**, minha sogra, principal responsável pela transformação ocorrida em minha vida neste período.

## Agradecimentos

A **Deus**, principal responsável por todas as minhas conquistas e por toda a minha vida.

À **Profª Drª Norma da Silva Lopes**, orientadora querida e amiga, pela dedicação, disponibilidade, competência profissional e responsabilidade no exercício da orientação e pela confiança em meu desempenho como orientanda.

À **minha família**, pelo carinho, acompanhamento e interesse em minhas atividades pessoais e profissionais.

Aos **membros do PPGEL**, principalmente à **Profª Drª Márcia Rios, Camila Araújo dos Santos e Danilo Alves Araújo**, pela dedicação, compreensão e profissionalismo com os quais fui tratada ao longo desse período.

À **Banca de Qualificação formada pela Profª Drª Norma da Silva Lopes, Profª Drª Therezinha Maria Mello Barreto e o Prof. Dr. Gilberto Nazareno Sobral**, pelas preciosas sugestões, firmeza e incentivo na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos **professores e colegas do Curso de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL**, pela contribuição em minha formação profissional e pessoal.

À **professora Maria Eugênia Lamoglia Duarte**, pela acessibilidade, sugestões e pelos materiais valiosos sobre o objeto de estudo em questão.

Aos **professores da UNEB e UFBA**, que permitiram que eu gravasse suas aulas com total interesse e boa vontade.

Ao **Magnífico Reitor Lourivaldo Valentim e à equipe PPG**, pela contribuição e atenção à formação profissional dos professores da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

À **professora Rosa Helena Blanco Machado e Denise Maria Oliveira Zoghbi**, pela relação sincera de amizade, compromisso com a educação e ajuda durante o curso e na coleta dos dados.

Aos **amigos, Mauro Roque, Irlena Moreira Lopes e Célio Espíndola**, pelo apoio e interlocução antes e durante o curso de Pós- Graduação.

À **Simone Cruz, Cristhiane Ferreguett e Jacqueline Laranja**, pelas indispensáveis contribuições.

À **Lúcia Silva dos Santos**, pelos cuidados pessoais durante a última etapa da formação.

A **todos àqueles que contribuíram** de alguma forma, para a realização deste trabalho, meu eterno reconhecimento e gratidão.

“É difícil convencer os professores de que a **língua oral** é a “**fonte**” em que os bons escritores bebem suas Ss. Quanto mais estudamos **as estruturas da língua oral e seu uso em situações reais** mais vemos como o falante nativo é altamente sofisticado no uso de sua língua.”

**Eunice da Silva Pontes**, *O Tópico no Português do Brasil*, 1987 (grifo nosso).

## RESUMO

Esta pesquisa investiga o fenômeno das construções de tópico do tipo Deslocamento à esquerda de sujeito (DESuj) na fala de informantes de nível universitário de Salvador, em situações formais a partir dos inquéritos do Projeto Norma Urbana Culta (NURC / Salvador), gravado na década de 1970 e de dados gravados em 2007/2008 a partir de aulas ministradas por professores universitários. Seus principais objetivos consistem em investigar condicionamentos lingüísticos, sociais e discursivos que influenciam na realização desse fenômeno através de análise quantitativa e qualitativa. Para tanto, são utilizados os instrumentais teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista e do Funcionalismo aliado à Pragmática. Esta investigação está respaldada no entendimento da língua como uma relação entre aspectos lingüísticos, sociais e discursivos, tendo em vista que as construções de tópico se encontram, segundo Pontes (1987, p.15), “no limiar entre a sintaxe e o discurso”, em detrimento de aspectos meramente gramaticais veiculados pela Tradição Gramatical. Dentre os inúmeros resultados obtidos, constatou-se a preferência dos falantes pela construção de tópico do tipo Deslocamento à esquerda de sujeito com estrutura formada por sintagma nominal (SN) e retomada anafórica com pronome pessoal de 3ª pessoa, porém sem restrição de ocorrência formada por outros ambientes sintáticos. Esse resultado corrobora com a afirmação de que o Português Brasileiro (PB) apresenta uma tendência ao preenchimento do sujeito, ocasionada pela redução da flexão verbal.

Palavras-chave: Tópico DESuj; Sociolingüística Variacionista; Funcionalismo e Pragmática.

## ABSTRACT

This research investigates the phenomenon of the Topic Construction (TC) like Left dislocation from the subject (LDSubj) in the speech of university-level informants from Salvador, in formal situations from the surveys of the project cultured urban norm (NURC / Salvador), recorded in the 1970s and formal utterances, recorded within 2007-2008 from lessons taught by university professors. Its main objectives are to investigate linguistic, social and discursive conditionings which influence the achievement of this phenomenon through quantitative and qualitative analysis. Thus, the resources used are theoretical and methodological tools of Variationist Sociolinguistic and Funcionalism together with Pragmatics. This research is supported in the understanding of language as a relationship among linguistic, social and discursive aspects, considering that the Topic Constructions are, according Pontes (1987, p.15), "the threshold between the syntax and discourse," rather than purely grammatical aspects conveyed by Traditional Grammar. Included in the results, it was observed the preference of speakers for the topic construction type structure formed by left dislocation from the subject with nominal syntagm (NS) and anaforic retaken turn with the personal pronoun in the 3rd person, but without restriction of occurrence formed by other syntactic environments. This result confirms the statement that the Brazilian Portuguese (BP) has a tendency to fulfill the subject, motivated by the reduction of verbal flexion.

Keywords: Topic DESuj; Sociolinguistic Variationist; Funcionalism and Pragmatics.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Percentual geral das ocorrências das CTs do tipo DESuj NURC 70 e dados de 2007/08	- 75
Gráfico 2	- Termos co-referentes às CTs do tipo DESuj – NURC 70	- 76
Gráfico 3	- Termos co-referentes às CTs do tipo DE Suj – 2007/08	- 76
Gráfico 4	- Termos co-referentes às CTs do tipo DE Suj -NURC 70 e 2007/08	- 78
Gráfico 5	- Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes NURC 70 e em 2007/08	- 79
Gráfico 6	- Estrutura sintática da construção de tópico e sua freqüência no NURC 70 e 2007/08	- 82
Gráfico 7	- Estrutura sintática da construção de tópico considerando a co-referência com SNs - NURC 70 e 2007/08	- 85
Gráfico 8	- Estrutura sintática da construção de tópico considerando a co-referência com pronomes - NURC 70 e 2007/08	- 86
Gráfico 9	- Elemento Interveniante – NURC 70 e 2007/08	- 88
Gráfico 10	- Termo co-referente ao tópico X elemento interveniente – NURC 70 e 2007	- 90
Gráfico 11	- Traço semântico do tópico – NURC 70 e 2007/08	- 92
Gráfico 12	- Termo co-referente ao tópico X Traço semântico do tópico – NURC 70 e 2007/08	- 94
Gráfico 13	- Tipo de Verbo nas Construções de DESuj – NURC 70 e 2007/08	- 96
Gráfico 14	- Co- referentes formados por SNs X Tipo de Verbo - NURC 70 e 2007/08	- 98
Gráfico 15	- Co- referentes formados por pronomes X Tipo de Verbo - NURC 70 e 2007/08.	- 98
Gráfico 16	- Tipo de Contexto do tópico - NURC 70 e 2007/08	- 100
Gráfico 17	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico - NURC 70 e 2007/08	- 101
Gráfico 18	- Tipo de Sentença – NURC 70 e em 2007/08	- 104
Gráfico 19	- Co- referentes formados por SNs X Tipo de Sentença - NURC 70 e 2007/08	- 105
Gráfico 20	- Co- referentes formados por pronomes X Tipo de Sentença -	

	NURC 70 e 2007/08	- 105
Gráfico 21	- Faixa etária e uso do tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08	- 107
Gráfico 22	- Co- referentes formados por SNs X Faixa etária - NURC 70 e - 2007/08	- 109
Gráfico 23	- Co- referentes formados por pronomes X Faixa etária- NURC 70 e - 2007/08.	- 110
Gráfico 24	- Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70 e 2007 /08	- 111
Gráfico 25	- Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08	- 113
Gráfico 26	- Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08	- 115

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	- Termos co-referentes à Construção de tópico do tipo DESuj – NURC 70	75
Tabela 2:	- Termos co-referentes à Construção de tópico do tipo DESuj – 2007/08	76
Tabela 3:	- Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes NURC 70	79
Tabela 4:	- Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes em 2007/08	79
Tabela 5:	- Estrutura sintática da construção de tópico e sua freqüência no NURC 70	81
Tabela 6:	- Estrutura sintática da construção de tópico e sua freqüência em 2007/08	81
Tabela 7:	- Estrutura sintática da construção de tópico no NURC 70, considerando os co-referentes	83
Tabela 8:	- Estrutura sintática da construção de tópico 2007/08, considerando os co-referentes	83
Tabela 9:	- Estrutura sintática da construção de tópico no NURC 70, considerando os co-referentes	84
Tabela 10:	- Estrutura sintática da construção de tópico em 2007/08, considerando os co-referentes	84
Tabela 11:	- Elemento Interveniente – NURC 70	88
Tabela 12:	- Elemento Interveniente – 2007/08	88
Tabela 13:	- Termo co-referente ao tópico X elemento interveniente no NURC 70	90
Tabela 14:	- Termo co-referente ao tópico X elemento interveniente em 2007/08	90
Tabela 15:	- Traço semântico do tópico – NURC 70	91
Tabela 16:	- Traço semântico do tópico em 2007/08	91
Tabela 17:	- Termo co-referente ao tópico X Traço semântico do tópico – NURC 70	94
Tabela 18:	- Termo co-referente ao tópico X Traço semântico do tópico em 2007/08	94
Tabela 19:	- Tipo de Verbo nas Construções de DESuj – NURC 70	95
Tabela 20:	- Tipo de Verbo nas Construções de DESuj em 2007/08	95
Tabela 21:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Verbo – NURC 70	97
Tabela 22:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Verbo em 2007/08	97
Tabela 23:	- Tipo de Contexto do tópico – NURC 70	99
Tabela 24:	- Tipo de Contexto do tópico em 2007/08	99

Tabela 25:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico – NURC 70	101
Tabela 26:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico em 2007/08	101
Tabela 27:	Tipo de Sentença – NURC 70	103
Tabela 28:	- Tipo de Sentença em 2007/08	103
Tabela 29:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Sentença do tópico – NURC 70	104
Tabela 30:	- Termo co-referente ao tópico X Tipo de Sentença do tópico nos dados de 2007/08	104
Tabela 31:	- Faixa etária e uso do tópico DESuj - NURC 70	107
Tabela 32:	- Faixa etária e uso do tópico DESuj em 2007/08	107
Tabela 33:	Termo co-referente ao tópico X Faixa etária - NURC 70	109
Tabela 34:	- Termo co-referente ao tópico X Faixa etária em 2007/08	109
Tabela 35:	Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70	110
Tabela 36:	- Sexo / Gênero e tópico DESuj – 2007/08	111
Tabela 37:	- Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70	112
Tabela 38:	- Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – 2007/08	113
Tabela 39:	- Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – NURC 70	114
Tabela 40:	Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – 2007/08	114
Tabela 41:	Cruzamento entre Gênero, Faixa etária e termo co referente na realização do tópico DESuj – NURC 70	115
Tabela 42:	Cruzamento entre Gênero, Faixa etária e termo co- referente na realização do tópico DESuj – 2007/08	116

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2007/08 – 2007 e 2008

Afirm. - afirmativa

CT - construção de tópico

CTs – construções de tópico

DE – deslocamento à esquerda

DEObl – deslocamento à esquerda de complemento oblíquo

DEOD – deslocamento à esquerda de objeto direto

DESuj – deslocamento à esquerda de sujeito

EC – estrutura coordenada

EF – elocução formal

EFs - elocuções formais

F1 Fem – faixa 01 feminino

F2 Fem – faixa 02 feminino

F3 Fem – faixa 03 feminino

F1 Mas – faixa 01 masculino

F2 Mas – faixa 02 masculino

F3 Mas - faixa 03 masculino

GTs – gramáticas tradicionais

Inf. - informante

Int. - Interrogativa

Neg - negativa

Nº - número

NP - núcleo do predicado

NURC – Norma Urbana Culta

PB - português brasileiro

PE – português europeu

Pr. Dem. – pronome demonstrativo

Pr. Id. – pronome idêntico

Pr. Indef. – pronome indefinido

Pr. 1ª p.p. – pronome na primeira pessoa do plural

Pr. 3ª p.s. – pronome na terceira pessoa do singular

RE – ramo à esquerda

S – sentença

Ss - sentenças

SN – sintagma nominal

SNs – sintagmas nominais

SN Comp. – sintagma nominal complexo

SNC – restrição de sintagma nominal complexo

SN Id. – sintagma nominal idêntico

SN Lex. – sintagma lexical

SN Pron. – sintagma nominal pronominal

SN Sem. – sintagma nominal semelhante

SS – sujeito sentencial

SVO - sujeito-verbo-objeto

T - total

TOP - topicalização

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

## SUMÁRIO

### LISTA DE GRÁFICOS

### LISTA DE TABELAS

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>INTRODUÇÃO</b>	-	17
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	-	24
1.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA	-	24
1.2 O FUNCIONALISMO	-	28
1.2.1 A PERSPECTIVA FUNCIONALISTA E FORMALISTA NOS ESTUDOS SOBRE A ESTRUTURA DA LÍNGUA	-	32
1.3 A PRAGMÁTICA	-	34
1.3.1 O pragmatismo americano	-	35
1.3.2 Atos de fala	-	36
1.3.3 Os estudos da comunicação	-	37
1.3.4 Visão geral da pragmática	-	38
<b>2 O FENÔMENO DO TÓPICO</b>	-	39
2.1 MUDANÇAS NO PARADIGMA FLEXIONAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	-	39
2.2 O TRATAMENTO DO TÓPICO FRENTE ÀS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	-	42
2.3 DEFINIÇÕES DE TÓPICO COMENTÁRIO X SUJEITO E PREDICADO	-	45
2.4 ABORDAGEM FUNCIONALISTA SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	-	48
2.5 TIPOLOGIA GERAL DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO	-	55
2.5.1 Anacoluto	-	56
2.5.2 Topicalização	-	57
2.5.3 Tópico – sujeito	-	57
2.5.4 Deslocamento à esquerda e Topicalização	-	58

2.5.5	Topicalização e Deslocamento à esquerda sob a ótica de Callou et al (1993) e Decat (1989)	-	60
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	-	62
3.1	Introdução	-	62
3.2	Seleção dos Informantes	-	62
3.3	Metodologia de Análise Estatística dos Dados	-	63
3.4	O Envelope de Variação	-	64
3.4.1	Variável Dependente	-	65
3.4.2	Variáveis Lingüísticas	-	66
3.4.2.1	Estrutura da Construção de Tópico	-	67
3.4.2.2	Presença ou Ausência de Elemento Interveniente	-	67
3.4.2.3	Traço Semântico do Tópico	-	68
3.4.2.4	Tipos de Verbo	-	69
3.4.2.5	Contexto em que ocorre o Tópico Deslocamento à Esquerda de Sujeito	-	70
3.4.2.6	Tipo de sentença em que ocorre o tópico do tipo DESuj	-	70
3.5	Variáveis Sociais	-	71
3.5.1	Faixa Etária	-	72
3.5.2	Sexo / Gênero	-	72
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	-	74
4.1	ANÁLISE GERAL	-	74
4.1.1	TIPO DE CO-REFERÊNCIA PARA PREENCHIMENTO DO SUJEITO	-	74
4.2	<b>VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS</b>	-	80
4.2.1	Estrutura da Construção do Tópico	-	80
4.2.2	Presença ou Ausência de Elemento Interveniente	-	88
4.2.3	Traço Semântico do Tópico	-	91
4.2.4	Tipos de Verbo	-	95
4.2.5	Contexto das CTs do tipo DESuj	-	99
4.2.6	Tipo de Sentença	-	102
4.3	<b>VARIÁVEIS SOCIAIS</b>	-	106
4.3.1	Faixas Etárias	-	106
4.3.2	Gênero/Sexo	-	110

4.3.2.1	Faixa Etária e Gênero	-	113
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	-	117
	<b>REFERÊNCIAS</b>	-	123
	<b>ANEXOS</b>	-	128
	Anexo A	-	129
	Anexo B	-	130

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre construções de tópico tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores, principalmente a partir do trabalho de Li e Thompson (1976), que tornaram legítimos esses fenômenos existentes em várias línguas. Apesar do crescente interesse sobre o tópico e do emprego constante por falantes do português brasileiro, essas construções não eram consideradas como um padrão próprio das classes que dominavam o dialeto de prestígio. A tradição gramatical sempre ignorou essa ordem de constituintes não a admitindo como fazendo parte da organização das sentenças do português, a exemplo da seguinte construção: “E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas, sufocando-o a tosse”. (PEREIRA apud ANDRÉ, 1990, p. 369). Esse é um dos exemplos retirados da gramática proposta pelo autor que reserva um capítulo denominado “Figuras de Sintaxe” em que ressalta a idéia de que essas construções são ocasionais na língua; denomina-as de Anacoluto e as classifica como “interrupção da construção iniciada, prosseguindo a frase de outra maneira: como resultado, o início, que se apresenta desligado logicamente, antecipa uma idéia importante e lhe dá realce” (ANDRÉ, 1990, p. 369).

Ao constatar que a estrutura canônica do tipo sujeito – verbo –objeto (SVO) veiculada pelas gramáticas tradicionais (GTs) não preenche as lacunas existentes na linguagem oral, diante da diversidade de usos, representativos dos diversos grupos sociais, é pertinente um olhar mais apurado sobre a questão da ordem dos constituintes no português falado na atualidade e, sobretudo, sobre a existência do tópico nesse cenário, pois se parte do pressuposto de que “uma variedade lingüística” vale “o que valem na sociedade os seus falantes”, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 4). Daí, não é de se estranhar que esses movimentos no interior da língua passem despercebidos pela tradição gramatical, cuja ênfase incide sobre estruturas canônicas, descontextualizadas de todos os sinais comunicativos que se dão na oralidade.

De acordo com a Sociolingüística variacionista, um mesmo indivíduo pode alternar inúmeras formas lingüísticas a depender do contexto que cerca a interação verbal, que depende de fatores, tais como contexto social, assunto, a identidade social do interlocutor, entre outros.

Um professor universitário, por exemplo, pode pôr-se às voltas com pelos menos três diferentes situações lingüísticas: no restaurante universitário, conversando banalidades com seus alunos; na sala de aula exercendo sua profissão; e no auditório, dando uma palestra. É obvio que essas diferentes circunstâncias exigem progressivamente maior freqüência de escolha de variantes padrão. Assim, na situação de conferencistas, não soaria adequado o emprego de “cê” por “você”, por exemplo, de “tá” por “está”, perfeitamente plausíveis na conversa informal do restaurante universitário (CAMACHO apud MUSSALIM; BENTES, 2003, p. 60).

Assim sendo, se um professor universitário pode pôr-se às voltas com pelo menos três diferentes situações lingüísticas, assim como outros falantes que, embora não pertençam ao meio acadêmico, também tenham um nível alto de escolaridade e que numa dada situação de formalidade ou informalidade selecionam formas adequadas, ajustando-as à situação interacional, utilizando a variação estilística ou de registro, é bastante interessante o emprego regular de construções de tópico, de nível sintático / discursivo, cada vez com maior freqüência. Essas construções são utilizadas, inclusive em situações formais e informais, (apresentação de trabalho acadêmico, bate-papo, entrevistas televisivas etc.) tendo em vista que até então as mesmas eram ou são consideradas como pertencentes à língua não padrão. O estranhamento reside no fato de que esses falantes dominam o dialeto de prestígio e as utilizam em diversos contextos. Atualmente, é comum ouvir frases como as descritas abaixo, coletadas em entrevistas televisivas ou em contextos formais e informais do tipo:

- (1) “A sociedade, ela não está nem aí para os nossos problemas.”
- (2) “Cada ano que passa, esse espetáculo, ele se torna respeitado.”
- (3) “Pessoas felizes, elas trabalham melhor.”
- (4) “Esse poder econômico, ele precisa ser combatido.”

Outrossim, Mollica (2004, p. 9-10) afirma que:

a Sociolingüística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.

Essa reflexão acerca das influências dos fatores estruturais e sociais leva a crer que é preciso repensar as classificações e os conceitos pré-estabelecidos, com seriedade e responsabilidade, deixando cair por terra o “pré-conceito”, levando em conta não só a tradição escrita, mas admitir que “fatos como “sotaque”, prosódia e outras características “menores”

que, apesar de não serem considerados formalmente como parte da língua, obviamente, desempenham um papel central na comunicação face a face”(GNERRE, 1985, p. 22).

Ao tratar de construções de tópico (CTs) percebe-se a variedade conceitual, assim como as diferentes posturas no que se refere ao tema. Ressalta-se aqui, que tanto as teorias lingüísticas formais quanto as funcionais dão um tratamento diferenciado ao mesmo, apesar de alguns pontos convergentes que as distanciam obviamente da Gramática Tradicional.

Diversos lingüistas têm investigado as CTs no português brasileiro (PB). Encontram-se entre eles os trabalhos de Pontes (1987) que servirão de base para esta pesquisa, assim como o de Decat (1989), Callou et al. (1993) e Vasco (2006).

Segundo Pontes (1987), o tópico se apresenta com uma posição inicial na sentença, no limiar entre a sintaxe e o discurso cuja construção do seu significado vai depender do contexto no qual essa construção está inserida. Essa conceituação difere da construção considerada *não marcada* SVO, porque apesar da convergência em relação ao tópico (assunto) comentário, possui características próprias, voltadas para o âmbito sintático.

A partir dos trabalhos de Tarallo (1993), Duarte (1993), Galves (1993) entre outros, é possível associar a alta incidência de CTs, no português do Brasil, às mudanças sintáticas sofridas pelo PB, relacionadas à redução dos paradigmas flexionais causando a re-organização dos padrões sentenciais básicos e do sistema pronominal, indicando uma forte tendência ao preenchimento do sujeito.

A partir dos estudos de Li e Thompson (1976), foram classificados diversos tipos de tópico como o “duplo sujeito”, chamado de **anacoluto** por diversos lingüistas, o qual não se observa vínculo sintático; apresenta uma relação entre o tópico e o comentário apenas de caráter semântico, o tópico chamado de **deslocamento à esquerda de sujeito** (DESuj) que apresenta vínculo sintático entre a sentença e o comentário através de elemento co-referente, a **topicalização** através da qual pode se reconstituir o movimento do termo que foi topicalizado de sua posição de origem para o lugar do tópico, assim como o **tópico-sujeito** cuja estrutura sintática sugere uma possível reanálise dos elementos iniciais como sujeitos gramaticais.

Conforme foi descrito, as CTs possuem uma vasta amplitude decorrente dos seus diversos tipos. Pontes (1987, p. 18) diz que, “na verdade, em português qualquer SN pode ser tópico”. Em seguida, a autora exemplifica CTs correspondentes a diversas funções como: objeto indireto; objeto direto; adjuntos adnominais; complementos nominais; adjunto circunstancial e sujeito.

Essas considerações influenciaram na delimitação do tema desta pesquisa que versará sobre as construções de tópico do tipo DESuj na fala culta de Salvador, a partir de contextos

formais. Essa escolha encontra sustentação devido ao grande número de ocorrências na oralidade e à carência de trabalhos direcionados para esse fenômeno, em âmbito regional e nacional, principalmente no que se refere ao contexto formal.

## **HIPÓTESES**

Com base na definição de Pontes (1987) sobre DESuj e pela consideração dessas construções como construções de tópico, as hipóteses investigadas neste trabalho são as seguintes:

### Variável dependente

Investiga-se a hipótese geral de que a retomada mais freqüente da CT do tipo DESuj dá-se com o pronome pessoal reto na 3ª pessoa do singular.

Essa hipótese está respaldada nos estudos da autora que atribui a co-referência pronominal de 3ª pessoa, inicialmente à necessidade de caracterizar o tópico e deixar claro o referente, já que a flexão do verbo que poderia identificar o referente está desaparecendo, e a 3ª pessoal do singular está reforçada.

### Variáveis independentes

#### Estrutura da Construção de Tópico

Esta hipótese relaciona-se às características propostas por Li e Thompson (1976) e tem como base a observação feita por Pontes (1987) que mostrou através de exemplos que a estrutura formada por SN lexical, retomada pelo pronome da 3ª pessoa é muito freqüente no português brasileiro. Li e Thompson (1976) dizem que nas línguas de tópico não existe restrição quanto ao constituinte topicalizado. Esta variável contempla a investigação de estruturas topicalizadas, tais como: o SN pronominal, o SN lexical e o SN encaixado. A hipótese para esta variável é de que a estrutura mais recorrente nas CTs do tipo DESuj é formada por um sintagma nominal lexical (SN lexical).

### Presença ou Ausência de Elemento Interveniente

A hipótese arrolada para este grupo de fatores é que as construções de tópico do tipo DESuj possuem elementos intervenientes com maior frequência. A autora observou uma tendência clara de não haver pausa nas construções sem pronome o que causa a impressão de que há uma correlação entre a presença da pausa e a do pronome.

Apesar de não haver, nesta pesquisa, uma investigação sobre os aspectos prosódicos de construção de tópico, relaciona-se a existência do elemento interveniente como uma razão para que o sujeito seja retomado através de pronome ou SN, que poderia ser explicado devido à distância existente entre o tópico-sujeito e o verbo a que ele está ligado.

### Traço Semântico do Tópico

A análise do traço semântico do tópico, incluso no grupo das variáveis semânticas, com base no trabalho de Gryner; Omena (2004, p. 92) demonstra ser a variável “o traço [ $\pm$  animado] um dos mais difundidos nos estudos de variáveis portadoras de significado”. Daí a hipótese para esta variável é que o traço [+ animado] é favorecedor das CTs do tipo DESuj.

### Tipo de Verbo

Este grupo de fatores compreende a predicação verbal existente no comentário da sentença tópico-comentário, cujas variantes são: o verbo transitivo o intransitivo e a cópula.

A partir da abordagem funcional, Hoper e Thompson (1980 apud NEVES, 2001) defendem o caráter escalar da transitividade, considerada a interferência de fatores discursivos em seu mecanismo. Visto como intimamente ligado ao discurso, o sistema de transitividade na ótica desses autores, estaria relacionado à formação de planos no discurso ou (*grounding*): O primeiro plano ou *foreground* se constitui das partes que expressam melhor os propósitos do falante e o plano de fundo, formado pelo *background* se constitui das partes que ampliam embasam ou comentam uma narrativa básica, mas que não a faz progredir.

De acordo com esta abordagem, a hipótese para este grupo é que o verbo mais recorrente neste tipo de construção estudada é o transitivo.

### Tipo de Contexto

Contemplando o contexto inicial e o interno, a escolha desta variável parte de uma das características utilizadas por Li e Thompson (1976) que diferenciam o tópico do sujeito a partir de sua posição inicial na sentença.

Dessa forma, a hipótese é de que as construções de tópico do tipo DESuj encontram-se mais freqüentemente no início das orações.

### Tipo de Sentença

Li e Thompson (1976) compreendem a propriedade de sentenças básicas como a mais relevante característica das línguas com proeminência de tópico. Esta afirmação baseia-se na impossibilidade de derivar estas sentenças (Ss) a partir de outras. De acordo com Pontes (1987) não existe restrição de ocorrência em sentenças básicas do PB. Daí, esta pesquisa investiga ocorrências de sentenças afirmativas, negativas e interrogativas em comentários de CTs do tipo DESuj.

Estas considerações norteiam a hipótese de que o tipo de S mais recorrente nas CTs do tipo DESuj é a afirmativa.

### Faixas Etárias e Gênero

As variáveis sociais apontadas nesta pesquisa correspondem a 3 faixas etárias e o gênero masculino e feminino que foram escolhidas por se mostrarem mais relevantes para a investigação do tema em pauta.

As faixas etárias estão subdivididas em 1 (de 25 a 35 anos), 2 (de 36 a 55 anos) e 3 (de mais de 55 anos).

Por tratar-se de um estudo de tendência em que haverá comparação entre os inquiridos no NURC de 1970 e as elocuições formais gravadas em 2007/2008 as hipóteses arroladas para estas variáveis são de que as construções de tópico do tipo DESuj aparecem com mais freqüência na faixa etária de 25 a 35 anos pela possibilidade deste fenômeno se constituir em mudança lingüística e que o gênero feminino utiliza essas construções com maior regularidade devido á sua consciência do *status* lingüístico proporcionado pela utilização de determinadas formas.

Os capítulos desta pesquisa estão distribuídos da seguinte forma:

O primeiro capítulo está voltado para a **fundamentação teórica**, sobre a Sociolingüística, o Funcionalismo e a Pragmática. Em seguida, no segundo capítulo, será apresentada uma abordagem sobre **o fenômeno do tópico, as mudanças no paradigma flexional do português brasileiro** com os trabalhos de Tarallo (1993), Duarte (1993) e Galves (1993), **o tratamento do tópico frente às gramáticas tradicionais** de Almeida (1999), Cunha; Cintra (1985), Bechara (1980), **as definições de tópico comentário e de sujeito-predicado, a abordagem funcionalista sobre as construções de tópico e a tipologia geral das construções de tópico.**

A abordagem funcionalista sobre o tópico terá com base o trabalho de Pontes (1987) ao tempo em que será estabelecido um diálogo com os trabalhos de Li e Thompson (1976) e outros pesquisadores.

O terceiro capítulo trará a **metodologia do trabalho** com a seleção dos informantes; a metodologia estatística dos dados; os objetivos e o envelope da variação.

A variável dependente da pesquisa trabalhada é eneária, cujo grupo de fatores é formado com os termos co-referentes aos tópicos do tipo DESuj.

As variáveis independentes são formadas pelos grupos de fatores lingüísticos e sociais. As variáveis lingüísticas são: estrutura da construção de tópico; presença ou ausência de elemento interveniente; traço semântico do tópico; tipo de verbo; tipo de contexto e tipos de sentença.

As variáveis sociais são formadas pelas faixas etárias e pelo sexo / gênero dos informantes.

O quarto capítulo versará sobre a **Descrição e Análise dos resultados** em que serão apresentados os gráficos, tabelas e análise quantitativa e qualitativa do fenômeno estudado, assim como um diálogo com outros autores sobre resultados de pesquisas e fundamentos teóricos.

E, para concluir, as **Considerações finais** e as **Referências**. Em anexo, serão apresentados o questionário social e as transcrições das aulas, objeto de observação.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA

A linguagem tem sua importância relacionada à comunicação e ao conhecimento que uma sociedade pode retratar, a respeito de si e do mundo. Por intermédio dela poderá se dar a identificação ou diferenciação de uma dada comunidade, bem como a inserção do indivíduo em grupos, estratos sociais, gêneros, nível de escolaridade e faixas etárias, assim como é possível perceber a naturalidade de uma pessoa, se é do gênero masculino ou feminino, jovem ou idoso, se é iletrado ou letrado, de nível primário ou universitário entre outras coisas.

Pertencente a uma subárea da Lingüística, a Sociolingüística correlaciona aspectos lingüísticos e sociais, atuando num espaço interdisciplinar, cuja atenção está voltada para empregos lingüísticos concretos, de caráter heterogêneo, na fronteira entre língua e sociedade.

Em Mollica (2004) encontra-se uma explicação do caráter heterogêneo da língua a partir das formas distintas com equivalência semântica:

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. (MOLLICA, 2004, p. 9)

A depender do enfoque desejado, segundo Monteiro (2002) a Sociolingüística passa por uma delimitação, a saber, a macro – sociolingüística e a micro –sociolingüística. Para uma melhor compreensão desses termos, o autor define a macro – sociolingüística como aquela que trata das relações entre a sociedade e as línguas em geral, pertencente à área de investigação sociológica e política, cujas principais preocupações são algumas discussões sobre os problemas que atingem as línguas minoritárias, o pluridialealismo e seus efeitos diante do fracasso escolar das populações mais pobres, a planificação e normatização lingüística, dentre outros.

A micro-sociolingüística, de acordo com a opinião do autor, utiliza-se de testes estatísticos para analisar os efeitos dos fatores sociais sobre a estrutura lingüística. Nesse caso, tudo o que se relaciona com a Teoria da Variação está incluso, determinando quais as pressões que influenciam uma regra variável.

Dentre as disciplinas afins que enfocam a língua como objeto de estudo, mas possuem caráter diferenciado, de acordo com seu objeto formal, encontram-se a Sociologia da

Linguagem, a Etnografia da Comunicação, a Dialectologia, a Geografia Lingüística, e a Pragmática.

Segundo Alkmin (2001) o termo “Sociolingüística” fixou-se em 1964 a partir de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) com a participação de alguns estudiosos, que, posteriormente, se tornaram referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a relação entre fatores lingüísticos e sociais. Esses estudos consideram a relação entre linguagem e sociedade e levam em conta a história de seres organizados e detentores de um sistema de comunicação oral.

É oportuno observar que o nascimento da Sociolingüística foi marcado por uma origem interdisciplinar, por meio da atuação de vários pesquisadores, dentre eles destaca-se Hymes (1972) que através do artigo *Models of the interaction of language and social life*, estabelece os princípios da Etnografia da Comunicação.

A partir da publicação do trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, localizada no litoral de Massachussetts em 1963, Labov explicitou a importância dos fatores sociais para a variação lingüística. A partir daí, veio à tona a relação entre fatores sociais como: o sexo, a idade, a atitude, a ocupação etc ao comportamento lingüístico.

Com o término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York em 1964, Labov (1996) fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas que ficou conhecido como Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação. Esta, parte do pressuposto que “falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam da mesma maneira, bem como um único falante não se expressa da mesma forma em circunstâncias diferentes de comunicação.” Daí, é papel da Sociolingüística Variacionista segundo Camacho (2001) entender cada domínio lingüístico e social como fenômenos estruturados e regulares, correlacionando as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social.

A Sociolingüística Variacionista tem o seu objeto centrado na variação, ou seja, no estudo da língua em uso, no seio de uma comunidade de fala e utiliza-se de uma investigação que correlaciona os aspectos lingüísticos e sociais, e constitui-se como uma das subáreas da Lingüística, tendo como ponto de partida a comunidade lingüística, definida, segundo Alkmin (2001) como conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas que dizem respeito aos usos lingüísticos.

O entendimento do conceito de “norma” causa ambigüidades a depender do pesquisador, pois cada um terá o seu próprio conceito, inclusive, os tradicionalistas fazem associação com um conjunto de regras que se deve obedecer.

Bagno (2001) mostra a diferença entre o conceito de norma apregoado pelos autores da linha gramatical tradicional e o conceito adotado pelos lingüistas. Para ele os termos e expressões são usados de forma indiscriminada, pela tradição, como se fossem sinônimos, a exemplo de “padrão formal”, “texto formal”, “uso culto”, “padrão culto”, “língua culta”, “norma culta” etc, sem preocupação alguma com o significado dos substantivos *uso*, *padrão* e *norma* ou com os adjetivos *culto* e *formal*, conceitos considerados pelo autor como de grande importância para a ciência lingüística.

Segundo o autor, norma culta é o conjunto de usos lingüísticos dos falantes cultos de um país, de uma região ou de uma cidade, cuja definição de falante culto perpassa a concepção de indivíduo com grau de escolaridade superior completa, nascido e criado em zona urbana. Ele destaca a “norma culta” no âmbito lingüístico, nomeando de “norma padrão” o que os tradicionalistas chamam de “norma culta”.

Entretanto, a discussão sobre o adjetivo “culto” tem outros desdobramentos, por ser necessário agrupar outros adjetivos diferentes como: regional, popular, rural, informal, etc decorrentes da necessidade de distinção dos “diversos outros modos sociais de falar e escrever a língua, buscando dar acolhimento a heterogeneidade lingüística e a correlação das normas com seus diferentes condicionamentos sociais”. (FARACO, 2008, p. 55)

Os estudos são empreendidos pela Sociolingüística Quantitativa através da metodologia de quantificação que possibilita ao pesquisador a apreensão da variação lingüística, sua sistematicidade, encaixamento lingüístico e social, assim como a sua possibilidade de relação com a mudança lingüística.

Apesar de reconhecer a importância de se descrever um fenômeno também em termos qualitativos, Guy; Zilles (2007) consideram que o uso de métodos estatísticos permite um melhor entendimento das questões relacionadas à identidade, solidariedade ao grupo local, preconceito lingüístico, comunidade de fala, entre outros aspectos,

Inúmeros pesquisadores, a exemplo de Bagno (2001), Bortoni-Ricardo (2006) e Scherre (2005) têm discutido questões relacionadas ao preconceito lingüístico na educação e sobre a importância da Sociolingüística nesse processo.

A despeito da verificação de que as mudanças lingüísticas que ocorrem ao longo da vida direcionadas ou não à norma prestigiada são provocadas, em sua maioria, pelos grupos sociais com os quais se interage, Scherre (2005) considera a rigidez com a qual é feito o

ensino de gramática nas escolas, banindo formas ditas desviantes ou indignas de *uma língua bem falada*, considerados indignas de serem usadas por *homens de bem*. Desta forma, praticase a injustiça social com a humilhação da pessoa, por meio da desvalorização da sua fala, que é associada à feiúra, deselegância, incompetência ou burrice.

Em capítulo dedicado à contribuição efetiva da Sociolingüística à educação, Bortoni-Ricardo (2006) discute o tema considerado controverso que sofre críticas tanto internas, quanto externas. A autora defende a tese da relevância do papel da Sociolingüística no processo educacional, mas defende também a revisão da forma de contribuição, ao tempo em que propõe alguns princípios descritos a seguir, que devem ser observados:

O primeiro princípio considera que a influência da escola na aquisição da língua deve estar centrada em seus estilos mais formais, monitorados, em detrimento do dialeto vernáculo dos falantes. Assim sendo, a escola tem como tarefa facilitar a incorporação de recursos comunicativos ao repertório lingüístico dos alunos, permitindo o emprego de estilos lingüísticos monitorados, com maior grau de planejamento e maior atenção por parte dos alunos.

O segundo princípio tem relação com o caráter sociossimbólico das regras variáveis que não se associam a avaliação negativa na sociedade, não são objeto de correção na escola e não influem nos estilos monitorados. Como exemplo, a autora cita um exemplo proposto por Tarallo e Duarte (1988, apud BORTONI-RICARDO, 2006) cujo argumento é de que o uso da anáfora zero ou do pronome lexical não sofre a pressão da norma de prestígio na escola em ambientes sintáticos pouco salientes.

O terceiro princípio tem referência à inserção da variação sociolingüística na matriz social. A autora considera que não há conflito interétnico no Brasil semelhante ao da sociedade americana, no ensino de língua, porém a escola pode ser fonte de discriminação das crianças que falam as variedades populares.

Através de pesquisa ela observa que os professores sensíveis às diferenças sociolingüísticas e culturais têm desenvolvido estratégias de interação em sala de aula, de modo intuitivo, que têm surtido um efeito bastante positivo, favorecendo a aquisição de estilos monitorados da língua.

O quarto princípio veicula a idéia de que se devem reservar os estilos monitorados da língua à realização de eventos de letramento em sala de aula, diferentemente de eventos voltados para a oralidade em que poderão ser utilizados estilos mais casuais, de modo a estabelecer uma dicotomia entre letramento e oralidade, em vez de português culto e português ruim.

O quinto princípio postula a associação da descrição da variação na sociolinguística educacional à análise etnográfica e interpretativa do uso da variação em sala de aula, pois os alunos e professores atribuem múltiplos significados à variação, que precisam ser bem interpretados, com o intuito de desenvolver a sociolinguística educacional.

O sexto princípio tem referência ao processo de conscientização crítica de alunos e professores no que diz respeito à variação e desigualdade social por ela refletida. Para que esse processo se efetive é necessário que haja diálogo entre o linguísta e o professor. Neste caso os professores tornam-se parceiros e sujeitos da pesquisa e das ações em sala de aula.

Para Bortoni-Ricardo (2006) juntando-se a prática desses princípios à pesquisa séria e permanente sobre a variação e sua influência na aquisição de estilos monitorados da língua, poderá se resolver o impasse em que se encontra a sociolinguística educacional na contemporaneidade.

## 1.2 O FUNCIONALISMO

A abordagem teórica do Funcionalismo Lingüístico tem como base os estudos desenvolvidos por Neves (2001) que se refere ao seu surgimento com o Círculo Lingüístico de Praga, dando origem a esta perspectiva no estudo da linguagem. Essa orientação está voltada para a interação social, verbal, acessível às pressões de uso, considerando a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm, segundo Neves (2001, p.15) de “não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de maneira interacionalmente satisfatória.”

A definição do termo “função” para a lingüística é, de acordo com Martinet (1999 apud NEVES, 2001, p. 5), explicado como:

- 1) o valor de “papel”, ou de “utilidade de um objeto ou de um comportamento” (que é adotado pela Sociedade Internacional de Lingüística Funcional – SILF);
- 2) o valor de “papel de uma palavra em uma oração”, acrescentado ao sentido que a palavra tem num determinado contexto (que é o que está na tradição gramatical);
- 3) o valor matemático de “grandeza dependente de uma ou de diversas variáveis” (valor cuja utilização em lingüística é muito perigosa).

Nessa perspectiva, o papel que a língua desempenha na comunicação com os indivíduos é fundamental para a definição do termo “funcional” na lingüística, que tem um sentido de “relação” entre: “(a) uma forma e outra (função interna); (b) entre uma forma e seu

significado (função semântica) e (c) entre o sistema de formas e seu contexto (função externa)” (GARVIN, 1978 apud NEVES, 2001).

Para o grupo de estudiosos que formavam a Escola Lingüística de Praga, a linguagem tem uma relação com a realidade extralingüística, vendo as frases como “unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo em que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto lingüístico” (NEVES, 2001, p.17). Entende-se assim, que a estruturação de itens nos enunciados se dá de maneira multifuncional, não se limitando a indicações de funções meramente gramaticais.

Sob a ótica de Mackenzie (1992 apud NEVES, 2001, p. 22) ao referir-se à organização das palavras, afirma que:

Por outro lado, muitos fenômenos de ordem das palavras (topicalização, extraposição, apassivação) podem ser relacionadas a considerações funcionais, por exemplo, a avaliação que o falante faz do conhecimento e das expectativas do ouvinte. E são esses os fenômenos que recebem a maior atenção por parte da gramática funcional.

Segundo a autora, para os defensores do Funcionalismo, as relações que se dão entre discurso, uso e gramática são equacionadas e determinadas propriedades sintáticas nascem das propriedades do discurso. Portanto, a Pragmática na perspectiva funcional tem a sua importância relacionada à apropriação ou adaptação da língua a sua ambiência, aos instrumentos gramaticais postos em uso, assim como à relação entre o componente sintático-semântico explicado a partir de esquemas que consideram a interação de forças tanto internas quanto externas ao sistema.

Ela esclarece, porém, que o termo *funcionalismo* e abordagem funcional não está restrito à Escola de Praga, sendo usado também em referência a quaisquer abordagens ligadas às funções dos meios lingüísticos de expressão.

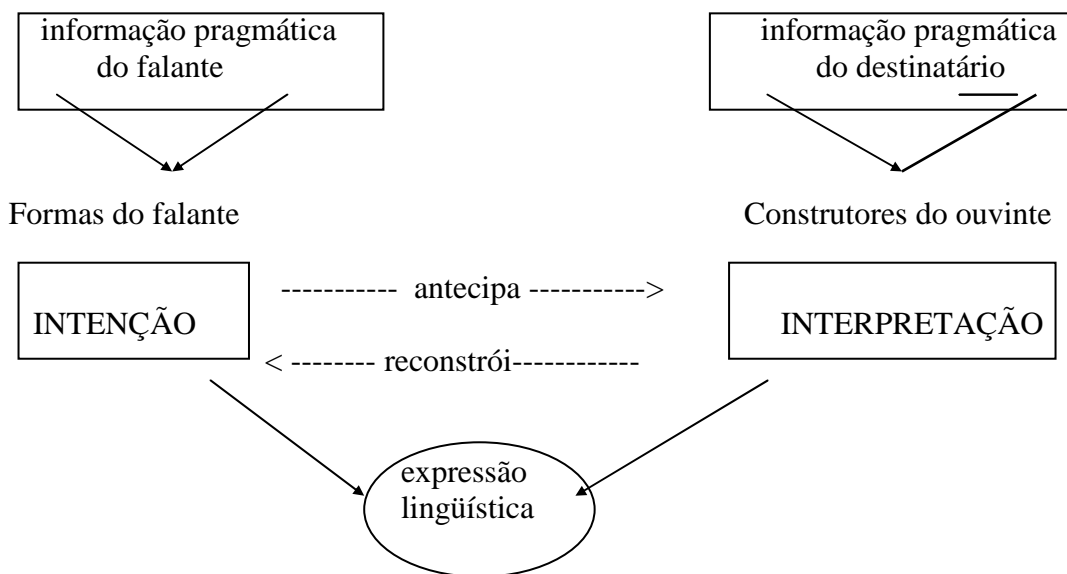
A definição da língua de acordo com a visão funcional da Escola de Praga é de um “sistema de sistemas”, sendo que cada função corresponde a um subsistema, todos voltados à mesma unidade, ou seja, “a frase”.

Os níveis sintáticos da organização frasal abrigam a semântica como uma gramática de casos e a pragmática, correspondente à gramática da comunicação, é definida pela imagem do interlocutor.

A frase é reconhecida como unidade suscetível de análise nos níveis fonológico, morfológico, sintático e comunicativo. O elemento comunicativamente estático corresponde

ao tema com baixa informatividade e o elemento comunicativamente dinâmico é o rema, com maior informatividade.

No estudo da língua como instrumento de comunicação verbal, Dik (1978 apud NEVES, 2001) estabeleceu o esquema e a explicação sobre um modelo de interação verbal que reflete a consideração funcionalista do papel da expressão lingüística dentro da Comunicação.



O modelo proposto mostra a expressão lingüística em função da intenção da informação pragmática e da antecipação que o falante faz da interpretação do destinatário.

Já, a interpretação do destinatário corresponde à função da expressão lingüística, da informação pragmática e da sua conjetura sobre a intenção comunicativa tida pelo falante. Desta forma, a informação pragmática está presente em qualquer estágio da comunicação.

O falante, ao formar uma intenção comunicativa ou plano mental para provocar uma modificação na informação pragmática do destinatário, tenta antecipar a interpretação que o destinatário poderá atribuir à sua expressão lingüística. Toda essa relação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário é *mediada* pela expressão lingüística, de tal forma que apenas uma verbalização parcial e não-direta será suficiente para atingir o objetivo da comunicação.

Na ótica do autor, a interação verbal é constitutiva de uma forma de atividade cooperativa e estruturada. A forma cooperativa é explicada pela necessidade de dois ou mais participantes e a estruturada é governada por regras, normas e convenções. De acordo com as

palavras do autor, a lingüística deve ocupar-se das regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas que governam a constituição das expressões lingüísticas e das regras pragmáticas que, por sua vez governam os padrões de interação verbal em que são usadas essas expressões lingüísticas.

Ao confrontar o paradigma formal e o funcional Dik (1978 apud NEVES, 2001, p. 46-47) apresenta oito tópicos, assim resumidos:

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social.
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos.	Comunicação.
Correlato Psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e Seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se Dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição do seu funcionamento no contexto natural.
Aquisição da linguagem	Faz-se com uso de propriedades inatas, com base em um <i>imput</i> extenso e estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>imput</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática via semântica	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Esse confronto mostra que para o autor, enquanto a linguagem natural é vista, em relação ao modo de uso, como sistema abstrato e autônomo, o paradigma funcional considera a não-arbitrariedade das expressões lingüísticas, paralelamente à consideração da existência de propriedades sensíveis e co-determinadas por determinantes pragmáticos inerentes à interação verbal humana.

### 1.2.1 PERSPECTIVA FUNCIONALISTA E FORMALISTA NOS ESTUDOS SOBRE A ESTRUTURA DA LÍNGUA

No início do capítulo dedicado à Sintaxe, Berlinck et al. (2001, p. 210) abordam a forma como a Gramática Tradicional obtém as regras de organização das sentenças ao tempo em que apresentam alguns exemplos enumerados de acordo com o original.

- (1) Diadorim entregou o facão para Riobaldo.
- (2) O Miguilim eu vi ontem.
- (3) Na festa vieram o Manuelzão e o Augusto Matraga.

Ao discutir, sobre a fragilidade da visão tradicionalista que no caso de (2) e (3) atribui a inversão na ordem dos constituintes a fatores heterogêneos como: tipo de oração, certas categorias verbais e a própria natureza do elemento deslocado, ao tempo em que refutam essa posição com o argumento de que “não se chega a um fator ou princípio geral que explique satisfatoriamente todos os casos” (BERLINCK et al., 2001 p. 208). As autoras rejeitam também a visão simplificadora com base na ênfase ou no recurso estilístico, levantando questões que a descrição gramatical deixa sem resposta:

Se a inversão é uma construção enfática, - logo marcada não neutra-, não se esperaria que fosse muito freqüente. No entanto os próprios gramáticos salientam que ela é comum e por vezes até a construção preferida nos contextos estruturais listados. Por outro lado se a inversão é um recurso estilístico, não deveria se restringir àqueles contextos, mas ser uma alternativa possível para qualquer frase básica da língua. (BERLINCK et al., 2001, p. 208)

Ao abordar o Estatuto dos Estudos sintáticos, as autoras contam a história da Sintaxe, onde destacam as idéias do lingüista Ferdinand de Saussure, para o estabelecimento do estatuto de disciplina autônoma. Nessa etapa do trabalho, são apresentadas as duas grandes tendências deste século pelas quais tem perpassado inúmeros estudos lingüísticos, que são o Formalismo e o Funcionalismo. Quanto à ordem dos constituintes, a visão Formalista trata da seguinte forma:

Faz-se necessário discutir que para a postura formalista, fenômenos tais como variação e mudança lingüística, verificáveis na ordem dos constituintes, a exemplo da topicalização, deverão ser tratados, nesse caso, em termos de propriedades internas ao sistema ou de possibilidades de variação que se verificam nesse mesmo sistema.

De acordo com essa acepção, o formalismo enfatiza a sentença no tratamento sintático, ou seja, o estudo da língua é realizado em termos de suas partes, ao tempo em que determina os princípios de sua organização, para em seguida, estabelecer as relações entre elas e seu uso.

Para as autoras, a abordagem funcionalista, ao contrário da formalista, concebe a linguagem como um sistema não-autônomo nascido da necessidade de comunicação entre membros de uma comunidade, sujeito às limitações inerentes à capacidade humana de adquirir e gerar conhecimento em contínuo processo de mudança para cumprir necessidades comunicativas. Portanto, configura-se como uma opção favorável ao estudo do tópico, ao partir do princípio que a análise de um fato lingüístico deve levar em conta falante e ouvinte além do ato verbal, assim como as necessidades da comunidade lingüística.

Constituindo-se como um dos centros de interesse privilegiado da abordagem funcionalista, a variação lingüística fala de escolhas e /ou opções tendo como pano de fundo, soluções encontradas tanto no interior do sistema lingüístico, como também fora dele, no ambiente social, no qual a língua está inserida como importante instrumento de comunicação.

De posse desses argumentos, ao apresentar algumas características do português brasileiro as autoras discorrem sobre aspectos de mudança, observados na ordem dos constituintes do português brasileiro:

Estudos gerativistas e variacionistas têm apontado, no entanto, a partir da observação de dados espontâneos do português brasileiro (doravante PB), que tanto o uso de sujeitos foneticamente nulos vem decrescendo na variedade brasileira (Duarte, 1993/1995), como a inversão da ordem sujeito - verbo vem perdendo espaço. (BERLINCK et al., 2001, p. 220)

Nessa abordagem, desperta especial atenção, a colocação de que um novo tipo de construção começa a se tornar freqüente em PB: o uso do “sujeito duplo”, (denominação recebida nesse trabalho) exemplificado pela seguinte sentença: “Diadorim, ela entregou o facão para Riobaldo”, para em seguida, discutir o por quê de uma sentença como essa ter se tornado tão comum.

Segundo as autoras, uma possível explicação para esse fenômeno encontra-se no “empobrecimento” do paradigma flexional que dá preferência ao uso do pronome *você* em detrimento do *tu* e a entrada de *a gente* que substitui o pronome *nós* e que em termos de combinação com a forma verbal, acaba por também utilizar a forma verbal de 3ª pessoa do singular, simplificando o paradigma flexional, dificultando a identificação referencial do

sujeito nulo no PB, graças à perda das marcas de pessoa no verbo, o que leva ao uso de flexões idênticas para várias pessoas do discurso.

Desta forma, uma possível alternativa para que o sujeito nulo seja identificado é através da ligação com o sintagma anterior, ou seja, com “sujeito duplo”, fatores que levam a uma reorganização da oração.

### 1.3 A PRAGMÁTICA

Os conceitos da pragmática possuem amplitudes que extrapolam o quadro das escolas lingüísticas tradicionais e interfere em questões relacionadas à filosofia e teoria da literatura. Dentre as questões filosóficas abarcadas pela pragmática, destacam-se a subjetividade, a alteridade do *cogito* cartesiano e a dedução transcendental das categorias em Kant. Esse campo possui tanto múltiplas interpretações, como múltiplas gêneses, domínios e controvérsias internas. Quanto ao termo “pragmática”, enquanto uns o relacionam à “práxis” outros o relacionam à comunicação ou interação entre os organismos vivos e ao uso dos signos.

Atualmente, inúmeros trabalhos, principalmente na área filosófica e lingüística encontram-se inseridos no domínio da Pragmática. Haberland e Mey (apud PINTO, 2001, p. 47) afirmam que “a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática lingüística, e de outro lado, estuda as condições que governam essa prática.”

Já Armengaud (2006) veicula que sempre houve proximidade entre aqueles que se interessaram pelos *efeitos do discurso* sobre os falantes-ouvintes e a pragmática. Em sua opinião, os sociólogos, psicoterapeutas, especialistas em retórica, técnicos em comunicação, lingüistas da análise do discurso, entre outros, estão, geralmente muito próximos de uma das fontes da pragmática.

Enquanto Saussure (1916, 1991) centra o objeto de estudo da Lingüística na língua, a partir da dicotomia língua/fala, a Pragmática volta-se para a linguagem, defende a não-centralidade de língua em detrimento da fala e estuda a língua juntamente com sua produção social. Cabe salientar que o estudo pragmático extrapola os limites estabelecidos pelos fatores relacionados à linguagem e admite a junção de outros fatores que interferem no seu funcionamento. Daí advém a importância dos estudos de situações que podem ser consideradas exceções ou não convencionais, mas que representam inovações lingüísticas expressivas.

Essa perspectiva de estudo leva em conta o “uso lingüístico”, com inclusão das “pessoas que falam”, antes ignoradas, assim como, os conceitos de sociedade e comunicação. Os estudiosos dessa área investigam os elementos criativos e inovadores que se modificam através da interação, num determinado contexto, em detrimento da convenção.

Essa preocupação em estudar a linguagem em uso, sem descartar nenhum elemento não-convencional é uma linha que pode ser identificada desde o final do século XIX. Estudos filosóficos como os de Kant sempre se preocuparam com a forma como a mente é capaz de construir representações. Esses estudos foram direcionados aos usuários de língua e influenciaram a Lingüística que tem na Pragmática uma representante dessa tendência.

Os temas lingüísticos trabalhados com base na Pragmática possuem diversidade e amplitude e vão desde a relação entre signos e falantes, a diálogos entre falantes de comunidades diferentes ou iguais.

Diversos estudiosos têm enveredado pelo campo Pragmático, que pode ser dividido em três correntes, segundo Pinto (2001, p. 51).

O pragmatismo americano, influenciado pelos estudos semiológicos de William James; os estudos dos atos de fala, sob o crédito dos trabalhos do inglês J. L. Austin; e os estudos da comunicação, com preocupação firmada nas relações sociais de gênero, de raça e de cultura presentes na atividade lingüística.

Além desses pesquisadores, vários outros se dedicaram ao campo da pragmática, dentre eles, merecem destaque Oswald Ducrot e Émile Benveniste, ambos franceses e o americano H. P. Grice. Para uma melhor compreensão da gênese dessa abordagem, far-se-á um breve relato dos estudos desenvolvidos pelos principais grupos de filósofos que a influenciaram.

### 1.3.1 O pragmatismo americano

A palavra *pragmatics* foi utilizada pela primeira vez pelo filósofo americano Charles S. Peirce em seu artigo *How to make our ideas clear* em 1878. As suas idéias sobre a relação entre o signo, o objeto e o interpretante constitui a chamada tríade pragmática que influenciou vários filósofos como William James e Charles W. Morris. Essa tríade representa a teorização da linguagem e leva em conta não somente o *sinal* mas também *aquilo a que* este sinal remete e a *quem* ele significa.

Segundo Souza (2006, p. 156) “A idéia em Peirce é um fenômeno ou *faneron*, sendo tudo o que é, de qualquer maneira, em qualquer sentido, presente na mente, que corresponda ou não a qualquer coisa do real”. Dessa forma, a semiótica de Peirce recusa o sujeito do discurso, pois não aceita as relações entre os signos e os fatos fisiológicos ou cerebrais.

Diferenciando-se da teoria diádica de Saussure, cuja oposição entre significante/significado, língua/fala, sincronia/diacronia são fatores de base, a teoria de Peirce é triádica. “Peirce propõe uma lista de categorias para reduzir o diverso das impressões sensoriais a uma unidade” (SOUZA, 2006. p.158).

Jean Fiset (1990, apud SOUZA, 2006, p. 158) aponta as três propostas de Peirce:

- 1) *O pensamento de Peirce é ternário.* O imaginário de Saussure e de Hjelmslev e o pensamento cartesiano se baseiam nos princípios aristotélicos da não-contradição e do terceiro excluído. Peirce se inscreve nas correntes dialéticas que aceitam o terceiro incluído.
- 2) *O signo imaginado por Peirce está em movimento constate.* Na tradição saussureana, o signo é uma unidade fixada em diversas relações, principalmente na da diferença. Em Peirce, o signo pertence a uma série de códigos que estão sempre se transformando.
- 3) *O pensamento não está em nós; pelo contrário, nós estamos no pensamento.* Em Peirce, a semiótica não é um quadro aplicado à realidade. Ela dá conta de um processo de aquisição de saberes. E se o saber é pensado como uma eterna pesquisa, a noção de falibilidade se instaura no seio da semiótica peirceana.

### 1.3.2 Atos de fala

A partir do exame da linguagem corrente como fonte de solução para os problemas filosóficos, autores como John Langshaw Austin, Peter Frederik Strawson e Gilbert Ryle da Universidade de Oxford, inspirados pelas indicações de Moore e Wittgenstein fazem repercutir o movimento conhecido como *Filosofia Analítica* ou *Filosofia da Linguagem Ordinária* cujo principal resultado foi a *Teoria dos Atos da Fala*.

Ao discutir a historicidade e materialidade dos vocábulos, Austin (1990 apud Pinto 2001 p. 57) através de seus estudos, reflete “sobre a possibilidade de uma teoria que explicasse questões, exclamações e sentenças que expressem comandos, desejos e concessões.” De acordo com a Teoria dos Atos de Fala proposta por Austin, a linguagem é

concebida como uma atividade construída pelos/as interlocutores/as, leva em conta o ato de linguagem que a constitui em ação, em detrimento da descrição do mundo.

Dessa forma, Austin considera a distinção entre os *enunciados performativos* que são aqueles que realizam ação porque são ditos e os *enunciados constativos* que, por sua vez falam de algo, ou seja, realizam uma afirmação.

Para ele, enunciados como “Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” são considerados performativos porque “praticam” uma ação enquanto é anunciado, enquanto que o enunciado “A mosca caiu na sopa” é um enunciado constativo, pois a ação já ocorreu nesse caso. Dessa forma, ele propôs, segundo Pinto (2001, p. 58) a seguinte classificação:

[...] chamar atos *locucionários* aqueles que dizem alguma coisa; *atos locucionários*, aqueles que refletem a posição do/a locutor/a em relação ao que ele/a diz; e *atos perlocucionários*, aqueles que produzem certos efeitos e conseqüências sobre os/as alocutários/as, sobre o/a próprio/a locutor/a ou sobre outras pessoas.

Sob esta ótica os três níveis atuam de forma simultânea em um enunciado, podem ter um efeito ambíguo e expressar uma ameaça ou uma promessa. Os indícios que são explicitados no momento da fala são muito importantes porque servem de base para solucionar o problema.

### 1.3.3 Os estudos da comunicação

Os autores desse grupo definido de forma genérica como estudos da comunicação formam um grupo híbrido porque utilizam os métodos que já foram descritos anteriormente, com o acréscimo de leituras renovados do Pragmatismo Americano ou da Teoria dos Atos de Fala.

É possível associar os estudos referentes à Comunicação aos marxistas sobre a *diferença de classes* e como essas diferenças poderiam fazer sentido no âmbito da comunicação entre as pessoas.

Por acreditar que todo ato de fala no sentido não teórico do termo aparece em um horizonte de interação com a norma e com a finalidade de um consenso livremente elaborado por aqueles que falam, segundo Arnaud (2006, p. 138-139), Habermas elabora “uma teoria

da comunicação lingüística que dê conta do poder emancipador que ele concedia à linguagem”.

Os estudiosos dessa corrente defendem a idéia de que sendo o uso da linguagem lugar de conflito, é pertinente situá-la nas negociações, recusas e modificações. Sujeita a inovações, o estudo sobre a linguagem admite também o estudo de fatores considerados como não-linguagem, ou seja, os conflitos das relações entre as pessoas e grupos que podem ser identificados através da linguagem.

#### 1.3.4 Visão geral da pragmática

Para discorrer sobre o surgimento da Pragmática é necessário entender que no século XX os estudos dos signos lingüísticos e da linguagem estavam voltados para a abordagem semântica e sintática. Nesse sentido, a abordagem semântica ocupa-se da relação dos signos com as palavras e frases e com os estados das coisas, estabelecendo o sentido, da referência e da verdade e a sintaxe, cujo estudo está voltado para as relações dos signos entre si, das palavras na frase ou das frases nas seqüências de outras frases. Assim, o surgimento da Pragmática tem como intervenção primordial o relacionamento dos signos com seus usuários e as frases com os falantes.

Armengaud (2006) descreve os conceitos mais importantes da Pragmática como o ato, o contexto e o desempenho. Sob essa ótica, o conceito de *ato* veicula a idéia de que a linguagem não serve apenas para representar o mundo e sim, para realizar ações, ou seja, agir sobre outrem, instaurando sentido e realizando “ato de fala”. Conceito este, orientado para a interação e a *transação*.

O conceito de *contexto* é explicado como a situação concreta em que os atos de fala são emitidos, englobando o lugar, o tempo, a identidade do falante, entre outros. O estudo do contexto é de fundamental importância, pois quando os atos são narrados de forma isolada, tornam-se ambíguos e sem parâmetros avaliativos. Quanto ao conceito de *desempenho*, de acordo com o sentido original, está voltado para a competência comunicativa representada pela competência dos falantes no seu saber e no domínio de regras.

A Pragmática se instaura de forma polêmica e inovadora no domínio dos estudos lingüísticos ao questionar os princípios que até então norteavam a pesquisa, da seguinte forma: a prioridade do sistema e da estrutura sobre o uso; a prioridade da competência sobre o desempenho e a prioridade da língua sobre a fala.

Com o questionamento desses princípios a Pragmática vai de encontro aos postulados do Estruturalismo e da Gramática Gerativa e instaura a lingüística da enunciação preconizada por Benveniste. Ao invés da distinção entre língua e fala, prioriza-se o *enunciado* – o que é dito – e a *enunciação* – o ato de dizer que também é um ato de presença do falante, marcado na língua, permitindo a cada um se declarar como sujeito.

Enquanto que de acordo com a tradição gramatical, as *construções de tópico* são tratadas como exceção na língua, descartadas nas análises convencionais, no âmbito da Pragmática, leva-se em conta a situação real de comunicação, fazendo com que esse fenômeno seja visto a partir de uma análise sintática e pragmática que se justifica a partir do uso efetivo por falantes em várias situações em que as mesmas são perfeitamente compreendidas. Esse uso está desprovido de juízo de valor porque aquele que fala tem o objetivo da comunicação atendido.

## 2 O FENÔMENO DO TÓPICO

### MUDANÇAS NO PARADIGMA FLEXIONAL DO PB

Tarallo (1993) inicia sua abordagem sobre a emergência de uma língua brasileira, trazendo à tona a ontológica discussão entre nacionalistas orgulhosos que por conta disso, acabam se afastando da discussão sobre as diferenças de cunho lingüístico responsáveis pelo distanciamento entre o português e o brasileiro.

Essas considerações evidenciam o perfil das gramáticas normativas brasileiras que obedecem a uma tradição portuguesa, tornando “o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal” (TARALLO, 1993, p. 70).

Esse autor diz também, que ao final do século XIX já se evidenciava diferenças estruturais em comparação à gramática portuguesa e apresenta quatro importantes mudanças sintáticas ao delinear as bases lingüísticas sobre o surgimento de uma gramática brasileira:

1.a re-organização do sistema pronominal que teve como conseqüências mais importantes a implementação de objetos nulos no sistema brasileiro de um lado, e sujeitos lexicais mais freqüentes de outros (cf. Tarallo, 1983, 1985); 2. a mudança sintática ocorrida nas estratégias de relativização como conseqüência direta da mudança no sistema pronominal (cf. Tarallo, 1983, 1985); 3. a re-organização dos padrões sentenciais básicos (cf. Berlink, 1988, 1989) e, diretamente relacionado a esta ordem SVO rígida em estado de emergência à época, o enrijecimento do princípio de adjacência na marcação do acusativo (cf. Ramos, 1989, 1991); 4. e,

finalmente, uma quarta mudança no sistema brasileiro, diretamente ligada às três anteriores, será apresentada como evidência cabal de que os dois sistemas continuam a distanciar-se um do outro: os padrões sentenciais em perguntas diretas e indireta. (TARALLO, 1993, p. 70)

De acordo com as considerações teórico-metodológicas, ele apresenta a discussão dessas mudanças sintáticas com base no quadro desenvolvido por Weinreich, Labov e Herzog (1968) norteadas pela noção de encaixamento lingüístico das mudanças sintáticas e o princípio de uniformidade.<sup>1</sup>

Esse referencial teórico possui várias denominações na literatura lingüística: paradigma quantitativo para o estudo da competência lingüística, variação e mudança lingüística ou simplesmente sociolingüística.

O autor apresenta na seção 3 do artigo, argumentos emocionais entre lingüistas e filólogos sobre a língua como produto imaginário, quando argumenta que essas discussões deveriam ser direcionadas para o surgimento da noção de cidadania no séc. XIX.

Ao explicitar o diagnóstico de uma gramática brasileira com a análise de *corpus* de 1981 sobre a diferenciação dialetal entre o português europeu e o brasileiro do estudo de objetos nulos e sujeitos lexicais, ele ilustra o fenômeno da retenção pronominal através do seguinte exemplo, retirado de entrevistas com paulistanos:

“*Eu* não sei como as pessoas conseguem ouvir o João no telefone. Às vezes *eu* estou do lado dele e não estou escutando (0). Parece que *ele* não está falando”. (SP81-1-K9/10)

O autor explica que, no exemplo citado, o referente João é repetido na oração seguinte cuja posição é genitiva e é apagado em posição de objeto direto.

É importante observar que através dessa pesquisa verificou-se que houve um decréscimo na retenção pronominal no período de 1725 a 1880 e que enquanto as percentagens para objetos diretos e sintagmas preposicionais diminuem, a proporção de retenção pronominal aumenta em relação ao sujeito, fazendo com que o sistema se reorganize com outros argumentos sentenciais.

Ele considera que, através dos estudos de Galves (1987; 1990), entre tantos outros, verificou-se que o português europeu tem um comportamento diferente em relação às regras pronominais. Enquanto que o português europeu é marcado por regras de movimento, no português brasileiro as regras são advindas via apagamento.

---

<sup>1</sup> De acordo com esse princípio, as forças que operam no presente são as mesmas que operaram no passado.

Tarallo (1993, p. 100) deixa clara a necessidade de investigar “como a nova estratégia de relativização abre espaço para a enunciação de referentes, ou como a colocação da *redundância pronominal* em função de sujeito coincide ou não com as novas emergentes condições para a produção do sentido.”

De forma semelhante, a pesquisa realizada por Duarte (1993) observa evolução pronominal no português do Brasil, por meio da qual, busca evidências que poderão atestar ou não a relação entre a crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno e a redução de paradigmas flexionais através do *corpus* formado por trechos de peças de teatro popular escritas no período de 1845 a 1992 através de uma abordagem variacionista.

Segundo Duarte (1993, p. 110)

[...] o português do Brasil evoluiu de um sistema com seis formas distintivas, mais dois sincretismos – representados pela segunda pessoa indireta, que utiliza as formas verbais de terceira pessoa (Paradigma 1) – para um paradigma que apresenta quatro formas, graças à perda da segunda pessoa direta (Paradigma 2). Este paradigma, restrito hoje à língua escrita e à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta, coexiste com um terceiro, em que se vêem apenas três formas, em consequência da perda do pronome de primeira pessoa do plural *nós*, substituído na fala dos jovens, e cada vez mais popular entre os falantes de faixa etárias mais altas, pela expressão *a gente*, que se combina com formas verbais de terceira pessoa do singular (Paradigma 3).

Sobre esse assunto, Galves (1993) acrescenta que a redução dos paradigmas flexionais ocasionou a perda do traço semântico que se relaciona às três pessoas do discurso e o que resta é o traço sintático que tem valor positivo e valor negativo. Na sua opinião, com um paradigma empobrecido é natural que aconteçam profundas alterações no que diz respeito à representação do sujeito pronominal.

Quando trata da identificação de pronome na terceira pessoa, Duarte (1993, p. 116) diz que:

Quando o referente é esperado, usa-se o pronome nulo; caso contrário, o pronome pleno. E o que faz um referente ser fortemente esperado é o fato de ser ele o sujeito de uma predição, termo ao qual Calabrese prefere referir-se como TEMA, usando uma terminologia tradicional. Este é o referente disponível para um pronome nulo numa matriz ou numa subordinada a ela ligada. Só uma barreira entre o pronome e o TEMA rompe a necessária adjacência sintática, forçando o uso do pronome pleno [...]

A autora reforça o que foi dito anteriormente mostrando que só é possível romper a adjacência sintática com uma barreira entre o pronome e o TEMA, forçando o uso do pronome pleno. Esta afirmação fica evidenciada através dos seguintes exemplos:

Falei ontem com *seu tenente-coroné*, e *ele* disse-me que havia de vir com sinhá Dona Perpétua e com sinhá moça Rosinha. (1882/006)

Você podia estudar com o *Nilson*, agora que *ele* tá fazendo o supletivo. (1992/066).

Segundo Duarte (1993, p.117) nos exemplos citados, o pronome pleno tem um referente não esperado e que “o NP não é o TEMA da sentença, daí o uso obrigatório do pronome.” Já o referente pronome no 2º. Exemplo é o TEMA da matriz.

Em estudos sobre o enfraquecimento da concordância e a “emergência do brasileiro” Galves (1993) aborda a modificação do sistema pronominal, o caso dos clíticos e a mudança paramétrica observada na natureza da concordância. Quanto a esta última, tendo em vista a consideração de que na flexão do PB não se encontra a oposição 1ª, 2ª e 3ª pessoas, “mas somente uma oposição binária pessoa (1ª) / não pessoa (3ª), articulada a uma oposição singular / plural” (Galves, 1993, p. 395).

Isso poderia explicar diversos fenômenos tidos por Pontes (1981) como típicos de “língua orientada para o tópico” que a partir da frase “essa competência ela é de natureza mental”, (entre outras), reforça o posicionamento sobre o “enfraquecimento da flexão” em que o sujeito, no sentido tradicional do termo, se encontra numa posição mais baixa do que numa língua de concordância forte.

## O TRATAMENTO DO TÓPICO FRENTE ÀS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A análise de Construções de tópico em gramáticas tradicionais, neste trabalho, está direcionada para 4 (quatro) manuais a saber: Almeida (1999), Cunha; Cintra (1985) e Bechara (1980).

Em princípio é necessário esclarecer que o termo “construções de tópico” e sua tipologia, de acordo como é abordada em trabalhos lingüísticos não aparece nas GTs analisadas. Todas elas têm referência apenas ao Anacoluto, porém com algumas particularidades que serão descritas a seguir:

Almeida (1999) aborda o anacoluto no capítulo 55 dedicado à Regência Irregular do qual fazem parte também a elipse, o pleonasma e o idiotismo<sup>2</sup>. Segundo o autor essas *figuras*

---

<sup>2</sup> O mesmo que expressão idiomática.

ou casos irregulares de regência dos termos só poderão ser permitidos se forem utilizados com critérios e seguindo regras pré-determinadas.

Ao tratar de Anacoluto o autor inicia sua abordagem com a definição etimológica da palavra que vem do grego *an* = não, mais *acólouthon* = acompanhado, significa não conseqüente, não coerente e poderá ser explicado da seguinte forma:

O Anacoluto especifica a figura de regência em que um termo da oração vem solto, sozinho, sem nenhuma relação sintática com os outros termos; vem a ser por outras palavras, a *interrupção* ou *mudança* de construção já começada, por outra de nexos diferente (ALMEIDA, 1999, p. 480).

Apesar de considerar o Anacoluto como interrupção ou mudança de construção já começada, o autor observa que na maioria das vezes isso se dá de forma elegante, traduzindo mais o pensamento do que a coordenação lógica desprovida de sentimento. Por outro lado, nenhuma abordagem é feita por esse autor no que se refere à subordinação semântica existente entre o Anacoluto e o restante da frase.

Dentre os exemplos citados, merece destaque o listado a seguir:

*Eu que cair não pude neste engano  
(Que é grande dos amantes a cegueira)  
Encheram-me com grandes abundanças  
O peito de desejos e esperanças* (CAMÕES apud ALMEIDA, 1999, p.480)

O autor não aprofunda a análise do anacoluto, contentando-se em apenas exemplificá-lo. De acordo com uma abordagem lingüística, apesar de não haver ligação sintática aparente entre o pronome “eu” e o restante da frase, é necessário observar que o pronome pessoal oblíquo “me” retoma o tópico que nesse poema, assume a função de objeto direto.

Outro exemplo listado pelo autor que merece destaque é o seguinte:

“*A terra em que tu morreres, nessa morrerei.*”

A despeito do que foi dito anteriormente sobre a interrupção do pensamento, nesse exemplo, nota-se, de acordo com o que propomos no presente trabalho, que o pronome demonstrativo “nessa” retoma, no comentário, a construção de tópico estruturada com um SN complexo, classificada como DESuj.

Na abordagem de Cunha e Cintra (1985) o Anacoluto é descrito como “a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível”, cuja exemplificação encontra-se descrita abaixo, em que os autores classificam a expressão “No berço” como Anacoluto porque, segundo eles, não houve um seguimento normal no 3º verso, deixando a referida expressão solta no período.

**No berço**<sup>3</sup> pendente dos ramos floridos,  
Em que eu pequenino feliz dormitava:  
**Quem é esse berço** com todo o cuidado  
Cantando cantigas **alegre embalava?** (C. de Abreu, *O*, 78.) (apud CUNHA;  
CINTRA, 1985, p. 613)

Observa-se que essa análise privilegia o ponto de vista sintático, em detrimento de aspectos pragmático-discursivos que contribuiriam para estabelecer uma relação de sentido entre a expressão “No berço” do 1º verso e “Quem é esse berço” do 3º verso.

Já nos exemplos seguintes, temos:

**Umas carabinas** que guardava atrás do guarda-roupa, **a gente brincava com elas**,  
de tão imprestáveis. (J. Lins do Rego. *ME*, 136) (apud CUNHA; CINTRA, 1985,  
p. 613)  
Bom! Bom! **Eu parece-me** que ainda não ofendi ninguém! (J. Régio, *SM*, 105.)  
(apud CUNHA; CINTRA, 1985, p. 613)

Nesses exemplos, os autores referem-se à expressão “Umas carabinas” e “eu” como elementos “desligados” do resto da oração principal, considerados “sem função”. Segundo ele, na segunda frase o pronome “eu” que se enunciava como sujeito do verbo seguinte, ficou sem função porque a frase assumiu uma estrutura imprevista quando anunciou-se como sujeito do verbo seguinte, passando a objeto indireto (pronome oblíquo me) logo em seguida.

Numa abordagem funcional-pragmática o termo “umas carabinas” poderá ser classificado como um deslocamento à esquerda de objeto direto (DEOD), sendo retomado pelo pronome elas na função de objeto da oração seguinte.

Para finalizar sua curta explicação sobre anacoluto, Cunha e Cintra (1985 p. 614) conceituam o Anacoluto como: “...um fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, e pode ser assim explicado:” depois de uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase.”<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Observar grifos do autor.

<sup>4</sup> De acordo com a nota original: Maurice Dessaintes. *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique*. Namur-Bruxelles-Tournai. La Procure, 1962, p.371.

Em Bechara (1980, p. 330) encontra-se o anacoluto inserido no capítulo referente às Figuras de sintaxe, conceituado como “... a quebra da estruturação lógica da oração”, com o seguinte exemplo:

**“Eu que era branca e linda, eis-me medonha e escura”.**

O autor considera o anacoluto uma anomalia, advinda da impossibilidade da fala acompanhar o pensamento num fluxo de idéias rápidas e tumultuadas. Sua opinião é reforçada quando diz que o anacoluto é evitado por pessoas que querem falar e escrever de forma correta.

As definições de anacoluto apresentadas nos manuais estudados são bem semelhantes no tocante a considerá-lo uma interrupção de construção já começada e falta de relacionamento sintático com o restante da frase, apesar de serem explicitadas de diferentes formas. Por outro lado, essas considerações assemelham-se às encontradas em trabalhos lingüísticos sobre CTs de tópico, principalmente em relação à aparente falta de vínculo sintático entre o elemento inicial ou externo e qualquer elemento interno ao comentário. Entretanto, não há, nos manuais tradicionais, qualquer alusão ao vínculo semântico, contexto discursivo pragmático e à importância de se examinar esse fenômeno com base na fala que representa a língua viva, sujeita à variação e a mudança.

Acrescenta-se ainda, a visível superficialidade com a qual esse fenômeno é abordado nesses compêndios, limitando-se a direcioná-lo apenas para um tipo de construção, de forma equivocada<sup>5</sup>, sem a devida exploração, principalmente quanto à existência de outros tipos de tópico, assim como, a sua utilização tanto na fala quanto na escrita, independentemente do contexto.

### 2.3 DEFINIÇÕES DE TÓPICO COMENTÁRIO X SUJEITO E PREDICADO

Ao estudar as definições de sujeito e predicado e Tópico e comentário, percebe-se que ambas estão muito próximos. Em Gramáticas tradicionais é comum encontrar definição de que o “sujeito é o termo sobre o qual se declara algo” e que predicado “é tudo aquilo que se declara a respeito do sujeito.” Perini (1986) utiliza essa definição como ponto de partida para

---

<sup>5</sup> Com base em trabalhos sobre construções de tópico do português brasileiro alguns exemplos listados recebem outras denominações.

uma discussão acerca da falta de consistência teórica por parte dos gramáticos em afirmações desse tipo. Por outro lado, esse conceito ainda é veiculado em muitas escolas na atualidade.

Ainda sobre a definição de sujeito, ele diz que uma definição mais adequada seria a de que o “sujeito é o termo com o qual o verbo concorda.” (PERINI, 1986, p. 17)

Quanto à definição de tópico, para Crystal (1997, p. 255), o tópico pode ser definido como:

Termo usado na SEMÂNTICA e na GRAMÁTICA como parte de uma caracterização binária da ESTRUTURA DE SENTENÇA, alternativa à caracterização tradicional de SUJEITO –PREDICADO; o oposto de tópico é COMENTÁRIO. O tópico de uma sentença é a pessoa ou coisa sobre a qual se fala algo, enquanto que o que se falou a respeito desta pessoa ou coisa é o comentário. A utilidade da distinção é permitir afirmações gerais sobre as relações entre as sentenças que não ficam claras com a distinção sujeito/predicado (ou com outros contrastes do mesmo tipo).

Através dessa definição de tópico é possível perceber que devido a grande semelhança com o sujeito, poderá levar ao entendimento de que está se falando da mesma coisa principalmente diante de explicações como a citada logo a seguir.

O tópico frequentemente coincide com o sujeito da sentença (ex. **Um homem**/ está se aproximando da casa), mas não necessariamente (Lá está o homem que me ajudou) e, mesmo quando é um sujeito, não precisa vir em primeiro lugar na sentença (ex. José Silva meu nome é). Às vezes é chamado de “sujeito psicológico”. (CRYSTAL, 1997, p. 255)

Quanto à abordagem desse tema, Pontes (1986) reflete que quando se diz que o sujeito é o tópico da sentença, não fica claro o que isso quer dizer, ou seja, tanto o sujeito quanto o tópico dão a impressão de que são “o termo sobre o qual se declara algo.”

Do ponto de vista funcional as noções de Tópico e foco, como constituinte acerca do qual se faz a oração e o constituinte que carrega a informação mais saliente, respectivamente, são considerados dentro de um componente pragmático, que, por sua vez, é interno à gramática.

Sobre isso, Neves (2001, p. 29), diz que:

[...] em uma oração como Maria deu o livro a Joana, entende-se que dar é um predicado (verbo) e Maria, o livro e Joana são argumentos que têm não apenas funções semânticas (Agente, Meta e receptor, respectivamente), e funções sintáticas (Sujeito, Objeto e “Dativo”, respectivamente), mas ainda funções pragmáticas (Tópico e Foco), determináveis apenas em frases

enunciadas, que constituem o lugar onde se pode verificar em torno de qual termo o falante organizou a frase.

Uma explicação bem pertinente desses fenômenos encontra-se em Pontes (1986) em sua abordagem sobre tópico de discurso e tópico de sentença na qual a autora reflete que no exemplo: “O Sr. Morgan é um pesquisador cuidadoso e um sábio semiticista, mas sua originalidade deixa algo a desejar” Reinhart (1980 apud PONTES, 1986, p.181) diz que “só no primeiro sentido é que se tem tópico da S porque algo é predicado do Sr. Morgan.” No segundo sentido, trata-se de tópico do discurso e considera que as duas noções são distintas, porque as expectativas sobre o tópico da S tem que ser preenchidas e sua violação é mais grave do que a violação do tópico do discurso.

Ainda com base em Reinhart (1980 apud PONTES, 1986) a autora aponta outra distinção sobre as duas noções quando afirma que o tópico da sentença é uma noção sobre, pertencente à comunicação lingüística já que considera o predicado como fenômeno lingüístico. Entretanto, o tópico do discurso pode se referir a outros sistemas de signos.

Nesse contexto, o tópico marcado (obrigatoriamente tópicos) são os que aparecem em Ss como “Felix, tem anos que não o vejo.” As sentenças desse tipo, ela diz, só podem ser usados num contexto em que o SN à esquerda é o tópico. Enquanto que “os sujeitos são os tópicos não-marcados. Mas não são obrigatoriamente tópicos” (REINHART, 1980, apud PONTES, 1986, p. 181)

Em consonância com essas definições, Tarallo (1990, p.149) ao analisar a sentença como um todo, admite que “*a ordem não marcada para a sentença em português é: sujeito-verbo-objeto*” ou seja, convergindo com a tradição gramatical, não obstante, admite que a gramática determina, através de suas regras, a configuração não-marcada da ordem das palavras, e que sobre essa se imporá o princípio funcional que atribuirá colorações estilísticas diferenciadas aos enunciados na medida em que a ordem básica é quebrada. Porém, apesar da sobrevivência e da atuação do princípio funcional, a gramática dirá “não” ao princípio funcional se, com a ruptura da ordem básica por ela determinada, as funções gramaticais se perderem. Enfim, sob essa ótica, são os planos condicionadores que irão influenciar na configuração da sentença e de seus termos: um plano estritamente gramatical e outro funcional-estilístico. A partir da tensão entre ambos é que se caracteriza a variação e a mudança na ordem das palavras, do mais preso para o mais solto ou vice-versa.

Sob a ótica de Chafe e Li e Thompson (apud PONTES, 1987) o estabelecimento de um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir, caracteriza o tópico em línguas como

o chinês. Para que isso aconteça, o comentário é realizado por meio de uma sentença com sujeito e predicado. Essa relação entre o tópico e comentário poderá ser apenas semântica, fazendo com que seja inviável uma transformação veiculada pela Gramática Gerativa.

A despeito de o enfoque transformacional tratar todas as construções de forma igualitária, no contexto, elas se diferenciam e atendem a diferentes objetivos comunicativos.

A autora sente necessidade de esclarecer a ambigüidade causada diante do termo “tópico” quando explica que alguns estudiosos do discurso afirmam que “o objeto direto costuma ser o veículo para introdução de informação nova, e o tópico costuma ser “dado” (CHAFE, 1975, apud PONTES, 1987 p.15).

Segundo a autora, Chafe e Li e Thompson usam o termo tópico num sentido mais restrito, relacionando-o às construções mais próximas da sintaxe, no limiar entre a sintaxe e o discurso, conforme foi explicitado na introdução deste trabalho.

A distinção entre orações marcadas (topicalizações) e orações não marcadas fica evidenciada por meio de diversos aspectos como: tipo de informação transmitida, ordem das palavras e ainda pelo nível de preservação do sujeito em alguns casos. Em Braga (1992, p. 109) o conceito de tópico marcado fica mais claro ao afirmar que o falante, prevendo que o “desvio da ordem não-marcada poderá provocar interpretações inadequadas do seu enunciado, utiliza uma marca explícita de indeterminação do sujeito, indicando, assim, que o SN mais à esquerda não deverá ser interpretado como sujeito.”

## ABORDAGENS FUNCIONALISTAS SOBRE CONSTRUÇÕES DE TÓPICO

Esta abordagem do trabalho tem como base o trabalho de Pontes (1987) considerando a grande relevância no âmbito lingüístico, pois a autora foi uma das primeiras a estudar as construções de tópico no português brasileiro falado e serve de referência a muitas outras pesquisas relacionadas a esse tema. A própria autora estabelece o diálogo com Li e Thompson (1976) e para enriquecer ainda mais esta discussão, foram trazidas as abordagens de Kato (1989), Decat (1989), Vasco (2006), Pérez (2006), e outros pesquisadores.

Através das observações em falantes cultos e semicultos de Belo Horizonte (professores e alunos da Faculdade de Letras da UFMG), a autora direciona o seu trabalho para a gravação e audição da fala informal, cujos informantes, em sua maioria, estão na faixa etária de 25 a 50 anos.

Em seu livro “O tópico no Português do Brasil” com destaque especial para o primeiro capítulo intitulado “Da importância do Tópico em Português” a autora faz um

levantamento das construções de tópico encontradas em sua pesquisa, sua abrangência e comparação com as estruturas encontradas em outras línguas, além de chamar a atenção para a necessidade de contextualização no nível do discurso para que essas construções possam ser mais facilmente compreendidas.

Inicialmente, a autora reporta-se à classificação de Li e Thompson (1976, apud PONTES, 1987, p. 19) que propõem uma nova tipologia das línguas, conforme descrição abaixo:

- a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de sujeito-predicado;
- b) línguas com proeminência de tópico, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de tópico-comentário;
- c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes;
- d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos.

Em seguida, relata a advertência dos autores sobre a dificuldade de estabelecimento de uma nova tipologia das línguas, devido à consideração por parte de gramáticos e lingüistas sobre a universalidade da construção sujeito-predicado. Ela suscita o questionamento sobre onde se situa o português em relação à ordem dos constituintes, ao se referir à abordagem tradicional que sempre privilegiou a língua escrita e ao descaso com o qual é tratada a língua oral pela maioria dos pesquisadores e chama a atenção para a quantidade de construções de tópico encontradas na língua oral e cita a mais freqüente, em que pode ou não haver pausa depois do elemento topicalizado, conforme exemplo a seguir:

- (1) Os livros, eles estão em cima da mesa.<sup>6</sup>

Segundo a autora, essa construção é considerada pelos lingüistas como DESuj (objeto de estudo deste trabalho) e carece de estudos mais detalhados devido à sua abundância na língua.

Sua abordagem reflete, ainda, sobre a classificação do português como uma língua com proeminência de sujeito, aceita por muitos sem questionamento, mas que, através da observação da língua coloquial, constatou-se que as construções de tópico são muito freqüentes e possuem uma enorme variedade de tipos.

---

<sup>6</sup> Pontes (1987), refere-se a esse tipo de construção como uma construção de tópico sem especificação de DESuj.

Além da construção citada, ela retrata construções como “A Maria, essa não quer nada com o serviço”, que também são encontradas na língua escrita assim como “Eu, eu não quero saber delas”, que são encontradas na língua falada.

Quanto ao “duplo sujeito” Pontes diz que tanto para Chafe quanto para Li e Thompson essas construções são denominadas impropriamente, pois, a exemplo da frase “Essa bolsa as coisas somem, aqui dentro”, semelhante ao que ocorre no chinês, a relação que se estabelece entre o tópico e comentário é puramente semântica.

Assim como acontece no chinês, no português coloquial a preposição não é necessária para se caracterizar o “verdadeiro” tópico, em que o mesmo pode configurar-se como qualquer sintagma nominal, a saber: objeto indireto; objeto direto; adjuntos adnominais; complemento nominal; adjunto circunstancial e sujeito.

Para reforçar sua classificação Li e Thompson (1976, apud PONTES, 1987) apresentam algumas características apresentadas pelas línguas de tópico, em contraste com as línguas em que o sujeito é mais importante, assim como apresentam as características apresentadas pelo tópico nessas línguas, em contraste com as línguas com proeminência de sujeito.

Dentre essas características, estão:

a) Definição – o tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido – Em sua pesquisa, Pontes encontrou apenas um exemplo que gera dúvidas quanto a essa afirmativa, que é “Um rato eu peguei”, já que “um” na língua portuguesa, tanto pode ser numeral, quanto artigo indefinido. Ela concluiu que nesse caso, “um” é numeral e reforça a definição do referente tópico, assim como a presença de muitos demonstrativos nos SNs tópicos.

b) Relações seletivas - o tópico não precisa ter relações seletivas com o verbo, o sujeito, sim – Apenas o sujeito precisa ter relações seletivas com o verbo. Para o tópico, isso não é necessário. Nesse caso específico, a autora faz uma exceção ao referir-se ao tópico idêntico ao sujeito, ou seja, a CT do tipo DESuj. Para ela, o exemplo mais claro é a da CT chamada de “sujeito duplo” por uns autores e “anacoluto” por outros, para as CTs que possuem tópico diferente de sujeito.

Kato (1989, apud VASCO, 2006) discute essa característica proposta por Li e Thompson através da observação de um paradoxo de qualificação do sujeito pelos autores como obrigatoriamente selecionado pelo verbo, ao tempo em que descrevem a existência de sujeitos expletivos, como característica de língua de sujeito, cujo papel temático não está em consonância com a forma verbal.

c) O verbo determina o sujeito, mas não o tópico - Esta característica se relaciona com a anterior, em que se pode prever com qual sujeito o verbo pode ocorrer, principalmente quando a ocorrência do verbo é com agente ou outros SNs, a menos que se recorra à passiva, o agente é o sujeito. Pontes (1987, p. 20) deixa essa questão mais clara com a seguinte explicação:

[...] se o verbo é intransitivo, ou o paciente ou o autor serão o sujeito; se o verbo for causativo, o causador será o sujeito e assim por diante. Já o tópico não tem nada a ver com o verbo. Sua seleção é independente do verbo. Isso também pode ser constatado em nossos exemplos de tópico, uma vez que em sua maioria, o tópico é independente do verbo e do sujeito.

É importante observar que Li e Thompson (1976) são categóricos quando afirmam que o tópico não é determinado pelo verbo, realçando sua independência. Apesar de valorizar o papel do discurso na seleção do tópico, estabelecem, porém, limites para a sua influência e para a liberdade que tem o falante, de escolher o sintagma nominal topicalizado, de forma independente em relação ao verbo.

d) Papel funcional - o papel funcional do tópico é constante através das sentenças, constituindo-se como o “centro de atenção” anunciando o tema do discurso, sendo que o sujeito em muitas línguas pode ser “vazio”, podendo não desempenhar qualquer papel semântico. Pode-se prever de um determinado verbo com que sujeito ele vai ocorrer, o mesmo não acontecendo com o tópico. Enquanto o sujeito está preso ao papel semântico intra-sentencial, relacionado ao argumento do verbo, estabelecendo com ele um vínculo sintático, o tópico liga-se ao discurso. Para Pontes, isso fica bastante evidenciado em seus exemplos.

e) Concordância verbal - Ao contrário da concordância com o sujeito, a concordância do tópico com o verbo é rara. Ligadas às características apresentadas pelas relações seletivas e pela determinação do tópico, a verificação dessa característica é muito fácil, não se verificando, apenas nos casos em que tópico e sujeito são idênticos.

f) Posição inicial na sentença – Em todas as línguas foi verificado a posição inicial do tópico, até naquelas em que não há uma partícula marcadora de tópico. O mesmo não acontece com o sujeito, na posição inicial. Li e Thompson (1976) associam a posição inicial do tópico à função discursiva, pois é ele que anuncia o tema do discurso.

g) Processos gramaticais – O tópico não governa processos sintáticos como reflexivização ou passivização porque é independente do sujeito. Considerados internos à sentença, todos esses processos não dependem do sujeito. O mesmo não se pode dizer do tópico, que não precisa governar esses processos, por ser independente da sentença.

Apesar da definição do tópico coincidir com a de sujeito, Vasco (2006, p. 60) diz que “os sete critérios” apresentados por Li e Thompson como orientação para a distinção entre as noções de sujeito e tópico indicam ser o tópico um conceito relacionado ao discurso enquanto o sujeito é interno à sentença.

Dando continuidade a sua abordagem, Pontes apresenta as características arroladas por Li e Thompson como típicas das línguas de tópico, ao tempo em que compara-as com o português:

a) A construção passiva é marginal – ou não existe, ou é rara na fala – Muito emboa não tenha dados estatísticos para comprovar, Pontes suspeita que, realmente, a passiva não seja tão freqüente na fala. Li e Thompson explicam a marginalidade da passiva pelo fato das construções de tópico desempenharem o papel de maior relevância na sentença, sem restrição de qualquer SN na função de tópico.

Em línguas com proeminência de sujeito é necessário marcar esse fato com uma construção especial, quando qualquer SN que não é exigido pelo verbo se torna sujeito. Quanto a isso, a autor constatou que qualquer SN pode ser tópico em português.

b) Sujeitos vazios – não são encontrados nas línguas de tópico. Não há sujeito em frases existenciais impessoais, ou que se refiram a fenômenos atmosféricos – O português partilha, juntamente com as línguas de tópico a não existência de sujeitos vazios como os encontrados em inglês “it” e “il” em francês.

A comparação do português com o mandarim por exemplo, mostra exemplos semelhantes como os listados abaixo:

Zhèr hen rè	“Está quente aqui”
aqui muito quente	
Kenéng zhè-chang	zhaànzhen jiù – yào jiésu lè
Possível esta-class. guerra fut. breve fim aspecto	
“É possível que esta guerra termine cedo”	
You yí – tiáo mao	zài huyuán-li
há um-clas. Gato em jardim	
“Há um gato no jardim” (LI; THOMPSON apud PONTES, 1987, p. 22)	

c) “Duplo sujeito” – construções típicas das línguas de tópico, os mais claros casos de estrutura de tópico-comentário. Considerados pelos autores como estruturas típicas das línguas de tópico, em primeiro lugar há ocorrência do tópico e do sujeito dando margem a uma distinção sem dificuldade. Ademais, não existe relação entre o tópico e o verbo e não há nada que confirme que essas sentenças tenham sido derivadas através de regras de movimento de outro tipo de sentença. Por fim, essas sentenças são encontradas em todas as línguas de

tópico, enquanto que não existem em línguas cuja classificação tipológica é de sujeito-predicado.

A observação do português mostra segundo a autora a existência dessas construções. Porém, só é possível compreendê-las através da descrição do contexto no qual elas ocorrem.

d) Controle de co-referência – em uma língua de tópico, é o tópico e não o sujeito que controla a co-referência. Para exemplificar essa questão em português, Pontes diz que o mesmo é verificado em casos de co-referência marcada por pronome e em outros, por supressão cujo controle continua sendo do tópico.

e) Restrições sobre o constituinte tópico – qualquer elemento da sentença pode ser tópico. Partindo da afirmação de Li e Thompson (1976) que, em línguas de tópico não há restrição quanto ao constituinte topicalizado, a autora afirma que também em português, qualquer constituinte pode ser tópico a exemplo do sujeito, objetos diretos e indiretos, adjuntos adverbiais, adjuntos adnominais e adjunto predicativo.

f) Sentenças básicas – as sentenças de tópico não devem ser consideradas transformações de outros tipos mais básicos de sentenças, mas elas mesmas são sentenças básicas, não é possível derivá-las de outras. Os autores ratificam essa afirmação, através da impossibilidade de derivar as sentenças de “duplo sujeito” de outras sentenças. Mesmo a sentença do tipo “genitivo” como “Esse rádio estragou o ponteiro” tem o controle da co-referência realizado pelo tópico.

Outro argumento é que a distribuição das sentenças básicas da língua não tem ocorrência restrita em línguas de tópico. Para verificar a noção de “sentenças básicas” na língua, Pontes (1987, p. 24)<sup>7</sup> dá diversos exemplos, dos quais foram listados alguns:

(54) Ô Luis André, e o seu pé, cume que vai aquele machucado?

(55) Ô Hélio, a carne, como aumentou, hein!?

(56) Esse projeto de Medicina é o Banco Mundial que financia.

(57) Esse moço parece que ele é da Colômbia.

(58) Eu acho que aquela barraca lá não tem ninguém não.

Esses exemplos mostram que é possível encontrar construções de tópico realizadas em orações interrogativa e exclamativa, exemplos (54) e (55), e o tópico correspondente a um elemento da oração subordinada, nos exemplos (56) e (57). O exemplo (58) mostra a ocorrência do tópico em orações encaixadas.

---

<sup>7</sup> Exemplos numerados de acordo com o original.

É importante salientar que, na visão da autora, o português partilha com as línguas de tópico a maioria de suas características. Em relação ao “pronomes cópia”, ela considera que tal pronomes pode parecer uma redundância, mas na verdade, ele contribui para caracterizar o tópico, não sendo essa a sua única função.

Em muitos casos sua ocorrência pode ser explicada pela distância entre o tópico-sujeito e o verbo ao qual se refere. Segundo Givón (1979, apud PONTES, 1987, p. 26), a necessidade de deixar claro o referente “é que faz com que o falante use esse pronomes”, cumprindo, pois, uma necessidade funcional.

Quanto ao problema da análise de construções de tópico com preposição, em muitos casos não ocorre a preposição esperada se a frase estiver em ordem direta, devendo, portanto, se entender o papel do tópico no discurso através de uma relação semântica estabelecida pela preposição.

Pontes (1987) continua sua abordagem exemplificando frases que a intrigaram, tais como:

“Essa casa bate bastante sol”.

“A Belina deita o banco, sabe?”

Apesar de serem consideradas “corruptelas” de outras mais aceitas, essas frases, segundo a autora, devem ter uma interpretação semântica dentro do contexto no qual elas foram proferidas.

Outro fator interessante é que a proposição do sujeito trazendo o tópico sempre na posição inicial de oração acaba confundindo a análise, pois dá uma aparência perfeita de uma ordem SVO que aponta para um sentimento de que esse tópico está se confundindo com o sujeito.

Por último, a autora retrata frases do tipo:

“Essa pimenta arde a boca.”

“Esse exercício dói meu braço.”

Para ela essas frases fora do contexto poderão ser consideradas ambíguas e que Li e Thompson consideram que há línguas em que as duas noções *tópico comentário* e *sujeito predicado* se misturaram e não se distinguem mais, levantando por vezes questões que pertencem ao terreno da diacronia.

A autora ressalta a grande importância e abundância do tópico no português coloquial, dizendo que essas construções são tão frequentes quanto as construções sem tópico.

Afirma também, que, de acordo com a classificação proposta por Li e Thompson, não é exagero pensar que o português é uma língua com proeminência de tópico e de sujeito, pois

apresenta algumas características em comum com as línguas de tópico, como foi visto anteriormente.

Na literatura sobre o português brasileiro encontram-se interessantes discussões que ora convergem, ora divergem da opinião da autora em relação à classificação do português falado no Brasil como uma língua com proeminência de tópico.

Em Decat (1989) encontra-se a afirmação de que a reanálise de construções de tópico como sujeito é resultante de outras mudanças observadas no sistema lingüístico cujo objetivo de conservar a ordem padrão SVO evidencia um significado diacrônico e comprova, consoante a afirmação de Pontes de que o português é uma língua de tópico.

Entretanto, trabalho recente sobre construções de tópico na fala popular, Vasco (2006, p. 207) postula a inclusão do PB no grupo das línguas cuja proeminência é de sujeito e tópico, além de admitir a orientação discursiva do português brasileiro em contraposição com o PE.

Reconhecendo a existência no português falado no Brasil, de diversos tipos de CTs (alguns como os deslocamentos de sujeito e as topicalizações de objeto direto, tão básicos quanto os anacolutos) ao lado de sentenças SVO, postulamos a inclusão do PB no grupo das línguas com proeminência de sujeito e de tópico. E, em consequência da relação estabelecida entre tópico e discurso, podemos analisar o português brasileiro como uma variedade mais orientada para o discurso que o PE, variedade da língua em que se identifica orientação mais sentencial do que propriamente discursiva.

Essa opinião coaduna com a de Pérez (2006) que se baseou em resultados encontrados em sua pesquisa sobre CTs e admite a classificação do PB como uma língua com proeminência de tópico e sujeito. Essas reflexões de caráter diferenciado mostram a complexidade desse tema e refletem a relatividade da pesquisa científica.

## 2.5 TIPOLOGIA GERAL DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO

Conforme foi explicitado na introdução deste trabalho, esta abordagem privilegia os tipos gerais das Construções de tópico, classificados em Anacolutos; Topicalizações; Tópicos-sujeito e Deslocamento à esquerda, tendo por base os trabalhos de Pontes que foram apresentados no período de 1980 a 1982 em Congressos de Lingüística no Brasil e no exterior, reunidos no livro publicado em 1987.

### 2.5.1 Anacoluto

Pontes (1987) examina, à parte, as sentenças classificadas como anacolutos por gramáticos de orientação normativa. Em princípio, o apresenta como uma construção em que se interrompe uma parte da oração, e em lugar do seguimento pedido pela sintaxe se passa a uma construção nova, o que torna impossível identificar um elemento que foi deslocado ou topicalizado nessa oração. Devido à falta de vínculo sintático, a relação existente é apenas semântica, pois não é possível estabelecer co-referência entre as duas partes.

A seguir estão listados alguns exemplos de anacoluto, registrados por Pontes (1987, p. 83)<sup>8</sup>:

Eu agora, cabô desculpa de concurso, né?  
 Já o JB, você viu a crônica do Drummond?  
 Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.  
 As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro (para cursá-las).

Na opinião da autora, a análise dos exemplos veicula a idéia de que falta alguma coisa que faria a ligação entre o tópico e o restante da frase. Percebe-se aqui a importância do conhecimento de mundo para a partir do que foi dito anteriormente, se estabelecer uma relação de sentido. Ela chama a atenção também para a classificação do anacoluto, veiculada nas gramáticas tradicionais, que englobam outras construções de tópico como o DESuj que possuem pronome anafórico, como as que estão sendo estudadas neste trabalho. No caso do anacoluto, por não se tratar de um deslocamento da sentença comentário, logicamente, não deve haver pronome anafórico nessas construções.

Quanto à definição de Chafe e Li e Thompson sobre o “duplo sujeito”<sup>9</sup> em sua observação do português coloquial, a autora encontra exemplos muito semelhantes aos selecionados por eles, os quais classifica como anacolutos, conforme os citados abaixo:

Essa bolsa as coisas somem aqui dentro.

As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro.

<sup>8</sup> Os exemplos estão não estão citados com a enumeração original.

<sup>9</sup> Para a autora essa denominação é imprópria. Alguns lingüistas brasileiros como Duarte (1995) consideram que o duplo sujeito é a CT que possui co-referente, a exemplo da investigada neste trabalho.

A autora acrescenta que a proposta de Chafe e Li e Thompson sobre a caracterização do tópico não parece direcionada apenas para o “duplo sujeito” ou anacoluto, deixando a possibilidade de referir-se também a outras construções.

Sobre as frases apresentadas, Pontes (1987, p. 140), diz que “não é possível uma transformação de topicalização nesse tipo de construção” sendo necessário analisar a função discursiva do tópico, assim como, o contexto no qual elas estão inseridas, pois a análise dessas construções a partir de uma teoria do discurso ou da pragmática favorecerá o uso das regras do discurso de acordo com a situação real de fala.

### 2.5.2 Topicalização

Para a autora, o exemplo “Dessa cerveja eu não bebo” é classificado como topicalização. De acordo com essa ótica, a topicalização é compreendida como o movimento de um elemento interno à sentença, para uma posição inicial externa, restando uma posição vazia no lugar de origem. Constata-se, nesse caso, vínculo real entre a CT e a posição vazia no comentário.

Com o intuito de explicar melhor o fenômeno, Pontes aborda a opinião de Chafe (1976 apud PONTES, 1987) e Li e Thompson (1976) que discutem sobre o caso dessas sentenças que envolvem contraste, visto que isso não acontece em línguas nas quais o tópico é proeminente. Esses autores utilizam como protótipo, o tópico classificado no chinês que se contrapõe às características apresentadas por línguas com proeminência de sujeito.

### 2.5.3 Tópico – sujeito

Pontes inicia sua abordagem sobre essas construções questionando se são frases SVO ou tópico –comentário. Com base nos exemplos listados abaixo, encontrados em Pontes (1987, p. 34) há uma discussão sobre a dificuldade encontrada a princípio em lidar com esse tipo de construção, tendo em conta que essas sentenças seriam o resultado de uma transformação de topicalização que transforma os sintagmas adverbiais em sujeitos das sentenças e elimina a preposição no processo.

Essa casa bate bastante sol.

A Belina deita o banco sabe?

Esse carro cabe 60 l. de gasolina.

Sua análise demonstra a reação de falantes que, questionados a respeito, consideravam essas frases como “corruptelas” de outras, em ordem direta, com maior aceitação, pois o certo seria falar “Nessa casa bate bastante sol”.

Para a autora não há equivalência semântica entre as duas frases, tendo em vista que não são sinônimas, levando em conta a explicação da frase pela estrutura tópico-comentário, não havendo necessidade de transformação. Sob essa ótica, a gente primeiro nomeia o objeto e só depois fala dele, exemplificada nas frases a seguir:

O meu carro furou o pneu.

O Carlos André cresceu o nariz.

A Sarinha tá nascendo dente.

Observa-se, segundo a autora, que em frases desse tipo tem sempre o sujeito, ou o que se poderia considerar sujeito na ordem direta, posposto ao verbo.

A explicação para isso reside na confusão causada pelo tópico no início da oração se confundindo com o sujeito, porque, realmente, a aparência da frase é de a ordem é SVO. De acordo com essa análise, a autora suspeita que, a despeito do que afirma Li e Thompson sobre a concordância do verbo com o sujeito. Para ela, a concordância do verbo com o sujeito tende a desaparecer quando o sujeito está posposto.

Sobre os exemplos dados, na passagem do SN para o plural, o verbo vai permanecer no singular, demonstrando que há uma confusão entre o tópico e o sujeito.

#### 2.5.4 Deslocamento à esquerda e Topicalização

No trabalho de Pontes há uma sessão dedicada à discussão da semelhança entre DE e Topicalização no qual a autora a explica que seu estudo sobre as construções de tópico em português considerou todas as construções como uma só, seguiu a linha proposta por Li e Thompson. No entanto ela deixa clara a existência de uma linha transformacionista através da qual os linguistas distinguem entre as construções de tópico, as que são geradas por meio de uma regra de Topicalização (Top) das que são geradas por meio de uma regra de Deslocamento à esquerda (DE). De acordo com essa definição, no DE não há qualquer movimento, sendo o tópico gerado diretamente, na posição inicial da sentença.

Estabelecida por Ross (1967) essa distinção diz respeito ao aparecimento de um pronome chamado por ele de cópia, enquanto que na Topicalização o pronome não aparece. Segundo Ross (1967, apud PONTES, 1987 p. 65) “em (1) haveria Top. e em (2), D.E”:

- (1) Beans I don't like.
- (2) The man my father works with in Boston, he's going to tell the police that...

A despeito dessa definição diversos lingüistas encontram dificuldade em fazer uma clara distinção sobre essas construções no português do Brasil, devido a uma série de fatores, dentre eles o de que em nossa língua a elipse do pronome é mais livre que em inglês.<sup>10</sup> Pontes (1987, p. 66), aponta as duas possibilidades para análise de construção desse tipo:

- (a) que exista uma construção só, sendo o pronome opcional. Sua ocorrência seria devida a fatores como: eliminar ambigüidades, tornar mais claro o sentido;
- (b) que existam duas construções diferentes, com o pronome sendo opcional numa e na outra ausente. Ou seja:
  - a) Top. Não tem pronome.
  - b) D.E. tem pronome, mas este pode ser elidido.

Por outro lado, a autora aponta a dificuldade de saber se a sentença é de DE ou topicalização, porque a princípio não há diferença entre eles, visto que a elisão do pronome dificulta a distinção na sentença de uma ou de outra construção, conforme os exemplos a seguir, encontrados em Pontes (1987, p. 66).

- (3) Aqueles livros da coleção SS, eu encontrei um deles por 40 dólares.
- (4) Aqueles livros da coleção SS, eu comprei um por 40 dólares.
- (5) Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco.
- (6) Meu cabelo desta vez eu não gostei nem um pouco dele.

A observação dos exemplos listados mostra a dificuldade de saber se há construções diferentes, de Top. Ou de D.E., levando em conta que em português, o exemplo (3) e o (4), assim como o (5) e o (6) possuem o mesmo significado.

A discussão se estende às orações passivas, consideradas por Pontes como passíveis de ocorrer com pronome ou não. No exemplo “Encontrei o homem que eu gosto” é possível acontecer com o pronome “dele” ou com elipse, constituindo a ocorrência de uma ou outra forma como uma questão de opcionalidade.

---

<sup>10</sup> Considera-se que é possível elidir os pronomes desde que não haja prejuízo do significado.

Outras dificuldades são apresentadas por Pontes, que encerra sua abordagem dizendo que o fato de ocorrer ou não o pronome não nos leva a uma conclusão segura de que há diferença entre DE e Top. em português.

Sobre as restrições apresentadas por Ross (1967 apud PONTES, 1987, p. 69) que dizem respeito a: “restrição de SN complexo (SNC), de estrutura coordenada (EC), de sujeito sentencial (SS) e do ramo à esquerda (R.E.)”, apesar de o autor dizer que as regras de “cópia” não se sujeitam a restrições como as regras de “corte”, Pontes esclarece que elas se ligam a uma teoria mais geral sobre as regras transformacionais. Em seguida, apresenta argumentos convincentes sobre as restrições e volta a afirmar que a situação do português se diferencia do inglês quando o critério para a distinção entre Top. e DE baseia-se na presença ou ausência do pronome, tendo em vista que em português não “se encontra uma diferença nítida entre Ss com pronome e as Ss sem pronome”, pois, segundo a mesma, ou essas restrições apresentadas por Ross não se aplicam ou não existe clareza quanto à explicações de sentenças com elisão de pronome.

#### 2.5.5 Topicalização e Deslocamento à esquerda sob a ótica de Callou et al. (1993) e Decat (1989)

Em trabalho sobre Topicalização e Deslocamento à esquerda voltado para a análise quantitativa da prosódia, Callou et al. (1993, p. 353) concluiu que:

Quando a curva entonacional é tratada separadamente da pausa, a distinção entre TOP e DE fica menos marcada. É a separação da distribuição dos padrões entonacionais pelas regiões que permite caracterizar o contraste como sendo de direção da curva melódica e dicotomizar, assim, a diferença [...]  
Desse modo, em termos gerais, a distinção entre TOP / DE não é muito marcada. Essa distinção só fica nítida se opusermos não as duas construções entre si, mas sim tópicos-comentários a sujeito-predicado [...]

Outro fator que vale a pena trazer à luz é a afirmação, segundo a autora, de que TOP e DE possuem distribuição complementar com base em condicionamentos de ordem gramatical, o que pode levar a não fazer uma oposição entre essas construções, e sim, entre a ocorrência ou não ocorrência de um pronome expresso. De acordo com esse pensamento, seria importante a determinação dos fatores que condicionam o uso do clítico nulo ou do pronome.

Tendo revelado um uso maciço do pronome de 87% com a co-indexação de elemento sujeito e de pronome reto inexistente na posição de objeto, que pode ser explicado pela não-estigmatização do pronome na função de sujeito e pela rejeição na posição de objeto.

Na mesma linha, a abordagem diacrônica de Decat (1989) não considera a diferença entre topicalização e deslocamento à esquerda, utilizando o termo construções de tópico para ambos os casos, conforme citação a seguir:

Na presente abordagem diacrônica não está sendo considerada a diferença entre topicalização e deslocamento para a esquerda [...] Interessa-me o fato de esse tipo de construção ocorrer na língua, já há algum tempo, seja com pronome –cópia, seja sem ele.

A discussão sobre esse tema, nesse trabalho, ratifica a opção por tratar as construções que servem de objeto de estudo como construções de tópico do tipo deslocamento à esquerda de sujeito.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Introdução

Este capítulo aborda os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a investigação do *corpus* em análise, que tem a finalidade de comprovar ou refutar as hipóteses levantadas.

#### 3.2 Seleção dos Informantes

Os *corpora* que constituem esta pesquisa são formados por 12 inquéritos, distribuídos da seguinte forma: 06 (seis) elocuições formais do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta no Brasil (PROJETO NURC/ SALVADOR) gravados em 1973 e 1974 e 06 (seis) elocuições formais gravadas por Mendes (2009).

Os informantes do NURC e dos dados de 2007/2008 são professores de ambos os sexos, nascidos em Salvador ou nela residentes desde os 5 (cinco) anos de idade, segundo parâmetros estabelecidos por Tarallo (2002, p. 28), tendo passado pelo menos 03 (três) quartas partes de sua vida nesta cidade. Seus pais são falantes de língua portuguesa e preferencialmente, nascidos em Salvador.

As gravações do NURC referem-se a aulas proferidas por professores da UFBA e por um professor do Centro Integrado Anísio Teixeira. Quanto às gravações das elocuições formais 2007/2008 são de professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) ministrando aulas para a comunidade de Letras. Os informantes foram selecionados através do método da amostra socioeconômica homogênea, que, segundo Corvalán (1989, p. 51) se subdivide em:

- (a) las características de los hablantes han sido predeterminadas y éstos se seleccionan más o menos al azar hasta completar el número deseado de individuos en cada categoría social; (b) los hablantes seleccionados constituyen un grupo social compacto, ya sea porque son miembros de una red social, porque viven en la misma manzana o vecindario, porque tienen un dominio común de trabajo (por ejemplo, una escuela), etc.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> (a) as características dos falantes foram predeterminadas e estes se selecionam mais ou menos de forma aleatória para completar o numero desejado de indivíduos em cada categoria social: (b) os falantes selecionados

Para o primeiro contato, com posterior intenção de gravar, foi utilizado um “questionário social” montado de acordo com a pesquisa e a comunidade pretendida, cujos critérios foram estabelecidos em Silva (2004, p. 126) com questões detalhadas acerca da idade e naturalidade do informante e de seus pais e do tempo de permanência fora de Salvador.

Os informantes de ambas as sincronias foram subdivididos em três faixas etárias, a saber, a primeira de 25 a 35 anos, a segunda de 36 a 55 anos, e a terceira de mais de 55 anos. As gravações possuem aproximadamente 50 minutos e foram transcritas utilizando o critério grafemático (MOTA; ROLLEMBERG, 1994).

Nesta etapa da pesquisa serão apresentados apenas os resultados das análises das elocuições formais do NURC / SALVADOR de 1973 e 1974.

### 3.3 Metodologia de Análise Estatística dos Dados

De acordo com Naro (2004, p. 25) “A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas”. Desta forma, para a análise estatística dos dados, foi utilizado o *Varbrul*, pacote de programas computacional utilizado pela Teoria da Variação para sistematizar, comparar e analisar as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que são utilizadas pela comunidade estudada.

À versão *Varbrul* de 1988 foram acrescentados mais três programas cujas modificações atêm-se ao número de registros semelhantes amalgamados e ao número de fatores permitidos para análise. Segundo Scherre; Naro (2004, p. 159), as funções dessa versão de programas são as seguintes:

- 1) preparar os dados para serem submetidos a análises diversas (*Checktok* e *Readtok*);
- 2) produzir resultados percentuais os mais diversos, em função dos *infinitos desejos* do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para a análise de *pesos relativos* (*Makecell* e *Make 3000*);
- 3) projetar os *pesos relativos* para a análise binária (*Ivarb* ou *Varb2000*), (*Tvarb*) e eneária (*Mvarb*);
- 4) efetuar tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas (*Crosstab* ou *Cross3000*);
- 5) efetuar pesquisa de dados pelas cadeias de codificação (*Tsort*) ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados (*Textsort*), seja para a conferência de dados, seja para a criação de novos arquivos de dados.

---

constituem um grupo social compacto, quer porque são membros de uma rede social, quer porque vivem em um mesmo bairro ou bloco, porque têm um domínio comum de trabalho (por exemplo, uma escola), etc.

Porém, numa investigação, não se pode perder de vista a importância de codificar, interpretar e analisar os dados empíricos, através da correta utilização dos conhecimentos teóricos.

Com base no cruzamento de dados, foram elaborados gráficos e tabelas que visam a uma melhor visualização dos resultados encontrados. Não se fez estudo de regras variáveis diante do fato de o fenômeno estudado não se constituir em um fenômeno que se adeque a esse tipo de análise (não se constitui um fenômeno que se possa considerar realmente VARIACÃO. Além disso não é binário). A Sociolinguística é neste trabalho, mais um recurso de análise. Diante disso, apenas se chega ao estudo dos percentuais.

### 3.4 O envelope da Variação

A pesquisa Sociolinguística pressupõe o estudo das variáveis dependentes e independentes. A variável dependente possui variantes tratadas sob a ótica de Guy e Zilles (2007, p. 141) “... em termos de probabilidades e percentuais de acontecimento de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa.” Por meio da uma metodologia sociolinguística é possível analisar variáveis estruturais e sociais que controlam os usos linguísticos. Esses usos poderão ser tanto agentes internos quanto externos ao sistema linguístico.

Desta forma, as variáveis linguísticas e não linguísticas agem em conjunto e estabelecem co-relações que poderão favorecer ou inibir o emprego de formas variantes que possuem equivalência semântica. Portanto, o emprego das variantes da variável dependente não é aleatório, mas sim, influenciado por determinados fatores que poderão ser de âmbito social ou estrutural.

A retomada de uma construção de tópico através de co-referentes dá margem à percepção de uma relação sintática entre o tópico e o comentário. Esta retomada poderá ocorrer na função de objeto direto e indireto, adjunto, predicativo e sujeito. Com o intuito de aprofundar a investigação do Tópico com retomada na função de sujeito preenchido, que está sendo denominado neste trabalho de (DESuj) Deslocamento à esquerda de sujeito, a variável dependente investigada é o tipo de co-referente utilizado para o preenchimento do sujeito, cujo grupo de fatores corresponde às seguintes variantes: SN (sintagma nominal) idêntico, SN semelhante, pronome pessoal do caso reto da 1ª e 3ª pessoa do singular e da 1ª e 3ª pessoa do plural, pronome demonstrativo e pronome indefinido, cujos exemplos estão com destaque em negrito.

O envelope da variação foi organizado da seguinte forma:

### 3.4.1 Variável Dependente

Tipo de co-referente para preenchimento do sujeito:

SN Idêntico:

- (1) “Agora, A RESISTÊNCIA, **a resistência** varia de indivíduo para indivíduo.”  
(NURC 70, inf.: 46)<sup>12</sup>
- (2) “O louco...**o louco** colocado em outro, colocando em dúvida a palavra do rei” ( 2007 / 08, inf.: 01)

SN Semelhante:

- (3) “O ÚNICO EXAME DE CERTEZA, ou **único diagnóstico de certeza**<sup>13</sup> é o diagnóstico laboratorial...” (NURC, 70, inf.: 046)
- (4) “PESSOAL DE ... das humanidades todas, sociologia, ah... antropologia... **todo pessoal** trabalha com análise do discurso também.” (2007 / 08, inf.: 05)

Pronome Pessoal do Caso Reto 1ª Pessoa do Singular:

- (5) “EU, à proporção... em lugar de escrever na pedra, **eu** vou dizendo a vocês o esquema e vocês vão copiando.” (NURC 70, inf.: 049)
- (6) “EU... **eu** vo... ia terminar todos os três assuntos.” (2007/ 08, inf.: 02)

Pronome Pessoal do Caso Reto 3ª Pessoa do Singular:

- (7) “O BISONTE, **ele** era abundante na América do Norte.” (NURC 70, inf.: 052)
- (8) “Mas A LÍNGUA, **ela** também é veículo desse social.” (2007/ 08, inf.: 02)

Pronome Pessoal do Caso Reto 1ª Pessoa do Plural

<sup>12</sup> A partir desta parte do trabalho, os exemplos serão retirados dos inquéritos do NURC 70 e EFs 2007/08.

<sup>13</sup> Observar o co-referente cujo núcleo possui conteúdo semântico semelhante.

- (9) “... NÓS, por não sermos políticos, **nós** ficamos sem poder.” (2007/ 08, inf.: 05)
- (10) “A GENTE, na hora da nossa produção, **a gente** vá utilizando aquele léxico conhecido.” (2007/08, inf.: 04)

Pronome Pessoal do Caso Reto 3ª Pessoa do Plural:

- (11) “E OS INTERESSES? Quando é que **eles** se revelam muito importantes?”  
(NURC 70, inf.: 023)
- (12) “Então, AS PALAVRAS SIMPLES, **elas** têm apenas um radical. .” (2007/08, inf.: 04)

Pronome Indefinido:

- (13) “AS OUTRAS CIDADES, **algumas**<sup>14</sup> são bem pequenas de desenvolvimento recente.” (NURC 70, inf.: 026)

Pronome Demonstrativo:

- (14) “A MÃE TUBERCULOSA não...**isso**<sup>15</sup> não indica que o filho, ao nascer, será tuberculoso.” (NURC 70, inf.: 046)
- (15) A DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, **essa** é que é um pouquinho diferente. (2007/08, inf.: 04)

A hipótese para este grupo de fatores é que a construção de tópico do tipo DESuj favorece o co-referente pronominal do caso reto na 3ª pessoa do singular.

### 3.4.2 Variáveis Lingüísticas

As variáveis lingüísticas estudadas, passíveis de favorecer ou restringir a ocorrência de construções de tópico com retomada na função de sujeito são: Estrutura da Construção de Tópico, Presença ou Ausência de Elementos Intervenientes, Traço Semântico do Tópico,

<sup>14</sup> Neste contexto, o pronome indefinido “algumas” representa a parte do todo, ou seja, funciona como partitivo.

<sup>15</sup> Observar a retomada do fato ao qual o tópico se refere, neste exemplo.

Tipos de Verbo, Contexto em que ocorre o Tópico e Tipo de Sentença. Ao todo, esse grupo perfaz um total de 06 (seis) variáveis descritas a seguir, com exemplos também com destaques em maiúsculas.

#### 3.4.2.1 Estrutura da Construção de Tópico

Para a investigação da Estrutura da Construção do Tópico do tipo DESuj foram trabalhados 03 (três) fatores: SN Lexical, SN Pronominal e Sintagma Complexo.

SN Lexical:

- (16) “O RIO AMAZONAS, **ele** carrega uma grande quantidade de minerais...eh... anualmente deposita na sua foz.” (NURC 70, inf.: 052)
- (17) “UM PROCESSO DE FORMAÇÃO, que é impróprio, quer dizer, **ele** modifica a classe da palavra.” (2007/08, inf.: 04)

SN Pronominal:

- (18) “ELE<sub>2</sub>, pela sua capacidade de raciocínio, **ele** teve condições de manobrar a energia disponível...” (NURC 70, inf.: 052)
- (19) “...EU como **eu** não trabalho, não sou muito de bater papo.” (2007/ 08, inf.: 04)

SN Complexo:

- (20) “OS DESERTOS QUE FORAM CAUSADOS ...eh...por atuação do homem, **eles** poderão no futuro, vir a ser uma área fértil...” (NURC 70, inf.: 052)
- (21) “A LITERATURA MODERNA QUE SE ESTABELECE NO SÉCULO DEZENOVE, **ela** vai... ela vai entrando em grande em...” (2007/ 08, inf.: 01)

Para este grupo de fatores, a pressuposição é que a estrutura da construção de tópico mais recorrente é aquela com SN Lexical.

#### 3.4.2.2 Presença ou Ausência de Elemento Interveniente

Foram considerados elementos intervenientes<sup>16</sup> quaisquer expressões lingüísticas existentes entre o tópico e o comentário, a saber: interrupções por adjuntos, locuções adjuntas, orações adjuntas, orações relativas e outros.

Presença:

- (22) “A ENFERMEIRA, [no serviço], **ela** vai avaliando o trabalho do seu pessoal auxiliar, ela vai orientando.” (NURC 70, inf.: 046)
- (23) “O DENDÊ, [embora não seja uma planta nativa brasileira, tenha sido uma planta que tenha vindo da África, trazida pelos escravos], **ela** se difundiu de uma maneira enorme...” (NURC 70, inf.: 026)
- (24) “A PALAVRA DO REI, [quando] **ela** é negada, nos textos de Gil Vicente a gente vê é sempre o louco que pode...” (2007/ 08, inf.: 01)

Ausência:

- (25) “A GLÂNDULA MAMÁRIA, **ela** se acha constituída de duas porções...” (NURC 70, inf.: 049)
- (26) “...AS MULHERES, **elas** usam muito mais diminutivos que os homens.” (2007/ 08, inf.: 02)

A hipótese é que as construções de tópico com função de sujeito possuem elemento interveniente com maior freqüência devido às mudanças sofridas pelo sistema pronominal do português brasileiro.

### 3.4.2.3 Traço Semântico do Tópico

Para essa variável, foram selecionados os traços [+humano] e [-humano], exemplificados a seguir:

[+Humano]:

---

<sup>16</sup> Os elementos intervenientes encontram-se entre colchetes.

- (27) “Bom, O HOMEM CAÇADOR...**ele** atuou... eh... muito pouco na biosfera...”  
(NURC 70, inf.: 052)

[-Humano]:

(28) “Então, a tendência é que A FLORESTA, **ela** venha a sofrer, ela venha a entrar em declínio...” (NURC 70, inf.: 052)

(29) “CADA TEORIA, **ela** se debruça sobre uma parte específica da lin... da ciência.”  
(2007/ 08, inf.: 02)

A hipótese nesse grupo é que o traço [+humano] favorece as construções de tópico do tipo DESuj.

#### 3.4.2.4 Tipos de Verbo

Este grupo de fatores é formado pelos verbos predicadores: transitivo (que, por uma questão metodológica engloba o direto, indireto e bi-transitivo), intransitivo e o verbo de ligação. Escolheu-se investigar os verbos existentes apenas no comentário.<sup>17</sup>

Os verbos estão sublinhados nas sentenças a seguir:

Transitivo:

- (30) “O CHUMBO, **ele entra** na composição do revestimento de latas de conserva.”  
(NURC 70, inf.: 052)

Intransitivo:

- (31) “... porque A ÁGUA, quando **ela cai**, ela se combina com o gás carbônico...”  
(NURC 70, inf.: 052)

Ligação:

---

<sup>17</sup> Os verbos estão sublinhados neste grupo de fatores. Nos grupos subsequentes os exemplos continuam com destaque em maiúsculas.

- (32) “AS OUTRAS CIDADES, algumas são bem pequenas, de desenvolvimento recente.” (NURC 70, inf.: 026)

Pressupõe-se que o tipo de verbo mais recorrente na predicação das construções de tópico com DESuj é o transitivo.

#### 3.4.2.5 Contexto em que ocorre o Tópico Deslocamento à Esquerda de Sujeito

Esta variável possui 02 (dois) fatores; o contexto inicial e o interno à sentença.

Contexto Inicial:

- (33) CERTAS CULTURAS, quando **elas** são implantadas num local como a cana-de-açúcar, por exemplo...” (NURC 70, inf.: 052)
- (34) “A VARIAÇÃO, **ela** é a área de interesse mais da Sociolinguística mesmo, né?” (2007/ 08, inf.: 02)

Contexto interno:

- (35) “Porque A LEGUMINOSA, **ela** tem a capacidade de repor o nitrogênio do solo.” (NURC 70, inf.: 052)

Nesta variável, a hipótese é que o início de sentença favorece o tópico do tipo DESuj.

#### 3.4.2.6 Tipo de sentença em que ocorre o Tópico do tipo Deslocamento à Esquerda de Sujeito

Quanto ao tipo de sentença na qual ocorre o tópico DESuj, serão investigados 03 (três) fatores:

Afirmativas:

(36) “A ENFERMEIRA<sup>18</sup>, é **ela** que deve preparar o pessoal auxiliar para o desenvolvimento desse programa...” (NURC 70, inf.: 046)

(37) “... A LINGÜÍSTICA APLICADA, ela... a crítica nova, **ela** é ... ela é forte na Austrália.” (2007/ 08, inf.: 05)

Negativas:

(38) “AQUELAS CRIANÇAS QUE AINDA AMAMENTAM... são amamentadas, ou que tomam leite materno, **elas** não tomam o BCG...” (NURC 70, inf.: 026)

Interrogativas:

(39) “E OS INTERESSES, quando é que **eles** se revelam muito importantes?” (NURC 70, inf.: 023)

A pressuposição para este grupo é que o tipo de sentença utilizada com maior regularidade nestas construções é a afirmativa.

### 3.5 Variáveis Sociais

Ao discorrer sobre a relevância das variáveis não lingüísticas, Mollica (2004, p. 27) exemplifica da seguinte forma:

[...] agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo-se que existam pelo menos o padrão popular e o culto.

Além dessas variáveis, existem outras de grande importância nos estudos sociolingüísticos, como: sexo / gênero, escolaridade, classe social etc. Para esta análise, optou-se por uma comunidade cujo nível de escolaridade é homogêneo, pois todas as falas são

---

<sup>18</sup> O referente, nesta sentença é tópico e foco ao mesmo tempo.

proferidas por falantes com formação universitária. A escolha das variáveis sociais consideradas pertinentes, nesta análise, recaiu sobre o sexo /gênero e faixa etária, descritos a seguir:

### 3.5.1 Faixa Etária

Através da variável faixa etária é possível perceber diferenças lingüísticas marcantes entre a linguagem das crianças, dos idosos, dos adultos e dos adolescentes. Por outro lado “é possível estudar o fenômeno da mudança mediante a observação do componente lingüístico de falantes em diversas faixas etárias” (MONTEIRO, 2002, p.76). Chamada de estudo em tempo aparente, essa perspectiva de observação lingüística, aliada a uma análise em tempo real, poderá esclarecer se o fenômeno estudado consiste em uma variação própria da gradação etária ou em uma mudança lingüística.

A partir do princípio de que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação pressupõe mudança, a prudência é necessária na análise de dados, porque a mudança pode se processar a curto ou a longo prazo em diferentes aspectos.

A seguir, encontram-se descritas as faixas etárias adotadas para análise:

Faixa 1 – de 25 a 35 anos

Faixa 2 – de 36 a 55 anos

Faixa 3 – mais de 55 anos

### 3.5.2 Sexo / Gênero

A variável sexo / gênero tem sido profícua em análises sociolingüísticas por representar uma variável através da qual é possível observar a ocorrência de variantes tais como: forma padrão / forma não padrão e processo de implementação da mudança, muitas vezes associado à construção dos papéis sociais da mulher e do homem na sociedade.

Fischer (1958, apud PAIVA, 2004, p. 31) foi o primeiro que observou a correlação entre variação lingüística e o fator sexo / gênero em um estudo intitulado *Influências sociais na escolha das variantes lingüísticas*. Através desse trabalho, Fischer constatou que a forma de prestígio é predominante na fala feminina.

A despeito de diversos trabalhos corroborarem com afirmação do autor, que interpretam essa tendência como uma maior consciência da mulher em relação ao *status* social das formas lingüísticas, é necessário observar como uma comunidade se organiza

socialmente. Um exemplo disso é o uso, pelas mulheres, das formas lingüísticas árabes não prestigiadas. Essas diferenças poderão ser atribuídas a diversos fatores, como processos de socialização, assim como, conforme já explicitado, os diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres numa dada comunidade.

Neste trabalho, são estudados inquéritos de 06 falantes do gênero feminino e 06 falantes do gênero masculino distribuídos nas três faixas etárias citadas.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo aborda os resultados da quantificação de ocorrências de CTs do tipo DESuj e dos condicionamentos lingüísticos e sociais relacionados a sua realização. Os dados considerados são aqueles obtidos através do corpus do NURC de 1970 e de gravações de aulas de professores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2007 /2008 com a finalidade de descrever, comparar e analisar o comportamento desse tipo de construção nos períodos estudados.

De acordo com o arcabouço teórico / metodológico da Sociolingüística e com base no Funcionalismo e na Pragmática, será feita uma análise quantitativa e qualitativa dos dados e serão apresentados os resultados com ênfase nas questões lingüísticas, sociais e discursivas.

### 4.1 ANÁLISE GERAL

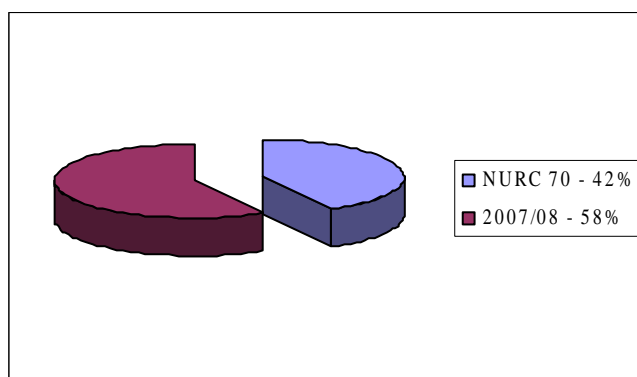
#### 4.1.1 TIPO DE CO-REFERENTE PARA PREENCHIMENTO DO SUJEITO

A variável dependente leva em conta os elementos co-referentes à construção de tópico (CT) do tipo Deslocamento à Esquerda de Sujeito (DESuj) descritos no capítulo anterior, cuja apresentação leva em conta os números absolutos, descrição percentual de fatores mais relevantes e contextos específicos de uso neste tipo de construção.

Para uma melhor visualização dos resultados, o gráfico nº 1 mostra a distribuição geral das CTs do tipo DESuj no NURC 70 e em 2007/08 com um percentual de 42% de ocorrências encontradas no NURC e 58% nos dados de 2007/08 perfazendo total de 180 ocorrências.

As tabelas 1 e 2 mostram o total de ocorrências dessas CTs separadamente, no NURC 70 e em 2007/08. A partir da observação do gráfico 1 nota-se que houve um aumento de 16% em relação ao uso dessas construções em 2007/08 quando comparada à sincronia de 70.

**Gráfico n° 1:** Percentual geral das ocorrências das CTs do tipo DESuj NURC 70 e dados de 2007/08

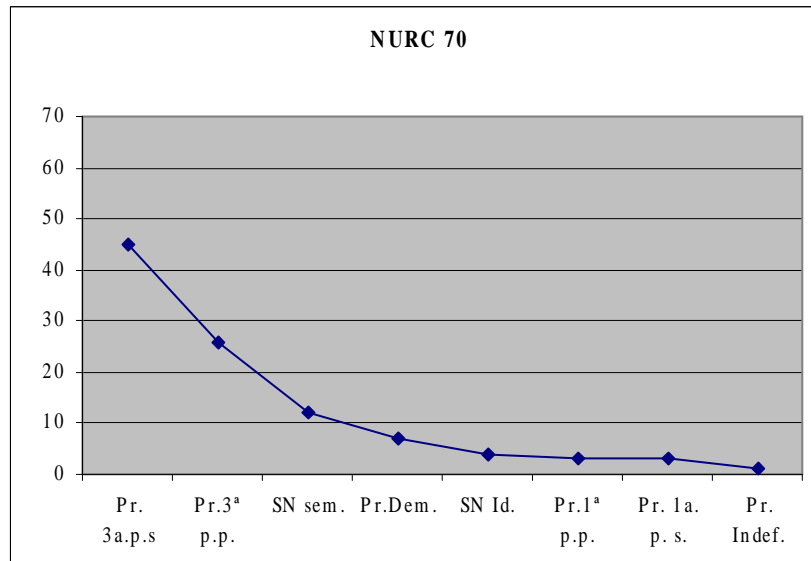


Analisa-se a seguir, os termos co-referentes às CTs de tópico do tipo DESuj formados pelos pronomes pessoais retos de 1ª, e 3ª pessoa do singular e 1ª e 3ª pessoa do plural; pronomes demonstrativos e indefinidos e os SNs semelhantes e idênticos.

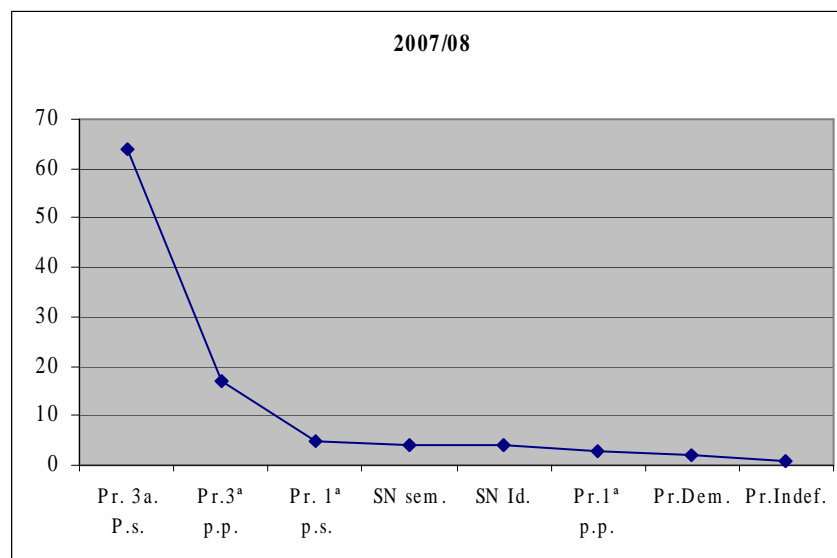
Nas tabelas 1 e 2, gráficos n° 2 e 3 encontram-se distribuídos os resultados acerca dos termos co-referentes às CTs nos dois períodos. Observe que os gráficos n° 2 e 3 apresentam os resultados de acordo com a intensidade de ocorrência em ordem decrescente. O confronto entre o NURC 70 e os dados de 2007/08 mostra um total de 76 ocorrências no NURC 70, com 45% de retomada com pronome pessoal na 3ª pessoa do singular, 26% na 3ª pessoa do plural, 7% com pronomes demonstrativos, 3% com pronomes pessoais na 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural e 1% com pronome indefinido. As retomadas com SN Semelhantes e Idênticos são de 4 e 12%, respectivamente. Em 2007/08 tem 64% de retomada com pronome pessoal na 3ª pessoa do singular, 17% na 3ª pessoa do plural, 3% na 1ª pessoa do plural, 2% com pronomes demonstrativos e 1% com pronome indefinido. Quanto às retomadas com SNs semelhantes e idênticos, há um empate de 4% em ambos.

Pr.3ª.p.s.	Pr.1ª p.p.	Pr.3ª p.p.	SN Sem.	SN Id.	Pr. Dem.	Pr.1ª.p.s.	Pr. Indef.
34 / 76 45%	2 / 76 3%	20 / 76 26%	9 / 76 12%	3 / 76 4%	5 / 76 7%	2 / 76 3%	1 / 76 1%

**TABELA 1:** Termos co-referentes à Construção de tópico do tipo DESuj – NURC 70

**Gráfico nº 2:** Termos co-referentes às CTs do tipo DESuj – NURC 70

Pr.3ª.p.s.	Pr.1ª p.p.	Pr.3ª p.p.	SN Sem.	SN Id.	Pr. Dem.	Pr.1ª.p.s.	Pr. Indef.
67 / 104 64%	3 / 104 3%	18 / 104 17%	4 / 104 4%	4 / 104 4%	2 / 104 2%	5 / 104 5%	1 / 104 1%

**TABELA 2:** Termos co-referentes à Construção de tópico do tipo DESuj – 2007 /08**Gráfico nº 3:** Termos co-referentes às CTs do tipo DE Suj – 2007/08

Os exemplos de preenchimento do sujeito com pronome pessoal reto exemplos (39), (40), (41) pronome demonstrativo (43) e indefinido (44) assim como com SN semelhante (45) e idêntico (46) estão listados a seguir.<sup>19</sup> O exemplo (47) mostra o uso do a gente em detrimento do pronome nós, representando o pronome na 1ª pessoa do plural.

(39) “O HOMEM CIVILIZADO, **ele** possuindo maiores recursos tecni... tecnológicos...” (NURC 70, inf.: 052)

(40) “ESSAS GLÂNDULAS, **elas** se desenvolvem, porque este hormônio tem uma ação frenadora sobre essas glândulas.” (NURC 70, inf.: 049)

(41) “EU... **eu**... vejo no cenário.” (2007/08, inf.: 01)

(42) “... NÓS, por não sermos políticos, **nós** ficamos sem poder.” (2007/08, inf.: 05)

(43) “A DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, **essa** é que é um pouquinho diferente.” (2007/08, inf.: 05)

(44) “AS OUTRAS CIDADES, **algumas** são bem pequenas, de desenvolvimento recente.” (NURC 70, inf.: 026)

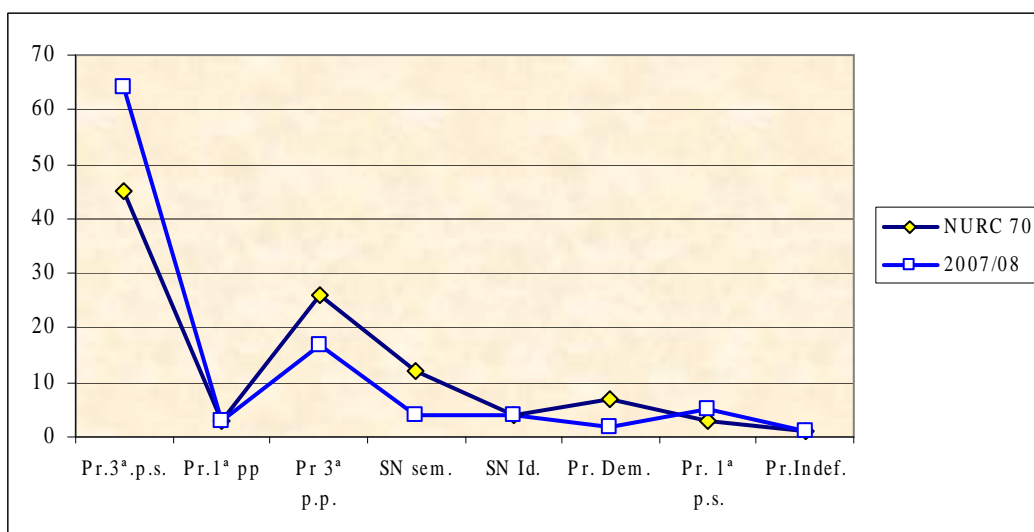
(45) PESSOAL DE ... das humanidades todas, sociologia, ah... antropologia... **todo pessoal** trabalha com análise do discurso também. (2007/08, inf.: 05)

(46) “O LOUCO... **o louco** colocado em outro, colocando em dúvida a palavra do rei.” (2007/08, inf.: 01)

(47) “... Então AGENTE, em vez de olhar a direção do vento, **a gente** se orienta pelo poente...” (NURC 70, inf.: 026)

O que se pode deprender desses resultados, conforme o gráfico nº 4, é que, enquanto há um aumento de 19% no uso de CTs de tópico do tipo DESuj, cuja retomada dá-se com o pronome cópia na 3ª pessoa do singular, de 1970 para o período de 2007/08, há um decréscimo no uso de pronomes pessoais na 3ª pessoa do plural com uma diferença de 9%, um pequeno aumento em relação ao uso da 1ª pessoa do singular de 2% e um empate em relação ao último colocado da lista (pronome indefinido).

<sup>19</sup> Nesses exemplos as construções de tópico estão em maiúsculas e os co-referentes em negrito.

**Gráfico nº 4:** Termos co-referentes às CTs do tipo DESuj - NURC 70 e 2007/08

Em pesquisa sobre construções de tópico no português do Brasil, com abordagem diacrônica, Decat (1989, p. 117) constata [...] “a pequena ocorrência de elemento co-referente realizado por pronome pessoal; nesse caso, a co-referência se estabelecia através de pronomes indefinidos, demonstrativos e mesmo por um numeral.” Diferentemente do que aconteceu nessa época, na contemporaneidade, de acordo com esta pesquisa, as CTs do tipo DESuj ocorrem em número superior justamente com o pronome pessoal.

É importante salientar que, de acordo com Pontes (1987, p. 26), em sua abordagem sobre a presença de CTs na língua coloquial espontânea, a construção de tópico mais comum é a do tipo em que pode ou não haver uma pausa depois do tópico. A autora diz que, no exemplo, Essa competência, ela é de natureza mental, “ocorre que o sujeito está no início da S, e poderia confundir-se a posição do tópico com a de sujeito. O pronome (ela), que é co-referente do sujeito, parece uma redundância aí, mas na verdade ele contribui para caracterizar o tópico”.

De acordo com essa análise, o exemplo citado possui os mesmos padrões estruturais de outras sentenças que são consideradas construções de tópico/comentário, assim como das construções analisadas nessa pesquisa. É um tipo de construção de tópico denominado DE (deslocamento à esquerda). Neste caso, ocorre co-referência entre a construção de tópico e algum elemento do comentário.

Vale salientar que as co-referências poderão se dar com outros elementos do comentário. Por isso, registra-se aqui, a possibilidade de ocorrência de Deslocamento à Esquerda de sujeito (DESuj), Deslocamento à esquerda de objeto direto (DEOD) e

Deslocamento à esquerda de complemento oblíquo (DEObl). Entretanto, o enfoque neste trabalho é o tipo de construção de tópico denominado DESuj, como já foi definido. Em pesquisa sobre as construções de tópico no português do Brasil, Cardoso (2005, p.56) observa que “os tópicos presentes nas construções de deslocamento com pronome cópia referem-se na sua maioria, à função de sujeito.” Essa constatação encontra respaldo em outros trabalhos, como o de Duarte (1995) e Vasco (2006).

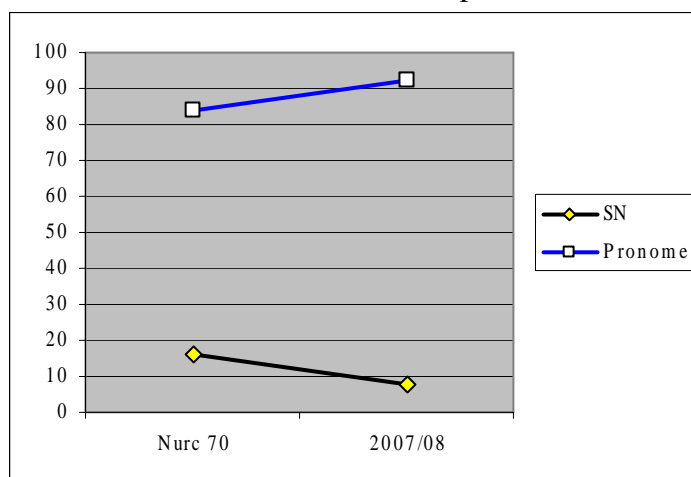
Termos Co-referentes	Nº / T	%
SN	12 / 76	16%
PRONOME	64 / 76	84%

**TABELA 3:** Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes NURC 70

Termos Co-referentes	Nº / T	%
SN	8 / 104	8%
PRONOME	96 / 104	92%

**TABELA 4:** Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes em 2007/08

**Gráfico n° 5:** Total Geral de Co-referência com SNs e pronomes NURC 70 em 2007/08



Para uma melhor visualização a respeito dos resultados anteriores, optou-se por apresentar os co-referentes de forma sintetizada nas tabelas 3 e 4 e gráfico nº 5. As tabelas 3 e 4 mostram uma clara preferência, verificada nas duas épocas na retomada por pronomes. O gráfico nº 5 mostra que, enquanto há uma queda no uso do SN, paralelamente, há um aumento no uso de retomadas pronominais. A visão verificada em Pontes (1987) no que diz respeito à maioria dos casos com a retomada do tópico por um pronome pessoal (exemplos 33 a 36), sem perder de vista a liberdade de retomada por outros pronomes, assim como por outros elementos<sup>20</sup> é semelhante à visão de Vasco (2006), que em sua pesquisa sobre o português brasileiro culto, encontrou um maior número de ocorrências com DESuj, cuja maioria de retomada deu-se também através do pronome pessoal reto.

Segundo Duarte (1993), existe tendência, no PB, ao preenchimento da posição de sujeito e o desenvolvimento de um paradigma de pronomes fracos substituindo o sujeito nulo, diferentemente do que ocorre no PE (português europeu), comumente descrito como um sistema estável de sujeitos nulos. Esse aspecto do PB falado tem relação com a redução dos paradigmas flexionais do PB. Diversos trabalhos têm apontado para essa questão. Dentre eles podemos citar o de Pontes (1987), Duarte (1993), Galves (1993) e Tarallo (1993).

Essa tendência, aliada ao enfraquecimento da flexão verbal, aumenta a importância e o uso no PB (português brasileiro) em sua modalidade oral, de construções de tópico com sujeito preenchido, cuja retomada mais freqüente nesta análise dá-se com o pronome pessoal de 3ª pessoa.

Quanto à presença da co-referência com SNs semelhantes e idênticos tabelas 3 e 4 e exemplos 45 e 46, apesar de ter havido uma queda no uso, verificada nos dados de 2007/08, sua utilização reforça características próprias das línguas com proeminência de sujeito e tópico, que é a liberdade de retomada com vários tipos de elementos e o controle da co-referência que é próprio do tópico e não do sujeito.

## **4.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS**

### **4.2.1 Estrutura da Construção de Tópico**

As estruturas sintáticas das CTs eleitas para a análise, neste trabalho são as formadas por SN pronominal, SN lexical e SN complexo. Para uma melhor ilustração do

---

<sup>20</sup> Sintagmas nominais.

comportamento das estruturas nos *corpora* analisados, apresentam-se as tabelas 5 e 6, cujos percentuais são mostrados no gráfico nº 6.

Estrutura Sintática	Nº / T	%
SN Pronominal	12 / 76	15%
SN Lexical	56 / 76	74%
SN Complexo	8 / 76	11%

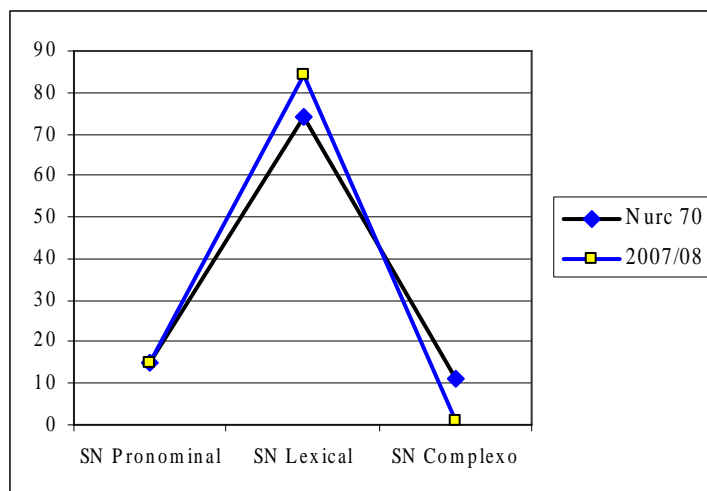
**TABELA 5:** Estrutura sintática da construção de tópico e sua frequência no NURC 70

Estrutura Sintática	Nº / T	%
SN Pronominal	16 / 104	15%
SN Lexical	87 / 104	84%
SN Complexo	1 / 104	1%

**TABELA 6:** Estrutura sintática da construção de tópico e sua frequência em 2007/08

As tabelas 5 e 6 mostram os resultados da análise quantitativa da variável estrutura sintática da construção de tópico do tipo DESuj nos dois períodos estudados e o gráfico 6 mostra a tendência verificada nas duas sincronias. Observa-se no NURC 70 um percentual expressivo de 74% de construções formadas com estrutura lexical, 15% com estrutura pronominal e 11% formada com SN complexo. Nos dados de 2007/08 o percentual foi de 84% com estrutura formada por SN lexical, 15% com SN pronominal e 1% com SN complexo.

**Gráfico nº 6:** Estrutura sintática da construção de tópico e sua freqüência no NURC 70 e 2007/08



A análise comparativa mostrada no gráfico nº 6 revela um aumento no uso de construções com estrutura sintática formada por SN lexical exemplo (48) e (51) em 2007/08, um empate no uso das estruturas formadas com SN pronominal, exemplo (49) e (52), e uma diminuição de 10% no uso de estruturas formadas por SN complexo, exemplo (50).<sup>21</sup>

Portanto, a partir desses resultados é possível afirmar que a hipótese de que a estrutura sintática da CTs do tipo DESuj é a estrutura formada com SN lexical.

(48) “Porque A LEGUMINOSA, **ela** tem a capacidade de repor o nitrogênio do solo.”

(NURC 70, inf.:052)

(49) “Entre NÓS – eu sempre gosto de apresentar casos – **nós** temos o que aconteceu no interior de nossas igrejas...” (NURC 70, inf.: 023)

(50) “... que até hoje QUALQUER LIVRO MAIS MODERNO QUE VOCÊS PEGUEM, **ele** traz logo Strong com das coisas...” (NURC 70, inf.: 023 )

(51) “O PERSONAGEM IRÔNICO, por ser irônico, **ele** diz uma coisa, mas está afirmando outra.” (2007/08, inf.: 01)

(52) “ Porque ELA... **ela** não dizia que ela era professora.” (2007/08, inf.: 02)

As tabelas 7 e 8 trazem resultados completos acerca do cruzamento entre os tipos de co-referentes e a estrutura sintática da construção de tópico do tipo DESuj. Através da análise

<sup>21</sup> As estruturas sintáticas das construções de tópico estão destacadas em maiúsculas.

desses resultados, por uma questão de objetividade, optou-se por abordar os aspectos mais relevantes, a saber:

Estrutura Sintática	Pr.3 <sup>a</sup> .p.s.	Pr.1 <sup>a</sup> p.p.	Pr.3 <sup>a</sup> p.p.	SN Sem.	SN Id.	Pr. Dem.	Pr.1 <sup>a</sup> .p.s.	Pr. Indef.
SN Pronominal	5/12 42%	2/12 17%	1/12 8%	1/12 8%	0/12 0%	1/12 0%	2/12 17%	0/12 0%
SN lexical	28/56 50%	0/56 0%	13/56 23%	7/56 13%	3/56 5%	4/56 7%	0/56 0%	0/56 0%
Sintagma Complexo	1/8 13%	0/8 0%	6/8 75%	1/8 13%	0/8 0%	0/8 0%	0/8 0%	0/8 0%

**TABELA 7:** Estrutura sintática da construção de tópico no NURC 70, considerando os co-referentes

Estrutura Sintática	Pr.3 <sup>a</sup> .p.s.	Pr.1 <sup>a</sup> p.p.	Pr.3 <sup>a</sup> p.p.	SN Sem.	SN Id.	Pr. Dem.	Pr.1 <sup>a</sup> .p.s.	Pr. Indef.
SN Pronominal	8/16 50%	3/16 19%	0/16 0%	0/16 0%	0/16 0%	0/16 0%	5/16 31%	0/16 0%
SN lexical	58/87 67%	0/87 0%	18/87 21%	4/87 5%	4/87 5%	2/87 2%	0/87 0%	1/87 1%
Sintagma Complexo	1/1 100%	0/1 0%	0/1 0%	0/1 0%	0/1 0%	0/1 0%	0/1 0%	0/1 0%

**TABELA 8:** Estrutura sintática da construção de tópico 2007/08, considerando os co-referentes

No cruzamento entre os co-referentes formados por pronomes pessoais e a estrutura formada por SN pronominal houve uma diferença de 16% a mais nos dados de 2007/08 em relação ao NURC 70, sendo que a 3<sup>a</sup> pessoa do singular passou de 42% para 50%, a 1<sup>a</sup> pessoa do singular passou de 17 para 31% e a 1<sup>a</sup> pessoa do plural passou de 17% para 19%. Por outro lado, observou-se que não há co-referência com pronomes demonstrativos e indefinidos e SNs semelhantes e idênticos.

O cruzamento entre os co-referentes e o SN lexical mostra um aumento de 50% (NURC 70) para 67% (2007/08) na 3ª pessoa do singular. Na 3ª pessoa do plural houve uma pequena diminuição de 23% para 21%. observa-se também uma queda de 7% para 2% em relação aos pronomes demonstrativos e de 2% para 1% em relação aos pronomes indefinidos. Registra-se ainda, uma queda na retomada dos SNs, sendo que nos SNs semelhantes é de 13% para 5% e nos idênticos, de 18% para 10%.

Já no cruzamento entre os co-referentes e o sintagma complexo, nos períodos estudados, nota-se um aumento de 13% para 100% na retomada com pronomes pessoais retos, direcionado exclusivamente para a 3ª pessoa do singular. Quanto aos pronomes demonstrativos e indefinidos, assim com os SNs semelhantes e idênticos, não há recorrência com essas estruturas sintáticas nos dados de 2007/08.

A partir daqui, os resultados dos co-referentes estão amalgamados através do Programa *Crosstabb* ou *Cross 3000*. Esta apresentação pretende facilitar a visualização da retomada com SNs, englobando o semelhante e o idêntico e pronomes, englobando os pessoais, demonstrativos e indefinidos, conforme demonstrado nas tabelas 9 e 10.

Estrutura Sintática	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
SN Pronominal	1 / 12	8%	11 / 12	92%
SN Lexical	10 / 56	18%	46 / 56	82%
SN Complexo	1 / 8	12%	7 / 8	88%

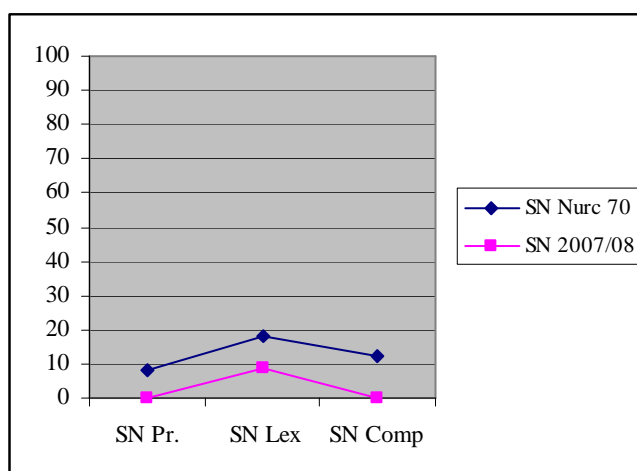
**TABELA 9:** Estrutura sintática da construção de tópico no NURC 70, considerando os co-referentes

Estrutura Sintática	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
SN Pronominal	0 / 16	0%	16 / 16	100%
SN Lexical	8 / 87	9%	79 / 87	91%
SN Complexo	0 / 1	0%	1 / 1	100%

**TABELA 10:** Estrutura sintática da construção de tópico em 2007/08, considerando os co-referentes

Os resultados verificados nas tabelas 9 e 10 ratificam a superioridade em relação à retomada com pronomes nos dois períodos investigados. Esta comparação adquire maior visibilidade por meio da apresentação dos gráficos nº 7 e 8 a seguir, que mostram o cruzamento das estruturas que formam o tópico com a co-referência existente no comentário.

**Gráfico nº 7:** Estrutura sintática da construção de tópico considerando a co-referência com SNs - NURC 70 e 2007/08

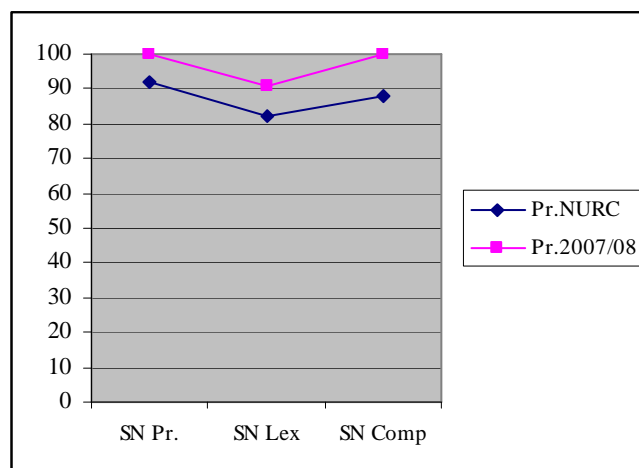


Através da comparação da estrutura sintática da construção de tópico considerando a co-referência com SNs nos dois períodos analisados, nota-se um maior percentual de retomada com SNs no NURC, ainda que a diferença não seja significativa. De forma mais detalhada têm-se 8% com a estrutura de tópico formada por SN pronominal retomado por SN no NURC e nenhuma ocorrência desse tipo em 2007/08.

A estrutura formada por SN lexical, retomada por SN teve 18% no NURC 70 e 9% em 2007/08, ou seja, o NURC teve o dobro. E por fim, o SN complexo teve 12% de retomada no NURC 70 e nenhuma ocorrência em 2007/08.

A observação geral deste aspecto evidencia a preferência pela estrutura formada por SN lexical retomada por outro SN em detrimento da estrutura formada por SN pronominal e SN complexo.

**Gráfico n° 8:** Estrutura sintática da construção de tópico considerando a co-referência com pronomes - NURC 70 e 2007/08



Enquanto as ocorrências de retomadas das três estruturas investigadas não foram significativas com SNs, o mesmo não acontece em relação à recorrência pronominal. Observe no gráfico n° 8 que as ocorrências de retomadas com pronomes foram significativas tanto no NURC 70 quanto em 2007/08, com ênfase maior em 2007/08, já que o sintagma nominal pronominal e o complexo tiveram 100% de retomada com pronome.

Estes resultados ratificam a característica arrolada por Li e Thompson (1976) quanto às *Sentenças básicas* nas línguas de tópico, impossibilitando assim, que sejam consideradas transformações de outros tipos mais básicos de sentença.

A partir dessas reflexões é possível perceber também que as ocorrências das CTs do tipo DESuj estão mais condicionadas à estrutura do SN lexical, podendo, entretanto, ocorrer com SN pronominal e Sintagma complexo (mesmo com um menor percentual). É importante ressaltar que este resultado está de acordo com o de Vasco (2006, p. 154) que numa pesquisa voltada para o português popular, encontrou uma maioria de retomada da estrutura lexical com pronomes pessoais, o que ratifica os variados estudos, tais como o de Pontes (1987), Duarte (1993) e Tarallo (1993) entre outros, sobre as mudanças verificadas no português brasileiro que dizem respeito à tendência ao preenchimento do sujeito, ao contrário do que ocorre no português europeu.

Esta tendência pôde ser observada também, através de ocorrências da estrutura na 1ª pessoa do plural, exemplo (47)<sup>22</sup> utilizada neste trabalho pelo grupo da faixa 2, com o uso de a gente em lugar do pronome pessoal nós. Duarte (1995) diz que o uso desta estrutura mostra uma solução encontrada para a rejeição do pronome nós pelo sistema, sendo que a única alternativa possível é o uso pelos jovens, da expressão “a gente”.

Outro dado importante nesta análise é a supremacia do pronome pessoal reto de 3ª pessoa do singular, ocupando o 1º lugar em número de retomadas, mostrando um perfeito equilíbrio entre CTs com estrutura sintática de SN lexical, SN pronominal e SN complexo.

Para Pontes (1987, p. 27) “o enfraquecimento do papel da flexão verbal para a identificação do referente aumenta a importância do pronome pessoal que se torna o único meio para o falante deixar claro o sujeito a que ele se refere.” Entretanto, para a autora, o pronome-cópia poderá simplesmente ocorrer por ênfase, quando a forma verbal for suficiente para identificar o referente.

Observou-se também, que uma estrutura formada por SN pronominal geralmente é retomada por um pronome pessoal, esta recorrência é feita por meio de um pronome idêntico. Quanto aos outros tipos de pronomes estudados nesta análise, o pronome demonstrativo exemplo (53) ocorre com mais frequência que o pronome indefinido, exemplo (54).

(53) “A DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, **essa** é que é um pouquinho diferente.” (2007/08, inf.: 04)

(54) “AS OUTRAS CIDADES, **algumas** são bem pequenas, de desenvolvimento recente.” (NURC 70 inf.: 026)

Ratificando o que já foi dito anteriormente, apesar da alta incidência do pronome pessoal de 3ª pessoa em retomadas de CTs com DESuj nessa pesquisa, não há restrição quanto à retomada com outros referentes, o que vem reforçar a hipótese de um português falado no Brasil com orientação para uma das tipologias propostas por Li e Thompsom (1976) com proeminência de tópico e sujeito.

Toda essa flexibilidade mostra que as mudanças paradigmáticas sofridas pela flexão verbal do português falado aqui no Brasil influenciam na necessidade de preenchimento da função de sujeito, que poderá ocorrer com pronomes co-referentes diversificados, assim como com SNs semelhantes e idênticos. O referente é alçado à esquerda assumindo a função tópica

---

<sup>22</sup> “... Então AGENTE, em vez de olhar a direção do vento, **a gente** se orienta pelo poente...” (NURC 70, inf.: 026)

que será enfatizada por um co-referente “comentário”. É importante ressaltar que as sentenças comentário encontradas são bem formadas, perfeitamente possíveis e atendem à função comunicativa, obedecendo a critérios discursivos e pragmáticos.

#### 4.2.2 Presença ou Ausência de Elemento Interveniente

Os elementos intervenientes considerados nesse trabalho foram quaisquer expressões lingüísticas existentes entre o tópico e o comentário. Nos inquéritos analisados foram encontradas interrupções por adjuntos, locuções adjuntas, orações adjuntas, orações relativas e outros.

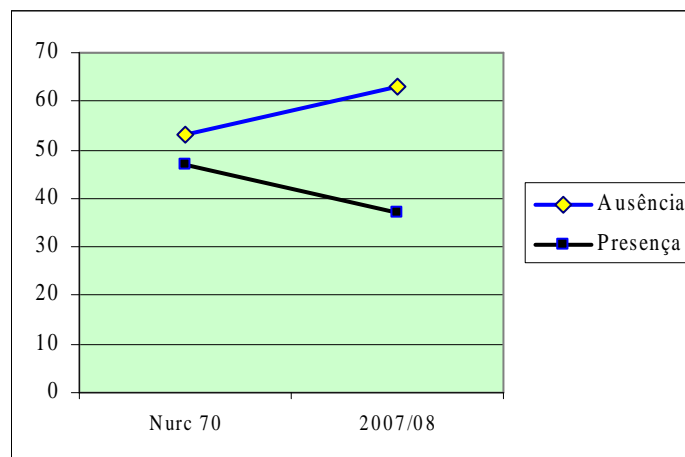
Elemento Interveniente	Nº / T	%
Ausência	40 / 76	53%
Presença	36 / 76	47%

**TABELA 11:** Elemento Interveniente – NURC 70

Elemento Interveniente	Nº / T	%
Ausência	65 / 104	63%
Presença	39 / 104	37%

**TABELA 12:** Elemento Interveniente – 2007 /08

**Gráfico nº 9:** Elemento Interveniente – NURC 70 e 2007/08



Os percentuais apresentados na tabela 11 e 12, gráfico nº 9 retratam a Ausência, exemplo (55) e Presença de Elemento interveniente entre o tópico e o comentário, exemplos (56) e (57), cujos percentuais são 53% para a ausência e 47% para presença, encontradas no *corpus* do NURC 70 e nos dados de 2007/08 o resultado foi de 63% para a ausência e 37% para a presença. No cômputo geral, há 42% de presença e 58% de ausência de elemento interveniente nas duas sincronias estudadas, distribuídas no gráfico nº 9.

Estes resultados apontam 10% a mais de ausência e 10% a menos de presença em 2007/08, portanto, a hipótese arrolada para esse grupo de fatores de que as CTs do tipo DESuj possuíam elemento interveniente com maior frequência não foi confirmada.

(55) “Então, OS LINFÁTICOS, **eles** merecem atenção.” (NURC 70, inf.: 049)

(56) “... então A GENTE, [em vez de olhar na direção do vento], **a gente** se orienta pelo poente...” (NURC 70, inf.: 026)

(57) “Outras vezes, ELE, [principalmente aqui], **ele** utilizou a palavra “inoxidável” com um outro significado...” (2007/08, inf.: 04)

Faz-se necessário comentar que enquanto a diferença entre ausência e presença<sup>23</sup> de elemento interveniente é de 6% para o NURC 70, nos dados de 2007/08 essa diferença salta para 26%. Isso leva a refletir que se, de fato, a presença de elemento interveniente estivesse num total superior, confirmaria a hipótese de que a distância entre o tópico e o comentário favorece a retomada com pronome anafórico. Como o número de construções com Ausência de elementos intervenientes foi superior à Presença nas duas amostras, inclusive com o aumento no *corpus* atual, é possível considerar que a Presença de elemento interveniente não é favorecimento para que haja um pronome co-referencial.

Este fato contribui para enfatizar uma tendência ao preenchimento do sujeito no português brasileiro na língua culta, assim como ao distanciamento do parâmetro do sujeito nulo e a permissão do sujeito pleno.<sup>24</sup>

As tabelas 13 e 14 mostram na seqüência, o cruzamento entre os termos co-referentes e o elemento interveniente entre o tópico e o comentário ao passo que o gráfico nº 10 apresenta uma visão geral do NURC e dos dados de 2007/08 em relação a este fenômeno.

<sup>23</sup> Conforme foi explicitado no envelope de variação o destaque para a presença de elemento interveniente é o uso de colchetes.

<sup>24</sup> “Em particular, estudos recentes mostraram que o objeto nulo tem um comportamento diferente no português europeu (PE) e brasileiro(PB).” (GALVES, 1993, p. 389).

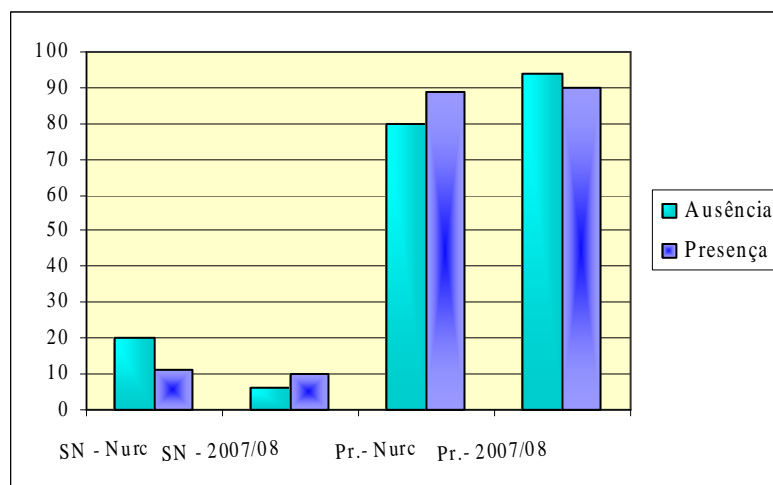
Elemento Interveniante	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Ausência	8 / 40	20%	32 / 40	80%
Presença	4 / 36	11%	32 / 36	89%

**TABELA 13:** Termo co-referente ao tópicos X elemento interveniente no NURC 70

Elemento Interveniante	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Ausência	4 / 65	6%	61 / 65	94%
Presença	4 / 39	10%	35 / 39	90%

**TABELA 14:** Termo co-referente ao tópicos X elemento interveniente em 2007/08

**Gráfico nº 10:** Termo co-referente ao tópicos X elemento interveniente – NURC 70 e 2007/08



De acordo com estes resultados, em construções com ausência de elemento interveniente no NURC 70 encontra-se um percentual de 20% com retomada por SN e 80% com retomada por pronome. Nas construções com presença de elemento interveniente, o registro foi de 11% cuja retomada deu-se com SN e 89% com pronome.

Nos dados de 2007/08 verifica-se um percentual de 6% de retomada com SN e 94% de retomada com pronome para ausência de elemento interveniente. Com a presença do elemento interveniente 10% das retomadas é com SN e 90% com pronome.

Com base nos dados de 2007/08 registra-se uma diferença de 14% a mais na retomada por pronome em construções com ausência de elemento interveniente. Em contrapartida, há uma diminuição de exatos 14% na retomada por SN com ausência de elemento interveniente, enquanto que a retomada por SN e pronome com a presença de elemento se mantém estável.

Além de registrar um aumento na retomada por pronome em construções com ausência de elemento interveniente, essa análise aponta também regularidade em relação à retomada anafórica por pronomes (principalmente o pronome pessoal reto de 3ª pessoa)<sup>25</sup> em construções com presença de elemento interveniente. Nesse caso, a co-referência com pronomes independe da presença ou ausência de elemento interveniente.

#### 4.2.3 Traço Semântico do Tópico

As tabelas de número 15 e 16, a seguir, mostram os resultados da análise da variável traço semântico do tópico, no NURC 70 e nos dados de 2007/08, enquanto que o gráfico 11 evidencia os resultados das duas sincronias.

A definição dessa variável semântica voltada para a “animacidade” é relevante, pois, segundo Gryner; Omena (2004), a associação de fatores semânticos e pragmático-discursivos têm fornecido informações importantes que subsidiam inúmeros trabalhos de cunho lingüístico.

Traço Semântico	Nº / T	%
+ Animado	27 / 76	36%
- Animado	49 / 76	64%

**TABELA 15:** Traço semântico do tópico – NURC 70

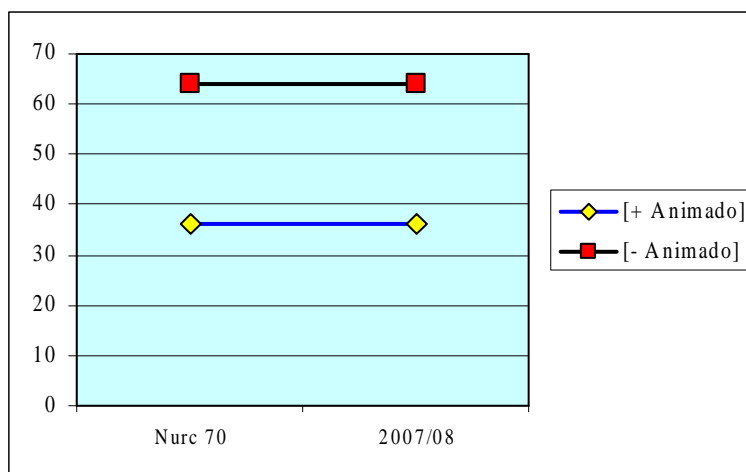
Traço Semântico	Nº / T	%
+ Animado	37 / 104	36%
- Animado	67 / 104	64%

**TABELA 16:** Traço semântico do tópico em 2007/08

<sup>25</sup> O pronome pessoal de 3ª pessoa teve 62% de retomadas em construções com ausência e 69% de retomadas em construções com presença de elementos intervenientes nos dados de 2007 / 08.

Os dados aferidos nessas tabelas são de 36% para o traço [+ animado], exemplo (58) e 64% para o traço [-animado], exemplo (59) no NURC 70. Nos dados de 2007/08 os resultados são de 36% para o traço [+ animado] exemplo (60) e 64% para o traço [- animado] exemplo (61) e (62). Esse resultado, mais uma vez, contraria a hipótese levantada para esse grupo, que seria o favorecimento do traço semântico [+ animado] nas CTs do tipo DESuj , pois a observação do total geral verificado no gráfico nº 9 mostra 64% de CTs com o traço [-animado] e 36% com o traço [+ animado].

**Gráfico nº 11:** Traço semântico do tópico – NURC 70 e 2007/08



(58) “A ENFERMEIRA DUM DISPENSÁRIO DE TUBERCULOSE, **ela** pode fazer o teste apenas no dispensário...” (NURC 70, inf.: 046)

(59) “ESTES TUBÉRCULOS DE MORGAGNI, **eles** se hipertrofiam de maneira considerável...” (NURC 70, inf.: 049)

(60) “Eh... de que O HOMEM, **ele** é responsável pelo seu destino.” (2007/08, inf.: 01)

(61) “... A ELEGIA, tradicionalmente, **ela** é modalidade de poesia fúnebre.” (2007/08, inf.: 01)

(62) “ESSA LINGUAGEM, a gente pode dizer, **essa linguagem** é que forma o sertão dele.” (2007/08, inf.: 01)

A não-confirmação da hipótese com uma diferença de 28% entre o traço [+ animado] e o [-animado] no NURC 70, assim como uma mesma diferença de exatos 28% nos dados

de 2007 /08 poderá estar vinculada a questões de ordem discursivas e pragmáticas explicitadas a seguir:

As falas do NURC 70 foram coletadas a partir das elocuições formais, cujos informantes são 06 (seis) professores com formação universitária que ministraram aulas com os seguintes temas: Ecologia: atuação do homem na biosfera; Tuberculose; Geografia do Recôncavo; Região Mamária e Mediastínica; o Arquiteto e os Bens Culturais e Conhecimento do Orientando.

De forma semelhante, as falas registradas nos dados de 2007/08 foram coletadas a partir da fala de professores, com formação universitária, ministrando aulas para a comunidade de Letras, com os seguintes temas: Literatura Épica, Moderna e Contemporânea; Introdução à Sociolinguística; Condições de Produção; Estudo do Léxico; Temas dos projetos de Mestrado e Morfologia do Latim.

Observa-se que com exceção do tema “O Arquiteto e os Bens Culturais”, todos os outros, tanto do NURC quanto dos dados de 2007/08 são temas que levam a uma formação discursiva na qual o aspecto [- animado] prevalece. Portanto neste trabalho, as CTs do tipo DESuj não estão condicionadas ao traço [+ animado], o que leva a uma maior referência ao traço [-animado] o que faz deste, um dado novo no estudo dessas construções.

Acrescenta-se a esta discussão, o resultado encontrado em Orsini (2003) que no estudo sobre construções de tópico no PB encontrou maior percentual de CTs de DESuj com o traço semântico [+ animado] enquanto que em CTs de Topicalização prevaleceu o traço [-animado].

Tanto o resultado encontrado nesta pesquisa, quanto o encontrado por Orsini (2003) e outros pesquisadores ratifica a importância de se considerar também fatores de ordem discursiva e pragmática da linguagem, em contextos específicos de uso. Cabe aqui a reflexão de que o contexto de sala de aula para o nível superior poderá favorecer a ocorrência de CTs do tipo DESuj com o traço semântico [-animado], o que dá margem à investigação de outros contextos com outros discursos.

No que se refere aos co-referentes, os resultados do cruzamento com o traço semântico do tópico são descritos a seguir, com base nos dados explicitados nas tabelas 17 e 18.

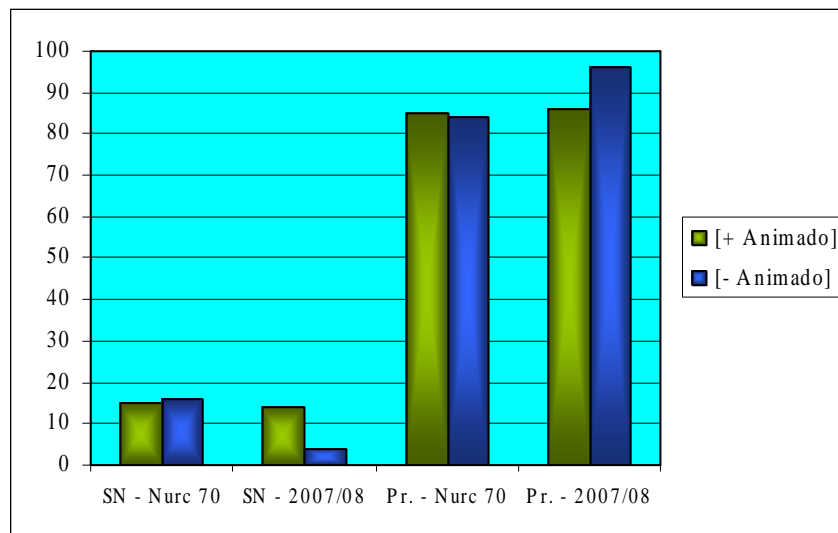
Traço semântico	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
[+ Animado]	4 / 27	15%	23 / 27	85%
[- Animado]	8 / 49	16%	41 / 49	84%

**TABELA 17:** Termo co-referente ao tópicos X Traço semântico do tópicos – NURC 70

Traço semântico	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº/T	%
[+ Animado]	5 / 37	14%	32 / 37	86%
[- Animado]	3 / 67	4%	64 / 67	96%

**TABELA 18:** Termo co-referente ao tópicos X Traço semântico do tópicos em 2007/08

**Gráfico n° 12:** Termo co-referente ao tópicos X Traço semântico do tópicos – NURC 70 e 2007/08



As CTs do tipo DESuj com o traço semântico [+ animado] exemplo tem 15% de co-referência com SN e 85% com pronome nos inquiridos do NURC 70 e 16% com SN e 84% com pronome em 2007/08. O traço semântico [+animado] por sua vez, tem 16% de co-referência com SN e 84% com pronome.

Nos dados 2007/08 a co-referência de construções com o traço semântico [+ animado] foi de 14% com nome exemplo (54) e 86% com pronome exemplo (53). A co-referência de construções com o traço semântico [-animado] é de 4% com SN e 96% com pronome.

Outra consideração importante diz respeito à verificação de que há uma queda nas co-referências com SN no traço semântico [-animado] em 2007 08 em relação ao NURC 70 e um aumento nas CTs com a co-referência realizada por pronomes.<sup>26</sup>

A análise geral destes resultados vistos no gráfico nº 12 mostra que há uma predominância de co-referência com pronome nos dois períodos, tanto em construções com o traço [+animado] quanto em construções com o traço [-animado].

#### 4.2.4 Tipos de Verbo

Esta variável analisa os tipos de verbo utilizados nas predicções da estrutura tópico – comentário das CTs do tipo DESuj. As variantes para essa variável foram o verbo transitivo, exemplo (63), o intransitivo, exemplo (65) e a cópula, exemplo (64).

Tipo de Verbo	Nº / T	%
Transitivo	35 / 76	46%
Intransitivo	22 / 76	29%
Cópula	19 / 76	25%

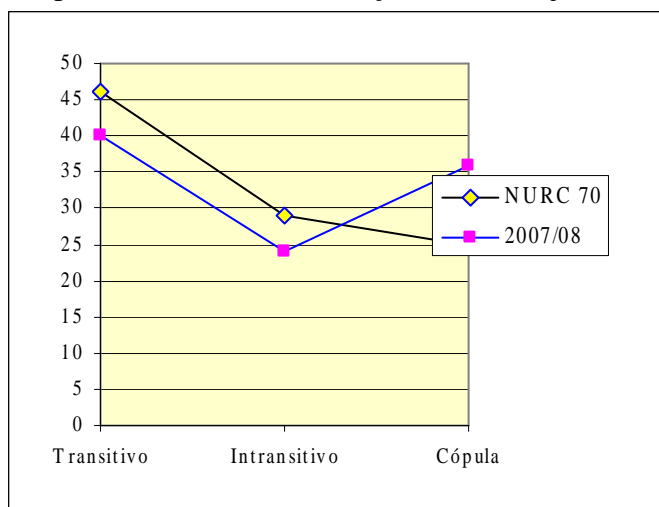
**TABELA 19:** Tipo de Verbo nas Construções de DESuj – NURC 70

Tipo de Verbo	Nº / T	%
Transitivo	42 / 104	40%
Intransitivo	25 / 104	24%
Cópula	37 / 104	36%

**TABELA 20:** Tipo de Verbo nas Construções de DESuj em 2007 / 08

<sup>26</sup> Entre os SNs estudados nas duas amostragens verificou-se uma preferência pelo SN semelhante em detrimento do idêntico em perfeito equilíbrio entre os dois traços semânticos.

**Gráfico n° 13:** Tipo de Verbo nas Construções de DESuj – NURC 70 e 2007/08



De acordo com as tabelas 19 e 20 e gráfico n° 13 nota-se que no NURC 70 o verbo transitivo tem 46% de ocorrências, o verbo intransitivo 22% e a cópula, 25%. Nos dados de 2007/08 o verbo transitivo tem 40%, o intransitivo, 24% e a cópula 36%.

O resultado encontrado permite concluir que o verbo transitivo favorece a ocorrência do tópico do tipo DESuj de acordo com a hipótese levantada.

(63) “... A PARAFINA é uma substância cancerígena, ela provoca câncer.” (NURC 70, inf.: 052)

(64) “... UMA ROCHA, ela é alterada, transformada em solo por ação desses agentes físicos...” (NURC 70, inf.: 052)

(65) “ELE... **ele** não fala.” (2007/08, inf.: 01)

A predominância da transitividade verbal é um fenômeno observado em diversos trabalhos do português brasileiro. Pérez (2006, p. 120), em trabalho recente sobre *as construções de tópico na fala culta de Salvador*, afirma que “o tipo de verbo mais usado em todas as CTs, nas duas décadas é o transitivo”. Votre (1996, p. 60) considera transparente a relação entre o verbo transitivo e a topicidade afirmando que “as orações mais transitivas estão situadas em seqüências temporais de figuras em que se verificam cadeias tópicas que dizem respeito à referentes agentes.”

No tratamento funcional a discussão sobre o relevo discursivo e grau de transitividade estão correlacionados. Neves (2001) explica que “a relevância comunicativa governa a escolha das estruturas oracionais, determinando que a “coluna dorsal” ou “linha vertical”, do

texto seja ordenada temporalmente, seja representada por orações de mais alta transitividade.” Pelo visto, as CTs de tópico do tipo DESuj são estruturas consideradas básicas na língua também por este fator.

Tipo de Verbo	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Transitivo	3 / 35	9%	32 / 35	91%
Intransitivo	4 / 22	18%	18 / 22	82%
Cópula	5 / 19	26%	14 / 19	74%

**TABELA 21:** Termo co-referente ao tópico X Tipo de Verbo – NURC 70

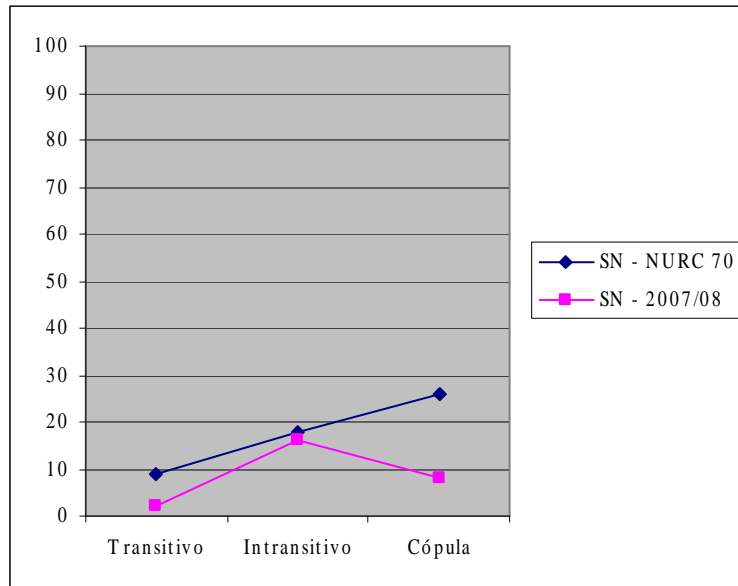
Tipo de Verbo	SN		Pronome	
	Nº / T	%	N / T	%
Transitivo	1 / 42	2%	41 / 42	98%
Intransitivo	4 / 25	16%	21 / 25	84%
Cópula	3 / 37	8%	34 / 37	92%

**TABELA 22:** Termo co-referente ao tópico X Tipo de Verbo em 2007/08

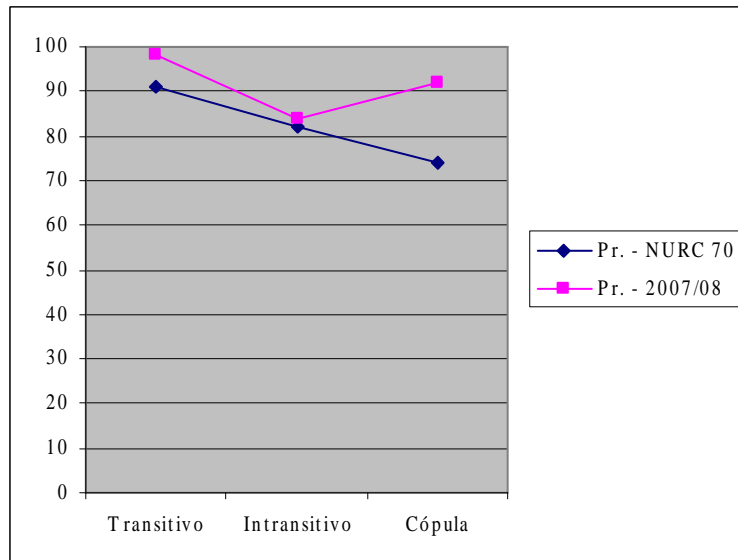
As tabelas 21 e 22 mostram o cruzamento entre o co-referente e o tipo de verbo nos períodos analisados. No NURC 70 a co-referência em construções com verbo transitivo, é de 9% com SN e 91% com pronome. Com o verbo intransitivo é de 4% com SN e 91% com pronome e a cópula é de 26% com SN e 74% com pronome.

Em 2007/08 a co-referência com verbo transitivo é de 2% com SN e 98% com pronome; com verbo intransitivo é de 16% com SN e 84% com pronome e com cópula é de 8% com SN e 92% com pronome.

**Gráfico nº 14:** Co- referentes formados por SNs X Tipo de Verbo - NURC 70 e 2007/08



**Gráfico nº 15:** Co- referentes formados por pronomes X Tipo de Verbo - NURC 70 e 2007/08.



A comparação da retomada com SNs nos dois períodos, apresentada no gráfico nº 14 mostra que não há diferença significativa em relação à retomada com SN com um destaque para a predicação realizada com a cópula que teve um maior percentual (26%) no NURC, enquanto que em 2007/08 foi de 8%.

Os resultados do cruzamento entre o tipo de verbo e os co-referentes pronominais ilustrados no gráfico nº 15 mostram a supremacia em retomadas com os três tipos de verbo, com destaque para a predicação verbal transitiva retomada por pronomes. Conclui-se nesta análise que há um maior favorecimento da co-referência com pronomes para a predicação com verbo transitivo, em construções de tópico-comentário de DESuj.

#### 4.2.5 Contexto das CTs do tipo DESuj

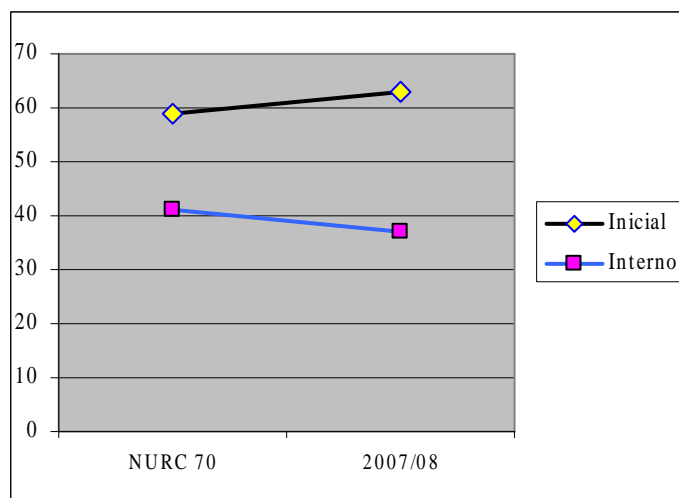
Os dados encontrados nas tabelas 23 e 24, relacionados ao contexto inicial no NURC 70 correspondem a 59% do percentual de ocorrências, enquanto que no contexto interno correspondem a 41%. Nos dados de 2007/08 os percentuais encontrados são de 63% para o contexto inicial e 37% para o contexto interno. O resultado geral dos dois períodos é apresentado no gráfico nº 16 com 62% de ocorrências no contexto inicial e 38% no contexto interno. Estes números confirmam a hipótese de que o contexto inicial favorece a ocorrência de CTs DESuj.

Tipo de Contexto	Nº / T	%
Inicial	45 / 76	59%
Interno	31 / 76	41%

**TABELA 23:** Tipo de Contexto do tópico – NURC 70

Tipo de Contexto	Nº / T	%
Inicial	66 / 104	63%
Interno	38 / 104	37%

**TABELA 24:** Tipo de Contexto do tópico em 2007 / 08

**Gráfico nº 16:** Tipo de Contexto do tópico - NURC 70 e 2007/08

De acordo com a variável estudada, o contexto inicial encontra representado no exemplo (66) e o interno, no exemplo (67). O exemplo (69) mostra que o tópico está em posição inicial em oração absoluta. Já no exemplo (68) o tópico está em posição inicial à sentença num contexto de encaixamento.

(66) “OS LINFÁTICOS EXTERNOS, **eles** vão desembocar nos vasos mamários externos.” (NURC 70, inf.: 049)

(67) “Tem to... então, A PALAVRA AQUI, **ela** dialoga muito com a nossa época.” (2007/08, inf.: 01)

(68) “OS DESERTOS QUE FORAM CAUSADOS... eh... por atuação do homem, **eles** poderão no futuro, vir a ser uma área fértil...” (NURC 70, inf.: 052)

(69) “A OUTRA PESSOA, na minha cabeça, **a outra pessoa** não vai entender. Aí eu vou... é terrível.” (2007/08, inf.: 04)

Um dado que desperta a atenção é que a diferença do número de ocorrência entre o contexto inicial e interno no NURC 70 foi de 18% e em 2007/08 essa diferença foi de 26%. Esse aumento em relação ao NURC reforça o favorecimento do contexto inicial em estruturas formadas por tópico-comentário. Por outro lado, a sua ocorrência, ainda que em menor número, no contexto interno, vem ratificar a livre ocorrência desse tipo de tópico em contextos distintos. Silva (2004) tece considerações acerca do contexto e numa abordagem sobre o deslocamento do SN para o início da frase, discorre sobre as possibilidades de analisá-

lo a partir de diferentes ângulos e que ao estudar questões conceituais deve se levar em conta questões discursivas.

A posição inicial na sentença é para Li e Thompson (1976) um traço de reconhecimento do tópico que o diferencia do sujeito. Essa postura permite diferenciar o sujeito do tópico, que segundo os autores, o primeiro é mais ligado à orientação sentencial, não necessitando de prioridade no processo de sinalização. Essa posição ocupada pelo tópico, em geral sinaliza a função discursiva própria das línguas com proeminência de tópico ou com orientação para tal.

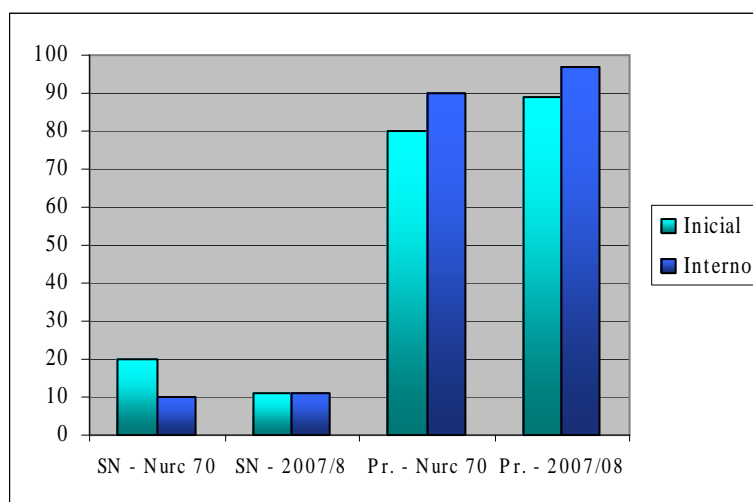
Tipo de Contexto	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Inicial	9 / 45	20%	36 / 45	80%
Interno	3 / 31	10%	28 / 31	90%

**TABELA 25:** Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico – NURC 70

Tipo de Contexto	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Inicial	7 / 66	11%	59 / 66	89%
Interno	1 / 38	3%	37 / 38	97%

**TABELA 26:** Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico em 2007/ 08

**Gráfico n° 17:** Termo co-referente ao tópico X Tipo de Contexto do tópico - NURC 70 e 2007/08



As tabelas 25 e 26 mostram o cruzamento do tipo de co-referente formado por SN exemplo (61) e pronome, exemplo (59) no contexto inicial e no interno no NURC 70 e em 2007/08. O contexto inicial tem 20% de realização com SN e 89% de realização com pronome e o contexto interno tem 10% de realização com SN e 28% com pronome, no NURC 70. Quanto aos dados 2007/08 a realização da co-referência é de 11% de realização com SN e 89% com pronome no contexto inicial, enquanto que no interno é de 3% com SN e 97% com pronome.

A observação do gráfico nº 17 mostra a realização das construções de tópico no contexto inicial tem um resultado bem aproximado, porém com uma pequena diminuição em 2007/08, em relação à retomada com SN. Já na realização com pronome em 2007/08 tem um aumento em sua quantidade, que passou de 36, (80%) (NURC) a 59 ocorrências, (89%) no contexto inicial passou de 28 (90%) a 37 (97%). Isso mostra que o pronome, nesta pesquisa, vem paulatinamente, ocupando uma posição de destaque em ocorrências das CTs do tipo DESuj nos contextos inicial e interno, com perfeito equilíbrio.

#### 4.2.6 Tipo de Sentença

As tabelas 27 e 28 mostram os resultados da análise do tipo da sentença em que o tópico ocorre dentre os dados computados. As variantes escolhidas para essa variável são a sentença afirmativa, exemplos (70), (71) e (74), a sentença negativa, exemplos (72), (73), (74) e (76) e a sentença interrogativa, exemplo (77). Há 93% de sentenças afirmativas, 4% de sentenças negativas e 3% de sentenças interrogativas no NURC 70, ao passo que nos dados de 2007/08 há 85% de sentenças afirmativas, 13% de sentenças negativas e 2% de sentenças interrogativas.

No NURC 70 a diferença entre sentenças afirmativas e negativas é de 89% e entre sentenças afirmativas e interrogativas é de 90%. Em 2007/08 a diferença diminuiu um pouco para 82% entre afirmativas e negativas e 83% entre afirmativas e interrogativas. Ao se comparar o resultado do NURC 70 com os dados 2007/08 no gráfico nº 18 nota-se um equilíbrio entre as ocorrências destas sentenças em construções de tópico com uma pequena diminuição das sentenças afirmativas e um aumento de 9% em sentenças negativas.

(70) “... O BISONTE, **ele** era abundante na América do Norte.” (NURC 70, inf.: 052)

(71) “O ÚNICO EXAME DE CERTEZA, ou **único diagnóstico de certeza** é o diagnóstico laboratorial...” (NURC 70, inf.: 046)

(72) “AQUELAS CRIANÇAS QUE AINDA AMAMENTAM... são amamentadas, ou que tomam leite materno, **elas** não tomam o BCG...” (NURC 70, inf.: 026)

(73) “O CHUMBO, **ele** não é absorvido e nem é...” (NURC 70, inf.: 052)

(74) “... A SOCIEDADE, **ela** não...eu falo isso aqui simbolicamente...” (2007/08, inf.: 01)

(75) “O EÇA DE QUEIROZ, **ele** escreve o livro no século dezenove.” (2007/08, inf.: 01)

(76) “... mas O ALUNO, **ele** não vai ocupar uma, um elemento...” (2007/08, inf.: 03)

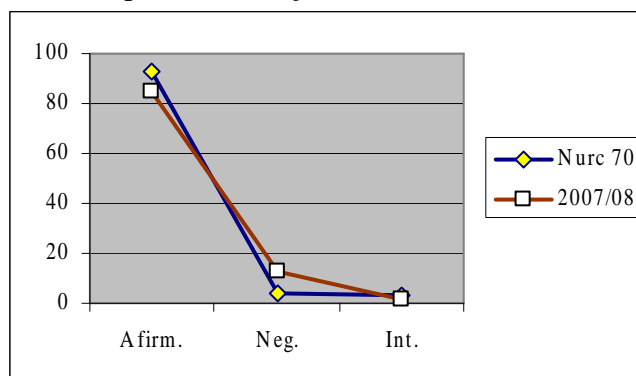
(77) “Agora, ESSAS DUAS BASES, **elas** podem se aglutinar ou só estar justaposta, né?” (2007/08, inf.: 03)

Tipo de Sentença	Nº / T	%
Afirmativa	71 / 76	93%
Negativa	3 / 76	4%
Interrogativa	2/76	3%

**TABELA 27:** Tipo de Sentença – NURC 70

Tipo de Sentença	Nº / T	%
Afirmativa	89 /104	85%
Negativa	13 /104	13%
Interrogativa	13/104	2%

**TABELA 28:** Tipo de Sentença em 2007/08

**Gráfico n° 18:** Tipo de Sentença – NURC 70 e em 2007/08

Li e Thompson (1976) consideram as sentenças de tópicos como não derivadas de outras transformações, constituindo-se assim em sentenças básicas. Eles apresentam argumentos baseados em sentenças de “duplos sujeitos”, consideradas anacolutos por outros autores, afirmando que não é possível derivá-las de outras.

Outro argumento bastante forte é o da distribuição na língua: as construções de tópicos podem ocorrer em orações afirmativas, negativas e até mesmo em sentenças encaixadas. Deste modo, a hipótese de que o tipo de sentença utilizada com maior regularidade nas construções estudadas é o afirmativo foi confirmada. Ademais, Pontes (1987) exemplifica as sentenças básicas da língua como sentenças com as características de serem simples declarativas afirmativas.

Tipo de Sentença	SN		Pronome	
	N° / T	%	N° / T	%
Afirmativa	12 / 71	16%	59 / 71	84%
Negativa	0 / 2	0%	2 / 2	100%
Interrogativa	0 / 3	0%	3 / 3	100%

**TABELA 29:** Termo co-referente ao tópicos X Tipo de Sentença do tópicos – NURC 70

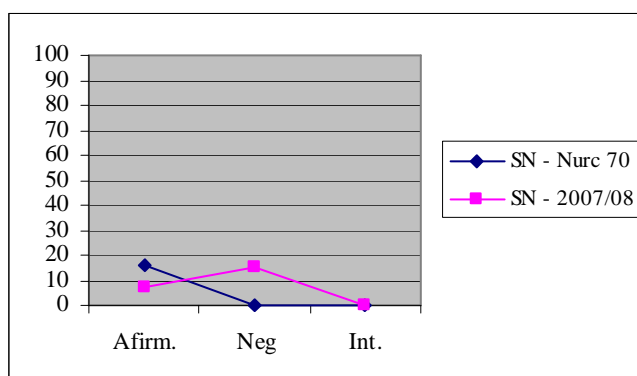
Tipo de Sentença	SN		Pronome	
	N° / T	%	N° / T	%
Afirmativa	6 / 89	7%	85 / 89	93%
Negativa	2 / 13	15%	11 / 13	85%
Interrogativa	0 / 2	0%	2 / 2	100%

**TABELA 30:** Termo co-referente ao tópicos X Tipo de Sentença do tópicos nos dados de 2007/08

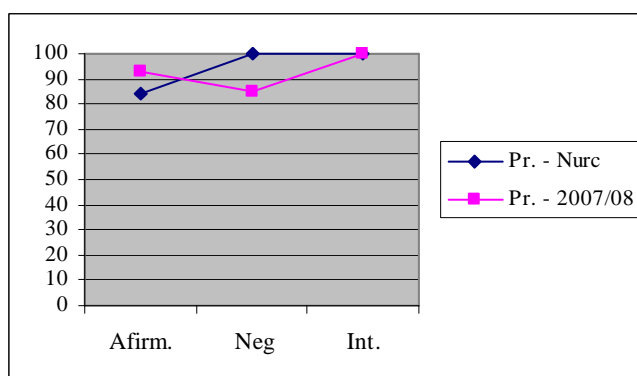
As tabelas 29 e 30 mostram o cruzamento entre o termo co-referente e o tipo de sentença do tópico. Os exemplos (71) e (72) trazem a retomada da estrutura sintática do tópico com SN e os exemplos (73) a (77) trazem a retomada com pronome.

No NURC 70 a co-referência com SN é de 16% e com pronome 84% em sentenças afirmativas. Em sentenças negativas não há co-referência com SN e com pronome é de 100%. Nas sentenças interrogativas também não há co-referência com SN e há 100% com pronome. Em 2007/08 as sentenças afirmativas têm 7% de co-referência com SN e 93% de co-referência com pronome. As sentenças negativas têm 15% com SN e 85% com pronome. As sentenças interrogativas têm co-referência de 100% apenas com pronome.

**Gráfico nº 19:** Co- referentes formados por SNs X Tipo de Sentença - NURC 70 e 2007/08



**Gráfico nº 20:** Co- referentes formados por pronomes X Tipo de Sentença - NURC 70 e 2007/08



A análise comparativa efetuada nos gráficos nº 19 e 20 evidencia o pequeno número de retomadas por SN tanto no NURC quanto em 2007/08 e a maioria de retomada com pronomes em todas as sentenças.

A partir da análise desses resultados constata-se que o número maior de co-referência é realizado com pronomes em detrimento do SN, independentemente do tipo de sentença.

### 4.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

A escolha das variáveis sociais neste trabalho, recaiu sobre a faixa-etária ou idade e o gênero /sexo dos informantes selecionados para amostragem por entender que são os mais relevantes para o estudo das CTs do tipo DESuj de acordo com a comunidade investigada. O estudo da faixa etária divide-se em três: a faixa 1 com idade de 25 a 35 anos<sup>27</sup>, a faixa 2, de 36 a 55 anos e a faixa 3 com mais de 55 anos. A variável gênero /sexo divide-se em duas variantes: masculino e feminino.

Segundo Paiva; Duarte (2004, p. 179) a forma de resolver conflitos relacionados a índices conclusivos de mudança em progresso na língua, "...é pela conjugação das evidências obtidas através do estudo da mudança no tempo aparente com as evidências obtidas pelo tempo real." Portanto, através da análise comparativa da idade dos informantes, nos dois períodos estudados, correspondentes ao estudo do tempo aparente e do tempo real e estudo de tendência é possível depreender se existe, de fato uma mudança em progresso na língua em relação a este objeto de estudo. A utilização de um fenômeno lingüístico por falantes mais jovens, por si só não é pré-requisito para afirmar que houve mudança.

#### 4.3.1 Faixas etárias

As tabelas 31 e 32 correspondem à primeira variável social analisada neste trabalho, representadas através do gráfico nº 21. Conforme foi explicitado no envelope da variação, a hipótese para esse grupo é que as construções de tópico DESuj aparecem com maior frequência na faixa etária de 25 a 35 anos. Pelo que se pode notar, a hipótese foi confirmada com a seguinte distribuição entre as sincronias:

---

<sup>27</sup> É importante observar que devido à grande dificuldade em encontrar professores do Curso de Letras da primeira faixa etária, foi necessário gravar uma elocução com um professor de 36 anos para completar o número necessário para a amostragem.

No NURC 70 a faixa 1 tem 53% de ocorrências, a faixa 2, 35% e a faixa 3 12%. Em 2007/08 a faixa 1 tem 46% a faixa 2, 24% e a faixa 3, 30%.

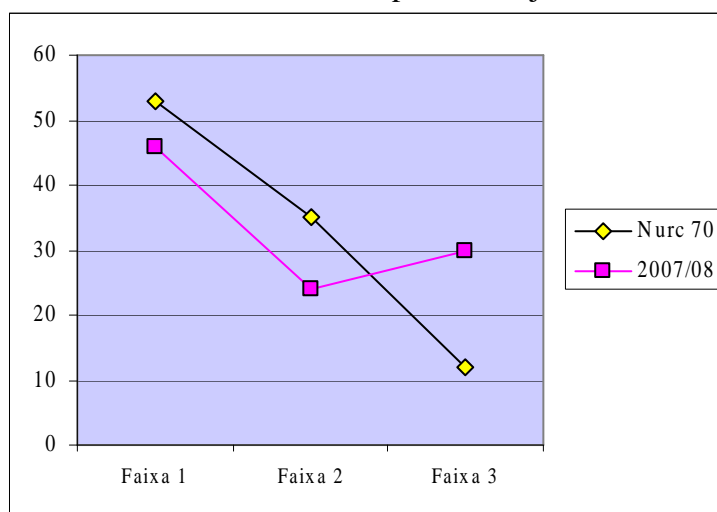
Faixa Etária	Nº / T	%
Faixa 1	40 / 76	53%
Faixa 2	27 / 76	35%
Faixa 3	9 / 76	12%

**TABELA 31:** Faixa etária e uso do tópico DESuj - NURC 70

Faixa Etária	Nº / T	%
Faixa 1	48 / 104	46%
Faixa 2	25 / 104	24%
Faixa 3	31 / 104	30%

**TABELA 32:** Faixa etária e uso do tópico DESuj em 2007/08

**Gráfico nº 21:** Faixa etária e uso do tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08



Esses resultados demonstram, a princípio, uma possibilidade de mudança em relação à ocorrência do tópico DESuj, cujo maior número de ocorrências foi na faixa etária 1 nos dois

períodos estudados que pôde ser observada no gráfico nº 21. Paiva e Duarte (2006, p. 139) no posfácio para difusão da obra de Weinreich, Labov e Herzog dizem:

Na proposta de WLH, a mudança é entendida como uma conseqüência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais. No terceiro postulado colocado no texto, os autores insistem que “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”. Podemos dizer, retomando os termos de Chambers, que “a mudança é um tipo de variação lingüística com propriedades sociais particulares (1995, p. 349).”

É necessário, entretanto, refletir, de acordo o que já foi exposto, que a mudança não é mecânica, nem tampouco regular num curto espaço de tempo, podendo coexistir formas em diferentes estágios de evolução. Normalmente os falantes idosos e / ou adultos tendem a preservar formas mais antigas. Segundo Naro (2004, p. 45) “a fala de uma pessoa de 60 anos representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto uma pessoa de 40 anos hoje revela a língua de há apenas vinte e cinco anos.” Entretanto, considera-se prudente uma análise mais detalhada desses resultados, a fim de melhores esclarecimentos sobre o estágio no qual se encontra o tópico DESuj.

O estudo dos resultados evidenciados nas tabelas, de forma mais criteriosa dá a perceber que enquanto as faixas do NURC 70 apresentam uma regularidade quanto ao percentual de ocorrências, ou seja, um maior percentual na faixa 1, 53% e um menor percentual na faixa 3, 12% e um percentual intermediário na faixa 2, 27%, em 2007/08 o mesmo não acontece. Ocorre que a faixa 1 tem um maior número de ocorrências, mas a faixa 2 tem um percentual de 24% de ocorrências e a 3, 30%. Nesse caso, a faixa 3 supera a faixa 2 em relação ao percentual.

Duarte (1995) no capítulo da sua tese de Doutorado denominado “*O Duplo Sujeito*”<sup>28</sup> verificou um significativo implemento desse tipo de construção pelo grupo dos mais jovens em freqüência e em variedade.

O cruzamento entre os co-referentes e as faixas etárias apresenta os seguintes resultados (tabelas 33 e 34), distribuídos nos gráficos nº 22 e 23.

No NURC 70 o cruzamento da faixa 1 cujo co-referente é formado por SN tem 20% de ocorrência e por pronome, 80%. A faixa 2 tem 11% de ocorrência com SN e 89% com pronome e a faixa 3 tem 11% com SN e 89% com pronome.

---

<sup>28</sup> Termo utilizado para o que é considerado DESuj neste trabalho.

Em 2007/08 o cruzamento com SN na faixa 1 tem 6% de ocorrência e 94% com pronome. A faixa 2 tem 8% de ocorrência com SN e 92% com pronome e a faixa 3, 10% com SN e 90% com pronome.

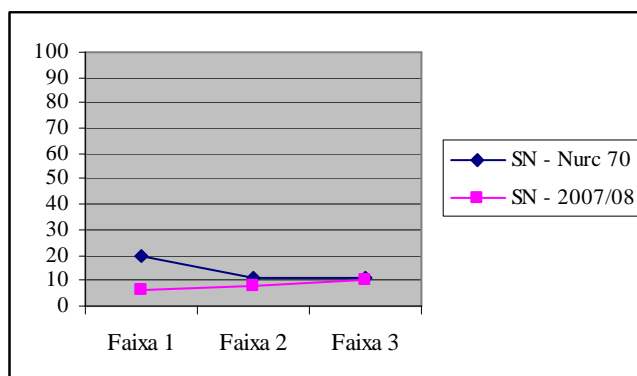
Faixa etária	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Faixa 1	8 / 40	20%	32 / 40	80%
Faixa 2	3 / 27	11%	24 / 27	89%
Faixa 3	1 / 9	11%	8 / 9	89%

**TABELA 33:** Termo co-referente ao tópico X Faixa etária - NURC 70

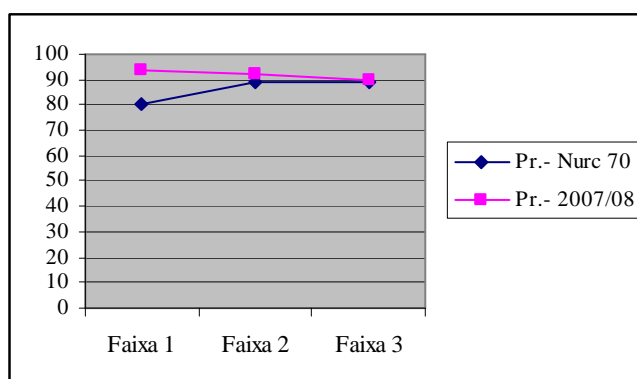
Faixa Etária	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Faixa 1	3 / 48	6%	45 / 48	94%
Faixa 2	2 / 25	8%	23 / 25	92%
Faixa 3	3 / 31	10%	28 / 31	90%

**TABELA 34:** Termo co-referente ao tópico X Faixa etária em 2007/08

**Gráfico nº 22:** Co-referentes formados por SNs X Faixa etária - NURC 70 e 2007/08.



**Gráfico nº 23:** Co- referentes formados por pronomes X Faixa etária- NURC 70 e 2007/08.



Numa análise mais detalhada mostrada no gráfico nº 23 observa-se que a recorrência com pronomes é maioria em todas as faixas, com destaque para a faixa 1 em 2007/08, cuja ocorrência foi de 94%. A co-referência com SNs, demonstrada no gráfico nº 22, ocupa a segunda posição. É importante registrar um equilíbrio observado na recorrência com pronome em ambas as sincronias estudadas.

#### 4.3.2 Gênero / sexo

A tabelas 35 e 36 e o gráfico nº 24 correspondem à segunda variável social analisada neste trabalho, demonstrando o resultado das ocorrências das construções de tópico de acordo com os gêneros masculino e feminino. Conforme foi explicitado no envelope da variação, a hipótese para esse grupo é que o gênero feminino utiliza construções de tópico DESuj com maior regularidade.

No NURC 70, para este grupo de fatores, foi encontrado um total de 55% de ocorrências no gênero masculino e 45% no gênero feminino. Em 2007/08 o resultado é de 46% de ocorrências no gênero masculino e 54% de ocorrência no gênero feminino.

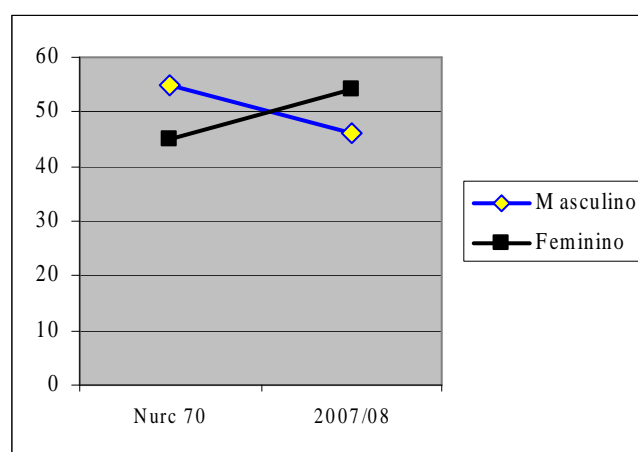
Gênero	Nº / T	%
Masculino	42 / 76	55%
Feminino	34 / 76	45%

**TABELA 35:** Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70

Gênero	Nº / T	%
Masculino	48 / 104	46%
Feminino	56 / 104	54%

**TABELA 36:** Sexo / Gênero e tópico DESuj – 2007/08

**Gráfico nº 24:** Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70 e 2007 /08



Como se pode observar, o resultado desta variável mostra-se muito curioso, visto que no NURC 70 houve um maior número de ocorrências no gênero masculino, com uma diferença de 10%. Já em 2007/08 esse quadro é alterado, pois, desta vez o maior número de ocorrências fica com o gênero feminino. Por incrível que pareça, juntando as duas sincronias tem-se um empate em número de ocorrências. Isso quer dizer que em 1970 o homem estava na dianteira do processo, mas no momento as mulheres é que estão usando CTs do tipo DESuj com maior frequência.

Esse resultado reflete uma ampla discussão no âmbito lingüístico sobre a influência dessa variável em análises de trabalhos sociolingüísticos. Em Paiva (2004, p. 39) encontra-se uma explicação sobre a motivação da postura feminina:

A maior consciência feminina ao *status* social das formas lingüísticas pode ser atribuída também ao maior ao menor formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social.

É interessante ressaltar que, por se constituírem em tópico marcado, as ocorrências de tópico DESuj se diferenciam das ocorrências do tipo SVO (sujeito – verbo – objeto), classificadas por muitos gramáticos e até por lingüistas como a ordem canônica na língua portuguesa. Daí, é perfeitamente possível que as mulheres tenham sido mais moderadas no uso dessas construções de tópico na amostra da década de 70. Entretanto, o que é visto como “erro” hoje poderá se transformar em algo legítimo amanhã. Com as construções de tópico não poderia ser diferente. Hoje, observa-se o uso concreto dessas construções em diversos espaços e contextos, desmistificando a idéia de que é uma construção truncada e ininteligível.

Ao analisar a postura da mulher no passado em relação a sua atuação na sociedade, pode-se dizer sem receio que hoje a mulher ocupa vários espaços que eram próprios do gênero / sexo masculino. Essa interação acabou modificando o perfil das mulheres como “ donas de casa” fazendo com que assuma outros papéis e conseqüentemente essa mudança acaba refletida na linguagem. Entretanto, para uma abordagem mais consistente sobre essa variável é necessário levar em conta a função social do grupo estudado para que não haja uma relativização.

As tabelas 37 e 38 mostram o cruzamento dos termos co-referentes com o Sexo / gênero com os seguintes resultados: No NURC 70 o gênero masculino teve 10% de recorrência com nome e 90% de recorrência com pronome. O gênero feminino tem 24% de recorrência com nome e 76% de recorrência com pronome.

Em 2007/08 registrou-se 15% de recorrência com SN e 85% de recorrência com pronome no gênero masculino. No gênero feminino o resultado é de 2% com SN e 98% com pronome.

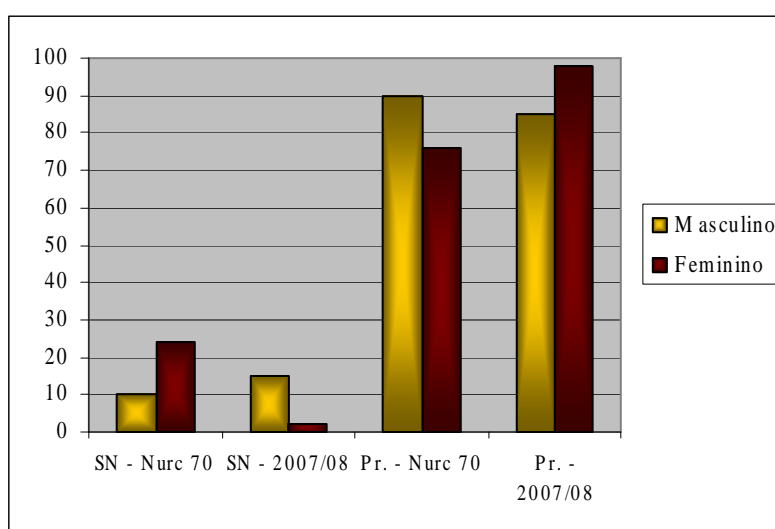
Gênero	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Masculino	4 / 42	10%	38 / 42	90%
Feminino	8 / 34	24%	26 / 34	76%

**TABELA 37:** Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70

Gênero	SN		Pronome	
	Nº / T	%	Nº / T	%
Masculino	7 / 48	15%	41 / 48	85%
Feminino	1 / 56	2%	55 / 56	98%

**TABELA 38:** Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – 2007 / 08

**Gráfico nº 25:** Termo co-referente ao tópico DESuj X Sexo / Gênero e tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08



De acordo com a análise destes resultados, no gráfico nº 25 é visível a preferência pela co-referência realizada por pronome tanto para o gênero masculino quanto para o gênero feminino, com algumas particularidades. No NURC 70 a preferência pelo SN como co-referente ficou com o gênero feminino, que teve uma diferença de 14% em relação às ocorrências masculinas. Em 2007/08 essa diferença é modificada, diminuindo a preferência do gênero feminino por SN com diferença de 13% em relação ao masculino e o aumento da frequência em CTs com retomada por pronomes, com uma vantagem de 22% em relação à preferência masculina.

#### 4.3.2.1 Faixa etária e gênero

A tabela 39 e 40 e o gráfico 26 trazem uma visão mais ampla sobre o tema em pauta, com o cruzamento entre a faixa etária e o gênero na realização do tópico do tipo DESuj. A observação da tabela 39 que reúne os dados do NURC 70 mostra que: Na faixa 1, gênero

masculino, o percentual é de 38% de ocorrências e o gênero feminino 14%. Na faixa 2, gênero masculino, o percentual é de 16% e o feminino 20%. Na faixa 3 o percentual para o gênero masculino é de 1% e o feminino 11%.

Na tabela 40, os dados de 2007/08 mostram que: Na faixa etária 1, gênero masculino o percentual é de 23% e no feminino 23%. Na faixa 2, gênero masculino, é de 7% e no feminino 17% e na faixa 3, o gênero masculino é de 16% e o feminino 13%.

O confronto entre os resultados do NURC 70 e de 2007/08 apresentado no gráfico nº 26 mostra que: no NURC 70 a faixa 1 do gênero masculino tem um maior número de ocorrências enquanto que em 2007/08 há empate entre os dois gêneros nesta faixa; na faixa 2 o gênero masculino tem maior número de ocorrências no NURC e em 2007/08; na faixa 3 há menor número de ocorrências no gênero masculino do NURC e em 2007/08 acontece o inverso. O maior número de ocorrências é no gênero masculino.

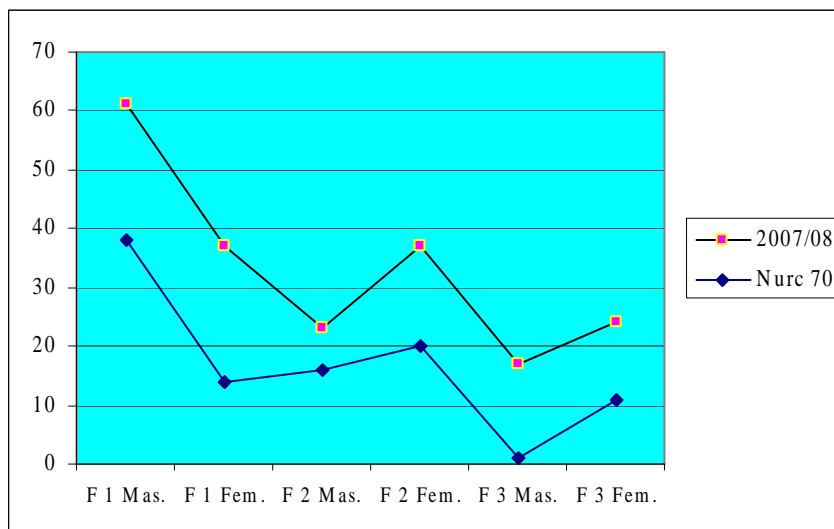
Faixa Etária	Gênero	Nº	T	%
F 1	Mas.	29	76	38
F 1	Fem.	11	76	14
F 2	Mas.	12	76	16
F 2	Fem.	15	76	20
F 3	Mas.	1	76	1
F 3	Fem.	8	76	11

**TABELA 39:** Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – NURC 70

Faixa Etária	Gênero	Nº	T	%
F 1	Mas.	24	104	23
F 1	Fem.	24	104	23
F 2	Mas.	7	104	7
F 2	Fem.	18	104	17
F 3	Mas.	17	104	16
F 3	Fem.	14	104	13

**TABELA 40:** Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – 2007/08

**Gráfico n° 26:** Cruzamento entre Gênero e Faixa etária na realização do tópico DESuj – NURC 70 e 2007/08



Na somatória dos dois períodos há um empate de 90% de ocorrências no gênero masculino e 90% no gênero feminino, sendo que nos dados de 2007/08 o gênero feminino tem percentual de 56% e o masculino, 48%.

As tabelas 41 e 42 trazem o resultado do cruzamento entre o termo co-referente ao tópico, o sexo / gênero e a faixa etária dos informantes analisados. Essas tabelas permitem visualizar cada faixa separadamente, com a distinção percentual das ocorrências de tópico entre homens e mulheres e os co-referentes utilizados.

FE	Gênero	SN		Pronome	
		N° / T	%	N° / T	%
F 1	Mas.	1 / 29	3%	28 / 29	97%
F 1	Fem.	7 / 11	64%	4 / 11	36%
F 2	Mas.	2 / 12	17%	10 / 12	83%
F 2	Fem.	1 / 15	7%	14 / 15	93%
F 3	Mas.	1 / 1	100%	0 / 1	0%
F 3	Fem.	0 / 8	0%	8 / 8	100%

**TABELA 41:** Cruzamento entre Gênero e Faixa etária e termo co-referente na realização do tópico DESuj – NURC 70

FE	Gênero	SN		Pronome	
		Nº / T	%	Nº / T	%
F 1	Mas.	3 / 24	13%	21 / 24	88%
F 1	Fem.	0 / 24	0%	24 / 24	100%
F 2	Mas.	1 / 7	14%	6 / 7	86%
F 2	Fem.	1 / 18	6%	17 / 18	94%
F 3	Mas.	3 / 17	18%	14 / 17	82%
F 3	Fem.	0 / 14	0%	14 / 14	100%

**TABELA 42:** Cruzamento entre Gênero, Faixa etária e termo co-referente na realização do tópico DESuj – 2007/08

Os resultados desses cruzamentos apontam a preferência pela retomada com pronome pelos gêneros masculino e feminino, tanto em 70 quanto em 2007/08, porém com um maior número de retomadas pelo gênero masculino. Em 2007/08 a maior parte das retomadas com pronomes pertencem ao gênero feminino com 55%.

Em contrapartida observa-se um decréscimo em relação às retomadas com SN pelo gênero feminino, de 8% em 70 para 1% em 2007/08 e um pequeno aumento na retomada com por SN pelo gênero masculino que de 4% em 70, passou a 7% em 2007/08.

Este resultado mostra, portanto, que em determinados contextos, a mulher nem sempre assume uma atitude conservadora podendo muitas vezes estar na liderança do processo de mudança lingüística. Esta análise do tempo real permite afirmar que o gênero feminino está na liderança das ocorrências das CTs do tipo DESuj com retomada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tem como principal objetivo, o estudo das Construções de tópico do tipo Deslocamento à esquerda de sujeito na fala culta de Salvador, sendo compreendida como uma construção marcada que possui um sintagma externo à sentença e a presença de um pronome cópia ou SN no comentário que retoma o sujeito topicalizado.

A investigação de um fenômeno desse tipo mostra-se tão interessante quanto complexo, por levar em conta diversos aspectos como o morfossintático, semântico, discursivo e pragmático, assim como a sua realização em contextos específicos de uso. Outras pesquisas existentes sobre o tema ainda não esgotaram as possibilidades de análise, até porque este trabalho se constitui numa abordagem exclusiva, logo inédita sobre o objeto específico das Construções de tópico do tipo DESuj em contexto formal. Sua investigação leva em conta o desejo de trazer à tona algo inerente à linguagem, apesar de ser ignorado em manuais tradicionais que prescrevem a “norma correta” do bem falar e ignoram fenômenos deste tipo que fazem parte do cotidiano lingüístico oral de muitos falantes.

O estudo aqui desenvolvido está baseado em uma sustentação teórico-metodológica centrada na Sociolingüística Variacionista e no Funcionalismo aliado à Pragmática. Seus *corpora* foram constituídos por 12 inquéritos, dos quais 06 são do Projeto NURC de 1970 e 06 são dos dados gravados em 2007/08. Estes falantes estão inseridos na comunidade acadêmica como professores e professoras, todos com formação universitária, cuja fala foi coletada em situação considerada formal pelo NURC. Esta análise privilegia a variável dependente formada pelos co-referentes ao tópico do tipo DESuj e as variáveis lingüísticas utilizadas foram: Estrutura da Construção de Tópico, Presença ou Ausência de Elementos Intervenientes, Traço Semântico do Tópico, Tipos de Verbo, Contexto em que ocorre o Tópico e Tipo de Sentença. As variáveis sociais que foram estudadas, compreendem a faixa etária e o gênero masculino e feminino. As hipóteses levantadas na introdução dizem respeito aos condicionamentos lingüísticos, sociais e discursivos que influenciam as ocorrências das CTs do tipo DESuj.

A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa é possível concluir que:

1. As CTs de tópico do tipo DESuj podem ser retomadas com pronomes pessoais retos de 1ª pessoa do singular, e do plural, 3ª pessoa do singular e do plural, pronome demonstrativo, pronome indefinido e SNs semelhantes e idênticos.

2. A análise comparativa realizada por meio do estudo de tendência dos resultados do NURC 70 e de 2007/08 mostrou um crescimento de 19% na retomada com o pronome pessoal

reto na 3ª pessoa do singular, uma diminuição de 9% na retomada com o pronome na 3ª pessoa do plural, uma estabilidade em relação às ocorrências com outros pronomes, assim como um empate entre os SNs semelhantes e idênticos das duas sincronias.

3. Estes resultados confirmam a hipótese arrolada e mostram uma modificação na retomada dessas construções por pronomes pessoais retos, diferentemente do estudo diacrônico realizado por Decat (1989) a partir de dados dos séculos XVIII, XIX e 1ª metade do século XX, em que os pronomes indefinidos, demonstrativos e numerais eram os responsáveis pela co-referência deste tipo de tópico.

4. Outro fator interessante em relação à retomada, foi a verificação do uso do “a gente” substituindo a 1ª pessoa do plural, verificado também em Duarte (1995).

5. Foram encontradas também, ocorrências de SNs indefinidos, contrariando uma das características propostas por Li; Thompson (1976) de que o tópico é sempre definido.

6. Quanto à estrutura sintática da construção de tópico que corresponde à primeira variável independente, a soma do resultado mostra a supremacia da estrutura formada por SN lexical com 143 (79%) do total de ocorrências, seguida por 28 (16%) ocorrências com SN pronominal e 09 (5%) ocorrências com SN complexo. Este resultado corrobora com a afirmação verificada em Pontes (1987) sobre CTs de tópico do tipo DESuj que ocorrem mais comumente com estrutura formada por SN lexical, retomada pelo pronome cópia na 3ª pessoa do singular o que tem relação com o enfraquecimento da flexão verbal, já discutido que faz com que o falante tenha a necessidade de deixar claro o referente a que ele se refere.

7. É necessário abordar a não-restrição de ocorrência em outros ambientes sintáticos, o que vem ao encontro de pesquisas realizadas por diversos lingüistas, dentre eles Duarte (1995), Tarallo (1993) que discutem e analisam as mudanças verificadas no português brasileiro que estão relacionadas à tendência ao preenchimento do sujeito, tornando o PB diferente do PE.

8. O resultado da variável Presença ou Ausência de Elemento interveniente revelou um percentual de 42% de ocorrência com presença de elemento interveniente e de 58% de ausência. A hipótese de que a presença seria encontrada em maior quantidade não foi confirmada.

Verificou-se ainda em relação a esta variável, que há uma regularidade quanto à retomada com pronomes em ambas variantes. Uma possível explicação para estes fatos está relacionada à consideração de que a presença de elemento interveniente não se constitui em favorecimento para que haja um pronome co-referencial, o que enfatiza a tendência ao preenchimento do sujeito no PB.

9. No estudo da variável Traço semântico do tópico foram consideradas as variantes [+ animado] e [- animado]. Mais uma vez a hipótese de que o traço predominante nas CTs do tipo DESuj seria o [+ animado] não procedeu, sendo que foram encontradas 64 (36%) ocorrências com traço [+ animado] e 116 (64%) ocorrências com o traço [- animado]. Atribui-se este resultado, a questões de ordem discursivas e pragmáticas, a saber: tantos os inquéritos do NURC 70, quanto os dados de 2007/08 foram gravados a partir de aulas ministradas por professores universitários<sup>29</sup>, em sua maioria, a alunos pertencentes a esse mesmo contexto, com temas voltados, quase na sua totalidade, para a formação discursiva com prevalência de referentes [-animados].<sup>30</sup> Considera-se que este fato favoreceu o maior número de ocorrências com o traço [- animado]. Este dado reitera a importância da consideração de fatores de ordem discursiva e pragmática em relação ao uso concreto da linguagem.

10. Através da observação e análise dos tipos de verbo verificou-se a confirmação da hipótese de que o transitivo favorece as ocorrências de CTs do tipo DESuj, com um resultado de 77(43%) ocorrências com verbo transitivo, 56 (31%) ocorrências com cópula e 47 (26%) com verbo intransitivo.

Este resultado está em consonância com outras pesquisas sobre CTs como o de Pérez (2006) realizado em Salvador, em que afirma que o transitivo é o verbo mais utilizado em todas as CTs. Votre (1996) diz que as orações mais transitivas dizem respeito a referentes agentes. Como as CTs de tópico do tipo DESuj referem-se em sua expressiva maioria a referentes agentes, considera-se bastante apropriado o uso do verbo transitivo na constituição da sua predicação verbal.

11. A fim de verificar a afirmação de Li e Thompson (1976) de que a posição inicial na sentença é um traço que diferencia o tópico do sujeito, essa variável possui como variantes, o contexto inicial e o interno, cuja posição inicial sinaliza a função discursiva, constituindo-se assim a sua maior possibilidade de ocorrência, como hipótese para este grupo.

Com um total de 111 ocorrências (62%) de CTs foi comprovado neste trabalho que o contexto inicial favorece a realização de DESuj. Discute-se ainda a sua livre ocorrência também no contexto interno, inclusive em contextos encaixados, fazendo com que essa restrição explicitada por Li e Thompson (1976) não seja ratificada por esta pesquisa sobre as CTs na fala culta de Salvador, intimamente relacionada a um fenômeno do PB.

---

<sup>29</sup> Nos inquéritos do NURC apenas 01 professor não ministra aulas para a Universidade. As elocuições formais 2007/08 foram gravadas na UNEB e UFBA apenas com professores universitários ministrando aulas para o curso de Letras.

<sup>30</sup> Há apenas 01 elocução cujo referente é [+ animado].

12. A variável que diz respeito ao tipo de sentença do tópico do tipo DESuj foi investigada a partir de três variantes: a afirmativa, a negativa e a interrogativa. Nas duas sincronias estudadas a sentença afirmativa obteve maior percentual, totalizando 160 (90%) ocorrências, seguida da sentença negativa com 15 (8%) ocorrências e da interrogativa com 05 (2%) ocorrências.

Este resultado tanto confirma a característica correspondente às sentenças de tópico apontadas por Li e Thompson (1976) quanto reitera a afirmação de Pontes (1987) sobre a abundância de ocorrências de sentenças simples declarativas afirmativas, confirmando a hipótese para este grupo.

13. O cruzamento sobre a co-referência e o tipo de sentença do tópico no NURC 70 e em 2007/08 constatou a preferência pela retomada com pronome em todos os tipos de sentenças estudadas.

14. No estudo das variáveis sociais foram observadas 3 faixas etárias dos informantes selecionados. A faixa etária está subdividida em 03 variantes: A faixa 01 (de 25 a 35 anos), a faixa 02 (de 36 a 55 anos) e a faixa 03 (mais de 55 anos).

A confirmação da hipótese de que os mais jovens estariam utilizando CTs do tipo DESuj foi verificada no NURC com 53% e em 2007/08 com 46% perfazendo um percentual de 49% de ocorrências nas duas sincronias. Por outro lado, a faixa 02 do NURC teve um percentual de 35% enquanto em 2007/08 o percentual foi de 24%.

Esta diferença de 11% em relação à retomada pela faixa 02 do NURC foi compensada pelo percentual de 12% de retomada na faixa 3 do NURC e de 30% de retomada na 3ª faixa de 2007/08 com uma diferença de 18%.

15. No cômputo geral, a investigação da idade e sua influência na realização do tópico DESuj mostram a predominância na faixa mais jovem, seguida da faixa intermediária e da faixa 03 respectivamente.

A comparação do comportamento deste fenômeno nas duas sincronias, mostra uma possibilidade de mudança lingüística verificada através do estudo de tendência por se tratar de uma mesma comunidade (de professores) separada por um intervalo de tempo. Neste caso específico, em 1970 e em 2007/08.

Verificou-se, portanto, a manutenção do padrão etário da faixa 01 nos dois períodos analisados, embora com um aumento significativo das construções na faixa 03 da sincronia gravada em tempo real.

Os resultados encontrados no estudo de gênero/sexo, aliados à faixa etária, poderão explicar melhor essa discussão anterior. Dessa forma, a hipótese para a segunda variável

social é que as mulheres utilizam construção de tópico do tipo DESuj com maior regularidade. A investigação desta variável mostrou um surpreendente empate entre os gêneros masculino e feminino com exatos 50% para cada um. Uma análise mais detalhada, entretanto mostra que no NURC 70 o maior número de ocorrências favorecia o gênero masculino com 55% das ocorrências, enquanto que o feminino detinha 45%.

16. Porém, em gravações de 2007/08 este quadro se inverteu com um percentual de 46% para o gênero masculino e 54% para o gênero feminino. Este crescimento em número de ocorrências no gênero feminino permite concluir que muito embora as mulheres fossem mais conservadoras no uso do fenômeno em 1970, na atualidade, elas demonstram estar assumindo a dianteira do processo.

17. Essa postura feminina na atualidade encontra respaldo na ocupação de espaços, antes só ocupado pelos homens. No caso específico desta pesquisa, observa-se que a comunidade estudada é detentora da norma culta, gozando de respeito frente a outras comunidades e que as CTs do tipo DESuj foram proferidas em situação comunicativa de sala de aula, em um contexto considerado formal pelo Projeto NURC. Esta reflexão leva a crer que o uso das CTs aqui investigadas não são consideradas estigmatizadas na atualidade mesmo que as gramáticas normativas não tragam à tona este incrível fenômeno.

18. Quanto à análise dos co-referentes utilizados nas sentenças de CTs do tipo DESuj, os resultados encontrados em todas as variáveis, tanto no NURC quanto em 2007/08 mostram a supremacia da retomada com pronomes, dando preferência os pessoais de caso reto com destaque para a 3ª pessoa do singular, em detrimento da retomada com SNs.

19. A constatação desse resultado corrobora com a discussão sobre as mudanças no português do Brasil verificadas por diversos pesquisadores, como Pontes (1987), Duarte (1993; 1995), Tarallo (1993) e Galves (1993) que o distancia do português europeu. Para esses pesquisadores essas mudanças têm como pano de fundo o desaparecimento da flexão verbal, assim como a mudança no sistema de clíticos tendo como conseqüência a tendência ao preenchimento do sujeito. Isso mostra que a linguagem tem um caráter interdependente e que uma mudança pode levar a outra.

20. Apesar de não se constituir em objetivo desta pesquisa, acrescenta-se a consideração de que o português brasileiro poderá ser classificado como uma língua de sujeito e tópico em que pode haver as duas construções, conforme abordado na seção 2.3 deste trabalho, por atender às características arroladas por Li e Thompson em relação a este tipo de classificação.

O reconhecimento do fenômeno do tópico como legítimo proporcionará uma mudança de postura em relação à classificação do português brasileiro como típico de sujeito e predicado e conseqüentemente a uma mudança de atitude em relação ao ensino / aprendizagem da língua, de forma crítica e menos presa a postulados que não se sustentam quando confrontados com a realidade.

A despeito dos erros e acertos e dos pontos convergentes e divergentes em relação a outros trabalhos sobre o fenômeno aqui investigado, esta pesquisa pretende contribuir para o aprofundamento do estudo de Construções de tópico do tipo DESuj em contextos formais de uso e deixa margem ao surgimento de diversas outras pesquisas sobre o tema que nem de longe está esgotado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Vol.1 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRADE BERLINCK, Rosane et al. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. vol.1 São Paulo: Cortez, 2001.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática Ilustrada*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1990.

ARMENGAUD, Françoise. *A Pragmática*. Tradução Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2006.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa: cursos de 1º e 2º graus*. 25. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolingüística e educação*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BRAGA, Maria Luiza. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Variação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne; KATO Mary A.; OLIVEIRA, Célia T. de; COSTA, Elenice; ORSINI, Mônica; RODRIGUES, Violeta. Topicalização e deslocamento à esquerda: Sintaxe e Prosódia. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do Português falado*. Vol. III. As abordagens. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1993.

CAMACHO, Roberto Gomes. “Sociolingüística”. Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à Lingüística*: Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARDOSO, Terezinha Rita S. *As construções de tópico no português falado no Brasil*. UFBA: Salvador, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

CORVALÁN, C. S. *Sociolingüística: teoria y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DECAT, Maria Beatriz nascimento. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: Unicamp, 1995.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário Enciclopédico da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO; MOURA. *Gramática*. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, poder e discriminação. In: *Linguagem, Escola e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires. A interferência das variáveis semânticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

HYMES, D. Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J. & HYMES, D. (orgs.) *Directions in Sociolinguistics*. The ethnography of communication. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

LABOV, W. *The stratification of English in New York city*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1996.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York. Academic Press Inc., 1976.

MENDES, Lenilza Teodoro dos Santos. *Elocuções Formais 2007/2008*. Salvador: UNEB, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade do Salvador: materiais para seu estudo*. V. 2 Salvador: UFBA, 2006.

NARO, Anthony Julius. Modelos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2003.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva em tempo real*. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno\\_05-07.html](http://filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno_05-07.html). Acesso em 07 de janeiro de 2009.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero / sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol.2 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

PÉREZ, Lícia Maria Miranda. *As construções de tópico na fala culta de Salvador*. Dissertação de Mestrado em Linguística Histórica. Salvador: UFBA, 2006.

PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

PONTES, Eunice Souza Lima. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito da sintaxe do discurso*. São Paulo: Ática, 1986.

ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. Dissertação de Doutorado. MIT, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

SOUZA, Licia soares de. *Introdução às teorias semióticas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1991.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, Uriel; Labov, Willian; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

VASCO, Sérgio Leitão. *Construções de tópico na fala popular*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2006.

VOTRE, Josué Sebastião; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO et al. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGEL  
MESTRANDA: LENILZA TEODORO DOS SANTOS MENDES  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. NORMA DA SILVA LOPES

### QUESTIONÁRIO SOCIAL

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

NATURALIDADE \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_

PAI: \_\_\_\_\_

NATURALIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO \_\_\_\_\_

COM QUANTOS ANOS VEIO PARA SALVADOR? \_\_\_\_\_

MÃE: \_\_\_\_\_

NATURALIDADE: \_\_\_\_\_

COM QUANTOS ANOS VEIO PARA SALVADOR? \_\_\_\_\_

SEU TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DE SALVADOR:

ANOS: \_\_\_\_\_

FASES:

( ) INFÂNCIA/ QUANTOS ANOS? \_\_\_\_\_

( ) ADOLESCÊNCIA/ QUANTOS ANOS \_\_\_\_\_

( ) FASE ADULTA/; QUANTOS ANOS? \_\_\_\_\_

**ANEXO B****ELOCUÇÕES FORMAIS 2007/2008**

*Tipo:* Elocução em situação formal

*Duração:* 1:18:48 (uma hora, dezoito minutos e quarenta e oito segundos)

*Data:* 25/11/2008

*Tema:* Gêneros Literários

*Informante:* sexo masculino, faixa etária 1

*INF:* O épico sempre tem uma noção... sempre tinha que passar a idéia de totalidade. Como assim passar a idéia de totalidade? No épico tinha que estar presente a vida, a morte, o depois da morte com os deuses, a história tem que estar presente no épico. Se você pega Camões, não é só Camões, não é só os Lusíadas. Está lá na Ilíada, está na odisséia, está em épicos do passado, né? Só que o épico do presente acabou se confundindo com o que é o romance, que é uma outra característica. ININT o amor tem que estar presente, a guerra tem que estar presente. Eh... o ano da história, a mistificação da história. Mitos. A presença de mitos. Não deuses. Mitos mesmo. Eh.. elementos... narrativas que fundam um determinado povo. O épico ININT, construção da memória de um determinado povo. Daí a guerra também, né? Em oposição a um outro povo. Os lusí.. a... Ilíada conta a guerra, a Odisséia conta a volta e a memória da guerra do Ulisses, né? A Eneida conta essa guerra. Né? ININT conta a... as brigas dos.. dos cruzados para libertar Jerusalém dos mouros. Então, te... tem sempre uma oposição quase eh.. étnica, guerreira aí entre os povos. Então, a.. ca... dentre outras formas.. dentre outras funções, a gente também pode caracterizar como um determinado texto vai ser reconhecido como literário. Como determinado texto vai ser reconhecido como esteticamente qualificado. Ele vai seguir determinadas prescrições, vai seguir determinados esquemas. Esquemas temáticos e esquemas formais. Através dessa separação ININT entre os gêneros. A literatura moderna vai reelaborar tudo isso aqui e vai ININT mais. Vai se permitir muito mais essa contaminação. Não há só um gênero na literatura moderna, o romance. Que a gente vai encontrar no romance um gênero genuíno. Ele tem as características da narrativa épica, mas ele tem as características da subjetividade do lírico. Ele vai ter eh... o uso do gênero dramático que a modernidade, o **microdrama**, né? que é uma espécie de híbrido entre a tragédia e a comédia. A tragédia e a comédia. A literatura moderna, ela vai se caracterizar por uma no... promiscuidade disso que na época clássica era fixo. Né? Não só quanto ao gênero, por exemplo, o romance, mas na própria poesia. A própria poesia vai fundir os temas do lirismo tradicional - o amor, a morte, a separação, a família, eh... eh...a terra natal, a viagem eh... tem... temas mais ... a aquilo que hoje a gente pode chamar de temas comuns, de temas líricos.

Temas tradicionais da poesia. O amor por alguém, a perda de alguém, seja alguém que eu amei, seja a perda de um familiar, certo? A perda... por exemplo, a.. a elegia, tradicionalmente, ela é modalidade de poesia fúnebre. Eh... a... chorar a saudade da perda de alguém. Eh... a... a écloga, ela era, tradicionalmente, ela era com um tema agrário. Se passa no campo. Campestre, a gente pode chamar assim. ININN no Brasil, no século dezessete, que a gente vai ter tudo isso aqui misturado. No lugar... muito do artificialismo até da literatura árcade vem do fato de ele seguir os preceitos lá da literatura clássica numa época que já está dentro da litera... da... da modernidade. Tem um amigo, que ele fala assim, “você lê o árcade e não sente nada.” Você vai ler é mais pra você aprender sobre esses temas. Da... da passagem do tempo, do envelhecimento, da morte **no limite** do envelhecimento. Eh... todos esses temas clássicos, você lê árcade, mas... você vai em Camões, você encontra. Você vai na poesia grega, poesia ININT você encontra. Agora, a poesia moderna começa a fundir um pouco isso. Né? Aquela poesia caracterizada como uma eh... eh... com a vida na cidade. Aí, vão até os estudiosos pra entender essa poesia eh... eh... moderna como isso aqui ó, anti-lírica eh... híbrida e mais... vai se tornando livre à medida que o tempo vai passando. Vai fugindo dos padrões... dos padrões de fixidez e de prescrição... de prescrição estética do mundo antigo. Poesia anti-lírica. A gente pega um Drumonnd falando da cidade. É uma poesia que não tem muito a tentativa de harmonizar. Ao contrário. De soar desarmônica, de soar dissonante. De falar daquilo que incomoda. Longe dos grandes temas, mas o cotidiano que incomoda. Certo? É pegar um Drumonnd, é pegar um João Cabral de Melo Neto, é pegar... é pegar, por exemplo, O Álvaro...Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Eh... é pegar o Baudelaire. É pegar quem mais? É pegar...bom, pára por aí. Bandeira. Ban...Bandeira cruza um pouco isso, né? Bandeira tem uma formação, primeiro, um pouco clássica, mas a gente vai encontrar ele fazendo... vai fazer um poema sobre uma notícia de jornal. Né? Isso é absolutamente anti-lírico. Né? É extrair do... do menor, é extrair do cotidiano, é extrair daquilo que não é considerado grandioso, é... isso é considerado o anti-lírico. O moderno. É o tipo de lirismo que não se encontra na poesia clássica. Né? É o Drumonnd fazendo poesia sobre a rosa que nasce no meio da... do asfalto. Fazendo poesia do fato de ser *gauche*. Né? Sobre o fato de ser alguém que não... encontra seu lugar no mundo. Ao contrário, né? Todos poetas clássicos tinham o seu lugar do mundo, pelo menos fazendo poesia pra demonstrar esse lugar do mundo. O fato de existir uma máxima, uma persona do triste, do feliz, do amante. Né? Do saudoso. Eh... do nacionalista, aquele que canta o lugar em que nasceu. Por exemplo, esse poema do.. do Bandeira. Notícia do jornal. Brinca com isso. A gente encontra o... o caso do vestido do Drumonnd, que é todo dialogado. Dá pra você fazer uma pecinha

com ele. Assim como a gente vai encontrar muito no século dezenove, eu falo modern... século em que o moderno surge, se estabelece no século dezenove, os chamados poemas em prosa. ININT a gente encontra na literatura do século dezenove bastante poemas todos narrativos.

*CIRC:* ININT

*INF:* Como?

*CIRC:* O caso do vestido virou filme.

*INF:* É. Mas virar filme... pois é, mas é a mescla da mescla dos gêneros, né? Que virar filme, virou uma... um gênero dramático. Né? Você monta uma espécie de... de roteiro. Roteiro não. É de roteiro mesmo. Com as falas dos personagens. As falas dos personagens ININT a cena, né? Aí, virou um outro... uma outra linguagem pra o cinema. É. Exato. O filme pegando um... um poema, que já é dramático, aí já é uma outra história. Os versos vão ficando cada vez mais livres. A gente encontra no século dezenove, no romantismo, já uma demonstração disso. Os versos não são líricos. A gente encontra verso branco, tá? Ausência de rima. A gente encontra uma fuga, uma libertação dos poetas desses... dessas formas pré-fixadas. Né? A gente vai encontrar na poesia romântica muito pouco soneto. Ode elegia eh.. a gente encontra, mas vai encontrar muito pouco comparado com os outros períodos antes que eram usadas. Comparado com os... com o barroco do século dezessete, onde a gente vai encontrar todas, todos eles. O Renascimento mesmo. quanto mais pra trás a gente vai, mais a gente encontra as mesmas formas se repetindo, ou seja, a tradição determinando e prescrevendo o que e como um determinado escritor tem que escrever pra ser reconhecido como escritor. Aqui não. Aqui já é...não é na tradição. A modernidade de alguma maneira é a ruptura. Você inventa alguma coisa nova. Ou você se distancia, se separa, se diferencia do que a tradição vinha legando.

*CIRC:* Eh... hibridismo pode ser igual a diluição de fronteiras? Porque você estava falando...

*INF:* Igual a o quê?

*CIRC:* Diluição de fronteira.

*INF:* Sim. Sim. Maior ou menos diluição de fronteira. Né?

*CIRC:* Poesia e prosa e tal.

*INF:* Sim. Exatamente. O romance é por excelência um gênero híbrido. É uma narrativa. inint Você encontra romances que são dialogados. Todinho dialogados. Né? Eh... você encontra romances que são grandes viagens subjetivas. Um exemplo, pegar “A maçã no escuro” da Clarice é um viagem... é um poema delirante.

*CIRC:* ININT

*INF:* “A maçã no escuro” é um poema delirante. É um poema de trezentas páginas narrativas absolutamente delirantes do...

*CIRC:* Qual é o poema?

*INF:* Trezentas, quatrocentas páginas. É. É um poema porque você não tem enredo. Tem um personagem e o mundo **exterior** daquele personagem. Então, não... não sabe onde se passa, por que se passa, causa e efeito e... deslocamento no espaço, deslocamento no tempo. A medida que se caminha, se desloca no espaço. Subjetivo de um eu lá

*CIRC:* e “Lavoura arcaica”

*INF:* “Lavoura arcaica” é considerada um romance

*CIRC:* Mas a linguagem dele...

*INF:* Pois é. Está... (superp)

*CIRC:* É como se fosse um poema.

*INF:* É literatura moderna. É literatura moderna. Só que a literatura moderna que se estabelece no século dezenove, ela vai... ela vai entrando em grande em... aí que a gente pode ver que a literatura moderna vem, não só pela... pela quebra de fronteiras entre os gêneros, né? Mas também por algo que é típico da modernidade, que era... que a quebra de.. de fronteiras dos gêneros, a gente pode definir que é a aquisição com ININT. Aquisição... alguns colocam como construção, né? a palavra é consciência. Consciência histórica. Isso aqui é que a gente pode definir como sendo eh.. eh... um dos principais traços da modernidade. Consciência histórica do homem. Consciência histórica? É o homem que está... pensar numa data simbolicamente importante, A Revolução francesa. Né? Mil setecentos e oitenta e nove mesmo. Eh... de que o homem, ele é responsável pelo seu destino. Social, tá? Não só social, mas o homem é responsável pelos seus instintos. A sociedade é responsável pelos seus instintos. Não é mais... o rei não é mais deus. Não é mais o rei quem determina o que vai ser. Deus que ilumina o rei, que é o iluminado e a sua palavra é a lei, a sua.. é que determina. A... a... a sua palavra não pode ser desdita, não pode ser eh... eh... negada em nenhum momento. A palavra do rei. Quando ela é negada, nos textos do Gil Vicente a gente vê é sempre o louco que pode.. é sempre o louco que pode eh... pôr em dúvida a palavra do rei. O louco não compartilha da.. da consciência dos demais. É um outro estatuto. O louco... o louco colocado em outro colocando em dúvida a palavra do rei. Se o rei risse, aí... o rei “tudo bem. É só uma grande piada”. Era só um louco colocando em dúvida a palavra do rei

*CIRC:* É uma

*INF:* Se o rei não risse, mandava matar e trazia outro. Foi uma piada muito mal feita. (risos) É o *clown*.. É o *clown*, era uma piada muito mal feita, né? O palhaço. Se fazia de louco. Lá na

corte. Era.... era...a.. a consciência do rei. Porque eh... era o único que podia ser a má consciência do rei. Era o louco... ou a igreja. No século vinte, a igreja. Pega bem aquele padre ININT. Pior é a igreja. “Esse padre aqui, eu não gostei dele.” Essa consciência histórica significa que a sociedade, ela não... eu falo a isso aqui simbolicamente, porque era um momento que... corta a cabeça do rei. Tá? Era um momento que a burguesia assume o poder. E quando eu falo a burguesia assume o poder, eh... a sociedade não vai mais se estruturar em cima de valores aristocráticos, pretensamente nobres, melhores, que tem sangue azul, legado por uma tradição ao fidalgo, o filho de algo que se pede uma tradição, que pede passagem memorial. Tá? A burguesia não. A burguesia eh.. eh... o homem que vai dizer da sua autoridade. Qual o seu sobrenome? Sou da família tal, venho de tal lugar. Não. Mas é aquilo que você é capaz de produzir. A sua empresa. Que lugar social, que lugar na escala produtiva você ocupa. Eu sou professor? Ah, não produzo muita coisa de material material, né? É um cidadão de segunda categoria. Ou eu com vocês aqui. Ou vários como vocês. Cidadãos de segunda categoria. (rindo). Não. Estou falando o seguinte, na sociedade burguesa, o seu valor é medido por aquilo que você pode produzir de materialmente pra organizar essa sociedade. Eu diria que o conhecimento é imaterial. Se é imaterial, considerado...

*CIRC:*

*INF:* É. Também. Eh.. eh.. então a sociedade vai... vai se transformar em algo mais imanente. Vai perder um pouco a transcendência de Deus, de passado, de uma tradição, de uma prescrição... de um valor, uma autoridade que estava num passado imemorial, que prescreve o que é literatura, que prescreve o que é sociedade, que ilumina o rei, que.. que diz o que.... é deus, que ilumina o rei, que vai determinar a sociedade e que agora vão ser os próprios homens que vão se determinar. A própria racionalidade do homem que vai dizer o que que é a lei e que vai estruturar a sociedade. Tá? E por isso, que a consciência histórica é bem diferente da consciência social, tá? Que a gente vai encontrar já no Romantismo, hein? Não vamos falar do realismo, que é final do século dezenove. O Romantismo tinha essa consciência social muito clara. Né? Se a gente pegar um Vitor Hugo, tem consciência literária. Se a gente pegar um Alencar com um... uma consciência nacional construindo um índio, construindo um sertanejo, construindo um gaúcho, construindo uma sociedade ININT . Eh... eh... uma mulher, uma figura de mulher. Uma tremenda consciência do que ele quer que seja a sociedade brasileira. Tá? Quer que seja independente. Uma república independente. Pode transformar... não só a mesma coisa, mas análogo a uma consciência social que se forma no século dezenove. A consciência de que há injustiças nessa sociedade. Sociedade da corte?

Não tem justiça. Quem é rei está... é rei e será rei. O herdeiro vai ficar condenado a ser rei por prescrição da tradição da religião... da religião. Quem é plebeu está condenado a ser plebeu e não se ache menor por ser plebeu. Pode sofrer, mas sofre porque Deus quer. É isso... de alguma maneira a.. a gente pode pensar que a sociedade está... isso não é só na Europa, não. Ou no Brasil, na América, né? Qualquer dessas sociedades que fogem a esse padrão... se a gente for pra uma sociedade ameríndia, nessa classificação clássica evidentemente. Mas vocês vão concordar comigo que a sociedade ameríndia não é uma sociedade moderna. Modernidade é um conceito ocidental. A sociedade ameríndia é uma grande injustiça pra gente... pra nó... pra gente flagrante. Pra nós... nós ININT dentro da nossa concepção social. Mas pra eles não são... são injustiças. São justiças. justiça divina, justiça com... cosmológica, sei lá. Mas justiça dentro do sistema mental deles, né? Assim como a sociedades africanas, como sociedade da Oceania, a sociedade de Constantinopla, eles começaram a descrever, né? Não são sociedades modernas. Não são sociedades modernas. A civilização moderna é a civilização ocidental. Né? é uma sociedade que vai mostrar, vai construir uma idéia de consciência histórica, vai ajudar a formar uma idéia de consciência social, de injustiça, de tentativa de melhoria da sociedade e, por outro lado, nível... a nível de literatura (risos). A nível de literatura (rindo) eh... específica, né? O nível específico da literatura, a nível estético, a gente tem que pensar que há uma outra consciência aqui. Qual é? Eu vou perguntar pra vocês. Ahá! A gente vai chegar lá. Consciência o quê? Quando eu falo que a literatura clássica seguia preceitos, prescrições, da tradição daqueles que falavam antes, doutores da igreja, o Aristóteles lá na Grécia, ou Platão antes de Aristóteles, disseram o que é literatura e eu modifíco de como se fazia. As autoridades, Camões faz uma ININT e ele fala, né? É a Eneida do Virgílio, que por sua vez tentou seguir eh... eh... Homero. Então, tem sempre uma autoridade que presta homenagem e individualiza. Tento me individualizar. Os cantadores do nordeste, né?

*CIRC:* Hum, hum.

*INF:* Os repentistas, né? É o desafio. É o desafio. A poesia moderna, ela vai reelaborar tudo isso. Né? Ela vai reelaborar essas prescrições, esses temas fixos, esses lugares temáticos, formais, de gênero. E vai ter um pouco mais de liberdade. Essa liberdade vai vir em cima de que tipo de consciência? Quando eu falo que eu estou cruzando gêneros? Por exemplo.

*CIRC:* ININT

*INF:* O que significa metalinguagem?

*CIRC:* inint

*INF:* Como?

*CIRC:* ININT

*INF:* Não. Meta.... não.

*CIRC:* É utilizar a linguagem pra falar da

*INF:* Quê?

*CIRC:*

*INF:* Meta romance? Um romance que fala sobre a construção de um romance. Metalinguagem é a consciência da própria linguagem. A ponto de eu me distanciar da minha linguagem, ou me distanciar do romance que eu estou escrevendo, ou provocar no leitor o efeito de distanciamento. A metalinguagem é isso. É a gente ter consciente da linguagem. De que a linguagem... isso é uma discussão fascinante lá na literatura clássica. Mas a linguagem, ela não é natural. De que a linguagem, ela é artificial. Ela é uma construção. Seja histórica, seja cultural, seja... mas ela é uma construção. Até pessoal, na medida da sua habilidade. Né? Aí, a literatura, a partir dessa consciência da linguagem, desenvolver todo um aparato literário que vai desa... naquilo que a gente.. entrando pelo século vinte como literatura moderna. Você, pouco a pouco, rompendo com os cânones clássicos, estabelecendo uma litera... um verso, que deixe a forma fixa e que passa a ser regida única e exclusivamente pela particularidade daquele poema, do verso livre eh.. a gente pode pensar que exatamente isso é uma... uma... uma exemplificação dessa aquisição de consciência da linguagem. Ou aquisição de consciência da literatura. Quem vai determinar o que esse verso, ou esse poema eh.. como ele deve ser escrito, é o próprio verso, o próprio poema. Ele vai dirigir, ele vai demandar uma particularidade. O próprio verso e o próprio poema é essa consciência que vai desaguar numa literatura moderna que apresenta ININT estéticos, que é o do Guimarães Rosa.

*CIRC:* Mas, vai ver a peculiaridade cada autor, né?

*INF:* Sim. Cada um vai elaborar à sua maneira. Mas quando a gente fala de Guimarães Rosa, onde é que está a metalinguagem dele ali? Um traço de metalinguagem?

*CIRC:*

*INF:* Metalinguagem?

*CIRC:* Na criação dos neologismos?

*INF:* Os neologismos, as inversões sintáticas. O que é que é a literatura de Guimarães Roa senão isso? É o sertão? Falam do sertão desde o século dezenove. Tá? O Guimarães... toda a... a... a... a novidade. Novidade entre aspas. Mas toda a.. a.. atração da literatura do Guimarães é exatamente essa parede de linguagem que ele coloca entre o leitor e o sertão. Tá? Essa linguagem, a gente pode dizer, essa linguagem é que forma o sertão dele. Os neologismos, as estruturas... lexicais não. Morfológicas... morfológicas, sintáticas... isso faz um... pura o quê?

Pura invenção. Artíficios, né? Consciência da linguagem... que o que eu falo não é natural. Não é natural, não é espontâneo. Mas está na... linguagem, na consciência de que o que eu escrevo depende de mim. O que eu falo depende de mim. Vem do quanto eu domino o que eu estou falando, domino o... a língua. Domino a linguagem escrita. Domino pra poder romper. Domino pra poder romper com determinados ININT, determinados paradigmas. É jeito do Eça de Queiroz. O.. o... A correspondência de Fradique Mendes. Onde é que a gente pode focar um pouco? É claro. Ele não é tão radical quanto o Guimarães, ele não é tão radical quanto o Fernando Pessoa, ele não é tão radical quanto a Clarice, tá? Nem quanto o Cabral. Mas ele está nessa literatura por excelência moderna. Onde é que você identifica no Romance essa quebra de gênero? Essa elaboração de gêneros?

*CIRC:* Na biografia, aquela parte geográfica.

*INF:* As cartas, uma biografia de cartas, né? Sem dúvida.

*CIRC:* ININT

*INF:* Que são cartas ficcionais. São cartas ficcionais. Eh... mas tudo bem. Desde que o mundo é mundo, de alguma maneira, se fic... a literatura moderna... moderno, se ficcionalizou eh.. cartas. Se ficcionalizou outros gêneros. Consciência subjetiva. ININT mas essa consciência dessa subjetividade no livro de Eça de Queiroz. Um jogo de sujeitos. Um jogo de eus. Eus é engraçado, né? Hã?

*CIRC:* Na viagem que ele faz?

*INF:* Não, não.

*CIRC:* Pra conhecer o.. o povo?

*INF:* Não. O narrador das memórias. O jogo que é feito ali entre o narrador que ao mesmo tempo pode ser um narrador puramente ficcional, que conheceu aquele personagem ficcional, que é o Fradique Mendes, ou o narrador que pode fazer as vezes do próprio Eça de Queiroz. E outros personagens que ele, que o Fradique Mendes conheceu e que existiam. Né? O Guerra Junqueiro, o...ou, vamos lá. Antero de Quental, o Oliveira Martins, tá? Então, nós temos um jogo aí de subjetividade, quer dizer, uma extrema consciência do que é ficcional e do que é não-ficcional. Que ele funde isso aí. Ele funde através desse.. desse pequeno artifício do narrador. O narrador não se revelar. E do personagem... de personagens não-ficcionais, que é ficcional o Fradique. Mas todos os personagens que conheceram tanto o personagem ficcional quanto o narrador existiram. E foram amigos do Eça de Queiroz. Quem narra? A gente chega a pensar que foi o Eça de Queiroz. Não é mentira, mas também não é verdade. Faz parte dessa estratégia de linguagem. Que ele constrói o sujeito, constrói ININT eh... esse tipo de construção da literatura moderna é que vai dar em alguns conceitos que hoje estão sendo for...

já estão... algumas décadas, né? Postos em dúvida que é... está aqui. Aí, depois a gente fala, né? A idéia de... a idéia de linearidade. A idéia de autenticidade. A idéia de ruptura, a idéia de novi... novidade. São quatro exemplos, né? Quatro exemplos que... quatro exemplos que vão... que vão determinar a criação da literatura moderna e que vai fazendo com que a literatura moderna ganhe uma dificuldade. Exatamente isso, né? Guimarães é ótimo, mas Guimarães é difícil pra cacete, com o perdão da expressão (risos). Mas é difícil pra dedéu. João Cabral, maravilhoso. Mas é extremamente difícil. Essa tentativa de estar sempre rompendo... aí, rompeu os poetas clássicos, rompe-se com a geração anterior e rompe-se com a década anterior, e rompe-se com o ano anterior, e eu rompo com o meu livro anterior. Chega ao ponto de o livro estar rompendo dentro dele mesmo. Se problematizando permanentemente. Está aqui, a metalinguagem. Né? Cê vai chegar... a literatura moderna, ela vai se tornar.. ela vai virar tema da própria literatura. Fica incomunicável. Vai beirar a incomunicabilidade. Então, eu sempre uso o... do...”Esperando Godot” do Beckett que é o antidrama. A.. o drama clássico, a tragédia, a com... a.. a tragédia, a comédia, depois vem Shakespeare toda a história, chega ao século vinte o drama ser caracterizado por uma ação. Que passa no tempo real no palco. Ou na cena da.. da... do texto. E é o anti-drama. Porque não tem ação. A história são dois personagens que estão no palco. Não tem eh... ambiência nenhuma eles estão esperando o Godot chegar. Pra que a ação tenha início. E o Godot nunca chega. E eles só ficam. o dialogo entre eles é a hora que o Godot chega, quando o Godot vai chegar. “Eu estou aqui porque o Godot é uma pessoa importante”, mas o Godot cria essa expectativa. A.. a expectativa da ação, mas a ação nunca chega. A ação não chega. É... é uma peça experimental. Teatro do absurdo. Teatro do incomunicável. Não é a toa que você encontra hoje umas peças de teatro que têm essa tradição. A ponto de você chegar num romance... eu falei aqui do Cabral, do Guimarães. De novo. São geniais. Levaram a literatura a um patamar eh... fabuloso. Mas essa literatura se distanciou do.. do leitor. Vocês que... vocês que são professores, vocês que são leitores. Então, é uma literatura extremamente sofisticada, mas que se distancio do público leitor. Tá. Nunca houve um grande público leitor. O público leitor sempre foi uma elite. Só que nem essa elite mais quer ler. Tá? Aí, os escritores ficaram com ININT o monólogo. Falando pra si próprios. Né? Fazendo literatura para literatos. A gente encontra romances... falei dos ININT, mas a gente vai no... década de setenta ININT no Brasil pra quem gosta disso, né? O Catatau do Leminski que é muito paradoxal, o fluxo verbal. Também falo ININT quem diz que conseguiu ler aquele livro mente. Parou lá pela página cem. Chega uma hora que cê está acompanhando o quê? Cê está acompanhando o fluxo das palavras. O enredo tem... “Catatau do povo mineiro”. O enredo

são... são...são vão ter três linhas. O Decartes chegando na corte de Nassau. É Descartes, o filósofo do racionalismo. O filósofo ININT dessa consciência moderna, do homem moderno, da racionalidade moderna, era soldado na Holanda na época que Nassau veio pra Holanda. Que ele veio pra Pernambuco. É se... aí o... o...o repórter, e se Decartes viesse junto com a tropa de Nassau pra Ho... pra Pernambuco. Aí, mostra o Nassau... o o... Decartes vindo pra Pernambuco e as construções lógicas que o.. o Decartes não é só filósofo. Ele era matemático também. Geômetra. Está lá, as coordenadas cartesianas que ele inventa pra, de alguma maneira, imitar Deus, né? Ele desenha Deus. Aqui, nesse livro, ó. Cê se lembra disso aqui? ININT é Deus. Lá no final, ó (rindo). Deus está.. quer dizer.... Essa... essa... essa racionalidade do Decartes sob o trópico. Sob o sol, esse sol que está aí fora, de trinta, quarenta graus. Né? De um holandês, de um francês. A corte de um holandês no sol. Aí, o Leminski coloca o Decartes no alto de Olinda, na beira de um coqueiro, ele debaixo daquele sol, uma paisagem edênica, ele fuma uma... um baseado. (risos). Esse é o começo. O texto é o Decartes tentando controlar o fluxo verbal dele. (risos) ININT Tentando descrever o que ele está vendo de forma racional, só que a linguagem se perde. A linguagem do racional, do racionalista é

*CIRC*: Quer dizer que ININT

*INF*: Mas ININT eu.. eu dou o livro de presente (rindo).

*CIRC*: Eu quero.

*INF*: Não. É.. é... é muito engraçado. Mas é essa a história. O resto... aí, tem ININT verbais, um monte de palavras, não tem pontuação. Aí, o.. o Leminski faz exatamente, a tradição do Guimarães Rosa e do Jorge, junta palavras, separa palavras, bota várias línguas na mesma palavra.

*CIRC*: ININT

*INF*: Fluxo de consciência.

*CIRC*: Isso.

*INF*: É um fluxo de consciência. É um grande barato de duzentos e trinta páginas. Sem pontuação e com palavras... aí já...

*CIRC*

*INF*: É. E tem ININT

*CIRC*: Tem o quê? que eu não sei explicar muito não

*INF*: INIT que eu não sei explicar muito não, porque é ININT brasileira. Não comunica nada. Ali está tendo acesso ao limite dessa metalinguagem. Dessa linguagem como puro artifício. Não representa nada além da própria linguagem. Ou seja, a linguagem vira um grande muro e não tem nada depois. O que importa é ali. É uma narrativa delirante. Tá? Eu acho que o

sentido, de alguma maneira, é isso. Com a história do fim do verso. Não tem mais verso. A palavra e as formas... se é arial, se é *times new roman*. Pra... pra.. pra criar um impacto visual. Não importa se a linguagem... se a palavra é ININT. Importa como a palavra é construída visualmente, né? É o máximo dessa literatura moderna. Mas isso... vai.. vai..flertar com a publicidade. Vai flertar... vai flertar com a música. A gente encontra poemas com versos que... A gente vai ouvir... o poeta vai estar exercitando as tonalidades da palavra, né? Eh... “tudo que você ...” Aí, vai. Eu quero literatura. E tem uma outra coisa que a literatura moderna separou do leitor, que a gente vai ver um grande poeta moderno, não. Modernista do Brasil, e que se comunicou com o público, né? Foi aquele que não só se utilizou da música, mas porque ele não utiliza. Ele está aqui, ó. Vinícius. Vinícius, tá? Vinicius é um poeta na acepção clássica. Os temas de Vinicius, a morte, a passagem do tempo, o envelhecimento, o amor, a.. a.... perda do amor, o lugar onde nasceu, Deus. Tá? A dúvida diante de Deus.

*CIRC*: E mitos?

*INF*: Mitos. Porque...

*CIRC*: Não, não.

*INF*: É. Mas tem Deus lá. A religiosidade, to... Drumonnd... Drumonnd. Vinicius é um poeta clássico em pleno modernismo. Soneto, écloga, ode, elegia, tudo isso lá. Enquanto isso, Cabral, Drumonnd, eh.. Bandeira é um caso a parte. É um caso... eh.. eh... é fascinante. Bandeira é outra história. Drumonnd, Cabral, Mário, Jorge Lima, Murilo Mendes.... são grandes nomes, são grandes ilustres desconhecidos. Drumonnd não é mais ilustres desconhecidos. A literatura deles é de ilustre desconhecido comparado com Vinicius, Comparado com o que Vinicius comunicou pra um público leitor ININT autores aqui separados. Continuou ININT esse modelo aqui de literatura. Que, guardado as devidas diferenças, a literatura contemporânea tenta recuperar. Não o modelo, mas tenta recuperar a comunicabilidade. Daí eu acho que a gent.. a diferença que a gente não consegue flagrar diretamente no texto... vocês que estão, lendo, vocês não notam eh... o Zé Eduardo, extremamente legível, gostoso com.. fala bastante.. eh.. eh.. fala com o contemporâneo, que é de vocês, da gente, né? E uma ININT que já começa com a ficar uma literatura histórica, isso é, datada. Não datada só porque fala de quand.. da época dele. Que texto, a linguagem começa a ficar difícil. Se.. para um contemporâneo dele, aquelas diferenças literárias, referências históricas, refe... a gente vai ler em Camões o.. o épico Os Lusíadas, a gente tem dificuldades é com as referências mitológicas, são as referências religiosas, referências históricas. Isso tudo deixa o texto hermético. Mas para um contemporâneo dele, pra um outro escritor, aquilo é absolutamente **(i)legível**. Eh... eh... a mesma coisa que você fazer referência a Obama. Todo

mundo conhece (risos). Mas daqui a duzentos anos, Obama? Quem é? Pra um leitor comum pode ser um... um.. como um presidente americano do século dezenove. Não conhece. Todo mundo já ouviu falar, não pode se referir a alguém que a gente não conhece, né? A linguagem, a sintaxe, tudo isso no... na literatura do Agualusa deixa a literatura do Agualusa leg.. legível. Legível. E comunica pra um leitor que é contemporâneo do Agualusa. Ela passa por aqui, né? A literatura contemporânea pode ser isso. Ela passa por aqui... eu vou colocar Pós-moderna. Aspas aqui pra não me comprometer (risos). Pós moderna reelaborando esse conceito. Está recuperando algumas coisas lá da literatura clássica e...

*CIRC:* é a mesma coisa de chamar de neopósmoderno.

*INF:* Sim. Trans, neo (risos). Tá. E elabora esses conceitos. Agora, dá pra gente pensar o Eduardo Agualusa através desses conceitos. Como ele reelabora esses conceitos. É o.. o pós. A gente pode pensar aqui que o Agualusa é uma fantasia ININT. Há cinquenta, sessenta, setenta anos atrás. Talvez mais.

*CIRC:* Não tão louca, né?

*INF:* Pois é. Não tão louca. pra alguns é uma espécie de ruptura. Um dois. O que o Bob faz é absoluta metalinguagem....

*CIRC:*

*INF:* Era absolutamente metalinguagem. Absolutamente metalinguagem. Aquele o conto dele, né? Absoluta consciência de linguagem. Quebra de gênero. Aí, já não mais um gênero literário e outro. Entre um gênero textual e outro. Literatura e crítica literária. Né? Ele está fundindo esses gêneros, né? Eh... o que o Agualusa faz é isso, brincar com uma fantasia Borgiana, que há cem anos atrás... como é que você vai pegar o personagem de um e outro pra escrever um romance vai pegar cartas do mesmo modo como um escreveu e o outro escreveu, vai escrever o seu próprio romance. Onde é que está a sua originalidade, gente? Qual é a validade disso? Que novidade tem? Tá? Estava muito interessado na novidade. Na originalidade, na autenticidade. Isso, o Agualusa, ele embaralha, como Borges embaralha. Não é que ele abandona a... não é abandonar. Mas é embaralhar esses conceitos aqui. Aliás, são conceitos que não interessam mais pra literatura moderna... contemporânea. Tá? São conceitos que estão sendo, ó lá, reelaborados. Como a própria literatura. Os conceitos modernos estão sendo reelaborados.

*CIRC:* ININT da autenticidade desse Fradique.

*INF:* O Agualusa

*CIRC:* ININT é interessante, como eu tive a oportunidade de ver a entrevista dele sobre essa obra...

*INF:* Hum, hum.

*CIRC:* Eh... o que que levou a idéia de escrever essa obra a... a buscar o ININT.

*INF:* Ele não faz uma paródia. Isso é que tem que ficar claro.

*CIRC:* Ele assume mesmo. Ele nega de nenhuma maneira que está ali... aquele personagem é do Eça de Queiroz, é uma criação da literatura ININT. E aí, outra coisa interessante que ele fala é que o Fradique... que ele tem o Fradique não só como personagem, mas como um jogo, né? Dessa geração dos anos setenta. Como um jogo ficcional que ele gostaria de dar continuidade. ININT e aí, a grande sacada dessa obra é que ele vai construir a história dele seguindo muito a.. a história do Eça e ele vai justamente aproveitar dessa eh... dessa questão das cartas, né? que ele permite que algumas apareçam e outras não apareçam. E ele vai, justamente, encaixar a obra dele nesse período em que há um... uma lacuna, né? Esse período histórico em que há uma lacuna na história do Eça. É que ele vai encaixar a... as cartas ININT

*INF:* Hum, hum. Não. É. É a gente pensar isso. O... o Fradique já era um jogo da geração Eça. Um jogo, digamos, de... eh... esconde-aparece. Né? Aqui é a geração, mas a geração não é só isso. Né? Esse aqui talvez fosse o grande modelo dessa geração, mas a geração se autoironiza, se autocritica, não è? Então, tem um jogo aí de... como é que chama? Uma palavrinha... de você aparecer e se esconder... De.. Alguém que faz de conta (risos). Esconde-esconde. É um jogo de esconde-esconde. Não é faz de conta. É um jogo de esconde-esconde. Não é? Que você acha que viu alguém, acha que identificou alguém, o narrador diz memórias do Eça de Queiroz. Não é. Não é o Eça de Queiroz. Ele não dá nenhuma dica de que ele é exatamente o Eça de Queiroz. Então, o Eça de Queiroz se escondeu. O Fradique tem coisas do Antero, mas não é o Antero de Quental, porque o Antero de Quental é um outro personagem na história. Fradique tem um pouco do Oliveira Martins, mas ele escreve uma carta pra o Oliveira Martins. Então, quem é o Fradique? E quem é o narrador? É um jogo de esconde-esconde. Achou, mas não achou. Né? O per... está escondido no outro lado pro outro lado. Cê vai pra lá, também não é. Só...

*CIRC:* Daqui a pouco, o Fradique vai aparecer por outro escritor agora também contemporâneo ININT.

*INF:* Já tem. ININT

*CIRC:* Já tem?

*INF:* Não. ININT noventa e nove. É. Não já existe uma bibliografia, assim, sobre o Fradique de outros... de vários **contos**.

*CIRC:* É mesmo?

*INF:* Agora, assim. Eh...O jogo que o Fra.. o Agualusa vai fazer com o Fradique não é o mesmo jogo que a geração de... é um jogo de esconde-esconde. Eu diria que é um jogo de botar tudo às limpas. É um jogo não com a geração simplesmente do Eça. É um jogo de Angola com Portugal. Tá? Não é um jogo geracional, mas é um jogo nacional. É um jogo da... da... da ex-colônia com o ex-colonizador. É um jogo do ex-império com aquele que pode, quem sabe, talvez, ainda ter pretensões imperiais. É um jogo de memória. Essa memória psíquica, essa memória bem elaborada. Né? É um jogo entre a memória que quer construir, da memória que... ou da memória que quer elaborar... aquela memória do futuro.

*CIRC:* Fradique também porque ele queria contar a... falar sobre a experiência do Fradique na África, né? Que o Eça não... não aprofundou. Ele falou que não... não tinha o que falar sobre a África, que ele, justamente, ININT falar sobre a África, mas com o olhar do... do Europeu. Com o olhar do Europeu. ININT isso. Pelo olhar do outro, então, o Fradique. Que representa justamente isso, o olhar do Europeu. (superp)

*INF:* É. É a elaboração dessa memória (superp). Que vem, que aparentemente,. A gente gosta de internalizar. Mas... e joga o Brasil no meio. Também tem isso. Eh.. e pra bagunçar geral, né? O ININT pra bagunçar, aí, cê... o angolano está implicando o Brasil. Ele está falando “ó, o Brasil também tem implicação nessa história”. Né? Com relação a Angola. Com relação a Portugal, nossa história é outro caso, mas com relação a Angola. Positiva e negativa. Tá? O que foi feito com o tráfico de escravos depois que o Brasil ficou independente. Não era mais Portugal que traficava. Né? O Brasil dependia... a nova elite econômica dependia desse tráfico aqui. Né? O Brasil querendo ser um país capitalista no século dezenove, mas sustentado por meio de mão de obra escrava. Mas como é que vai formar uma burguesia que produz dinheiro, pra esse país crescer? Não podia. Aí, o jogo que o Agualusa faz tem duas entradas... tem duas entradas. O Eça... o E... antes disso, o Eça de Queiroz... o Eça de Queiroz, ele escreve o livro no século dezenove. Pra.. eh.. se passa, a história se passa no século dezenove. Então, a quilo que eu falei da maior ou menor comunicabilidade. Ele está se comunicando para contemporâneos dele, tá? O Eça de Queiroz, ele está... uma história que se passa no século dezenove. É contemp... é uma história que é contemporânea ao próprio Eça de Queiroz, contemporânea ao Fradique Mendes, contemporânea ao narrador dessa obra, tá? O Agualusa, como é que a gente pode situar o livro do Agualusa? Ele fala... Ele...tem duas entradas. A história dele se passa no século dezenove. Que é a história do Fradique Mendes, contemporâneo a Eça de Queiroz. Tá? Então, tem uma remissão aqui. A gente pode dizer que Fradique Mendes faz um livro histórico. Ele quer... ele tem uma preleção a tentar de alguma maneira, inventando mais ou ININT ficção e se o Fradique Mendes... nós tivéssemos a

história do Fradique Mendes em Angola. Fradique Mendes interagindo com a sociedade de Luanda. Como seria? Ele vai tentar reconstruir um pouco a sociedade... que a gente já começou... tentando reconstruir a sociedade de Luanda, as diferenças, as interações, ele vai reconstruir um pouco da sociedade brasileira, certo? Do recôncavo baiano, eh.. de Pernambu... Olinda e também a corte no Rio de Janeiro. As interações na luta abolicionista, ele vai reconstruir isso um pouco. Mas ele não quer apenas falar do século dezenove. Ele não está falando para o século dezenove. Aí é que está. A gente encontra, na época do Fadique Mendes, no Agualusa, não vou dizer claramente, mas do século vinte. Com alguns temas, ou de algumas maneiras, eh.. através de alguns signos, eh.. de alguns indícios que aparecem no livro. Um deles está logo no título. No subtítulo. A palavra aqui, um adjetivo: secreta. Esse secreto diz menos respeito ao século dezenove do que ao século vinte. Tá? É o século vinte, comentando o século dezenove. É Agualusa comentando Eça de Queiroz. Mas tentando se comunicar... já falamos disso aqui... se comunicar principalmente, com os leitores dele do século vinte. O que eu estou tentando rastrear aqui, são exatamente... eh... as condições de produção do “Nação crioula”, tá? O contexto em que ele foi criado. Tá? Eh... mil novecentos e noventa e sete. Esse final de século vinte. A palavra secreta, o adjetivo secreta diz menos respeito a... ao momento em que ele foi... a..ao momento que ele se passa...a história.... final do século dezenove e muito mais respeito a nós, do final do século vinte, início do século vinte e um. Por quê? Eu já falei isso aqui.

*CIRC:* Mil novecentos e?

*INF:* Noventa e sete. Porque esse secreta diz respeito à gente? Eu falei uma vez de estratégia mercadológica. Cês se lembram disso. Secreta ININT

*CIRC:* Não, não.

*CIRC:* Eu me lembro. Despertar a curiosidade.

*INF:* Sim. De cartas. Então, tem um jogo aí entre a ficção e a realidade. Mas, chamar atenção pras cartas que não foram recolhidas na... na compilação original, né? Não são cartas que foram dei.... cartas que não eram conhecidas. Que foram deixadas de lado e que são... são secretas. Contam... aí tem todo um jogo de atração, né? Contam que as outras não contaram. Algo que é secreto. Algo que está oculto, que se pretende que seja oculto.

*CIRC:*

*INF:* Hã?

*CIRC:* E por quê?

*INF:* Bom, aí, já é... o porquê... a gente vai ter o porquê vendo o que está oculto. O que que estava oculto? Que Fradique é esse? Que história é essa contada em determinadas cartas de

Fradique Foram mantidas ocultas? Tem to... então, a palavra aqui, ela dialoga muito com a nossa época. Com esse tipo de gênero literário, que é um gênero literário eh... da biografia não autorizada. Por exemplo, gênero literário. Esse gênero eh... narrativo da biografia não autorizada. Toda essa biografia, narrativa biografia, da compilação de cartas, tudo isso cha.. isso vende mais que literatura. É. Isso vende eh.. quantitativamente. Vende mais que literatura. Biografia vende mais que literatura, gênero histórico vende mais que literatura, cartas de personagens históricos, ou biografias de... vem.. vende mais que literatura. Então, tem um jogo aí com o próprio final do século vinte. Mercado livreiro, ou livresco. Ou literário, já que... Só que secreta também vai e dialoga com o século dezenove. Que ele está dialogando com o público de Eça. Eh.. o liv... o título do livro do Eça é “A correspondência de Fradique Mendes”. Esse secreta aí, vem aqui... quando o.. o subtítulo do Agualusa coloca lá o adjetivo secreta, a parte das correspondências que vocês vão ler agora.... não são a... correspondências como a anterior. São correspondências secretas. O que que implica esse adjetivo aí? Gen... vocês concordariam comigo se eu dissesse que esse adjetivo já implica numa interpretação da correspondência, mas numa interpretação da correspondência de Fradique Mendes, isto é, do livro anterior? Já é uma interpretação... por si só, esse adjetivo já é uma interpretação. Por isso que eu digo que isso pode ser uma fantasia Borgi...

*CIRC:* ININT?

*INF:* Algo que não foi mostrado. E ainda tem mais eh... eh... eh... algo que não foi mostrado e que tem explicação com o que foi mostrado. De reelaborar o que foi mostrado. Pod... dizer que aquilo que foi mostrado não é aquilo que corresponde... correspondia à verdade. Tá? O que corresponde à verdade? É o que... aí está o jogo... é o que está sendo mostrado agora? É um terceiro? Enfim, desautoriza a correspondência anterior.

*CIRC:* A do Eça de Queiroz.

*INF:* A de Eça de Queiroz. A correspondência de Fradique Mendes. Lá.. o secreto aí desautoriza a correspondência anterior. Ou reelabora, reinterpreta aquilo que lá que iria ser o perfil do Fradique Mendes, a gente pode botar no indefinido. É um perfil do Fradique Mendes. E isso, eh... não é uma forçação de barra do Agualusa. Que o próprio livro do Eça de Queiroz permite isso. Tem cartas que são citadas nas memórias e que não estão na compilação posterior. Então, tem cartas que não apareceram. Que não estão na recolha posterior **no segundo aparte**. Tá? Eh... Eh... quais são essas cartas? Por que que elas não apareceram? Porque ele quis construir uma idéia... Isso fica claro na própria fala do compilador, que é o escritor das memórias quando ele fala “eu quero mostrar um grande português.” pra Portugal que quer se constituir um império na África. Pra esse Portugal que quer voltar a ser grande.

Eh... a gente pode ter uma absoluta subjetividade aí. Atravessando, editando, recortando. É esse Fradique Mendes que interessa constituir. Será que esse Fradique Mendes que me interessa constituir é O Fradique Mendes? Pode ser que não. Eu já tenho uma margem de ambigüidade. Sem falar no próprio personagem. Que ele é o escorregadio por natureza. (risos). Pois é. O personagem, também se presta a isso. Não é um personagem muito claro de posições eh... eh... muito nítidas. Por não ser um personagem muito claro, de posições muito nítidas, você pode também mam... manobrar com muito mais facilidade. O personagem irônico, por ser irônico, ele diz uma coisa, mas está afirmando outra. E a gente não sabe ao...muito claramente o que ele está afirmando. Então, eh... se presta a quê? Ao.. é o que o Agualusa vai fazer, aos poucos, retirar a ironia. Retirar a ambigüidade desse Fradique Mendes. Vai mostrar cartas em, que o Fradique não é ambíguo. Cartas em que o Fradique não é tão irônico. Cartas em que o Fradique faz uma opção de **classe**. Coisas que ele não fala nas outras. Quando ele faz uma opção de ININT ele fica meio delirante. O passado, os ancestrais, eh... de voltar a ser como.. como um cortesão, um nobre da... da... da sociedade de corte. Tem um quê aí de risível, de irônico, de sério, de amedrontador, mais ou menos de... de.. de galhofa. Eh... tem.. tem.. tem isso, a ambigüidade. Do Fradique do Eça de Queiroz. Chega no Agualusa, o Agualusa tira... limpa o terreno. A personalidade do Eça... do Fradique ININT. Uma característica dele. Eh... então o secretos aí tem esse caráter de... muito mais.. eh... é um secretos... é isso que é legal pra gente pensar a própria idéia de dependência, né? Porque o subtítulo... o título do Eça, perdão, estava completo: “A correspondência de Fradique Mendes”. Mas veio alguém e faz... e rompe esse título. Né? Em... coloca algo inesperado. Co... correspondência secreta de Fradique Mendes. Tem um jogo aí de dependência e de subversão. Tá? Dependência por quê? Acabei de falar, a correspondência de Fradique Mendes. Mas está subvertendo esse jogo de dependência também, tá? Eh... talvez, esse seja o grande jogo que as duas colônias precisam fazer. E fazem, o mais das vezes, que é, sim, assumir um passado de colonizado. Mas sem olhar pra esse passado de forma passiva. Não de forma simplesmente vitimizada, mas ativo e reelaborar o sentido dessa colonização ree... mais do que o sentido da colonização, reelaborar o seu próprio sentido como decorrente da colonização. É o próprio sentido de nação, o sentido de cultura, né? O dialogo entre dependência e subversão é entre os livros, mas o sentido maior é entre as nações. Né? A correspondência de Fradique Mendes é uma correspondência secreta. Então, algo foi guiado na marra e reverteu completamente o sentido de... da correspondência de Fradique Mendes. Correspondência secreta de Fradique Mendes. Portugal está? Está. Mas está completamente

subvertido. Virado pelo avesso, mudado, ressignificado. Na memória desse livro de um angolano.

*CIRC:* ININT

*INF:* Sim. Sim. O sentido que é secreto, é secreto para os portugueses. Pra os angolanos não é secreto. Aquele que tem que eh.. eh.. ser emergido, aquele que tem que vir à tona, quem pode fazer isso não são os portugueses. Na relação, quem pode fazer isso não são os portugueses. São os angolanos, ou os brasileiros. São os ex-colonizados. Eles é que tem o poder de mudar o modo como a relação se estabelece. Como?

*CIRC:* ININT

*INF:* Isso aí.

*CIRC:* O Eça fala de cartas que não foram publicadas?

*INF:* Ele.. ele não fala. Mas na.. nas memórias, o narrador constrói do Fradique, ele cita, às vezes em passagens grandes, entre aspas, umas cartas que ele escreveu pra Fulano e que a gente não encontra na compilação posterior, né? Isso indica o quê? Que além daquela outras, podemos ter aquela e outras não foram incluídas na.. na segunda etapa.

*CIRC:* ININT

*INF:* É aquilo é ININT organizar Bom, aí tem, né? Aquilo que o Eça não... não colocou no livro e foi pra gráfica, eh...

*CIRC:* ININT

*INF:* É. As cartas... tem outras cartas do Fradique por aí. Então, o Fradique é um personagem que você vê que não está acabado. Por que que ele se presta a tantos livros? Tantos reescritos? Eh.. vou dar uma.. um palavrão aqui conceitual, mas talvez vocês já tenham visto em literatura brasileira, em outra disciplina. Mas pra gente compreender um pouco o que é que está por trás dessa literatura contemporânea... das narrativas contemporâneas, né? Que é o seguinte, se o Eça.. se o Agualusa está escrevendo sobre um romance, esse é bem característica aí da modernidade, que é o fato de ser uma metalinguagem. Ou... ou você discorda? Um romance escreve sobre outro romance e reelabora esse outro romance está sendo escrito nesse nível da metalinguagem. De quem olha pra o outro romance não como uma linguagem natural, mas olha pra o outro romance com um artifício, uma construção de linguagem que eu vou reconstruir, ou vou reelaborar. O caso daquele personagem que é o Fradique Mendes. Fradique Mendes do Eça de Queiroz não é o Fradique Mendes. É uma construção de linguagem. Fei... eh... um jogo discursivo aí das cartas, as memórias. Eu vou reelaborar tudo isso. E aí tem o.. um detalhe, né? O Agualusa, ele não pega as memórias. Não interessa a ele as memórias. Interessa a própria fala do Fradique. Interessa as cartas. O que

interessa a ele é modificar o Fradique Mendes. Não interessa a ele modificar a geração do Eça, não interessa a ele modificar a que... narrador nenhum. É o Fradique que está interessando. Né? Então, ele pegou aquelas cartas. As cartas ININT pra engendrar uma espécie de crítica daquele outro texto. Então, é um romance que critica outro romance. Então, a relação dentre eles é de cri... o segundo romance que é o “Nação crioula”, ele tem um estatuto sim de metalingüística. Tá? Mas metaficcional. Ele é metaficcional. É uma ficção sobre outra ficção. Por sua vez, o personagem é um personagem ficcional que embaralha o que é ficção e o que é realidade. Então, é um lab...um labirinto, um... espiral.né? É uma ficção que fala de ficção, que fala de um personagem fic... ficcional, mas que conheceu personagens reais. Então, é ficcional ou não é ficcional? Mas Frad... menos. Antes. O livro do Agualusa é metaficcional. Porque é uma ficção sobre outra fi... ficção. É uma ficção que reelabora o sentido da outra ficção. E mais, reelabora o sentido ficcional da outra ficção. Está claro? Não. Então, pára. O livro do Agualusa é uma ficção. O que se passa lá, o Fradique Mendes não existe... ele não foi existe, não foi pra Angola. Nada disso. Mas ele trata... o subtítulo dele quase que por inteiro é o título de um outro romance. O personagem dele é um personagem originário de um outro romance. Então, necessariamente, ele está fazendo referência direta a um outro romance, a uma outra ficção. É um texto metaficcional. Tá? E por estar fazendo referência a outro romance, ele ganha ares até de crítica literária. Um texto, um romance que comenta um outro romance, ele também faz interpretação sobre esse outro romance. Quem que interpreta o romance? É a crítica literária. Tá? Um texto de crítica. É um texto de crítica, de comentário ao livro do Eça, mas sem deixar de ser ficção. Entenderam?

*CIRC:* E sem deixar de ser ele, né? O ININT que escreveu sobre Cervantes, né? Ele fez.. ele fez... ele abandonou aquela idéia de copiá-lo e deu todo um.. significado próprio dentro da experiência dele.

*INF:* Exato. Então, eh... eh... eh... o que tem que estar claro pra todo mundo? Que eu acho isso importante, né? De que é o caráter meta ficcional de Nação crioula, porque metaficcional? Porque é um texto ficcional que comenta outro texto ficcional. Que reinterpreta um outro texto ficcional. O outro texto ficcional é o livro do Eça. Mas ele não é só no.. eh.. meta ficcional.Não é? Por quê? O livro do Eça fala... século dezenove, que o Eça de Queiroz viveu. O livro do Agualusa fala sobre o século dezenove em que o Agualusa não viveu. Fala sobre um período para o Agualusa e pra gente que é histórico. Está posto no passado. Eu diria que, em alguma medida, encerrado. Fala sobre a.. a luta pela abolição, fala sobre a relação entre frotas em navios que passeavam.. entre... passeavam, né? Entre Angola e Brasil, tá? Então, tem um caráter no livro do Agualusa também... não é história, mas é historiográfica.

Ele pretende de alguma maneira, reescrever a história. ININT na ficção. A reescrever a história. Tá? Então, o palavrão que eu ia dizer pra vocês, né? Alguns podem dizer assim “Está lá no livro do Agualusa?”. Traduz aquilo que da literatura pós-moderna. **Tem lá no livro Pós-modernidade de XXXXX. Tem na biblioteca. Quem quiser ler, é um livro legal.** Metaficção historiográfica. Não é bem um palavrão, né?

*CIRC:* É uma palavra grande.

*INF:* O livro do Agualusa é uma clara metaficção historiográfica. Por que é uma metaficção historiográfica? Ele é uma ficção, quer comentar uma outra ficção, mas é uma outra ficção que está colocada no passado. Em um outro contexto histórico. Então, ao comentar o livro do Eça de Queiroz, o Agualusa também está comentando uma outra época histórica, está elaborando, reescrevendo uma outra época histórica. Aí, não apenas ficção sobre ficção, como a gente vai ter ficção sobre a própria história. Ele não apenas interpreta uma outra ficção, como ele reinterpreta a própria história. Tá? E aí tem a.. a história é legal, que a gente lê o livro do Agualusa e a gente vê um ponto de vista...isso é legal... um ponto de vista sobre a abolição, sobre o contexto da abolição. Da luta pela abolição do Brasil... Não sei se vocês já estão lendo... já estão lendo isso já chegou nisso...

*CIRC:* Eu estou lendo.

*INF:* Que a gente não encon... claramente na ficção escrita no Brasil do século dezenove. Só vão falar no século vinte. Pré.. se for pré.. eu tenho a nítida impressão de que foi preciso alguém vir de um outro país, que não é um país qualquer, Angola, para escrever uma ficção sobre a luta pela escravidão, uma coisa que a gente não encontra muito na literatura brasileira. Eu.. não me recordo de nenhum texto. Assim, a mim não ocorre nenhum texto. Alguém que fale do contexto da abolição, que fale do José do Patrocínio, que fale do Luis Gama fale das... das... eh.. dos atentados que ocorriam contra os abolicionistas.

*CIRC:* Sinhá Moça fala.

*INF:* Sinhá Moça fala?

*CIRC:* Fala.

*INF:* Ah, bom. Então, o meu repertório está.. está curto (risos). Mas eu não tenho absolutamente na ordem do dia...

*CIRC:* ININT

*INF:* Não sei.

*CIRC:* Ou é Escrava Isaura? Eu acho que é Sinhá Moça. Que ela até se vestia também eh... com uma máscara que nem o... cara que.. ia pra poder libertar os escravos.

*INF:* Vamos pensar o seguinte. É um tema que eu acho... eu. Professor. É um tema interessante que é absolutamente importante pro caráter... pra abolição da escravatura... pra o caráter paternalista da.. como é o nome dela? Princesa Isabel libertando e mostrando... reconstruir isso... tá. A história pode fazer, mas a ficção tem um sabor diferente ao tentar reconstituir períodos históricos, muito mais persuasivo e cativante. A reconstrução de.. da luta dos abolicionistas. O Fradique faz isso ININ maior, mas faz isso de uma maneira bastante sedutora. Fala ao Brasil. Diz menos respeito a um português e a um angolano do que a um brasileiro. Eu diria que isso ocupa quase metade da história de.. é o Fradique envolvido aqui nas.. nas politicagens, nas manobras pela abolição. A favor da abolição. né? Então, ele está discutindo e dando novos sentidos a outro período histórico que não o do Agualusa. Ele e o Agualusa. Está discutindo e dando outro sentido a um outro período histórico. A um outro texto ficcional, ou a outro período histórico. A um outro texto é metaficção. Mas é uma metaficção que se quer também reelaborando todo o período da... da.. da... final do século dezenove. Eu diria que o sentido vai até um pouco além. Apo reelaborar.. o próprio Fradique Mendes reelabora até o que era a expansão do terceiro império português. Se não expandiu para o Brasil, não expandiu pra... pra Angola. E se o Fradique Mendes, no livro do Eça, representa em alguma medida a expansão desse terceiro império português, no livro do Agualusa ele é tudo menos o colonizador imperialista. Pode ser absolutamente tudo, menos isso. Então, ele não é esse ponta de lança que está colocado na frente do império. Não. Ele che.. ele está com uma preo... ele está com a intenção contrária. Em olhar, ouvir, interagir, e, num determinado caso, se apaixonar por aquele que Portugal está na verdade querendo dominar. Que é o angolano.. a angolana. Ana Olímpia. Então, ele faz no livro do Agualusa o que ... o caminho inverso ao que Portugal historicamente fez.

Estão com umas caras. (risos) É o frio? Não. Não é o frio, é?

*CIRC:* ININT

*INF:* Eu estou falando pra você apresentar trabalho. Tem um outro tema que está no livro, é feito... O Agualusa não é bobo, né? É feito sobre medida pra os estudiosos contemporâneos, estudiosos de **identidade**, estudiosos da... do tráfico negreiro, estudiosos de... diáspora africana, que é o quê? Vocês conhecem Paul Gilroy ? Já ouviram falar em Paul Gilroy? Não? Não sei, em outra disciplina?

*CIRC:*

*INF:* Não. Tudo bem. Então, perguntar... não dei nada dele. Mas é um sociólogo americano que diz que o.. pré-história... pré-história dos povos negros pelo ocidente... eh.. da diáspora negra da África pras Américas, pras Antilhas e pra Europa em função da escravidão, ele diz

que o... ele vai chamar de cronocópio, que é um conceito do Bakhtin, né? Digamos o.. a imagem que sintetiza essa história é o barco.

*CIRC:* É o quê?

*INF:* O barco. O navio negreiro. O navio negreiro, ou navio. Ele vai dizer navio, é a imagem que sintetiza essa diáspora dos negros pelo mundo. Dos africanos por toda a América e pela Europa. A gente vai encontrar em *Nação Crioula* essa imagem condensada num barco. Quem já passou... hã?

*CIRC:* É o título do livro.

*INF:* É o título do livro. É. Um texto antigo. Que significa a nação crioula qno livro, que é tá? Não é o final do livro. Não é o final do livro que eu vou dizer. É o.. o.. último barco que fez a..a .. fez... o barco que fez a última viagem. Entre o.. África e o Brasil. Né? Então Nação Cri... o título... o título aí sintetiza essa história da diáspora eh.. eh.. levada a cabo com os barcos. Nos barco.

*CIRC:* Como é o nome dele?

*INF:* Paul Gilroy. O nome do livro dele é Nação... É Nação crioula. Ah. (risos). *Atlântico Negro*.

Chega uma hora que a cabeça começa a ficar....

*CIRC:* É. É.

*INF:* ININT

*CIRC:* Todos nós. Não vejo a hora.

*INF:* O *Atlântico negro*. Organizado por um homem importante. Veio pra Bahia ININT

*CIRC:* Esse livro vende no Brasil?

*INF:* Hein?

*CIRC:* Vende no Brasil esse livro?

*INF:* Tem. Tem. O título está aí *Black Atlantic*. Atlântico negro. Tem aí. Compram. Comprem, né? Ele fala de música, ele fala de *gospel* lá entre... entre a importância da *soul music* e da... da religião protestante pra os negros americanos. Tá? E eh.. e como essa religião ganha um caráter.. a música até chegar ao Rap. **Jimmy** Hendrix. É legal. Eh... fala da literatura, fala do panafricanismo. É um cara que conhece muito bem o Brasil. Tem uma.. ele faz um prefácio pa... sobre o Brasil, né?

*CIRC:* ININT

*INF:* Hã?

*CIRC:* ININT

*INF:* É. O nome desse cara está atravessado pelos estudos culturais. Ele é sociólogo de formação, mas atravessa tudo isso.

Vamos lá? Sim, vol... eh.. eh... só pra citar, o seguinte eh... menos o conceito... que isso aqui é uma citação erudita, né? É uma citação decadente, está no ININT. Menos isso, mas também pra com.. se comunicar com um público contemporâneo a ele, o Agualusa se vale de.. o tema, é um tema da ordem.... não é um tema do Brasil que é o com.. que é o tema da diáspora negro-africana, que é o tema do.. dos contatos transnacionais, do cosmopolitismo dos **povos**. Nesse caso, o cosmopolitismo do negro, ou seja, um.. um.. um.. uma cultura negra transnacional que está se formando aí junto com o rap, recuperando determinadas canções eh.. eh.. tradicionais africanas. Né? O Olodum passeando pelo mundo todo e o Ilê Ayê passeando pelo mundo todo. Tá? Tem uma cultura negra internacional que está muito bem expressa...isso contemporaneamente. Vou falar o quê? De noventa pra cá, nos últimos dezoito anos, que está muito bem organizada nesse livro. Por esse tema... eh.... eh... simbolizado pelo barco. Esse barco que leva... com toda angústia, com toda dor e todo sofrimento, mas é o barco que constitui essa... eh.. eh... essa comunidade transnacional de negros pelo mundo. Então, se de um lado, o barco é sinônimo de dor, por outro lado, o barco hoje pode ser ressignificado como aquele que hoje propicia essa cultura internacional negra. Ganhando uma prevalênci... uma forç... uma visibilidade enorme no mundo. Pelo menos, eu acho isso, né? Não sei se eu.. eu.. vejo no cenário ININT que vocês não veêm. Mas eu tenho a nítida impressão de que tem uma cultura negra, pop, a... internacional, que não é apenas americana, obviamente tem a prevalência do império, né? Mas que não é só eh.. eh.. eh... norte-americana, está ganhando o mundo. E que ganha esse estatuto de.. de... de cosmopolita também. É um outro cosmopolitismo, desvinculado lá do cosmopolitismo europeu de diplomatas, do Fradique Mendes. A.. um outro cosmopoli.. esse cosmopolitismo que a gente pode flagrar no Fradique Mendes do Agualusa. O fradique foge pra o Brasil num navio negreiro. Fosse o Fradique do Eça de Queiroz, ele viria num navio negreiro? Não. Ele foge... literalmente, ele foge com amada dele, com a Ana Olímpia. Já é um outro Fradique Mendes. Né? Ele se identifica com outros valores. Ele se identifica com outros valores.

*CIRC:* Há pouco tempo, teve um grupo aqui de rap norte-americano visitando o morro do Rio de Janeiro.

*INF:* A toda hora. Toda hora.

*CIRC:* É.

*INF:* Por isso que eu estou...

*CIRC:* Sim.

*INF:* É o turismo étnico. O turismo étnico aqui que... eu já vi não foram uma nem das vezes, né? Mas eu já vi negros americanos que vão... eles vêm pra cá, eles não querem ir na lagoa de Itapoã. Querem ir onde? Na liberdade, vê o Ilê Aiyê, conhecer o Olodum no Pelourinho, tá? Tem.. tem agência de turismo especializada nisso.

*CIRC:* É. Com certeza. Eu trabalho com americano, com estudante...

*INF:* E turista.. e turista.. e turista que não... (superp)

*CIRC:* Pra conhecer o Brasil que não é vendido, né? (superp)

*INF:* Exato.

*CIRC:* ININT

*INF:* Hum, hum.

*CIRC:* ININT

*INF:* E que começa no final do século vinte.

*CIRC:* Isso.

*INF:* Com o Agualusa.

*CIRC:* E quem detém.. quem detém as cartas secretas que o Eça não teve acesso é a Ana Olímpia.

*INF:* Ah, legal.

*CIRC:* Isso aí também fundamenta XXX

*INF:* Isso é o final. Você está contando o final pra todo mundo.

*CIRC:* Que coisa! Ainda bem que eu não entendi.. que eu não ouvi direito. (rindo)

*INF:* Ó.

*CIRC:* ININT

*INF:* Pois é. É isso. Ó. O livro.. o livro do Agualusa... vai.. vocês que leram... O livro do Agualusa, além de tudo.. tá. São as cartas do Eça. Ele reformula o Eça. Continua com a voz do Eça. Eça o quê? O Fradique. Com as cartas do Fradique, o português. Ele reformula o Fradique. O Fradique que mais muda, mas ele termina não por acaso com a voz do outro. A última carta é a carta da Ana Olím... a última resenha.. a carta que vocês vão resenhar. É a última resenha. É a última carta que é a voz da Ana Olímpia. Não é simplesmente do angolano, não. É a voz da mulher também. Do ex-colonizado, da mulher, que foi escrava também. Onde é... (superp)

*CIRC:* Ex-escrava (superp)

*INF:* Uma série de ... de.. localizações nessa última carta, fechando o livro, que é.. como se fosse quase um... eu não gosto desse... é um fecho. A partir dali, é uma outra voz, já é uma outra relação, tá? E que não é propiciada pelo Fradique. O Fradique é tomado de assalto no

livro. Aí, na próxima aula a gente vai começar a ler do.. a primeira carta, tá? Quinta-feira. No livro do Aqualusa o Fradique é literalmente tomado de assalto pela Luanda, pelo ambiente e pela Ana Olímpia. Isso aqui, faz com que ele... não sei se já leram. Quem não leu traga o livro, né? A primeira carta do Fradique é totalmente irônica. É edipiana.

*CIRC:* ININT

*INF:* Só que.. só que ele vai fazer... à medida que as cartas vão passando, ele vai mudando. Ele vai mudando. Então, é.. eh.. aí é que está. É um diálogo... é um diálogo com Eça de Queiroz, é um diálogo com a épica histórica do Eça de Queiroz, mas também é um diálogo com o século vinte. É um diálogo com o século vinte. É por isso ININT o Eça de Queiroz está lá a cem anos de distância. Não é só porque ele é português. É porque ele está a cem anos de distância.

*CIRC:* Há uma identificação.

*INF:* Tudo. Na linguagem, no tema, na.. naquilo que ele pode dizer, como ele vai dizer. Isso pra você articular, se vocês não leram o livro do Eça.... então...

*CIRC:* Até o próprio projeto ININT, ele não precisa se reportar a um.. a uma pequena memória ININT

*INF:* Necessariamente, as referências históricas que ele faz são muito mais próximas das.. das que nós temos no século dezenove. Até ININT que o Eça de Queiroz no século dezenove, muitas já se perderam. ININT.

*CIRC:*

*INF:* Então, na próxima aula a gente entra pelo livro, certo?

*CIRC:* E a resenha?

*INF:* A resenha ainda não é pra próxima aula não.

*Tipo:* Elocução em situação formal

*Duração:* 1:22:51 (uma hora, vinte e dois minutos e cinqüenta e um segundos)

*Data:* 29/10/2008

*Tema:* Introdução à Sociolinguística

*Informante:* sexo feminino, faixa etária 1

*INF:* Eh.. como eu tinha dito a vocês, eu estava explicando para o pessoal que estava aqui que temos mais três textos pra gente... na verdade, temos mais três textos pra gente discutir. São eles: eh...sociolinguística, que a gente vai começar a discutir hoje. Vocês vão ter a oportunidade de ver esse assunto muitas vezes com Dante, né? Com outros professores também, o de... um de... antes de aquisição da linguagem., temos o de linguística aplicada. Também está na xérox. E... depois, vamos ter o de aquisição da linguagem. Certo? São três textos que, na verdade, fecham o ciclo eh... de conteúdos dessa disciplina. E... eu estava falando pra o pessoal que estava aqui antes de vocês chegarem que eh... eu estou com um probleminha de perda de liquido, né? Então, a... o... o combinado com a professora Ilda é que eu... eu vo... ia terminar todos os três assuntos. Mas eu não sei se segunda-feira eu poderei estar aqui, porque eu estou com um probleminha de perda de liquido. Então, se por acaso eu não estiver aqui segunda-feira, quem vai continuar eh... a discussão e o debate do texto é a professora Ilda. Certo? Então, hoje, a gente vai começar a discutir sociolinguística e... vocês também precisam fazer uma avaliação minha. Eu vou botar essa avaliação no quadro. Vocês podem...

Bom dia. Bom dia, professora. Tudo bem?

Então, como eu disse, eu... hoje nós vamos dar uma aula conjunta e aí... Hein?

*CIRC:* Está bem?

*INF:* Está bem, graças a Deus.

*CIRC:*

*INF:* Ele está bem. A barriga cresceu, né? Eh... Então vocês também vão precisar fazer uma avaliação minha. Isso é atividade obrigatória do estágio, né? Toda pessoa que faz estágio precisa ser avaliada pelos alunos. Então, eu vou botar a atividade de avaliação no quadro pra vocês fazerem e depois vocês entregam ou a professora Ilda, ou a mim.

*CIRC:* É aquela avaliação que a universidade dá. Porque foram duas. Veja bem, porque a maior parte do semestre, você ficou. Então, eu vou ter que fazer a minha, quando eu retomar agora.

*INF:* Ah.

*CIRC:* Você vai fazer a sua também.

*INF:* é porque eu ia... eu ia lhe dar... seguir o modelo do relatório.

*CIRC:* Ah, então tá. Pode colocar. Viu, querida?

*INF:* Certo.

*CIRC:* Eles me entregam e eu entrego a você, né isso?

*INF:* é. Ou entregam a mim, ou entregam a você.

*CIRC:* Então, me dê logo o seu relatório antes que eu esqueça.

*INF:* Eu já separei aqui pra não esquecer. Ou botar aqui, viu pró? Aqui.

*CIRC:*

*INF:* É. Aí, eu vou deixar no quadro. Vocês, se puderem me entregar hoje, porque aí, até pra eu começar a ir fazendo o relatório. Entregar também. Se vocês puderem fazer hoje, até o final da aula e me entregarem, fica melhor, certo? Mas, nós vamos começar então, a discussão desse texto de sociolinguística. Todo mundo tirou xerox?

*CIRC:* Não. Porque [...]

*INF:* Ah, vocês não vieram semana passada. Eu avisei que estava o texto na xerox.

*CIRC:* Eu perguntei isso a ela. O pessoal não está lendo os textos. Vocês pegaram o da primeira sobre a variação?

*INF:* Foi esse aqui.

*CIRC:* Já olhou ele?

*INF:* Não.

*CIRC:* E por que começar pela ININT

*INF:* Certo. A gente pode começar pela sociolinguística.

*CIRC:* Eu gostaria de começar por ele, porque eu devo mostrar alguma coisa.

*CIRC:* Gente eu tenho... tem todos os textos? Os cinco. Todos os cinco?

*Circ2:* É.

*INF:* Não. Esses últimos não. não.

*CIRC:* Esses últimos cinco? Cópia aí...

*INF:* Tá.

*CIRC:* ININT

*INF:* É porque vocês não vieram na aula que ININT vocês. Mas, na aula passada (superp)

*CIRC:* Não.

*INF:* Ah.

*CIRC:* É porque ela é nova. E ela fez um trabalho de outra disciplina...

*INF:* É.

*CIRC:* ININT

*INF:* Vocês já pegaram essa disciplina com Dante, não já? De sociolinguística?

*CIRC:* É optativa.

*INF:* Ah, é?

*CIRC:* Eu já vi sociolinguística. Mas não foi aqui, não. Foi em outra faculdade

*INF:* Você fez Letras em outra faculdade?

*CIRC:* Eu era da Jorge Amado.

*INF:* Ah, tá.

*CIRC:*

*INF:* Ah, tá.

*CIRC:* Viu, gente? Eu estou retomando, em parte, algumas coisas ININT a qualquer hora vai ter neném. E a gente vai precisar pra fazer a monografia. E depois ela corrige. O seminário ela já fez. Hoje, eu conversei com ela que eu trouxe um esquema abrangendo... ou melhor, umas ligações entre esses últimos textos, né? No caso [...] A gente fecha esse trabalho pra entregar a monografia. Até a hora que ela puder, tá? Na hora que ela não puder. Na hora em que ela não puder, então, assumo eu, tá bom?

*INF:* Pró, cê quer essa cadeira pra sentar?

*CIRC:* Não. Já está no final. Está grávida. Está cansadinha.

*INF:* É. Cresceu.

*CIRC:*

*INF:* Bem, então, na verdade, a gente tinha deixado o texto de sociolinguística e os outros textos de linguística aplicada e de aquisição da linguagem na xérox. Como vocês... alguns não pegaram, providenciem. E façam a leitura, porque nas próximas aulas, caso eu não esteja aqui, mas professora Ilda também vai... eh... estar requerendo a leitura do texto.

*CIRC:* (superp) Eu vou fazer um trabalho aí, né? Também pra gente fechar essa. Entendeu? E vou colocar com... fazer um questionário que vai levar você a ter um [...] Se você quiser ir começando o outro.

*INF:* Certo. Eu queria saber o seguinte, eh... com relação à noção de sociolinguística. Né?

*CIRC:* Se você vai começar por esse, eu queria dar uma lembrada sobre variação.

*INF:* Ah. Então, tá bom.

*CIRC:* Tá? Gente, vamos dar uma lembrada rápida, porque, na verdade, a sociolinguística trata da... do estudo social da língua, né? Abrange a mudança também, embora a mudança não possa acontecer sem a variação, né?

*INF:* Certo.

*CIRC:* É o que a gente chama de pan2324

5cronia. Em que formas velhas convivem com formas novas, né? Eu queria que vocês pegassem os textos, cês têm, gente, por favor. O texto de variação lingüística. Ninguém tem?

*CIRC2:* Variação lingüística? Não.

*CIRC:* Eu dei esse texto. “Variação... se não estou enganado. “A mudança lingüística” Desculpe. “A mudança lingüística”. “A mudança lingüística”. Vocês têm aí? Não fizeram?

*INF:* Professor, acho que esse não está na pasta, não.

*CIRC:* Tá. Tá.

*INF:* Tá?

*CIRC:* Eu coloquei. “A mudança lingüística” e “Sociolingüística. Está na pasta. Cês não fizeram? Bom. Eu quero dizer, em linhas gerais, gente, que esse texto aqui é muito importante, porque ele mostra que a língua na sua ININT, na sua... na maneira de ser usada pelo usuário, né? Ela está sempre se modificando em decorrência das necessidades cognitivas, sociais, políticas etc.[...] Né? Ficou claro isso aí, gente? Então agora você pega aí, viu?

*INF:* Certo. Então, eh... eu gostaria de começar com vocês em relação a situação da língua para a sociolingüística. No texto, que a professora deixou na xérox, na página cento e quarenta e um, né? Tem dizendo o seguinte “A sociolingüística é uma área que estuda a línguag... a língua em seu uso real, lavando em consideração a relação entre a estrutura lingüística, e os aspectos culturais e sociais da produção lingüística”. Então, a sociolingüística, ela vai buscar fazer uma relação entre o uso da língua, efetivo, concreto, e a s condições sociais que contribuem para esse uso. Então, a relação entre a classe social e o uso lingüístico, a região a... a... se você tem grupos sociais rurais ou... urbanos, a questão do gênero, se é um homem ou uma mulher que está utilizando. A questão da idade. São todas essas questões importantes pra compreender o uso da língua e a variação, porque o objeto de estudo da sociolingüística é basicamente, essencialmente, a variação lingüística. Né? Então... só que tem uma especificidade que eh... outras teorias eh.. deixaram de considerar. Por exemplo, a variação, para a sociolingüística, não é considerada uma coisa caótica, ou um defeito. Ao contrário, ela é.. ela tem uma regularidade, ela possui leis que.. que você pode estabelecer, de acordo com a observação dos... eh... das comunidades de fala, né? Por exemplo, nota-se que as mulheres, elas usam muito mais diminutivos que os homens. Eh... se vocês observarem na sala, geralmente, as mulheres falam mais utilizando o diminutivo “ô, minha filhinha, que bonitinho. Ah, é bonzinho” né? Sempre utilizando o diminutivo. Então, alguns lingüistas dizem que o fato de utilizar o diminutivo é... é... é uma forma de expressar a afetividade, que é mais própria da mulher. Do sexo feminino, né? do gênero feminino. E...

eh... que os homens evitam o uso desse diminutivo pra que não sejam associados a essa questão da afetividade. Por exemplo, “Ah, ele só fala diminutivo. Esse cara não... não é realmente homem”. Né? Aí, até esses preconceitos, estereótipos sociais serem colocados em xeque. Certo?

Outra coisa também. A gente vê, por exemplo, que uma forma de nós falarmos eh... dentro de uma sala de aula, não é a mesma forma que nós falamos quando estamos numa conversa informal. Nós variamos o registro, né? Dentro da sala de aula, quando alguém vem fazer uma palestra ou vai dar uma aula, procura utilizar um registro mais formal, mais próximo da norma padrão, da norma culta. E, quando a gente está com um registro menos informal, em casa, ou numa conversa de corredor, ou na... num barzinho, a gente procura relaxar com relação a esse registro. Né? Utilizar um registro menos formal. Certo? Então, a sociolinguística, ela está sempre relacionando os aspectos sociais com o uso efetivo e concreto da língua. Certo? Então, eh... é na verdade, ela trouxe contribuições importantes para a... o próprio gerativismo e para o próprio estruturalismo, porque essas teorias não... não conseguiram estudar a fala, como a gente viu, porque consideravam a fala como um objeto de estudo fora da linguística. A linguística devia estudar a *langue*, a língua como sistema abstrato, né? E não a língua como um sistema concreto. Né?

Bem, a... a professora Ilda deu o exemplo... deu o exemplo da questão da va... da mudança, que é muito importante. Pra gente compreender a sociolinguística, a gente precisa compreender que a língua, ela varia e a língua muda também. Certo? Então, eh... a mudança, ela parte de uma variação. Primeiro, você tem uma variação, depois que essa variação se torna, vamos dizer assim, eh... se torna, como é a palavra? Me fugiu agora. Essa variação (superp)

*CIRC*: Estável (superp)

*INF*: Se torna estável, isso. E ela é absorvida pela comunidade linguística e passa a ser uma nova forma dentro daquela comunidade.

*CIRC*: E pode acontecer também de as duas continuarem existindo. As duas...

*INF*: Exatamente. Isso. Tem um exemplo de.. da.. eh... do livro de Camões. Né? Que ele utilizava duas formas no português do século dezesseis e que muitas vezes a gente estranha. Ele utilizava “frecha” e “flecha”, “flor” e “fror”. Né? Aí, hoje, quando a gente lê aquilo, a gente diz, “poxa, mas Camões estava usando ‘frecha’ e ‘fre... e ‘fror’ Como é que pode cometer”, alguém desavisado pode dizer, entre aspas, “um erro desse?”. Né? Mas, naquela época, as duas formas conviviam. Você poderia dizer “fror” e “flor” e “flecha” e “frecha”. E depois, por algum motivo, a... as formas flecha e flor, se tornaram formas de prestígio eh... e

foram privilegiadas em relação as formas “fror” e “frecha”, que ficaram sendo estigmatizadas, como formas utilizadas por camadas sociais mais baixas.

*CIRC:* ININT

*INF:* Exatamente. Então, observem, por exemplo, na.. a fala de pessoas eh... que têm uma baixa escolaridade. A gente vai ver muito essa questão “fror, frecha” eh... “franela”.

*CIRC:* ININT

*INF:* É. Exatamente. Eh.. a gente vai ver que isso é muito comum. O que é... o que é isso, na verdade? É a remanescência dessas formas mais arcaicas e na verdade, elas ficam ali, vivas, dentro daquela comunidade de fala. Por exemplo, a co.. as comunidades rurais, elas têm uma resistência muito grande à absorção de formas novas. Né? Então, dentro das comunidades rurais, a gente ouve muito algumas pessoas falando “vosmicê”, né? E ainda é a remanescência de uma forma mais antiga. Que hoje em dia, a gente fala você, né? Constantemente. Correntemente

*CIRC:* Que vem de vossa mercê.

*INF:* É. Que vem de vossa mercê. E lá, eles mantém o vosmicê que veio do vossa mercê, mas que foi, na linguagem falada, digamos assim, aglutinado e formou a expressão vosmicê. Né? Então, eh... a gente tem dentro da sociolinguística, esse aspecto que é super importante, que é a variação diga

*CIRC:* Será que não era assim, antes? ININT Mas hoje com a televisão...

*CIRC:* ININT, mas às vezes isso é porque a pessoa a pessoa ouve, mas ela não compreende aquilo que ela está ouvindo. Ela tem ah...uma baixa escolaridade, por ter uma baixa escolaridade, ela não consegue. Porque minha mãe, ela era... ela era analfabeta. E eu percebia algumas coisas nela ININT, por exemplo, ela falava “fror”. Ela não falava flor. Aí, eu falava pra ela. Aí, ela fazia umas analogias, aí, ela não falava mais degrau, falava “deglau” [...] Então, eu acho que o que você está falando, pode ser ININT

*CIRC:* O falante, depois de uma certa idade, ele não tem mais a aquisição da linguagem, ele é resistente a essa mudança. Ele não vai processar a mudança, porque ele já tem a... a... fala dele já estabelecida. Construída. ININT E a outra questão, é que você não interage com a televisão, no sentido que você não produz fala com a televisão. Por mais que você escute, você... eu creio, ININT mas a questão da interação é com sua comunidade. [...]

*INF:* É. Eu acho que a segunda observação que você fez, eh... é muito importante. Porque, por exemplo, é uma interação, que a.. a... a... as falas se realiza concretamente e o uso lingüístico se dá de forma concreta. Por exemplo, eu dava aula pra... eu vou dar um exemplo prático. Eu dava aula pra estudantes da periferia aqui de Salvador que moravam ali na.. eh... no Iguatemi,

tem uma região ali chamada Polêmica. Não sei se vocês já ouviram falar. Mas é uma região muito pobre, assim. E.. eles tinham... é naquela região que tem o clube do Galícia, não sei se vocês sabem mais ou menos onde é. Eu dava aula ali naquela escola. E o pessoal da polêmica ia ter aula nessa escola. Então, a min... meus alunos eram constituídos... o grupo de alunos da camada pobre mesmo. Da camada baixa. E eu comecei a notar que eles tinham uma especificidade incrível no uso de algumas expressões. Por exemplo, quando eu fazia a chamada, aí, eles falavam assim “professora,eh... João não velho”. Aí, eu ficava assim “será que eles estão falando velho ou veio?”. “Não, não velho”. Aí, eu comecei a ver que eles.. que toda vez que você tinha essa forma “eio”, “elho”. “Não. Isso é feio” Eles falavam “Isso é felho”. Né? Então, eles faziam essa... essa modificação, utilizavam a... a... a expressão “felho” ao invés de feio e “velho” ao invés de veio. E aquilo era uma coisa corrente na comunidade da Polêmica. Né? Na comunidade da qual eles faziam parte. E eles tinha acesso a computador, eles tinham acesso à televisão. Eles tinham acesso a outras coisas, eh... a outros meios de comunicação, mas eles só falavam “velho” e “felho”. Então, era uma expressão típica da comunidade de fala deles. Né? Que foi se reproduzindo e eh... na verdade, eu tive que depois fazer um debate com eles. Por que que eles estavam falando “felho”, quando na verdade era feio, né? Fui mostrar a diferença entre as duas formas. Porque parece que eles não conseguiam compreender a diferença, eles não conseguiam perceber, foneticamente, essa diferença de forma tão marcada, né? Então, eh... eu terminei descobrindo que era uma coisa comum na comunidade de fala deles. Os pais falavam assim também, as mães falavam assim, todo mundo falava assim, e eles falavam assim também. Terminava isso se reproduzindo dentro do ambiente da própria escola.

*CIRC:* ININT Que eles consigam pelo menos usar corretamente as formas que aquela comunidade usa. E não ININT porque chega na escola, aprende, decora e... fica ali.

*INF:* É. Porque, a.. a questão que eu a... vejo como maior problema, é que a escola chega lá, tenta fazer com que os alunos decorem as regras, mas eles não interagem utilizando eh... efetivamente, essas novas formas na sua comunidade e nem dentro da escola. Né?É como se fosse só o manualzinho que ele vai decorando as regras. Depois, pra ele não serve pra nada, né? Eh... ele “onde é que eu vou usar isso? Se na minha comunidade eu chego e digo “barrer”, e falo “velho”, pra que que eu vou usar essas coisas eh.. na minha prática? Se isso não me serve?” Então, não é uma coisa que servem de forma interativa dentro da comunidade de fala deles, né?

*CIRC:* ININT

*INF:* Já. Outro não. Vou distribuir. Aqui, na última lista de frequência... porque na última aula faltaram muitos alunos. Na última lista, tem nove, mas estão freqüentando catorze. Efetivamente.

*CIRC:* ININT

*INF:* É estão freqüentando catorze. Porque...

*CIRC:* ININT

*INF:* É. Porque na... (superp)

*CIRC:* Pra apresentar o seminário, né?

*INF:* Na última aula, como a gente teve a continuação do seminário, então, alguma pessoas faltaram. Ela faltou.

*CIRC:* [...] Na próxima aula, com Palmira ou não tendo neném, eu vou trazer um questionário...

*CIRC:* Análise do discurso também?

*CIRC:* Presta atenção, vocês precisam ler o texto, né? [...] Vou xerocar agora e vou deixar na xérox.

*INF:* Certo. Tá bom?

*CIRC:* Outra coisa, também que eu estou batendo ININT e vou continuar batendo aqui, vocês precisam ler. Essa disciplina é uma disciplina que obriga a algumas leituras [...] Os outros pra próxima aula. Esse era pra hoje.

*INF:* Tem esses aqui, ó.

*CIRC:* Lingüística aplicada e um texto que a gente vai fechar o semestre de Ingedore Villaça.

*CIRC:*

*CIRC:* São dois de lingüística aplicada e um de aquisição da linguagem.

*INF:* Dois de lingüística aplicada. Um é de Moita Lopes, o outro é de José Carlos Paes de Almeida Filho.

*CIRC:* Exatamente.

*INF:* E aquisição da linguagem que é de Maria Maura Cesário e Mário Eduardo Marcelino.

*CIRC:* ININT

*INF:* Estão lá na xérox.

*CIRC:*

*INF:* Certo

*CIRC:* Mas continue aí, que depois eu vou fazer a ligação da aquisição da linguagem com a lingüística aplicada.

*INF:* Certo. Certo. Eh... então, o texto mostra, assim, por exemplo, que a sociolingüística....

*CIRC:* Desculpa aí, viu Palmira?

*INF:* Não. À vontade, professor.

*CIRC:* ININT

*INF:* Eh... o texto mostra que a sociolinguística se preocupa com alguns aspectos. Por exemplo, em que contexto específico se usa determinada forma? Né? É no contexto formal? É no contexto informal? Eh... Eh... qual é a diferença nos usos dessas formas se compararmos crianças e jovens e adultos? Né? Na verdade, a gente vai ver que há uma diferença grande na linguagem dos mais velhos pra linguagem dos mais jovens. No uso efetivo. Por isso que a gente tem gírias, tem expressões menos formais nas... na linguagem dos mais jovens, e tem expressões mais formais na linguagem dos mais velhos. Né? Isso é...

*CIRC:* Relativamente.

*INF:* Relativamente. É.

*CIRC:* ININT uhhhhhhh.

*INF:* É. Não podemos generalizar, não é? Com certeza.

*CIRC:* ININT

*INF:* É. A geração da professora, por exemplo.

*CIRC:* Quê?

*INF:* A geração da professora, por exemplo.

*CIRC:* Já tem outro... outras histórias.

*INF:* É. Certo. Aí, as diferenças, por exemplo, na... no uso da linguagem para pessoas cultas e analfabetas, pra maior escola... maior escolaridade ou menor escolaridade, o fator escolaridade vai ser decisivo para o uso da linguagem? Né? A gente vê, por exemplo, muitas vezes a gente acha que as pessoas mais escolarizadas são as que usam a norma culta de maneira mais perfeita, ou de maneira mais incisiva. E, quando a gente observa o uso da linguagem nas situações informais, até mesmo pelas pessoas mais escolarizadas, a gente vê a reprodução de... de expressões que não são da norma culta. Por exemplo, á vezes você vê “a mulhé foi”. Eh.. eu não falei “a mulher foi”, eu falei “a mulhé foi”. Se a gente for ver, eh... eh... essa supressão do erre no final, ela é típica da... das camadas menos escolarizadas. A “colhé”, “mulhé”, né? e etc. E, muitas vezes, nós utilizamos essas expressões mesmo tendo um... um grau de escolaridade maior, em situações menos formais. A gente não... não.. eh... eh... se policia para realizar “a mulher foi”, né? Então, vocês fizerem uma gravação da.. da língua utilizada por mim ou por outro professor, mesmo... mesmo aqui na sala de aula, a gente vai perceber que existem alguns aspectos que estão... alguns fatores que estão atribuídos a... a pessoas de camadas menos escolarizadas e que são reproduzidos na nossa fala, no uso

concreto. Certo? Porque a língua é interação, a língua é variação e a língua não é estática, né? Isso também é muito importante.

*CIRC:* A variação diafásica, diastrática?

*INF:* Exatamente.

*CIRC:* ININT

*INF:* Exatamente.

*CIRC:* E essa frase que você falou que eh... até uma pessoa mais escolarizada, ela vai usar eh... eh... parte do discurso de pessoas menos escolarizadas. E a gente já vê... é histórico, né? Que a gente já via eh... ININT lá nos romanos que eles tinham um discurso no senado, por exemplo, e em casa, por vezes, era diferente, né? Havia uma adaptação ao meio onde estava sendo dito o discurso, né?

*INF:* Exatamente.

*CIRC:* Olhe, eu gostaria de interromper aqui, porque eu estou lembrando aqui que ININT

*INF:* Certo. Eu já tenho.

*CIRC:* Que você pode ter neném, né? Melhor ficar na minha mão.

*INF:* Quando eu terminar, eu junto as duas pessoas e passo.

*CIRC:* ININT

*INF:* Tá bom. Certo.

*CIRC:* Tudo bem. Pode continuar.

*Circ:* E é uma coisa bem interessante, porque causa até uma certa surpresa pra alguns, né? Que ININT. “Não, mas você não faz Letras?” Né? Acha que o tempo todo a gente tem que falar de uma certa maneira. (superp)

*INF:* A cobrança é maior ainda, porque... porque as pessoas acham o seguinte “Ah, ela faz Letras, então ela tem que falar o português, a norma culta, de maneira perfeita, né? até dentro de casa ela tem que estar falando...” e não compreende que a língua, ela é variável. Ela é dinâmica, ela é mutável. Né? E que a gente utiliza a língua interativamente e a gente mo... modifica, a gente varia, a gente tem essas **inferências** (superp)

*CIRC:* ININT

*INF:* Com certeza.

*CIRC:* é tanto que o português do Brasil é bem diferenciado do português de Portugal que houve uma [...] Nós sofremos influência das ININT Veio um professor de Portugal aqui dar uma palestra...

*CIRC:*

*CIRC:*

*CIRC:* Aí, já é a coisa da comunidade, né? Se a gente fala uma coisa dessa aqui no Brasil... eu ouço um radialista dizendo assim 'ah, eu tava com vontade de assistir aquele filme Olga, né? Aí, eu fui ver o trailer e o cara está lá 'prendam-no! Prendam-no!'. Ah, fala sério" Ele falou, "Fala sério!Eu não vou ver um filme desse. Não existe. Ninguém fala assim."

*CIRC:* Em compensação, se você chamar uma moça aqui de rapariga o pau quebra, né?

*INF:* é.

*CIRC:* Porque lá é assim. Rapaz e rapariga. Rapariga aqui, você vai...

*INF:* é.

*CIRC:* Fui lá em Portugal agora em maio ININT alguém chamar um homem de moço. Cê chamar um homem de moço. "Moço, moço". ININT Misericórdia! [...] (risos)

*CIRC:* Tem que chamar como?

*CIRC:* Minha filha!

*CIRC:* Eu fui a uma lanchonete e vi lá o bolo. [...] "Tá aqui. Eu quero uma fatia de bolo" Ela falou assim "De carimã ou de não sei quê?" Eu disse "Não. Eu quero de chocolate. Recheado, com morango, com não sei quê/ Não. Isso não é bolo. Isso é torta" [...] (risos).

*INF:* Sim, que são as variações dia...

*CIRC:*

*INF:* Isso. São as variações diatópicas. Por exemplo, eu morei muito tempo em Recife. Passei minha infância... uma boa parte da minha infância em Recife. Depois eu vim pra cá pra Salvador. Mas, foi um choque com relação ao uso da linguagem, né? Por exemplo,eh... lá, você a... o termo rapariga, ele tem os dois aspectos. Né? Tem o aspecto pejorativo, mas você também utiliza rapariga pra... pra se referir a uma moça jovem mesmo. Né? Então, alguém chegava assim, dizia 'ah, ela é uma rapariga.'. Mas, se você coloca isso num contexto eh... num outro contexto, você pode dar a entender que vocês está xingando alguém. Né?

*CIRC:* E aqui ainda tem um termo pior, né? ININT vê uma pessoa na rua "A rapariga de Fulano". Rapariga de Fulano.

*INF:* É. Então, varia muito...

*CIRC:* Sujeita.

*INF:* Eu estava falando do exemplo da ordinária, né? Na... na aula passada.Porque professor Maingueneau foi falar que a.. a pessoa era ordinária. Mas ordinária no sentido que era uma pessoa simples. Que era uma pessoa comum, né? E quando ele falou "essa mulher ordinária" a platéia inteira deu risada, né? Foi a maior gozação. Aí, ele "Ah, meu Deus, por que..." Depois ele foi perguntar depois pra gente "Por que que o pessoal riu quando eu falei que era ordinária? Porque no dicionário tem escrito que ordinária é.. é uma pessoa simples, é uma

pessoa comum”. Aí, a gente “Ai, meu Deus! Como é que eu vou explicar isso agora?” (rindo). Aí, você vê aquele exemplo de pagode “bonitinha, mas ordinária.”. Então, vai ganhando uma outra... uma outra a... a... significação, um outro aspecto os termos, de acordo com a comunidade de fala, né? A gente vê essas...essas mudanças de acordo com a região, as mudanças de acordo com a idade, as mudanças... as variações, né? Na verdade, não são nem mudanças, de acordo com o eh... eh... o nível de escolaridade se é mais alto, se é mais baixo. E vários outros fatores que vão interferir. Diga, Priscila. Cê queria falar?

*CIRC:* Só um exemplo que eu queria... duas situações em São Paulo, né? Eu fui pra São Paulo passei um tempo lá. Eu saí com uma prima minha e mais uma amiga. E..aqui em Salvador a gente diz “vou saltar” [...] Aí, eu falei “vou saltar” ela começou a rir. Assim, bastante. Eu não entendi porque ela estava rindo tanto. Ela “vou saltar?” . Aí, eu disse “é. Em Salvador a gente fala normalmente”, né? “Vou saltar”. Ela, “Não. Vou descer”. Né? Aí, ela começou a explicar...

*CIRC:* ININT Lá em ao Paulo a gente pega o ônibus. Eu “Grande coisa. Aqui, vocês quebram a esquina!”. (risos) Quebra pra direita, quebra pra esquerda.

*CIRC:* Tem gente que diz “Vou quebrar aqui”. [...]

*INF:* Então, a gente vê, que na verdade, o que que isso... que que isso mostra pra gente? Que a língua é dinâmica, que a língua é gestada socialmente, que a língua é gestada na interação. Certo? Aí, eh... como a gente vê no texto, né? A gente tem, por exemplo, eh... ele dá o exemplo aqui de duas variantes. Uma você tem o uso do “s” e outra, você não tem o uso do “s”

*CIRC:* Está pnde isso?

*INF:* Está na página quarenta... cento e quarenta e três. Ele diz a... ele dá dois exemplos, por exemplo, ele diz assim eh...“as meninas vão”, né? “As meninas vão”. Aí, uma comunidade pode falar “As menina vão”. Né? Então, você tem a marcação do plural no final. Né? O uso do “s”. E a não marcação, que é o vazio. Né? Então, e.. essa variação entre a marcação do “s” e a não marcação do “s”, elas convivem dentro da sociedade eh... mas elas também indicam um nível de escolaridade e um nível de conhecimento dos falantes. Então, elas classificam os falantes pelo grau de escolaridade. Que se a gente ouve alguém dizendo “As menina” o que que a gente vai imaginar “ora, essa pessoa provavelmente, ela não tem uma escolaridade tal e não consegue fazer o plural de todas as formas do sintagma nominal”. Né? Mas se a gente ouve alguém falando “As meninas”, a gente já não tem um espanto grande com relação ao uso dessa forma.

*CIRC:* ININT A variação sempre esteve dentro da sociolingüística. Pode continuar

*CIRC:* Se é a sociolinguística quem dá conta de que a variação é uma ocorrência adaptativa, em relação de ter eh... como eu diria, eh... que ela pode ser entendida a partir de elementos ININT de uma forma específica pra eu estar tratando. Eh.. então, é ela quem dá conta desse contexto diatópico, diastrático... que vem com ela?

*INF:* Sim. É. Eh.. a partir dos estudos da sociolinguística que você vai ter as diferenças da variação diatópica, variação diastrática.;...

*CIRC:* ININT

*INF:* Exatamente. A variação eh... diafásica, né? Ou seja, o jovem não fala da mesma forma que um ve... uma pessoa mais velha, né? Há variações claras. A mulher não fala da mesma forma que o homem fala. Há variações claras. Então, são questões sociais que interferem mesmo no uso da linguagem.

*CIRC:* Uma variação social, ela se propaga, ela se dissemina dentro de um grupo social.

*INF:* Sim.

*CIRC:* Como a gente teria no nordeste...

*CIRC:* Exatamente. Regional, social.

*CIRC:* E é interessante como às vezes também mesmo uma pessoa mais escolarizada, quando vai falar com uma pessoa mais simples, ele procura adequar o seu discurso muitas vezes ao nível da outra pessoa pra poder se fazer entendido. Eu não sei se isso acontece de baixo pra cima, como eu dei exemplo de cima pra baixo.

*CIRC:* Acontece.

*INF:* Eh... no caso de baixo pra cima, tem um exemplo interessante, que é o exemplo da hipercorreção. Por exemplo, a pessoa tenta falar eh... eu vou falar com Fulano de Tal, aí, a pessoa diz assim, “Poxa!Eu tenho que usar, eu tenho que mostrar pra ele que eu sei falar português.” Né? “Eu tenho que usar uma linguagem...”. Aí, ela tenta falar eh...dentro dos padrões da forma culta. Aí, ela fala “a gente vamos”. Porque no raciocínio dela, a gente é mais de uma pessoa. Então, ela sabe que o nós, ela não pode falar “nós vai”. De alguma forma, ela já ouviu que ela não pode falar “nós vai”. Então, ela raciocina que com a gente, que é mais de uma pessoa, ela também tem que pluralizar o verbo. Aí, ela fala “A gente vamos”. Né? Aí, acontece o fenômeno da hipercorreção, que ela tenta eh... eh... manter a... a... se aproximar da norma culta, mas ela termina, pelo fato de não ter tido escolaridade suficiente etc, ela termina reproduzindo também eh... uma variação das camadas menos escolarizadas.

*CIRC:* ININT completar isso. Em compensação, a hipercorreção é isso aí. A hipocorreção é inversa. Veja as pessoas das camadas mais cultas, ININT outras pessoas que podem não

entender o que você está falando, né? Ou que realmente ININT entender. “Ah, você não entendeu isso?” [...]

*CIRC:* Eu me lembro que a professora ININT tinha duas auxiliares em casa, né? E uma das duas quebrou não sei o quê lá. E o marido dela, sem saber qual das duas foi, colocou um bilhete lá na geladeira “como eu não sei a pessoa que quebrou ININT da próxima vez, será descontado de ambas”. Né? E ela viu. Ela contou que ela viu aquele bilhete “Tem que me explicar quem é essa ambas” (risos) [...] Elas não conseguiram compreender.

*INF:* é. Que... diga.

*CIRC:* É importante, porque nós, professores, quando a gente vai dar aula, é importante a gente adaptar essa linguagem pra não ficar algopedante. Que às vezes, ININT você vai dar aula em determinada escola, tem que analisar, né? O local, as pessoas, pra não ficar algo pedante (superp)

*CIRC:* (superp) Eu trabalhei, por exemplo, no ININT o pessoal não conhece isso[...] Você às vezes até acaba humilhando o outro.

*INF:* É. Você acaba excluindo a outra pessoa.

*CIRC:* Acaba excluindo.

*INF:* e, por exemplo, eu... eu vi, na experiência que eu tive dando aula pra essa... essa escola da preferia, né? Que tem alguns problemas... os alunos não conseguem responder alguma questão, porque eles não sabem o que aquela palavra significa. Por exemplo, você bota assim, eh... “Explique o que era a sociedade escravista”. Aí, ele fica lá, não sabe responder a questão. Mas ele não... não é porque ele não saiba o assunto. Se você perguntar pra ele de outra forma... ele não sabe o que é escravista, aí, você tem que.. que respond... cê tem que explicar “olhe, escravista era a sociedade em que os escravos trabalhavam. A mão de obra predominante era a mão de obra escrava, tal, tal e tal.”. Aí, eles vão respondem direitinho. Mas se você botar a palavra escravista e não explicar, eles ficam se batendo, mas ele não sabe identificar, que ele não compreende o que é escravista. E se você não adapta o seu discurso pra aquele auditório, fica difícil de o aluno ir em frente. Diga.

*CIRC:* Eh... no primeiro semestre na disciplina língua portuguesa, a professora, la estava falando pra mim e pra ela que o aluno, ele repetiu [...] Ela sempre coloca “discorra sobre” né? E aí, toda vez ININT totalmente diferente. E ele chegou, falou pra ela que ele não sabia o que significava isso, discorra. “O que é discorra?”.

*CIRC:* E não tinha coragem de perguntar, né?

*CIRC:* É. É fale sobre, escreva sobre. Depois que ela explicou pra esse aluno, ele conseguiu ININT.

*CIRC:* inint.

*CIRC:* ININT a gente não tinha coragem de perguntar [...]

*CIRC:* Eu acho que não é só trabalhar ININT do aluno, mas também incentivar o aluno a estudar, a estar pesquisando, a descobrir palavras novas. Porque, na verdade, tudo isso é uma deficiência de leitura [...] Aos poucos, ela vai tendo um vocabulário melhor.

*INF:* Muito. Com certeza.

*CIRC:* Eu acho que esse exemplo é pra tomar muito cuidado, porque ININT é um reflexo, entende? ININT como foi colocado no outro dia, uma professora estava dizendo que ela trabalhou... foi feita uma pesquisa com crianças que tinham o computador em casa e crianças que não tinham o computador. O desempenho escolar mesmo. E ela disse que ela, particularmente, ficou surpresa, porque não necessariamente as pessoas que tinham computador foram superiores. Ela disse que, realmente, elas fora inclusive, inferiores. Entende? Aí, ela diz que isso eh.. mostrou que, na verdade, o uso de uma ferramenta também está aliado a essa questão de eh... eh... você ter realmente uma aplicabilidade. ININT A linguagem ININT de uma vive... de uma experiência. Você às vezes, tentar mudar isso na... na... eu particularmente acho que não seja, talvez, o melhor caminho. Certo? Talvez seja o melhor caminho o que estava sendo dito antes, de adaptar a realidade, aque... aquela busca que você quer que a pessoa entenda o conceito, que a pessoa agregue um valor, um conhecimento, do que simplesmente querer mudar o... eu... eu... eu acho que passa muito mais pela dificuldade de compreensão, de apreensão de um código... porque uma palavra ININT, uma palavra é um conceito [...] Porque o conceito, ele deriva da experiência preexistente.

*CIRC:* E uma palavra em outro contexto pode significar ININT(superp)

*CIRC:* Eu acho que a função de um lingüista, antes de tudo... eu acho que a sociolingüística ININT da consciência de que a diferença, ela está também no indivíduo. Ela não é só... está só na linguagem [...]

*Circ:* E do uso da língua, né?

*CIRC:* É. [...]

*CIRC:*

*CIRC:* Ela chega antes de você. Da sua aparência. [...]

*CIRC:* Ele falou isso da língua chegar antes da aparência. Nos Estados Unidos, pelo telefone, a gente sabe se é uma pessoa negra ININT

*INF:* Porque é bem marcado no... no... nos Estados Unidos você tem o inglês utilizado pelas comunidades negras, ele é ... é bem diferente d'ô inglês utilizado pelas comunidades brancas.

*CIRC:* Além das palavras, o tom de voz (superp)

*INF:* O tom de voz (superp). O tom de voz e a pronúncia. É. O tom de voz e a pronúncia de algumas palavras. O erre, por exemplo, é utilizado pelos... pelos negros... pelos brancos americanos. Eu não sei, mas eu já ouvi as duas formas. Mas... se.. se você que é falante de português ouve, você nota a diferença. Imagine um falante da língua nativa. Né? Que já.. já sabe... já está associando que aquela forma de falar é do negro e aquela outra é do branco.

*CIRC:* ININT Quando eu descobri a lingüística (rindo) descobri. Quando eu conheci a lingüística. [...] Eu passei por aquele processo, né? o que é lingüística? Quando eu vou conhecer a sociolingüística?

*CIRC:* ININT

*CIRC:*

*INF:* E um belo dia, a gente vê que é extremamente útil, né? Porque a gente...

*CIRC:* A gente ININT Pra semana, com Palmira ou sem Palmira, eu vou trazer um questionário...

*CIRC:* Com Palmira ou sem Palmira.

*INF:* (rindo) Comigo ou sem migo.

*CIRC:* Não. Agora ININT Agora, voltando aqui à Sociolingüística, só um parênteses, eu vi aqui na página cento e quarenta e seis... quem tem o texto na mão? Tem? Também não tem. [...] Aqui, a variação entre menino e guri, né? Não é isso?

*INF:* É. Isso. Guri é mais no Sul, né?

*CIRC:* ININT

*INF:* É?

*CIRC:*

*INF:* Tá aq... deixa eu ver aqui.

*CIRC:* Eu separei e perdi de novo.

*CIRC:* Guri no Rio Grande do Sul e menino no Rio de Janeiro. [...]

*CIRC:* E menina é puta.

*Circ:* ININT

*INF:* É. E no Rio Grande do Sul, eu fui pra Gramado, eles chamam eh... eh... moça jovem de prenda. Né? E eh... ali é prenda.

*CIRC:* Em Portugal é prenda.

*INF:* É. Prenda e... quando eu fui pra lá, eu achei muito estranho. Porque ali prenda....

*CIRC:*

*INF:* É o quê?

*CIRC:* Brinde. Um brinde. Quando você vai, por exemplo eh... não é bem o caso de um presente. É como se fosse um presente, mas [...] você ganha uma prenda.

*INF:* É. E em outro contexto, você tem que pagar uma prenda se você não faz isso.

*CIRC:* É.

*INF:* Não faz algo corretamente. Né? Aí, você já muda, semanticamente, a acepção da prenda. Diga.

*CIRC:* Tem uma coisa que me inquietou um pouco. Eh... que é justamente essa code dizer que tem uma marcação machista na língua.

*CIRC:* Claro que tem.

*CIRC:* ININT

*CIRC:* Chamar vagabundo é uma coisa, vagabunda é outra coisa.

*CIRC:* Mas minha pergunta é: se ao houver uma base, uma origem, como é que a gente pode ter a variação? Não... não tem como.

*CIRC:* Minha mãe, tem as duas primeiras filhas. Ela não vai dizer “Eu tenho quatro filhas”.

*INF:* É. Eu já vi vá... alguns estudos da identidade feminina eh... através da língua. Aí, fizeram uma pesquisa com alguns... alguns professores e alguns policiais. Né? Gravaram o discurso durante muito tempo e depois foram analisar. Aí, as professoras se chamaram de eu sou professor de português. Elas não diziam “eu sou professora de português”. “Eu sou professor de português”. E... as policiais diziam eh... que elas como policiais tinham que ser eh... machos. Né? Nesse sentido... não macho no sentido de masculino, mas que tinham de ser corajosas, etc, etc. Né? Claro que vai haver uma mudança semântica. Mas a questão é que na hora que a professora falava que ela era professor, ela não... não colocava a.. a feminilidade dela na linguagem. De acordo com essa pesquisa, né? Porque ela... ela não dizia que ela era professora. Ela dizia que ela era professor. Né? E.. e não admitia que ela poderia ser uma professora realmente. Que.. que ela poderia ser uma professora realmente. Né? Então, existem algumas... algumas teorias, alguns estudos que mostram, por exemplo, você usar ele, né? “Eles são”. É.. eh... eh... “é preciso que os alunos”... e você não contemplar a questão da... do gênero da linguagem de que isso pode ser um ININT machista. Diga.

*CIRC:* Mas a questão é. Pra mim... pra mim... ININT e o fato de dizer que a língua, ela é machista e porque o uso da forma feminina seria desprestigiado. Entende? É isso que eu quero dizer. [...] Deve haver uma forma que seja inicial. Ainda que possa haver outras acepções. Mas deve haver uma forma ININT que seja eh... eh,... quando você ouve o feminino, um homem seja uma questão de.. de menosprezar, entende? Eu... aí, entra outra questão de um

homem afeminado não ININT eu acho que isso não está no código, não está na forma. Está no contexto. [...]

*CIRC*: A forma feminina é a forma ININT

*CIRC*: É. E eu fiquei ININT . E não tem outra língua que seja assim. Porque a nossa que seria a machista?

*INF*: Entendi.

*CIRC*: inint

*CIRC*: Isso está no social. Isso aí é um problema que a mulher tem em ter mais de um parceiro ININT não é hoje. [...] Os adolescentes não pensam tanto assim. Os meninos sim, mas as meninas ININT. Mas eu digo assim, se não está no próprio código, está no... no... no...

*CIRC*: No social.

*CIRC*: É. Entende?

*INF*: Gente. Mas aí é que está. A visão da sociolinguística é que você não pode desatrelar a língua do.. do social. Esses fenômenos sociais, eles estão ligados a questão do código também. Então, quando ele diz é social? É. Mas a língua, ela também é veículo desse social. Ela termina sendo eh.. eh... um veículo que vai reproduzir ideologias, estereótipos, e.. e várias outras coisas, né?

*CIRC*: ININT

*CIRC*: O de lingüística aplicada são dois.

*CIRC*: São dois. Eu vou fazer a ligação entre os dois.

*INF*: Esse aqui de lingüística, que é aquisição da linguagem e lingüística aplicada.

*INF*: Tem. Porque a gente, na verdade parou aqui e...

*CIRC*: Dezenove A.

*INF*: Dezenove A que é o de Almeida Filho.

*CIRC*: Dezoito é o de sociolinguística

*INF*: Desculpa gente. Dezenove A é de Moita Lopes.

*CIRC*: É. E depois é o dezenove.

*INF*: O que você vai fazer é de Moita Lopes.

*CIRC*: Enquanto ela continua a explicação eu vou escrever aqui.[...]

*INF*: Isso.

*CIRC*: Vocês não leram pra hoje.

*CIRC*: O que era pra hoje era o de sociolinguística

*INF*: Foi. Eu falei pra eles que era pra ler XXX.

*CIRC*: Eu vou apagar aqui, viu, Palmira?

*INF*: Pode apagar. Eh.. eu queria dar continuidade no texto, né? Que ele diz uma coisa extremamente importante. A gente viu na... no gerativismo e no estruturalismo que não se estudava a variação e a fala por se considerar que... por se considerar que a fala, ela era heterogênea e não era passível de um estudo científico. A sociolinguística, ela vai afirmar que eh... na verdade, a variação, ela é... ela tem regras, ela não é caótica. Né? Ela não acontece aleatoriamente. Ela.. existem regras para que a variação se processe. Por exemplo, eh... você vai ter regras relacionadas ao.. a esses aspectos sociais que eu falei aqui. Você vai ver na fala de pessoas não escolarizadas, a marca de plural não é privilegiada em todos os elementos do sintagma nominal. Né? Então, se você falar “as menina faz” você já está marcando o plural em um dos elementos do sintagma nominal. Não é.. eh.. interessante você dizer “as meninas fazem”, porque você faz a marcação apenas uma vez. Certo? Isso é uma regra dentro daquela comunidade de fala. Então, você pode estabelecer uma regra. Não é uma coisa caótica e não é uma coisa aleatória também. O que é muito importante da gente ver. Né? E eh... que a diversidade e a variabilidade são características inerentes aos sistemas linguísticos. E passam a ser o objeto de estudo as sociolinguística propriamente dita. Né? Eh... ele dá alguns exemplos interessantes, por exemplo, ele diz eh... na dim... “podemos flagrar a variação em todos os níveis da língua” Por exemplo, no nível lexical, você tem jerimum na Bahia e abóbora no Rio de Janeiro. Né? Guri no Rio Grande do Sul e menino no Rio de Janeiro e em outros lugares do país. No nível gramatical, você tem a.. a.. a variação que é “elas brincam e elas brinca”. Né? Que essa é uma variação mais ligada ao nível de escolaridade. Cê tem no nível fonético e fonológico. Você tem “môrena, mórena”. Né? “Você tem “tia”, em Recife, e “tsia” aqui em Salvador, no Rio de Janeiro e em outros lugares. “Dia” em Recife, lá... lá... na verdade, em Pernambuco, de maneira geral, né? E aqui, você tem “dzia”. Né? Então, eh... você tem, por exemplo, outras... outros tipos de variações também, quando você tem eh... algumas expressões como “lagarta” e “largata”. Tem gente que só fala “largata” realmente. Né? Bi...”bicicleta e bicireta”, que é aquela questão da troca do erre pelo ele, que a gente já tinha falado aqui. Né? Então, algumas formas, elas são formas de prestígio. Que a gente sabe que são formas mais ligadas a... às camadas sociais mais privilegiadas. Então, elas são formas de prestígio. Outras formas, são formas já estereotipadas. Né? Então, na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação do dialeto padrão, né? Que é sempre o considerado correto, superior, puro, e os dialetos não-padrão, considerados incorretos, inferiores e corrompidos. A variante padrão, né? ela é sempre mais valorizada do que a variante não- padrão. Por essas questões, que também são sociais. Certo?

Ah, sim. Eu tenho um exemplo que eu achei bem interessante. Eu não sei se eu já falei aqui. Eu já falei do exemplo do ministro? Não? Eu estava assistindo televisão eh... alguns dias atrás. Aí, eu estava assistindo aqueles programas que eu gosto de ver de vez em quando, porque é interessante você ver eh... o povo mesmo, a camada popular se expressando, né? E eu estava assistindo aquele programa Que venha o povo.” Casemiro Neto apresenta eh.. acho que é no canal quatro, não sei. E aí, ele eh... vai aquele repórter fazer a entrevista com o monte de gente que fica na praça. Né? Aí, chegou uma... uma mulher e aí falou “Ô seu Casemiro, eu quero um médico pra fazer uma cirurgia no ministro dos meus pais”. Aí, começou a falar, né? “porque o ministro dos meus pais precisa ser operado com urgência. Que se não for operado ela vai ficar sem andar. É capaz de ele ficar numa cadeira de rodas” . Aí, eu fiquei olhando assim”ministro do meu pai”. Eu não consegui entender o que era isso. Aí, ele “Fale aí de novo, minha filha”. Ela, “eu preciso de um médico pra fazer uma operação no ministro de meu pai. No ministro de meu pai”. E... e na verdade era no menisco, né? No joelho. Mas ela não... não conseguia falar menisco e ela só falava ministro. E pra ela... ele perguntou pra moça que estava do lado “o que que ela está dizendo?” “Que precisa fazer uma operação no ministro. / e o que é ministro?/ é aquela parte do joelho, Casemiro”. Aí, foi que todo mundo, inclusive quem estava assistindo, entendeu o que ela queria dizer. Porque eh... eh... a moça que estava do lado também sabia e compartilhava da idéia de que ministro, naquele contexto, era menisco. Né? E quem estava do lado de fora ou quem estava em casa, ou quem não compartilhava daquele código lingüístico não ia saber nunca que ela estava se referindo ao menisco, né? E.. é.. é interessante a gente notar como é que essas... essas palavras, elas ganham uma expressão que é única de acordo com o contexto e de acordo com o uso que se faz delas em determinadas comunidades de fala e em determinados contextos. Né?

Pois bem. Professora, Ilda, eu vou terminando por aqui. Tem... temos ainda algumas coisas pra tratar. Eu espero conseguir estar aqui nas próximas aulas.

*CIRC*: O gerativismo, ele... ele não trabalha com a variação.

*INF*: Não.

*CIRC*: Mas, modernamente, ele agora considera os dados pra entender como se processa a faculdade da linguagem. Eh... [...] mas dizem que modernamente, agora faz... faz uso.

*CIRC*: ININT

*CIRC*: Exatamente

*CIRC*: Então, é melhor... é um outro... uma outra área de estudo, né? Cada pessoa ININT porque se fosse tratar da variação, eles não teriam chegado a ININT

*INF:* Isso. O importante é a gente ver assim, eh.... cada teoria, ela se debruça sobre uma parte específica da lin... da ciência (superp)

*CIRC:* Exatamente (superp)

*INF:* Então, por exemplo, o gerativismo não se interessa realmente por estudar a variação. A variação, ela é a área de interesse mais da sociolingüística mesmo, né? Até porque, para o gerativismo, é necessário estudar esses elementos que são elementos mais ligados à sintaxe, processada eh... eh... no cérebro, né? Pra gente entender como é que ININT depois da fala (superp)

*CIRC:* ININT essa capacidade que a gente tem de estudar a gramática em separado. O modo sintático, o modo da fonética. Se eu não me engano também, acho que o próprio gerativismo que possibilitou esse tipo de divisão da gramática. A gramática compartimentada pra.. pra...

*INF:* Isso.

*CIRC:* Pra facilitar...

*INF:* Pra teoria do gerativismo, isso é extremamente útil, né? Pra... pra o que eles propõem dentro da teoria deles, isso é extremamente útil. Aí, você pode, por exemplo, ver que pra outras teorias, talvez não seja do interesse fazer esse tipo de estudo modular, porque uma coisa puxaria a outra. A... a variação fonética puxaria a variação pragmática, que puxaria outra coisa. Então, você não teria como desvencilhar uma da outra.

*CIRC:* ININT que a gente trabalha mais com a parte dura da língua.

*INF:* É o núcleo duro, né?

*CIRC:* A parte que não muda....

*CIRC:* ININT realmente é um avanço.

*INF:* É. Não. Não. Ninguém pode negar os avanços que a teoria gerativista trouxe pra os estudos lingüísticos. Ninguém pode realmente negar. Mas eh... o objetivo, eu acho, que dessa disciplina principalmente, que a teoria lingüística contemporânea, é a gente ver que existem outras formas de... de se estudar a lingüística. Não só o gerativismos (superp), o estruturalismo, etc.

*CIRC:* Por exemplo, eh...eu entendi... eu entendi que pra lingüística ININT morreu quando o gerativismo surgiu.

*CIRC::* Ele não morreu. ININT

*CIRC:* Com certeza. Por que eu digo isso? Por que eu estou dizendo isso? Porque na primeira parte do século vinte não era só a lingüística que ININT mas pra lingüística, ela praticamente foi substituída pelo gerativismo.

*CIRC:* ININT Gente, antes de fechar, eu queria aqui conferir a freqüência também.

*INF:* Certo.

*CIRC:*

*INF:* É foi. Ele teve um choque de horário.

*CIRC:*

*INF:* Gente, rapidinho. Eu só queria agradecer pela atenção de vocês. Eu não sei se eu vou estar segunda, então, eu só queria agradecer.

*CIRC:* De nada. Boa hora.

*INF:* Brigada.

*Tipo:* Elocução em situação formal

*Duração:* 1:17:51 (uma hora, dezessete minutos)

*Data:* 05/06/2008

*Tema:* *Condições de Produção*

*Informante:* sexo masculino, faixa etária 2

**INF:** Certo, que condena a idade média que é a visão do século dezesseis, século dezessete, principalmente o século dezessete. Por que, porque o pessoal do renascimento, certo, que era justamente uma época que depois no século dezoito vai haver o iluminismo, vai condenar a idade média porque a idade média é a ida, é o período em que a igreja reinou. Aí você vai dizer ah mas tinha a inquisição e as pessoas foram pra fogueira, sim, e quantas misérias acontecem hoje em dia que no futuro as pessoas podem achar que nós éramos pior do que medievais, certo. E as carnificinas que sempre aconteceram na história, não foi só na idade média que teve carnificina, ok, que houve injustiça. Mas é aquela questão da oposição, enquanto no século dezessete que vai gerar o iluminismo no século dezoito, né, no século dezoito você tem uma ciência como a toda poderosa, no, até no período medieval era a religião que era a toda poderosa, principalmente a igreja católica, então essa oposição né ideológica entre a igreja e a como é que chama, a ciência, entre a religião e a ciência vai fazer com que no século dezoito rotulasse a idade média como a idade das trevas. Quando você usa hoje essa expressão idade das trevas ou você usa isso é medieval no sentido de que isso é ignorância, isso é uma coisa horrível etc você está trazendo esse pensamento, ok. E quais foram as condições de produção que propiciaram que você falasse aquilo?

**CIRC:** A situação? O contexto? Não...

**INF:** O contexto sócio histórico cultural, sim, aí você tem um outro contexto que a gente não pode esquecer, que é o contexto situacional, o contexto situacional além das condições reais de produção, né, a relação entre eu e o tu, que é uma relação de força, aquela mesma relação de força entre a criança e a mãe que a gente já falou aqui, né, quando a criança vai pegar alguma coisa e a mãe diz não, não, e a criança vai tentar, ela vai até o limite, certo, que é uma relação de forças, então ela está tentando estabelecer o limite, né, e se você não estabelece o limite, ela estabelece o limite pra você, a gente nota isso até com os animais, certo, por exemplo, numa mantí, numa matilha você tem o alfa, o macho alfa e a fêmea alfa que manda nos outros, certo, e quem tem cachorro, cachorro em casa tem que estabelecer que você é o

alfa da matilha e ele tem que ser o seguidor, caso o contrário ele lhe domina, porque é uma relação de forças. Quer dizer até no ní, o animal trabalha com essa relação de forças. Qual a relação de força entre os animais, a luta, luta física, e qual é a relação de forças entre os homens, também a luta física, mas também outras formas de poder. Diga minha...

**CIRC:** Professor, o que, o que eu quis dizer foi o seguinte, esse contexto, voltando a, para a questão da, da idade média, não é isso, esse contexto sócio histórico cultural ideológico, ele se realiza, esse contexto que você está falando aí é trazido (inint)

**INF:** Sim, a partir de uma determinada visão ideológica determinada visão ideológica do século dezoito.

**CIRC:** Então ele, eu posso dizer que o contexto histórico, sócio histórico cultural ideológico é isso, o contexto situacional é aquilo, mas eles estão...

**INF:** Eles fazem parte das condições de produção, só que no contexto situacional além da realmente, eu estou falando onde, numa sala grande, então eu não posso falar al, muito baixo, mas também não posso falar muito alto se não dói, certo e etc, pra quem eu estou falando, qual o nível do, da pessoa com quem eu falo, qual, exato... Ainda existe as, as questões das formações ideológicas. Quem sou eu pra lhe dizer o que digo, quem é você para ouvir o que eu estou dizendo, o que você pensa a respeito de mim, o que eu penso a respeito de você, que isso está influenciando o tempo todo a maneira como eu produzo também o meu discurso, sem contar, repare, aí a gente já viu os dois contextos, as formações imaginárias, sem contar que eu me, me constituo sujeito do meu dizer, entre aspas esse meu dizer, porque não é meu né, a gente já viu que é um sujeito descentrando, esse meu dizer a partir de um determinado lugar social, e esse lugar social está subordinado a uma formação ideológica que determina o que eu devo pensar naquele local, e uma formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito daquele lugar. Quantas vezes nós enquanto professores, o aluno está lá enchendo a paciência, a gente está com vontade de dar um belo de um palavrão, dar um tapaço na cara do fulano, e o nosso local de educador não, não nos permite dizer aquilo.

**CIRC:** Muitas vezes.. (inint) Ontem inint, eu tenho uma tia né, inint é professora eh primária do estado, e ela estava no limite, inint,

**INF:** Hum, minha mãe levou dez anos amor...

**CIRC:** Oito meses, ela dizia assim, ela dizia eu não agüento mais inint eu chego na sala inint... Oh pra fulano... inint Ou então é, Renata, ingrata... (inint). Oh que fulano ta falando comigo, inint Quando foi ontem eu liguei pra ela pra dar os parabéns inint... Todos naquele momento inint acabou, vou terminar a aula... inint e não volto mais aqui. inint

**INF:** Ele teve o gesto de interpretação a partir do contexto sócio histórico cultural dele e do lugar de que ele ocupa.

**Aluno:** Que ingenuidade... inint

**INF:** Né, então queira ou não as condições de produção do discurso, elas estão atreladas as formações imaginárias, certo, as formações ideológicas, em que formação ideológica você se situa, e dentro dessa formação ideológica qual a formação discursiva que você ocupa. Por que, por exemplo, numa escola ok em que nós temos o aluno, mas o aluno não vai contar aí porque ele não vai ocupar uma, um elemento, não vai preencher todos os elementos, você tem o professor, você tem o coordenador pedagógico, e você tem o pessoal da diretoria, diretor, vice diretor e etc, não é isso, todos os três estão preocupados com o que, com a educação, estão na mesma formação ideológica, mas não estão na mesma formação discursiva, porque o professor ele tá preocupado com a questão didática-metodológica, disciplinar, etc, mas ele também está preocupado com o que, com o conteúdo a ser passado, o coordenador está preocupado com o que, com a metodologia, com a prática docente, etc, mas o conteúdo é problema do professor, e o diretor está preocupado com o conteúdo, com a metodologia, com o conteúdo, porque os alunos tem que tirar nota boa pra poder receber verba do fun alguma coisa, né, mas também com a questão disciplinar que é o mais im, que é o diretor mais trabalha é a questão disciplinar, administrativa, mas todos estão preocupados com a mesma formação ideológica, que é a educação do aluno, não é isso? Tá dando pra entender? Mas cada um se situa numa formação discursiva diferente...

**CIRC:** Por sua vez tem inint, coligado ao o, o objeto central, seria a educação.

**INF:** Sim, exato.

**CIRC:** Cada um tem a sua fala dentro daquilo ali.

**INF:** Sim, mas uma fala que é perpassada por discursos que estão no interdiscurso, certo, só que quando você se situa na, naquele lugar específico, você daquele lugar, com aquilo que você pode e deve dizer pela formação discursiva, é que você vai selecionar o que do seu interdiscurso você vai usar naquele momento, ok, diga minha linda...

**CIRC:** Eh, o senhor estava falando inint

**INF:** Gente, como eu me senti agora pré-histórico, meu gesto de interpretação foi terrível, senhor... Doeu...

**CIRC:** O professor, alguém aqui te chama de você? Alguém aqui te chama de você?

**INF:** Porque não quer...

**CIRC:** Não, mas inint de autoridade...

**INF:** Pelo amor de Deus, minha filha, autoridade não vem do senhor, mas a inint vem. Tá bom, eu não vou te deixar encabulada, fale o que você quer vá...

**CIRC:** Eu vou ficar vermelha daqui a pouco. Não... inint. Mas aí você falou um pouco de poder, poder, relação de força, inint. Então porque isso?

**INF:** Oh, o grande problema é o seguinte, em primeiro lugar a gente tem saber encaixar os teóricos em seus lugares específicos, ok? Foucault não é analista de discurso, ok? Foucault está em outra posição, ok? Só que Foucault ele influencia a análise do discurso porque ele influencia inint, ok? Então, ele trabalha muito mais essa questão do poder do que inint. Nós vamos encontrar na análise do discurso uma relação de forças que está ligada a noção de poder mas se você for aprofundar esse estudo da relação de forças você vai ter que ir a Foucault pra encontrar a resposta, mas você tem que saber trabalhar aquilo que eu já discuti aqui com o Robson. Não é que eu seja contra você colocar Foucault junto com inint, como não sou contra colocar inint junto com inint, eu não sou contra, aliás, porque eu faço, eu misturo semiótica com análise do discurso, certo, que segundo o pessoal é uma heresia maior ainda, eu ainda consigo colocar filologia com semiótica e com análise do discurso no mesmo texto, quer dizer uma, uma heresia maior ainda, mas o grande problema é você saber qual é a sua espinha, qual é a sua coluna vertebral, quem está lhe sustentando, e saber ir ao outro, pegar aquilo que lhe convém e retornar sem cair em contradição teórica.

**CIRC:** Certo, então por isso que eu quis que o senhor comentasse um pouquinho. Qual a contribuição de Foucault quando se trata de poder para a análise do discurso?

**INF:** A contribuição de Foucault é a seguinte, ele é quem realmente vai estudar essas relações de poder, certo, em vigiar e punir e outros textos do gênero, certo, até mesmo a noção de formação discursiva, certo, é emprestada e modificada, ok, então quando você traz a noção de Foucault, não é a noção de inint, ok, se você está usando só inint, não tem porque você trazer a noção de Foucault só se você for discutir e mostrar a diferença entre uma e outra, ficou claro? Então ele vai trabalhar essa, essa questão do poder, essas relações de poder, certo, muito bem, então se eu vou trabalhar a relação de poder, na minha dissertação o meu foco é a relação de poder eu tenho que ir a Foucault e não tenho como escapar dele, ok? Agora isso não quer dizer que eu não estou trabalhando isso, o que eu estou trabalhando está muito bem trabalhado dentro da análise do discurso pra que eu vou recorrer a outro teórico? Entendeu, é uma relação que você tem que estabelecer de priorização, porque o grande problema tá aí, quando Foucault fala né, sobre, por exemplo, Foucault não trabalha com a noção de formação ideológica, ele trabalha com a relação de formação discursiva que pra ele é regularidade, diferente de inint que trabalha com o que pode e deve ser dito e por isso tem a regularidade

né, então você vai estabelecendo as diferenças, se você começa a trabalhar com os dois teóricos e não tem o domínio das duas teorias você constrói um monstro teórico na sua dissertação, que é o perigo. E porque que eu particularmente sempre digo as pessoas, cuidado, cuidado, cuidado, porque o grande problema são vinte e quatro meses, não é a incapacidade de vocês não, é a questão do tempo, pra vocês entenderem análise do discurso bem, vinte e quatro meses é insuficiente, mas vocês têm que escrever uma dissertação com análise do discurso em vinte e quatro meses, considerando que vocês façam um ano fazendo só créditos, então já diminuiu pela metade esse tempo, concordam comigo? E vocês trabalhem com Foucault, porque Foucault você não pode ler a última obra de Foucault e sair dizendo que sabe Foucault não, você tem que trabalhar desde o início pra você entender, você, por exemplo, pra você entender o conceito de formação discursiva você tem que ler história da loucura, porque, porque lá na história da loucura, depois em arqueologia do saber que ele, primeiro em história da loucura é a prática, e quando ele entra em arqueologia do saber ele vai teorizar sobre aquilo que ele trabalhou na história da loucura, e ele não é uma leitura fácil, porque Foucault se caracteriza, pelo menos nas traduções brasileiras que eu li, porque eu não leio francês tão bem, pra ler eh Foucault em francês, ele não afirma, você não tem o conceito bonitinho, Foucault é do tipo, não é isso, não é isso, não é isso, não é isso e quando você espera é isso, não vem. Então isso dificulta a sua leitura, o seu entendimento, então você tem que ler, reler, voltar, verificar, ler o que falaram, o que outras pessoas já falaram sobre o texto dele, tirar as suas próprias conclusões, tem muita gente falando abobrinha e publicando livro, tá dando pra entender? Então é por isso que eu falo às vezes pra vocês, não é que eu seja contra. Então se você vai trabalhar essa relação de poder, você tem que ir pra Foucault, não tem pra onde correr, como se você for trabalhar a questão da heterogeneidade discursiva, esse sujeito descentrado, você tem três caminhos, aliás, dois caminhos. Eh, você tem dois caminhos, você tem o caminho da psicanálise, o caminho da lingüística, ah não, tem três, e o caminho de bactim. A análise do discurso fala do que, de um sujeito, certo, atravessado, interpelado por uma ideologia, atravessado por uma historicidade, certo, e que o texto, o discurso dele está, é produto de um interdiscurso, ok? Mas você pode trabalhar essa po, essa questão discursiva do sujeito na vertente psicanalista que é o que faz Lurdinha, Maria de Lourdes Dornelas, professora daqui, do PEC, que ela é psiquiatra, claro, ela vai o que, Lacan, é onde ela se segura, é a praia dela, você pode ir pra onde, inint, e você pode ir por inint, que é a visão lingüística, qual é a certa? Todas as três, e porque três diferentes, porque você dificilmente vai encontrar um bom lingüista, que ao mesmo tempo seja bom lacaniano e que ao mesmo tempo seja bom bactiniano, até porque existem choques, ok, existem choques,

teórico e que você tem que tentar contornar essas arestas teóricas, conceituais, ok? Então, por exemplo, você vai pra a psicanálise e você vai ver que é o inconsciente, é o sujeito inconsciente que está lá, é o inconsciente mandando, né, e você vai, por exemplo, para, pra, o inint e o sujeito é pragmático, olhe aí a situação complicada que você já está, você vai para a análise do discurso e é um sujeito descentrado, é um, é um indivíduo que vai pela linguagem interpelado por uma ideologia que constitui sujeito, atravessado por uma historicidade que não é história, não confunda história com historicidade, são duas coisas diferentes, certo, ok? Então, eu coloquei na aula passada mas não custa a gente retomar isso aqui, então a gente tem a ideologia, nessa ideologia há várias formações ideológicas, e essas formações ideológicas vão ser formações discursivas, inint e agente vai ter aí, por exemplo, se a gente pegar a questão né das relações sociais entre homens e mulheres, ok, você vai ter várias formações e né, eh, como é que chama, ideológicas, quais são as formações ideológicas, primeiro você tem o machismo, depois você tem o feminismo né, e por aí você vai, vai ter outras também, aí dentro da formação discursiva do machismo certo, você vai ter discursos masculinos e femininos que são atravessados por essa ideologia do machismo, e essa ideologia do machismo não mede, não pega apenas na mulher, ela pega também no comportamento do homem. Por exemplo, as garotas aqui presentes, todas tem treze para catorze anos, e vão para um bailinho, os meninos todos são nessa mesma faixa, aí o menino chama uma menina pra dançar, aí o menino não agarra a menina, aí ela sai e vira para as amigas, ele é veado, ela não está interessada no rapaz, mas no momento que ela diz ele é veado por que não agarrou, certo, não tentou pelo menos agarrar, ela está onde, na formação discursiva do machismo, papel de homem esse, é dar em cima, tá dando pra entender como é que funciona? Então tá ali, tá atravessado, mas essa mesma menina está sendo educada pra que? Pra ser, ser independente financeiramente, pra ter uma profissão, certo, quer dizer, ao mesmo tempo ela está com elementos ligados a uma formação ideológica que vai além do feminismo, o feminismo radical certo, é vamos acabar com os homens, né, então vai além do feminismo radical, e existem momentos que ela está no feminismo, essa contradição nossa, porque nós somos assim, contraditórios, depende de que lugar nós nos situamos para falar. Você vê hoje, olha nós temos aqui várias mulheres certo, pode ser que o evento que eu dê, você, a alguma até cause estranhamento, mas algumas podem concordar, quer ver uma das coisas, por exemplo, eh comentário, né hoje em dia um casamento moderno, né, em que cada um tenha suas funções, a mulher paga muitas contas da casa, o homem, o homem já não é mais o provedor da casa, ele divide as despesas junto com a esposa, as vezes até a esposa ganha mais do que o marido, até aí tudo bem, mas a obrigação da casa continua sendo dela ok, ela pode até dizer

meu marido é tão legal que ele até me ajuda, até me ajuda, como se a obrigação também não fosse dele, porque ela considera dela, então ela tá na, a formação discursiva machista, está dando pra entender?

**CIRC:** Tá, com certeza, até demais... A gente tá ficando envergonhada.

**INF:** Todas se identificaram com isso, né, então o que é que você tem aí...

**CIRC:** O até me ajuda...

**INF:** O até me ajuda, certo, mas é justamente a questão da relação de força ok, entre o homem e a mulher, quer ver outra coisa, outro dia eu fiquei, eu fiquei, achei interessante, em certos pontos meus brios doeram, mas em outros eu até achei interessante, aquele livro que ensina as mulheres a adestrar os homens como se fossem cachorros.

**CIRC:** Inint

**INF:** É, ela é uma adestradora de cães que escreveu um livro de como adestrar o marido, o que você tem nessa situação, certo, então diz que quando você, quando o seu marido fizer uma coisa boa agrade fazendo alguma coisa que ele gosta, certo, quando ele não fizer uma coisa boa não faça o que ele gosta.

**CIRC:** Esfregue o nariz dele inint...

**INF:** Não, não, mas aí você vai trava, fazer as adaptações, mas o que você tem nessa situação aí, certo, você tem o que, uma formação ideológica do feminismo, não é uma formação de igualdade, é uma relação de forças em que a mulher é superior ao homem, certo, como no machismo o homem é superior a mulher, mas não é de igualdade, e há relação de forças aí, né, por exemplo, temos um filho, o casal tem um filho, certo, de quem é a responsabilidade em termos de, levar a criança pra escola, trazer a criança da escola, ver se a criança fez o exercício, cuidar do bem estar da criança, levar a criança ao médico, etc.

**CIRC:** A mãe, e a mãe não abre mão desse papel não é?

**INF:** Mas aí depois ela própria diz que o marido não ajuda, mas ela não abre mão. Quer dizer, quando ela não abre mão, ela não delega, não vira pra ele e diz assim: olhe eu não vou poder ir levar ao médico, porque eu tenho que trabalhar, você pode sair mais cedo e levar o neném ao médico? Certo, ela delegou, ela não delega, mas depois ela cobra isso então ela culpa duas formações ideológicas, a formação ideológica do amor materno, e a formação ideológica do né, você está me sobrecarregando, inint feminismo, ele está lá. Quer dizer, ao mesmo tempo que ela diz nós devemos dividir, ela diz não abro mão, então se não abre mão não vamos dividir...

**CIRC:** Inint

**INF:** Eu, minha filha, não sou nada. Outro dia eu achei interessante eh, essas relações de poder, essas fofocas gente, esses causos fazem parte da aula viu, não estou matando aula não, eu estou trabalhando com vocês a questão da formação discursiva, a formação ideológica e as formações sociais, né, imaginárias, outro dia meu irmão foi lá em casa, meu irmão e minha cunhada, aí minha cunhada entrou no apartamento, disse assim ah eu adoro vir na sua casa, é sempre impecável. Aí eu virei pra ela e disse assim, olhe eu queria que você fizesse o favor desse uma olhada lá, como é que eu vou, o que é que é preciso que eu faça pra poder colocar a TV de LCD na parede, não sei o que, aí ela foi olhar né e ele ficou conversando comigo, aí ele disse assim, você que é feliz meu irmão, eu fiz por que? Porque você tem esse apartamentão todo pra você fazer o que você quer. Aí você começa a ver inint como cada um vê o mesmo discurso, materializado onde, na, no apartamento, e como o apartamento está em termos de manutenção, e não estou falando manutenção obra, eu estou falando manutenção limpeza né, arrumação... Então, aí é um discurso, você entra nessa sala, não tem ninguém, a simples cadeira, as cadeiras como estão colocadas é um discurso, materializado aqui, nessa linguagem, certo e você faz o seu gesto de interpretação e quando você faz o seu gesto de interpretação gente, perpassa a formação ideológica, o lugar de onde você se situa para ler aquele discurso, interpretar, fazer o gesto de interpretação daquele discurso, né, então todo o jogo passa por aí. Então porque que ele disse isso? Por que ele chega, abre a porta do meu apartamento, a primeira coisa que ele dá é no meu escritório, lindo, aquela estante enorme, bancada, tudo ali que é o local onde eu trabalho, até mesa pra atender aluno tem, ali na entrada, o escritório dele o quatinho de empregada, certo, aí ele começa a ver as diferenças, certo, e aí o que é que acontece? As limitações, e ela me disse assim, você vai querer o escritório logo na entrada, eu fiz vou querer, você tem certeza, olhe lá, escritório na entrada tem que estar sempre arrumado porque se não a casa vai parecer desarrumada, a preocupação dela enquanto dona de casa, quer dizer, do, de que lugar ela está falando, do lugar da dona de casa certo, aí eu fiz assim, mas aqui não tem problema porque se tiver desarrumado o porco sou eu mesmo não é a dona da casa, porque o grande problema é esse o que os outros vão pensar de mim enquanto dona da casa né, então você está tendo o que aí, os lugares sociais onde a pessoa ocupa para poder falar, certo, as formações ideológicas nas quais elas se inscrevem, e as formações discursivas, ok? E você está sendo o tempo todo cruzado pelo interdiscurso. Diga minha filha? Diga minha filha...

**CIRC:** A camisa amarrotada né que as vezes fica lá no guarda roupa inint

**INF:** Mas é, aí repare, repare, oh ouça, ouça essa viu, eh, ela chegou lá em casa e, tem a mesa, minha mãe deu a mesa pra mim, a mais antiga pra mim, foi de minha avó, e a outra mesa

menor né deu pra meu irmão, foi uma, vieram no mesmo caminhão, uma mesa pra uma casa, a outra mesa pra outra casa. Eu virei pra minha empregada e disse assim, limpe que depois eu vou dar a cera, dei a cera, passei, esperei secar, depois dei o brilho pronto, a mesa ficou pronta. Ah não, a de minha cunhada teve que passar a enceradeira em cima da mesa porque tinha que parecer verniz, aí você começa a ver certo, mas porque que tem que parecer verniz, tava suja? Não, por causa do lugar ocupado, ela tem que ser uma exímia dona de casa, ontem mesmo eu fui na casa dela oito horas da noite e ela estava chegando do trabalho que ela saiu as sete horas da manhã pra trabalhar, chegou as oito horas da noite, e aí eu virei pra ela assim, ah vamos conversar um pouquinho, ela fez ah não que eu vou lavar o banheiro porque a minha empregada não lava direito, depois estou morta de cansada, porque, eu não, a empregada já fez pra que eu vou lavar de novo, qualquer coisa eu chamo a empregada lave de novo que não ficou bom, eu que não vou lavar, eu vou dar aula sobre análise de discurso e não pra lavar banheiro, é pra isso que eu ganho. Então, você estava falando o negócio do arquivo, você falou ontem do negócio do arquivo.

**CIRC:** Inint

**INF:** Por que o grande problema está aí, é na questão de como você vê, não é a palavra em si que tem o problema, o problema é, nós, nós estamos acostumados, não sei a geração de vocês, mas a minha geração certo, a gente discutiu isso ontem não foi, a minha geração está acostumada a estudar o contexto para tentar entender o texto, para fazer análise de conteúdo do texto, ok, quando na realidade esse contexto é constitutivo da linguagem, certo, então se eu estou numa determinada situação comunicativa, enquanto professor, por exemplo, ontem eu dei um exemplo que a gente estava analisando lá, a roupa dos alunos por exemplo, ok, o que é que acontece, na minha formação ideológica na qual eu me situo eu acho que a roupa que os alunos freqüentam a universidade de maneira geral não é adequada, principalmente em determinados cursos, os alunos, alunos e alunas, que agora tem que ser tudo assim né pra todo mundo entender, gente tem dia que fico, eu fico na dúvida se ele foi pra praia antes de dar aula, como a aula é sete horas da manhã eu acredito que não, ou se ele vai a praia após, porque a roupa para praia está ótima mas não pra faculdade, as meninas usam uns topzinhos cá em cima, mas saias que segundo Rosângela são apenas cintos, certo, sandálias havaianas, muitas não penteiam nem o cabelo pra ir pra faculdade, certo, os rapazes com uns shorts, certo, cumpridos, imensos aqui embaixo, mas em compensação também aqui embaixo mostrando as cuecas, certo, as camisetas regatas, perai, certo, foi como eu estava dizendo, na minha, a minha formação, na formação ideológica na qual eu inint para falar né, e eu vou usar a formação discursiva, não quer dizer que ele tenha que vir para aula de paletó e gravata certo,

mas ele tem que pelo menos saber para onde ele está indo, ah, é preconceituosa, pode ser, eu não estou dizendo que não é, o que eu estou querendo dizer é isso, então a questão do contexto, mas porque que o aluno hoje vai pra universidade assim, eu me lembro no tempo que eu estudei só era permitido usar bermuda no sábado de manhã, sábado de manhã você entrava na faculdade de bermuda, não era short, era bermuda, mas de segunda a sexta não, você voltada da porta, hoje em dia a faculdade não tem nem porteiro...

**CIRC:** Eu acho engraçado porque Inint...

**INF:** Repare as fardas dos alunos hoje, eu vejo no ônibus, eles tem várias fardas, certo. Não, tem a bermuda, tem a camisa regata, tudo é farda, eles não podem é deixar de usar a farda, mas é qualquer versão da farda. Então o aluno do segundo, do segundo grau eh o atual ensino médio né, ele já está, já vai inint quanto mais alto o nível da escola mais libera a questão da farda, aí o que você tem, o aluno acostumado a ir com qualquer roupa para a escola de segundo grau, conseqüentemente ele vai na faculdade ele então vai de qualquer jeito, eu vi uma que levou um cachorro pra sala de aula. E aí os colegas, professor novo aluno, eu fiz, eh meu filho, ele entrou não entrou, então ele tem direito a estar aqui assistindo aula com vocês, ele deve ter passado no mesmo vestibular que vocês, não está na mesma turma. Eu vou dizer o que? Minha filha se retire porque seu cachorro não pode ficar, pra dizer eu não saio, pra ficar desmoralizado. Na minha formação discursiva era saia ok, mas no lugar ocupado, na atual conjuntura, nesse atual contexto esse discuso do saia não funciona, tá dando pra entender?

**CIRC:** Agora o que eu estava falando Inint é o que inint a demarcação teórica, ele não, ele não aceita inint

**INF:** Mas ela também usa contexto, tá, as condições de produção, inint o contexto sócio histórico ideológico, porque esse problema, o grande problema é esse, a, a exterioridade é o que, me explique sem usar o contexto sócio histórico ideológico. Agora quando você inint é que é diferente, aí eu concordo plenamente, enquanto na pragmática o contexto sócio histórico cultural está ali para libertar os sentidos do texto, dar coerência ao texto, ok, na análise do discuso esse contexto é constitutivo de, não auxilia nada, ele é constitutivo de, eu posso fazer meu gesto de interpretação sem conter contexto, posso fazer, está errado, não, está incompleto, o que é duas coisas diferentes. O grande problema é que aquela noção que nós tínhamos, por exemplo, de certo e errado, na minha época de estudo, que era um estudo inint, então a pergunta que todo mundo tinha o maior medo que caía na prova sempre, era o que o autor quiz dizer, ok, então isso deixou de existir, hoje a gente pergunta para o aluno, certo, qual, qual a interpretação, gesto, a gente nem usa a palavra gesto porque ele não vai saber

nem o que é, qual a interpretação que ele faz a partir disso, só que existem margens possíveis, eu posso fazer uma interpretação completamente diferente da sua, mas eu tenho que marcar essa minha interpretação com elementos ligados a essa exterioridade também, não só mas também, porque vai ser também o elemento situacional né, da inint

**CIRC:** Eu estou vendo assim, eh, inint, mas de escolas diferentes, inint mesmo que se aproxime muito. Então eu fico imaginando assim, se você pegar a semiótica, inint. Ela vai trabalhar com o texto não considerando o contexto, inint...

**INF:** Mas tem lá, mas tem lá o contexto.

**CIRC:** Eh tem, inint, mas na prática ele, ele, ele sinaliza, mas na prática, inint.

**INF:** Não, porque o contexto pra ele na teoria, na teoria da semiótica o texto dele vai ser trabalhado sob duas perspectivas, uma perspectiva enquanto estrutura e uma perspectiva enquanto objeto de comunicação, enquanto objeto de comunicação eu preciso desse, desse, dessa exterioridade, desse contexto porque se não eu não estabeleço a comunicação.

**CIRC:** Mas inint, eu acho que inint interpretação inint deve ser possível inint

**INF:** Lógico, inint cultural...

**CIRC:** Mas essa interpretação inint você pode considerar ou não o contexto, mas ele está lá, e o próprio ato de considerar inint discutido inint isso já é o próprio ato de interpretação. Então eu acho que, as coisas elas são diferentes inint...

**INF:** Sim, o grande problema, é aquilo, você está dizendo a mesma coisa que eu, o fato de eu usar o contexto sócio, histórico, ideológico, cultural e etc., certo posso aumentar usar econômico, depende do texto né. Talvez inint tese econômica. Por exemplo, se eu vou ler um texto falando sobre a alta do petróleo na perspectiva da análise do discurso, eu preciso do contexto pra entender o que o texto diz, a função do contexto é isso, na análise do discurso não, o contexto é constitutivo do discurso na medida em que ele criou as condições necessárias para que aquele inint do discurso pudesse aflorar, você está entendendo, então aí é que está a grande diferença entre uma perspectiva e outra, certo, então por exemplo, quando você vai ver eh, eu falo de uma coisa e você vai interpretar de outra... O meu filho, você poderia fechar essa porta aí? Por que por exemplo, quando eu uso uma metáfora, uma maneira de falar, eu uso uma metáfora, porque eu usei a metáfora e não disse exatamente o que eu queria? Por exemplo, agora eu fui direto, né, como é seu nome minha querida? Ilca, eu virei para Ilca e falei, oh minha filha você poderia fechar a porta eu fui direto, agora se eu quisesse mandar Ilca sair e tivesse medo de dizer saia Ilca, porque Ilca poderia dizer não saio, e aí entrar numa relação de forças, de embate, ok, e eu sei que eu ia perder, porque sua majestade

o aluno pode tudo e se inint o professor não pode nada, o que é que eu poderia dizer, o que é que eu poderia dizer para ela...

**CIRC:** Não é verdade não, tem professor autoritário que o aluno se sente até constrangido...

**INF:** Eu poderia virar para ela e dizer Ilca você poderia fazer o favor de fechar a porta pelo lado de fora. Por incrível que pareça o aluno que está aprontando na sala de aula, até ele entender o que eu estou falando, inint...

*Tipo:* Elocução em situação formal

*Duração:* 1:18 (uma hora e dezoito minutos)

*Data:* 11.10.2007

*Temas:* Estudo do Léxico

*Informante:* sexo feminino, faixa etária 2

*INF:* Bem, gente, eh... eu gostaria de... eu trouxe... Antes da gente corrigir aquele exercício que eu tinha deixado o último exercício, eu deixei um texto com vocês, né? Sobre léxico. Pra gente começar a discutir um pouco essa questão. Antes de mais nada, eu vou colocar um vídeo pra vocês que eu trouxe, pra que vocês pensem a respeito desse... desse tema que a gente está colocando. Ah, meu Deus!... que a gente tá colocando.

*CIRC:* Esse é o texto ININT

*INF:* É. Isso. Deixa eu colocar aqui pra vocês um videozinho p'ra gente ver. É rapidinho.

Sim. Cês chegaram a ler o texto?

*CIRC:* Eu... não.

*INF:* Se eu pedisse a vocês que vocês me dissessem os.... definissem léxico. Que que é léxico pra vocês. Como é que vocês iriam definir?

*CIRC:* O conjunto de palavras de uma língua. ININT

*INF:* Hum? Uma das definições de léxico seria, justamente, esse conjunto, né? maior de itens lexicais da língua. Então, aí no texto dela, ela vai mostrar um pouco que existe essa definição de léxico, que é mais geral, né? E que também existe uma outra definição que... aí no caso, vai ser mais específica pra eh... o aspecto da morfologia... Deixa eu colocar aqui pra vocês pra eu não falar muito antes do tempo... darem uma olhadinha nesse... nesse videozinho aqui. Eu vou apagar a luz pra ver se vocês... na verdade, é mais pra vocês ouvirem do que pra vocês... ININT é rapidinho. O vídeo é pequenininho.

(EXIBIÇÃO DE VÍDEO)

*CIRC:* risos. Ai, ai.

*INF:* Bom. Na verdade, esse texto, foi um texto produzido por um radialista. Ele tava lá na sua rádio com ... em ININT e o que que eu trou... por que é que eu trouxe isso pra vocês. Pra gente pensar um pouquinho como é que a gente, né? tá formando palavras. Cês viram aí várias palavras. Umas... algumas que a gente utiliza com outro significado “inoxidável”, né? Essa do inoxidável foi ótima. “É muito inoxidável”. O que ele quer dizer com isso? Né? Ele pegar uma mesma palavra e dar uma significação. E em outros momentos ele vai utilizar daquela criatividade lingüística, que a gente já falou disso aqui, que a gente tem uma... é uma

característica da nossa linguagem pra criar no... novos itens lexicais. Então, na verdade, por que que a gente tem essa... essa flexibilidade? Alguma coisa deve... deve ter de especial pra que a gente possa fazer isso. Qué que cês acharam desse vídeo aqui?

*CIRC:* ININT muita criatividade (risos)

*INF:* O “estrogenoficamente sensível”... eu já passei a usar. Quando eu ouvi essa... XXX tão engraçado esse “estrogenoficamente sensível” pra quem gosta de estrogenofe, ótimo. Pra quem não gosta, também, né? Quer dizer, ele vai trabalhando... tem a parte da variação lingüística, né? que está mostrando... está deixando bem claro aqui, a nossa variação aqui, que a gente não utiliza, por exemplo, o gerúndio completamente, né? Então a gente vai ter “fazeno, comeno”, a gente vai colocando isso aqui. Então, tem a parte da própria variação, né? e também uma maneira de vocês estar formando palavras e da criatividade mesmo e eh... e juntando elementos que já se conhece da nossa estrutura e cáí criando novas estruturas. A palavra “estrogenoficamente” mesmo, não existe. A gente tem o quê? O “estrogenofe” temos o “mente”. E aí, o que que está acontecendo? Tem uma estrutura de base que faz com que a... o... o falante vá lá e crie. Com essa palavra, né? Que trabalha no nível da palavra.

*CIRC:* Eu me lembrei muito da ININT

*INF:* Jaciara, não foi? O que que você se lembrou, assim?

*CIRC:* Ela... ela falou... ela falando ININT que pensante e estudante

*INF:* A mudança de classe.

*CIRC:* Mudança de classe. Aí ela ININT

*NF:* Exatamente. A gente vai fazer isso, né? Tem... existe um processo, que depois a gente vai falar um pouquinho, e formação de palavras, que é justamente esse processo que a gente utiliza eh... formando novas palavras a partir da mudança de classe. Tem uma palavra que tem uma classe que você vai lá modifica a classe... e isso aí também é um processo de formação. É uma forma de você criar palavras na língua. E.. aquele trabalho de J..., a gente estava até comentando mais cedo lá em cima. M... e P... A gente estava comentando exatamente essa questão. Né? Então, o que seria aquilo ali? É um processo que, no decorrer da história da língua portuguesa, né? Vem acontecendo. Ali está o particípio, não mais como particípio, mas como substantivo. “Ficante, namorante” e todos os “antes” da vida aí. Então, é mais uma prova, exatamente, de que a gente deve ter uma estrutura. Aqui, claro que eu me reporto para estruturalismo, morfologia. Desaa.... desssa... essa teoria estruturalista. Então, a gente está percebendo exatamente isso.

Pegando aí o texto de Margarida Basílio, ela vai mostrar exatamente que a língua, ela vai tendo uma expansão. Quer dizer, o léxico da língua vai se expandindo, exatamente a partir

dessa... dessa flexibilidade que a gente tem. Aí, você... ININT o conjunto, né? De palavras que f.. formam a língua. Aquele conjunto vocabular. Essa é a ce... é uma das formas, mas não é a única forma de definir o léxico. Então, aí, ela coloca aqui léxico externo, léxico mental; léxico virtual e léxico real. O que que vocês entenderam aí, o que são esses léxicos?

*CIRC:* Qual a página?

*INF:* Página eh... página dez.

*CIRC:* Dez?

*INF:* Dez. Do texto de Margarida Basílio. Não é esse o texto.

*CIRC:* Não?

*INF:* Não. Foi o que eu deixei na... na aula passada. O que que ela quer dizer, então, com léxico int... léxico externo e léxico mental? Ou interno? Vamos pegar o texto. Cê tá com o texto aí?

*CIRC:* Página...

*INF:* Página dez. Aí... Olhe só. Como temos aqui “Quando dizemos que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua” foi a definição usada por ININT também. “É o conjunto de palavras de uma língua”, nós estamos, então, focalizando esse léxico externo. Quer dizer, aquele conjunto externo que está ali já produzido, solto, né? que constitui a... a... o conjunto vocabular. Os itens lexicais da língua. Então, nós temos aí, o quê? O léxico externo, ou seja, “o conjunto de palavras que pode ser identificadas ININT dessa língua, ou detectadas no dicionário”. Então, é uma... uma forma de você definir léxico exatamente assim. É o que Margarida Basílio chama de léxico externo. Aquele conjunto inteiro ali é, realmente, o... o conjunto de itens lexicais que já estão formados, já estão estabelecidos, já foram convencionalmente aprovados pela sociedade e, portanto, constitui realmente esse léxico da língua. “Do ponto de vista interno”, aí é que vem o léxico mental, ou mental “o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece, mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação que permite a interpretação ou produção de novas formas”. É justamente eh...essa... esse tipo de léxico que... que a gente está falando de... em termos estruturais. Então, nós vamos ter uma estrutura interna, uma estrutura mental que nos capacita a cada vez que a gente tiver a necessidade de criar uma nova palavra a gente pode fazer isso.

*CIRC:* Então foi isso o que ele estava fazendo?

*INF:* Exatamente. Foi isso que ele fez. Por quê? Ele criou aqui vários itens lexicais

*CIRC:* A partir de outras...

*INF:* A partir de uma estrutura que ele já conhecia, né? Outras vezes, ele, principalmente aqui, ele utilizou a palavra “inoxidável” com um outro significado completamente diferente. Eu só... é porque eu só gravei o inoxidável, pode se... tem mais... cês devem, talvez, ter lembrado de outra aí, né? Eu vou passar de novo. Ela chegou... daqui a pouco eu passo de novo que a gente vai lembrando. Então, eh... essa... esse léxico interno é justamente essa estruturação mental que nós temos.

*CIRC:* ININT

*INF:* Provavelmen.. Eu não sei. Vamos colocar de novo pra gente ouvir, né? “Contextualmente” “retumbante”..

*CIRC:* ININT

*INF:* É. Essa é a versão de inoxidável que a gente tem. Agora, a gente tem... ela quer saber se ele está usando nesse sentido.

*CIRC:* Ele fala assim, inoxidável como uma pessoa brilhante ...

*INF:* Que ele também ININT Barra do manso.

*CIRC:* Que não se corrói com...

*INF:* É. Vamos ouvir de novo.

*CIRC:* ININT

(Reexibição do vídeo)

*INF:* Quer dizer, é uma pessoa brilhante. Ele não mudou a classe da palavra, mas deu outra significação, né? O “estrogonoficamente” aí, sim. Ele mudou esse nome que já mudou a classe completamente. Porque saiu de um e foi lá com um advérbio, colocando lá uma estrutura de advérbio. Ele fez essa... essa mudança. Então, é uma prova que a gente tem, realmente essa estrutura. Tem um... um... uma palavra dele aqui que é o *help*. O que é que lembra isso?

*CIRC:* *HELP?*

*INF:* “é uma pessoa muito *help*”. Que que é *help*?

*CIRC:* Ajuda.

*Inf:* *Help* é ajuda. Vem aí o quê? Já uma interferência de uma outra língua. Ele está sendo assim, bem, né? dinâmico (rindo) porque...

*CIRC:* conhecedor nato

*INF:* Ele está utilizando também outro mecanismo de formação, que é o empréstimo. Lógico que esse empréstimo aí tá bem...

*CIRC:* Estrogonofe também....

*INF:* É. Mas a gente já usa estrogonofe, né? na nossa língua. E o *help* a gente não... nunca nós usamos a palavra *help*...

*CIRC:*

*INF:* É. “Dar um *help*”. Dar um *help*”, mas coloca.... quer dizer, nunca a gente nem nunca viu essa pessoa que usa “Dá um *help* aqui” vai escrever. Não é? Talvez até escreva como ele escreveu aqui... na verdade, isso é uma transcrição. Que eh... da fala, né? Mas a gente já está vendo uma outra maneira também de... de contribuir... que a língua tem pra que a gente vá, né? expandindo o léxico da língua.

*CIRC:ININT*

*INF:* Aí está criando coisas que ninguém ainda nem conhece. (risos) Só ele que sabe. Só ele que sabe. Algumas coisas a gente...

*CIRC:ININT*

*INF:* É. Respeito tecnológico. É isso aí. Ele está... está... está dizendo aqui. O que que ele quer dizer? Aí depende dele agora. Porque ele criou.

*CIRC:ININT*

*INF:* Pra quem gosta, vai ser ótimo, porque vai ser uma coisa muito boa. Pra quem não gosta, é horrível. Não deixa de ser sensível, né? Pelo... mau gosto, ou pelo bom gosto. Então, a gente não sabe, exatamente, contextualmente o que é que ele quer.

*CIRC:*Se ele não gosta de estrogonofe e ele for sensível, *ININT*

*INF:* Exatamente. A gente não sabe o significado exatamente que ele está dando a todas essas palavras. Algumas a gente chega a... a... a fazer ref... ter referência, ou então, dar uma outra significação como inoxidável a gente conseguiu, na... pela outra fala dele, a gente conseguiu apreender o significado. Mas o que... o que, na verdade, eu quero mostrar com isso, é que, realmente, a gente, na hora da nossa produção lingüística, a gente vá utilizando aquele léxico já conhecido, que é o chamado o... o... o léxico externo. Este já está estabelecido. E que a gente tem estruturas, né? internas, que seria aquela estrutura que possibilita a formação de léxico. De outros itens lexicais. Dentro da morfologia, a... a Margarida Basílio eh... chama de léxico interno. Né? Ou léxico mental.

*CIRC: ININT*

*INF:* É. Como ele colocou aqui. Ele está criando a part... como o “imexível” do Magri há alguns anos atrás. Foi da mesma forma que foi criado. Então, você tem lá prefixo, sufixo na língua, né? De... de... negativo eh... eh... aquele sufixo adjetivador. Então, tem todos esses elementos e nom momento em que você sentiu a necessidade, você criou. Né? A... naquele

momento, não tinha sido eh.. apresentado... foi apresentado naquele momento na sociedade, mas a sociedade não conhecia, depois passou a conhecer. De repente, a gente, daqui a um tempo, vai começar, né? a conhecer algumas dessas palavras que estão sendo colocadas aqui por esse radialista. Como ele é radialista, de repente, as pessoas lá em ININT vão começar a usar algumas palavras que ele como comunicador ele tem, né?... consegue influenciar. E, a partir desse momento que o... a sociedade começa a usar, aí as coisas já vão se modificando e, talvez, em algum momento, algumas dessas palavras se torne... faça parte desse léxico externo. Como o “imexível” hoje já faz parte.

*CIRC:* ININT Fa...

*INF:* Fazeno

*CIRC:* É. Ele usa muito “fazeno”

*INF:*É. Isso já é uma variação. É comum. Aqui no nordeste. No nordeste, é comum, né? A gente fazer essa... supressão. Aí já é uma questão da variação que é norm... que é muit... já é comum. Já é uma variação não padrão. Né? Que é, de certa forma, uma nova criação, uma nova formação, mas não é algo assim tão estranho pra gente, né? E em outros momentos, não. Você vai encontrando bem essa... essa questão.

*CIRC:* Professora,

*INF:* Diga.

*CIRC:* ININT plural

*INF:* Veja bem. Eh... A gente vai pegar essa ponte aqui, porque... não... aqui é estruturalismo e não é gerativismo. Mas lá no gerativismo, o que vão tentar trabalhar no gerativismo, é essa parte interna da língua. Mostrar que nós temos uma estrutura e ela é mais que internalizada. Então, você pode, realmente, fazer essa ponte. Inclusive, na própria gramática de Chomsky, quando ele trabalha com a questão lexical, né? Em uma das... dos... um dos modelos da teoria gerativa, que existem cinco, a gente tem lá a introdução do léxico na sentença é através de uma estrutura. Que ele chama uma matriz de traço de sentido. Então, ao invés de eu colocar, por exemplo, eh... a palavra menino lá “o menino, ou a menina caiu”, né? Então, nes... nessa frase aqui, ao invés de introduzir imediatamente a palavra menina – na gramática gerativa em determinado momento- nós vamos ter aqui para a palavra menina uma matriz de traço que vai trazer todas as informações eh... pertinentes a esse léxico que depois vai ser introduzido na... na sentença. Então, por exemplo, mais feminino. Mais feminino. Mais sujeito, então eu vou dando informações... vou dar informações sintáticas, fonológicas, morfológicas. Todas as informações possíveis que eu puder ter pra eh... descrever, digamos assim, a... o a possível palavra que eu vou introduzir. Então, isso aqui é uma estrutura interna. Essa matriz de traço,

nós temos, segundo Chomsky lá em sessenta e cinco, na gramática gerativa padrão dele, nós temos uma estrutura mental e no léx... o léxico é essa matriz de traço que depois eu vou, com uma transformação, não é... não é algo do gerativismo, é só pra cê ter uma idéia, com uma transformação, eu transformo essa matriz na palavra menina. Então, a gente vai ter sempre uma estrutura interna. Então, na relação eh... seria nesse sentido. Então esse... como a gramática gerativa, ela não trabalha com... morfológico. Ela trabalha com a parte sintática. Mas a parte lexical entra, obviamente, que você vai ter que colocar as palavras na... naquela estrutura aí, né? mental. Então, é... faz parte desse léxico virtual, certo? Tem essa relação. OK? Então, léxico virtual, eh... léxico real, que ela coloca aqui também, são sinônimos de... o real, né? Você está trabalhando com léxico externo, o virtual, com esse léxico interno. Então, os processos de formação de palavras que introduz eh... eh... eh... que a gente está introduzindo a... nesse momento, é justamente essa maneira que nós encontramos, na língua, de expandir esse léxico. Inicialmente, o léxico interno, e depois o léxico interno passa a fazer parte daquele conjunto externo, não é? Que tem no vocabulário de uma língua. Ok? Alguma pergunta em relação a esse;... esse iniciozinho aqui do texto da... qual a diferença que ele está estabelecendo entre léxico mental e léxico externo? Ou léxico virtual e léxico real? Mas não deixa de ser, o quê? Um conjunto, né? lexical. Agora, ou o conjunto já estabelecido, né? Convencionado pela sociedade. Quer dizer, a sociedade já aceita, já está dicionarizado, já está pronto. Ou aquele léxico interno que eh... é exatamente aquela estrutura que vai capacitar o falante a criar novos elementos, né? Desde que ele ache necessário. Certo? Agora, se a gente não... estabelecer isso socialmente, não apresentar pra sociedade e a sociedade aceitar, nada adianta cê estar criando palavras que terminam não comunicando o que se quer. Né? Mas, a gente tem esses mecanismos que a gente vai falar um pouquinho agora. Desses processos de formação de palavras. Então, vamos dar uma... eu trouxe pra vocês aqui também, um texto da... da Ingedore Koch, que é sobre processos de formação das palavras. Eu vou deixar em dupla. A gente não vai pegar o texto agora, não. Mas eu vou... como eu vou falar sobre o conteúdo dele, eu vou deixar já com vocês. Cê passa? Tirei em dupla pra o pessoal. E... eu vou utilizar... É de... de... em duplas. Eu tire dez cópias. As cópias que sobrarem, vocês podem ficar.

*CIRC:ININT*

*INF:* Bem. Antes da gente falar sobre o processo de formação das palavras, é importante lembrarmos a questão... uma questão em relação à tipologia de palavras, né? Nós temos, na língua, aquelas chamadas palavras primitivas. A diferença entre palavras primitivas e palavras derivadas, palavra simples e palavra composta. Então, a palavra primitiva é toda aquela

palavra que não nasce de outra na língua. É aquela que vai dar origem a outras palavras. Então, por exemplo, ali nós temos “rua, pedra, cidade”. Então, daí em diante, a gente vai poder criar novas palavras a partir dessa matriz. É como se a palavra primitiva fosse a matriz, né? E daí a gente poderia formar novas palavras. Já poderia formar pedrazinha, pedrinha, ruazinha, né? cidadezinha. Então, daí em diante eu vou... a partir dessa matriz eu vou criando outras palavras. A palavra derivada é justamente aquela que é criada a partir de uma que ... já existente. Então, a palavra pedra seria derivada e pedreiro...ô. Desculpa, pedra seria primitiva e pedreiro seria derivado. Cidade é primitiva, cidadezinha é derivada. E numa outra eh... diferença que a gente deve estar atento é a diferença entre palavra simples e composta, justamente também, porque nós temos pa.. eh... eh... processos de formação que vão juntar palavras. Né? Que é quando a gente trabalha com palavras compostas. Então, as palavras simples, elas têm apenas um radical. “sol, mar, menino.” E as palavras compostas, elas vão, dentro da sua formação, duas ou mais palavras se juntando e formando uma nova palavra. Ou mais... dois ou mais radicais. Então, nós temos ali “pontapé, beija-flor, aguardente” e várias outras palavras que são formadas a partir da união de mais de um radical pra... formar a palavra. Então, é importante a gente estabelecer essa diferença entre palavra primitiva e derivada e palavra simples e composta, porque são tipologias que eh... eh... vão mostrar que a gente vai criar, a partir disso aí, criar palavras de... na língua a partir da nossa necessidade. No momento que a gente e vai... À medida que a gente vai tendo a necessidade de criar, né? palavras a gente vai partindo dessa tipologia.

E aí, na... dentro da língua, claro que a gente está fazendo um recorte aqui na língua portuguesa, nós temos dois grandes processos de formação de palavras, nós temos os processos de derivação e nós temos os processos de composição. Claro que a gente tem outros processos. Aí, o próprio texto da... da... da Koch fala. Daqui a pouquinho a gente vai pra ele. O processo de formação da língua portuguesa são esses... são derivação e o de composição, que, obviamente, tem uma relação muito direta com a tipologia que a gente acabou de falar, né? Da diferença entre palavra primitiva e palavra derivada. Palavras simples e palavras compostas. Então, a gente tem aqui a... o processo de derivação é aquele processo que vai juntar afixo a uma base. Sufixos, prefixos... Então, ess...essas estruturas, não é? os afixos, elas vão ser adicionadas a um elemento- base e aí, nós vamos ter os processos de derivação, que são alguns ININT. Mas, de um modo geral, em quase todos... cês vão ver que existem os processos que não são exatamente dessa forma. Os processos de derivação de juntar um afixo a uma base, mas a maioria tip... dos tipos de derivação acontece dessa maneira. Né? de você colocar um afixo eh... seja ele sufixo ou prefixo, colocar a uma base. Então, a gente tem

alguns tipos de derivação: a derivação prefixal, que é aquela derivação onde eu vou acrescentar a uma base um prefixo. Um morfema... à o morfema lexical, que seria essa base do radical, eu vou acrescentar um prefixo. Então, temos ali a palavra... reter, a palavra ilegal. Então, temos ali chamando a atenção dois prefixos o “re” em reter, e o “i” em ilegal. Então, no momento que eu pego uma base, um morfema lexical, e eu acr... acrescento um... um prefixo antes dele, eu estou utilizando um processo de formação de palavras que a gente chama de derivação prefixal. A derivação sufixal é aquela derivação em que eu vou acrescentar ao morfema lexical, àquela base, um sufixo. “Felizmente” e “cantor”. Então, nós temos ali “feliz”, que é o radical, e o “mente”, que é um sufixo. Então, a gente está acrescentando a ess... a essa radical, a essa base, o sufixo, a parte que vem depois. Então, o sufixo, ele é aquele elemento estrutural que é acrescentado depois da base, depois do radical. Então, nós temos aí, tanto em “cantor” quanto em “felizmente”. A derivação prefixal-sufixal nós temos aí, ao mesm... ao mesmo tempo não. Nós temos o acréscimo de... o acréscimo de prefixo e sufixo. Só que eles eh... não são simultâneos. São colocados de forma independente. Eu estou falando isso, porque existe uma outra derivação que é a parassintética, que também, é o acréscimo de prefixos e sufixos, só que tem uma diferença entre as duas. A prefixal-sufixal, a... a colocação desse prefixo, ou do sufixo se dá de forma individual. Eu posso retirar qualquer um deles e eu continuo tendo uma palavra possível na língua portuguesa. E, na derivação parassintética, nós temos os dois elementos ao mesmo tempo, simultaneamente na palavra, eu não posso retirar um deles. Se eu fizer isso, corro o risco de estar criando uma palavra que não exista na língua. Agora, as duas derivações, eh... elas são derivações que nós vamos acrescentar à base prefixos e sufixos. Então, por exemplo, ali, nós temos uma derivação prefixal-sufixal na palavra “infelizmente”. Então, nós temos o que ali? Nós temos eh... o prefixo “in” o radical “feliz” e o sufixo “mente” . Se eu estou dizendo que os dois são independentes, então eu posso retirar qualquer um deles e eu vou continuar tendo uma palavra possível na língua. Uma palavra que é aceita na língua.

*CIRC:* E a palavra intocável? Seria o quê então?

*INF:* Sim. Aí eu já...

*CIRC:* Seria prefixal-sufixal ou parassintética?

*INF:* Se você pega “tocável”

*CIRC:* Intocável

*INF:* Tocável existe?

*CIRC:* Não sei.

*CIRC2:* Acho que sim. Acho que existe.

*INF:* Não é? “Intocar”? É... é isso que a gente tem que ver.

*CIRC:* “Intocar” não.

*INF:* Né? Existe intocar?

*CIRC:* Quer dizer, no nordeste existe.

*INF:* “Intocado”.

*CIRC:* No nordeste existe. “Itocar”

*INF:* Intoca-do. Né? Aí a gente tem que ver a possibilidade eh... de sentido. Mas a possibilidade. Então, se você tem essa possibilidade, ou reconhecida em algum momento na língua, aí você tem prefixal-sufixal. Mas, por exemplo, ali em baixo – daqui a pouco eu vou mostrar.

Eh... voltando aqui à questão de “infelizmente”. Se eu tirar o “in” eu tenho o quê?

*CIRC:* Felizmente.

*INF:* Felizmente. A mais simples de todas. Se eu tirar o “mente”, eu fico com “infeliz”. Então, são palavras possíveis e que são realmente já... fazem parte do léxico externo da língua. Ou seja, já é reconhecida, né? Convencionalmente, pela sociedade, já é reconhecida. Quer dizer, já faz parte do léxico da língua.

Já no caso da parassintética, como o acréscimo é simultâneo, e eu já falei “como é que eu vou saber se ele é simultâneo?” Na medida em que eu for... se eu precisar tirar um deles, eu vou criar uma palavra que não existe na língua. Então, a palavra “entardecer”. Nós temos ali a base “tarde”. Temos o sufixo “ser” e temos o prefixo “en”. Então, eu formei com essa estrutura o sufixal-prefixal. Só que, nesse caso desse exemplo, se eu tirar ou um ou outro, eu já vou constituir... não vou formar uma palavra do léxico externo. Uma palavra já reconhecida, né? Pelos dicionários d língua. Então, eu não tenho nem “tardecer”, tirando, né? o ‘en”. E eu não tenho “entarde”. Então, em nenhuma... ou,... em uma ou outra situação, retirando qualquer um dos elementos estruturais aí, ou o sufixo, ou o prefixo, eu não vou ter uma palavra da língua portuguesa. Em alguns casos, eu posso até ter uma, mas a outra não. Mesmo assim, eu não posso.... quando acontecer- quando a gente for fazer exercício vocês vão ver isso- quando acontecer de nós termos uma palavra eu eu posso tirar só o sufixo, aí... com o prefixo eu tenho, mas com o sufixo eu não tenho, já há in... já podemos dizer ‘essa palavra ficou derivada, né? através do processo de parassíntese”. Ou seja, foram colocados dois elementos, não é? O prefixo e o sufixo simultaneamente ali. Ao mesmo tempo. Ok? Bem. Então, a diferença entre derivação prefixal e sufixal é justamente essa.

A derivação regressiva. A derivação regressiva, ela vai ser aquela derivação em que ININT como morfema. Então, nós temos aqui, né? a desinência do infinitivo e a vogal

temática do verbo, por exemplo, são substituídas pelas vogais temáticas nominais. Aí, você tem lá do verbo

“caçar” nós temos... nós originamos a palavra “caça”. O que foi que aconteceu? Nós subtraímos, nós retiramos, não é? Aquelas... as vogais ao substituirmos pela vogal temática nominal.

*CIRC:* aí foi substantivar um verbo?

*INF:* Isso. A... exatamente. Fazendo esse processo de substantivação. Transformando um verbo em substantivo, né? A partir da subtração, da retirada de um morfema. No caso aí, nós estamos retirando dois morfemas.

*CIRC:* “Estudar” também seria? “Estudar” e “estudo”?

*INF:* E estudo. Exatamente. Então você tem to... um leque de palavras que são formadas dessa maneira dentro da língua portuguesa. “Corte” “cortar” e aí a gente vê que vai tendo o mesmo tipo. Quer dizer, você vai sofisticar até eh... criar uma nova palavra a partir da subtração, né? de um determinado morfema na língua. O... isso aí está tudo no texto que eu dei pra vocês aqui. Exatamente.

*CIR:* ininnt

*INF:* Não. Aqui eu só estou ensinando pontos básicos. Bem. A derivação imprópria, essa é que é um pouquinho diferente. Então, essa derivação, na verdade, como eu disse a vocês, eh... tanto a regressiva quanto a imprópria, elas não são de acréscimo de sufixo, de prefixo. A imprópria principalmente. Que quer dizer isso? É... é um tipo de formação, né? de processo de formação que é de... que deriva uma palavra de outra, mas eu não estou acrescentando nem um prefixo, nem um sufixo. Eu estou enriquecendo o vocabulário de uma forma que eu vou trocar, mudar, multiplicar classe de palavras. Que é aquele tipo de exemplo... aqueles exemplos que J... falou ontem na palestra dela. Na lin... no latim, nos tínhamos participio e hoje nós usamos o participio também como substantivo. É um processo de formação, que é impróprio, quer dizer, ele modifica a classe da palavra. Então, nesse caso aqui. Substantivo pra adjetivo, adjetivo pra advébio, verbo pra substantivo. Eu tenho, inicialmente, uma classe, a classe de substantivo e que passou a ser adjetivo em determinado momento na língua. Então, por exemplo, eu tenho a palavra ‘colégio-modelo’. Então, a palavra “modelo”, que era substantivo, passou agora a qualificar o colégio. Então, aí há mudança de classe gramatical. Nesse momento, é considerado pela morfologia como uma derivação. Só que não é uma derivação propriamente daquela forma como nós havíamos colocado: que derivação é um processo de juntar, né? De junção de afixo a uma base. Né? Você não está juntando nada aí.

Você não está juntando nem prefixo, nem sufixo. Nós estamos mudando a classe de palavra, dependendo do contexto. Tá certo? Então, o contexto fez com que eu mudasse aquela classe. Numa determinada sincronia, eu tenho essa formação.

Adjetivo pra advérbio. “Ler alto”. “Falar baixo”. Então, a palavra “alto” e “baixo”, nesse contexto aí, deixou de ser um adjetivo e passou a ser um advérbio. Deixou de qualificar pra eh...

*CIRC*: Modificar o verbo.

*INF*: Modificar o verbo. É. Exatamente. Então, mudou de classe gramatical. É uma maneira de você enriquecer o vocabulário. Eh... nessa fala desse rapaz que a gente viu aqui, eh... ele utiliza... como eu coloquei... ali ele está até utilizando no “estrogonoficamente” já está colocando o sufixo... o prefixo... o sufixo. O “mente”, né? Mas ele n... agora eu não estou lembrando exatamente a palavra, mas, provavelmente, ele deve ter utilizado também, palavras aqui, que modificou de classe. Mudou uma classe. Então, é um... um... uma maneira da gente criar, não é? Expandir o léxico, o que é muito comum.

Verbo pra a substantivo. O verbo “fumar”. Cês já ouviram essa estrutura “o fumar”. Você aí está utilizando o verbo não como verbo, mas ele aí está... está sendo função de substantivo. Está no sintagma nominal. Né? Então, ali você já tem uma outra maneira de... derivar palavras. Por isso que o nome é imprópria. É diferente de todas... de... daquelas que... daquele conceito inicial que a gente deu. “Derivação é aquele processo que junta uma b... a uma base um prefixo e um sufixo”. Aqui você não tem nada disso.

*CIRC*: Conclusão em português, acho que, talvez seja um exemplo eh... eles, geralmente, um deles tem origem em latim, né? Às vezes é um verbo, ou às vezes é até um adjetivo.

*INF*: Que se transformou.

*CIRC*: Tipo, Beatrice. Talvez, tenha a palavra em latim e se alguém, como é? Uma pessoa que faz ININT.

*INF*: É. Na questão dos nomes, a gente tem que ver se houve esse processo de gramaticalização. Que é essa mudança de classe na história da língua. Aqui, a gente está falando sincronicamente. Mas, se a gente for pegar na história da língua, existe esse processo que a gente chama, dentro do funcionalismo, de gramaticalização. Que é essa mudança de classe. Então, a gente precisa ver se, realmente, com o nome próprio, isso aí se configura como uma gramaticalização. Só poderia afirmar isso pra você, se a gente pegasse, realmente, assim, pra verificar essa... é possível que sim.

*CIRC*: É que eu estava olhando que ININT pra fazer esse trabalho de pegar o nome do português e...

*INF:* Ver a origem, lá, como é que está. É provável que sim. Que tenha esse percurso mesmo, né? De mudança de classe no decorrer da história na língua. Aí, existem causas pra isso, né? As causas são diversas. São sociais, são fonológicas, são morfológicas. Sintáticas. Então, vai depender do que acontecer naquele ambiente, naquele contexto, pra que ess..essa mudança ocorresse. Mas é possível que sim. Não é?

Bom. O outro processo, que é... esses são os processos de... de formação na derivação. E um outro que é também muito utilizado dentro da língua é o processo de composição. Esse processo de composição, é aquele que vai juntar à uma base, uma outra base. Então nós vamos botar duas palavras e formar uma... uma outra palavra. Então, nós temos dois tipos de processo de composição. Aqui, nesse caso, a gente forma, de uma palavra simples com outra simples uma junção que se formou uma palavra composta. Por isso que eu comecei a... falando em relação às tipologias de palavras. Né? Simples. Da composta a simples. Nós temos uma palavra como base, né? E, na composta, temos, no mínimo, duas bases. Uma dentro da outra. Agora, essas duas bases, elas podem se aglutinar ou só estar justapostas, né? Uma do lado da outra sem que haja nenhum tipo de alteração fonética ou de junção, né? Na verdade, ININT. Então, aí a gente tem dois tipos de processos de composição que é a justaposição e a aglutinação.

A justaposição, os vocábulos envolvidos são colocados lado a lado mantendo a sua autonomia fonética. Então, não há nenhuma mudança fonética nem... não há nenhuma perda ou alteração fonética na hora que a gente junta as duas partes. Então, temos ali “passatempo, girassol, pé-de-moleque”, né? Nós temos ali bases... “passa o tempo” “gira o sol” tudo separadinho, sem nenhuma aglutinação, sem nenhuma... nenhum tipo de perda eh... fonética. Diga.

*CIRC:* A mesma ININT

*INF:* Isso. Né? Quer dizer, juntar e colocar junto de. Aí você já tem uma mudança um pouquinho diferente. Né? Justaposição. Mas, na verdade, não está havendo aí uma aglutinação. Qu... quando você pensa em justaposição, o que é que é “justa”? Pra gente dizer que não... que é o processo de... de composição, né? Você vai ver que... o que que é “justa” sozinho? É uma base? “Justapor”. Aí já... não tem como você... já é uma palavra dife... de outra classe. De outra natureza. Não é por composição. Que você não tem duas bases aí.

*CIRC:* Vem de justapor.

*INF:* Não é. Tem que justapor. Então, não tem... não é a... o processo não foi esse nessa palavra. Que a composição, quando você coloca uma do lado da outra, não há nenhuma perda. E tem duas bases.

*CIRC:* ININT

*INF:* É. Tem duas bases eh... bem claras. Esse termo não está tendo duas bases. É uma única base. Uma única lexical.

E na aglutinação, é justamente o contrário. Os vocábulos vão se fundir, né? Em um todo fonético, ocorrendo também a perda e a alteração de alguns elementos fonéticos. Então, o que é que a gente vai ter aqui? Nas palavras “planalto, pontiagudo, aguardente” se a gente for olhar, o que é que a gente tem? Na formação de “planalto”, nós temos duas bases que foram, né? aglutinadas. Nós temos “plano” e “alto”. E nesse momento da junção, houve uma perda fonética aí. “Planalto”. “Pontiagudo”, né? nós temos eh... uma mudança... uma alteração fonética “ponta aguda” passou, né? a pontiagudo. Isso foi aglutinado com uma alteração fonética. E a “aguardente”, houve aqui uma aglutinação com, também, uma alteração fonética, que houve a perda de um elemento fonético. Então, “água ardente” juntou formando “aguardente”. Então, nesse caso aqui, a gente tem duas bases mesmo, só que elas estão eh... compostas de uma forma aglutinada, né? Então, houve algum tipo de... de fusão entre as duas bases. E na composição por justaposição, há a união, há a composição, mas não há a aglutinação. Não há fusão entre essas duas com algum tipo de alteração fonética, ou perda fonética. Certo? Então, esses dois são os dois processos mais comuns eh... na formação das palavras.

E aí, eu queria que vocês pegassem o texto que eu acabei de passar pra vocês. É o texto da... Margarida. Margarida, não. Da Ingedore. Quem estiver sem o texto, por favor, sente com alguém. Estão todos com o texto?

*CIRC:*

*INF:* E aí, nós vamos ver aqui, por exemplo... Nós temos aqui a parte da formação, né? Que ela vai pa... partir exatamente dessa... dessa distinção que eu fiz, né? Entre palavras simples e compostas e palavra derivada... saiu aí da estrutura, porque a estrutura vai mostrar o um pouco o que é morfema lexical, sufixo mais no item três ponto dois. Então, nós temos as palavras simples e compostas, e as palavras derivadas e primitivas. Aí, depois, ela começa a falar dos tipos de derivação que a gente falou aqui agora, né? Prefixal, sufixal, prefixal-sufixal, parassintética, depois ela fala da regressiva e, por último, da imprópria. Eu estou falando... pulando, porque a gente acabou de mostrar aqui na transparência. E depois ela vai, a partir do processo de... do segundo tipo maior, que é o processo de composição. Também vai falar da justaposição e... da aglutinação. Aí, o que que ela vai mostrar depois? Que, na verdade, nós temos outros processos de formação de palavras que também, né? vão fazer com que a gente fique... amplie esse léxico da língua. Então, aí a gente tem, por exemplo, a página trinta e

cinco, ela fala da abreviação. O que que seria a abreviação? É uma forma também, né? de... de... de derivar, de criar palavras. Formar palavras. “É um processo que, ocasionado pela economia, isto é, pela lei do mínimo esforço, consiste no emprego de uma parte da palavra, pelo todo. Até limites que não prejudiquem a compreensão”. Lógico. Então, você vai abreviar. Aí você tem a palavra “fotografia” e, normalmente, a gente usa o quê? “foto”. Quer dizer, é uma abreviatura. Né? “Auto ou automóvel”? Aí vem, moto, por “motocicleta”, “pneu” por “pneumático”. Então, nós vamos utilizar... é um processo de formação de palavras essa... essa flexibilidade que a gente tem de... de abreviar. Desde que não prejudique a compreensão, a gente está, né? fazendo essa abreviação.

*CIRC*: Bastante utilizado, professora.

*INF*: Muito utilizado.

*CIRC*: ININT “baixe minha fotografia aqui”

*INF*: É por economia. A “foto” é mais rápido de falar.

*CIRC*: ININT a gente usa muito por economia, ou por preguiça.

*INF*: Você utiliza a toalha?

*CIRC*: ININT

*INF*: Quais são as palavras que cês usam hoje?

*CIRC*: Não. É tipo veterinário. Ele usa ININT

*INF*: Isso na escrita, né?

*CIRC*: Na escrita e ININT

*INF*: Na fala também vocês utilizam isso?

*CIRC*: Utiliza, mas não ININT

*INF*: é. Porque você está lá no.... mas aí está uma linguagem própria de uma... uma...

*CIRC*:

*INF*: Fica... fica ... aqui, no caso, a abreviatura é mais geral. Você realmente... toda a comunidade compreende. Você falar “foto” “auto”. Nesse caso que você está falando, já fica como se fosse um jargão técnico da sua profissão. Não deixa de ser uma abreviatura, mas ela é específica de um grupo, né? Que você está no rádio, ou, não sei, passando essa informaç... essa é uma questão de economia e é abreviatura.

*CIRC2*: E até segurança. ININT

*INF*: Não conheço. Não conheço.

*CIRC2*: Lá no trabalho, ININT

*INF*: Você trabalha aonde?

*CIRC*: ININT federal.

*INF:* é técnica, né?

*CIRC:* Que as outras pessoas não ficam sabendo é economia, mas

*INF:* Mas você utiliza essa... essa forma, né? que é de abreviar. Que é um processo de formação. Exatamente. Só que não é um processo... não é uma forma que a comunidade como um todo vai compreender, mas aquele grupo específico, sim. Então, é realmente, um processo de abreviatura também. Não é? Agora, bem específico, bem técnico de uma determinada área. Mas exatamente... a idéia é justamente a mesma. Né? Você abreviar de... de economia, de rapidez, de segurança, né? pra que os outros não entendam. Quem fala, normalmente, em rádio, tem essa... essa, né? Essa fórmula. Aí, a gente vê, inclusive, se a gente for pegar, por exemplo, a internet. Na internet, há... haja abreviatura de tudo. Que as vezes... eu, como eu não trabalho, não sou muito de bater papo. Não... não passo... não tenho esse hábito mesmo. Então, quando eu vejo alguém lá batendo papo, eu fico... tem gente que ficava horas lá no msn, não sei o quê... e me coloca cada abreviatura. Meu Deus! Só, realmente, quem está na... na área (rindo) é que vai entender.

*CIRC:*

*INF:* Só quem é mesmo.

*CIRC:*

*INF:* É. De uma outra área, né? Mas a essência é a informação. Cê está dando uma informação, pensando algo, a partir de um processo. Né? Que é o da abreviatura. E... esse da internet. Textos de internet, são abreviaturas de um grupo que já conhece. Então, pra eles é tranqüilo. Vocês aí devem bater papo pela internet, sabem mais do que eu. Do que eu estou falando. Né? Hã?

*CIRC:*

*INF:* Os meus são normais. Eu sou careta, como você disse aí. Porque, quando eu vou passar um e-mail, se eu estiver no msn com alguém, as pessoas que estão lá já estão acostumadas. A fazer assim abreviaturas. Como eu escrevo normal. Então, eu levo um século pra digitar as coisas (risos).

*CIRC:* Se você abrevia sai mais rápido.

*INF:* Mas eu não consigo.

*CIRC:ININT*

*INF:* Eu boto acento em tudo. Eu escrevo a palavra toda. Eu já aprendi a escrever duas. É o “você”, que é “vc” e o beijo, que é “bjs”. É um grande avanço. “Você” e “beijo” eu já consigo abreviar. (risos) Aí está ótimo. Mas o resto.

*CIRC:* Acento nas... nas...

*INF:* Hein?

*CIRC:* no msn não.

*INF:* Não entendi.

*CIRC:* Não existe acento no *msn* não.

*INF:*

*CIRC:* E-mail. Não precisa botar acento. Não precisa nada disso. A pessoa entende se você não botar.

*INF:*

*CIRC:* Viu, professora? O “é” é “e-h”.

*INF:* E-H

*CIRC:* ININT.

*INF:* Cê fala na internet?

*CIRC:* É. Na internet. Agora, eu não uso ININT, mas é coisa de adolescente.(risos). Nada contra. Fica parecendo que eu não uso. Mas a... a acentuação e a pontuação, aí também eu sou claro.

*INF:* Gente, eu não consigo fazer (superp)... Eu não consig... Porque eu acho que a outra pessoa não vai entender se eu fizer sem pontuação. A outra pessoa, na minha cabeça, a outra pessoa não vai entender. Aí eu vou... é terrível.

*CIRC:*

*INF:* É terrível! ININT

*CIRC:* e também, professora, é formalidade.

*INF:* Formalidade. É já acham que a gente é formal demais. Mas é uma questão mesmo do hábito que não se tem e nesse... nesse... nesse texto de internet é um texto recente. Então, a gente não está habituado a isso. Pelo menos, uma boa parte não está. Né? Daqui a um tempo, eu acho que, a coisa já vai ser diferente, mas por enquanto, como tem algumas pessoas que não está acostumada com a internet como eu, e passou a ter esse acesso, então a coisa está meio complicada.

Bom. Mas o fato é que a gente utiliza a abreviação. E a abreviação na internet, às vezes, causa muitos problemas. Já temos várias pesquisas eh... lingüísticas que tentam, né? ver como que está acontecendo essa... essa construção do texto na internet. Em termos de significação, compreensão, coesão e coerência. Então, se você pegarem, entrarem na internet e buscarem essas pesquisas de... de como estão sendo eh... analisados em pesquisa. Cês vão encontrar isso... eh... interessante. Sobre eh... a leitura que os estudiosos estão fazendo dentro da lingüística textual que é a área que trabalha com isso. Com hipertexto e com a... a parte de

linguagem da internet, cês vão encontrar, né? algumas análises contendo problemas que são criados, não é? Quer dizer, sem querer, pelo... pela comunidade a partir de, exatamente, dessa... dessa.... desse processo que é comum na língua, né? E que já se tornou, assim, bem... já se espalhou bastante. Com quem usa essa a internet.

*CIRC:ININT*

*INF:* É. Tem o respeito tecnológico (rindo) que nosso colega disse no...no... Tá? Aqui. Continuando. “A forma abreviada passa a constituir uma nova palavra e nos dicionários tem um tratamento a parte quando sofre alteração de sentido, ou adquire matiz especial em relação àquela que... de que procede”. Então, se houve alguma mudança, aí, lá na ... a gente... os dic... os dicionários vão apresentando as palavras e vão dizer que a abreviatura disso.... discorrer um pouquinho.

Uma outra forma, né? de criar palavras, um ... a... um outro processo é a reduplicação, também chamada de duplicação silábica, que é exatamente quando você repete uma sílaba na formação de novas palavras. “Zezé, Juju”, né? Ou então, quando há reduplicação ININT é o que a gente conhece como onomatopéia, né? A onomatopéia que a gente procura eh... criar palavras que se aproximem daquele som que a gente ouve “tic-tac, zum-zum”. Então, nós vamos criando palavras repetidas, sílabas repetidas na intenção de representar alguma coisa que a gente ouviu. Essa também n.... essa não é muito... não existem tantas onomatopéias nem reduplicações na língua, mas também, é um processo, né? de... de... de criar. As siglas. Consistem na redução de longos títulos às vezes, às iniciais das palavras. Então, você tem aí eh.... o uso mesmo de... desse processo. Na parte da política então, nem se fala. Né? As pessoas sempre tem... está vendo ali as siglas dos partidos políticos. Então, você coloca... é uma formação. Então, você ...

*CIRC: ININT siglas. DCH, DCE*

*INF:* É. São a prova disso, né?

*CIRC:ADUNEB*

*INF:ADUNEB.* E várias outras.

*CIRC:* A própria UNEB.

*INF:* Isso. A própria UNEB. Universidade do Estado da Bahia. Então, a gente tem esse processo de formação. Só que esse aqui...

*CIRC: ININT* “a comunidade unebiana”

*INF:* É. “a comunidade unebiana”. Então, cê já vem de uma sigla que já se derivou, né? de uma outra

*CIRC:* Outra palavra. ININT

*INF:* Então. Só está falando se uma abreviatura, de uma sigla você já, né? formou uma outra palavra. E... só que aqui tem um problema. A questão da sigla. Você tem que dizer o que é. Porque se não ninguém vai compreender. Né? Na abreviatura, às vezes, não precisa. Como a gente viu ali, né? “Foto” “Auto” é uma redução. Mas, mna...na sigla, você vai ter que, a primeira vez que você utilizar... na sigla você tem que deixar claro qual é ...o que que ela significa. Então, por exemplo, no texto científico você que está fazendo ININT você for colocar lá alguma coisa, você tem que... a primeira colo... a primeira vez que você usar, você colocar entre parêntesis o que é que significa. Né isso? Depois, não precisa mais. “Doravante”.... “em lingüística aplicada, doravante L.A”. De agora em diante, vocês vão ver no meu texto L.A. Eu já disse antes o que é que significa. Então, a sigla, há uma necessidade de uma explicação do que que ela significa. Porque senão, não é funcional. Cê vai sair inventando sigla e não vai dizer o que significa, não adianta nada. Né? A abreviatura já não tem tanto essa necessidade. Como é uma redução, não há essa necessidade. Mas, no uso da sigla sim. Você tem que.... colocar.

Bom. E aí vem o que M... falou que, exatamente, que eh... uma vez que a gente cria essas siglas, passam a ser primitivas e aí a gente vai criando, né? Aí tem o exemplo eh... petebista, petista. Quer dizer, o PT, partido dos trabalhadores, você tem os “petistas”. Então, veio de quê? Da sigla. É exatamente como UNEB e unebiano aí como foi eh... como usada aqui, no exemplo, ela passa a ser uma palavra primitiva... em um determinado momento. Temos uma outra... um outro processo aí que é o hibridismo, né? Que... esse é um processo de formação também eh... eh... comum na língua. Que é no momento em que você junta ...

*CIRC:* Hibi...

*INF:* Hibridismo. Hibridismo. Ah. Está errado aí. É hibri... hibridismo. Aí botou “Hidrisdismo”

*CIRC:* É.

*INF:* Eu também não tinha reparado não, sabia?

*CIRC:* Eu li...eu li...

*INF:* Eu li não sei quantas vezes esses textos. Eu li

*CIRC:* Mas, nesse texto, quando a gente lê...

*INF:* Já vai direto. Nunca li. E tem tempo que eu conheço esse texto. Eu nunca li como está aqui. Que esse livro já está... já está...

*CIRC:* Já tem... já tem também em alguns textos já está... em lugar de algumas letras vêm alguns números. Você consegue ler.

*INF:* Nunca vi, não. Você já lê aquilo que você já conhece?

*CIRC*: É.

*INF*: Em blocos. Tem uma...um... um... eh... tem um texto na internet, que até ia trazer pra vocês, mas eu não sou boa no computador. Então, eu tenho que pedir pra alguém fazer. Então, eu pedi a meu filho pra colocar e ele não colocou. Então, eu não sei nem como é que faz pra colocar. Mas é um texto simples. Você pega... eh... Início da palavra e o fim da palavra. Você só lê o início e o fim e você consegue, né? identificar. A palavra “escola” mesmo, você já lê “escola”. Você lê o início

*CIRC*: ININT

*INF*: sim. Você ININT você consegue. Né? Eh... então, na verdade, esse indivíduo é justamente a... formação de palavras a partir da união de elementos de outras línguas. Né? Então, a gente tem aqui... colocar alguns elementos... ô! Alguns exemplos. Autoclave, o grego e o latim. O “auto” do grego, o “clave” do latim juntou e formou uma palavra da língua portuguesa. Sociologia... aí vem todos esses... esses... esses... “goleiro”, “futebolista”. “Futebolista” é muito interessante. Que vem do inglês *footbaal* e o is... o “ista” é um sufixo nosso. Da língua portuguesa. português. ININT juntar, né? Juntou as duas coisas e formou, né? Então, o hibridismo é essa junção, essa combinação de elementos de diversas línguas na formação de uma nova palavra na língua. Bem. E... eh... aqui ela não diz, não coloca uma outra... uma outra maneira, digamos, De... não é de formar palavras, mas termina sendo, que é a questão do empréstimo que depois a gente vai falar mais especificamente. Mas o empréstimo... que a gente importa palavras de outra língua. A gente utiliza na nossa língua, faz com que a gente vá expandindo o nosso léxico. Você está criando, né? uma nova palavra, mas de certa forma termina contribuindo pra isso. Aí no... no vídeo que eu coloquei pra vocês tem o *help*, não é? Que é... a gente conhece, né? Vem de uma outra língua, que é *help*. Ele já está aportuguesando, não é? Mas a gente já está ouvindo as pessoas falando “me dá um *help* aqui”. Às vezes, a pessoa não sabe nem o que significa, a gente não sabe nem inglês, mas de tanto ouvir o *help*, que sabe que é ajudar, aprendeu pelo menos essa e aí usa, né? E aí, está ocorrendo numa situação desse tipo aqui. Mas a gente vai falar mais da questão de empréstimo na outra aula. Tem vários tipos de empréstimo. Mas, de qualquer maneira, é um aum... é um... uma forma de expandir o léxico. Certo? Porque a gente vai incorporando essas palavras de fora e, em determinado momento, termina fazendo parte da nossa língua. Por exemplo, a palavra *abajur*, que todo mundo conhece aqui abajur. Mas não é uma palavra de origem portuguesa. Ela é francesa. Veio praqui. Algumas pessoas até utilizam na forma original. Se vocês olharem alguns lugares que se escreve abajur lá como francês. Outros, escrevem como nós aqui na Bahia, que escrevemos aportuguesando. Mas é uma forma de

expandir o léxico. Nós incorporamos à nossa língua e, hoje, se vocês pegarem o dicionário, está aportuguesado, mas vai lá dizer de onde é que veio. Então, não é constit... não é um processo de formação da própria língua, mas contribui para a expansão do léxico com a questão dos empréstimos lingüísticos. Certo? Hoje, a gente tem o tempo inteiro, principalmente da lín... na língua inglesa, né? Eh... na linguagem dos jovens, principalmente, se usa muito *brother*, né? ‘Diga aí, *brother*’, né? Esse *brother* é... é inglês irmão. Irmão em inglês, né? E a gente utiliza aqui... as pessoas não precisam saber inglês pra saber o que que é *brother* hoje. Concordam? Não é? Então, isso aí faz parte da expansão do léxico. Mesmo que não seja em termo de processo de formação e que depois até pode ter um processo em cima disso aí. Né? Por exemplo, eu posso ter um “abajurzinho”, não é? Eu peguei lá, já está na minha língua o nome... o empréstimo, mas eu já estou, na minha língua, criando. Então, já estou aí utilizando, nesse caso, um processo de formação.

Perguntas em relação ao processo de formação de palavras? Na verdade esse tema é um tema que vocês já estão cansados de ouvir, né? Desde o primário... o antigo primário a gente já conhece o processo de formação. Mas é uma preocupação da morfologia trabalhar com essa questão. E... eh... como a gente estava vendo no início, a gente está querendo mostrar que existe um léxico interno. Que existe o quê? Uma estrutura interna que faz com que a gente crie palavras na língua. Então, não é somente a gente estar eh... buscando descobrir “faz ou não faz parte da língua?”, mas como que essa palavra se formou dentro da língua. Então, a... a... dentro da morfologia, o estudo do léxico é importante nesse sentido. Porque a gente vai ver como que esse... né? esse conjunto de itens lexicais da língua, quais as possibilidades que a língua oferece, né? de... de formar palavras. Formação de palavras. Ok?

*CIRC* ININT:

*INF*: Não. Porque, na verdade,

*CIRC*:

*INF*: é. É uma justaposição. Né? Você está... colocando. Só que eh...a gente viu a justaposição como palavras já nossas, digamos assim. E o indivíduo... não deixa de ser uma justaposição, né? Mas, colocando já ao lado dos radicais de línguas diferentes. Então, não é um novo processo, mas em relação da natureza da palavra, sim. Essa seria agora de natureza... de línguas distintas. Ok?

Aí no texto... na... no texto da... da Koch, ela vai exatamente mostrar esses principais pontos que eu levantei pra vocês e... depois vocês vão dão uma lidinha. Eu não tinha deixado esse texto antes, mas eh... eu acho que dá pra gente ter uma idéia de... do que seria exatamente....

*CIRC*

*INF: oi?*

*CIRC: Vai entregar a prova? (risos)*

*INF: Não.*

*CIRC:*

*INF: Não trouxe.*

*CIRC: Professora, a prova vai ser no dia vinte e cinco mesmo?*

*INF: Dia vinte e cinco pra quem já fez segunda chamada. Você vai fazer dia vinte e cinco?*

*CIRC: Vinte e cinco é....*

*INF: Terça-feira.*

*CIRC: No horário da aula?*

*INF: Está livre, né? No horário da aula. Viu? Sexta-feira.*

Eu não trouxe, principalmente pelo fato da segunda chamada. Que é uma prova teórica. Como eles vão fazer na próxima aula, eu vou entregar na próxima aula, mas vou entregar no final da aula. Aí eu entrego.

*CIRC: Vai fazer...*

*INF: . Relativamente boas. Depois vou até comentar isso.*

*CIRC: Relativamente boas*

*INF: É.*

*Tipo:* Elocução em situação formal

*Duração:* 01:00: 18 (Uma hora e dezoito segundos)

*Data:* 12/09/2008

*Tema:* Apresentação de Projetos

*Informante:* Sexo masculino

*INF:* ... Nós, por não sermos políticos, nós ficamos sem poder. Nós não somos políticos, militante, não é atuante, nós temos nojo da política ININT ficamos de fora das decisões. Estamos sempre a reboque. Embora a gente tenha visão crítica, a gente fica sabendo das... das armações todas, né? Mas não consegue evitar, porque a gente não quer sujar as mãos com a política, não quer estar lá pra escutar as farpas e fica, por isso, ININT que nos afeta. Então, eh.... também há *mea culpa* aqui. *Mea culpa*. Nós, que lidamos com o pensamento, né? crítico, nós nos omitimos. Por isso que esses cargos estão ocupados com pessoas medíocres. E isso não é só no Brasil, não é só na Bahia, não, hein! O homem de uma mente eh... rasa, né? Com o poder.... poder proletário nas mãos. De decisão nas mãos.

Pois é. Tema muito interessante. E a UNEB é uma universidade que pode dar aula de cotas. Primeiro, porque já tem alguns estudos em andamento, eh... pesquisas, estatísticas sobre o resultado das cotas na prática... dos alunos cotistas. Tem eh... experiência de ser.... de formar as cotas. ININT o problema de dizer que estamos ININT . Tem pessoas que eh.... participaram do momento e estão aí pra testemunhar. Professor W... Professor A... são centrais na realização vocês poderão pesquisar sobre isso ah... entrevistas. E a UNEB aprovou as cotas na melhor formulação. Melhor que a UERJ. Da melhor maneira. E a UNEB não teve que engolir as cotas. A UNEB propôs as cotas. A gente sabe que a outra universidade pública de nosso estado teve de engolir as cotas. Goela abaixo. Que era contra. Depois teve que adotar, porque veio lá de cima pra adotar. Que também lá em cima era contra, por questões ideológicas. Então, caiu a ideologia e perceberam que queriam fazer demagogia e não ideologia. Então, esse partido que antes era contra as cotas, teve que aceitar as cotas. Não precisa citar que partido é. Todo mundo sabe que partido é.

*CIRC:* Ninguém nem ININT

*INF:* Que nossa aula aqui não é de política, mas como tudo está interligado... Muito bem. Está bom. Mais alguma coisa.

*CIRC:* Eu participei do primeiro ano de cotas da UEFS. Acompanhei a evolução. ININT

*INF:* É um tema.... muito interessante. Veja como a análise do discurso, ela tem uma eh... uma.... uma.... uma possibilidade infinita de... de penetração em qualquer área. Qualquer.... qualquer zona do conhecimento, ou da sociedade, da... da vida social. A Análise do discurso hoje está presente em tudo. E, agora, nós, que somos de letras, usamos a Análise do discurso um pouco diferente. A análise do discurso, todas as áreas usam. Só... privilégio nosso, não, hein! Pensar que só Letras domina a Análise do discurso não, hein! O pessoal de jornalismo trabalha com Análise do discurso. Ah.... pessoal de .... das humanidades todas, sociologia, ah... antropologia... todo pessoal trabalha com análise do discurso também.

*CIRC:* História.

*INF:* História. Quem mais quer falar logo? Esse conhecimento é muito importante. Se eu não conhecer a turma, eu não posso falar sozinho. Não conheço meu interlocutor, então não posso falar.

Diga.

*CIRC:* Meu nome é R.... meu tema ah... pesquisa é a construção e reconstrução discursiva das masculinidades no conceito de arte. Eu vou trabalhar especialmente com duas revistas masculinas, *A Vip* e a **mens help**. E eu vou fazer um estudo comparativo. Pra isso, eu vou lançar mão eh....

*INF:* A *vip* e a outra qual é?

*CIRC:* **Mens help**.

*INF:* Não conheço. É estrangeira?

*CIRC:* Eh... ela é americana. Agora, tem várias versões no mundo.

*INF:* Hum. Ela é diferente da *Vip*? São dois tipos de revistas dif...

*CIR:* É.

*INF::* Eu acho, que se pegasse dois tipos de revista. Um tipo de classe social, a outra com uma estética diferente pra não ficar... assim... abrir melhor o leque da sua pesquisa.

*CIRC:* Eh... elas se diferem em relação ao discurso de masculinidade, a representação.

*INF:* Certo.

*CIRC:* Já começa pela capa. Que a *Vip* o olhar é todo o corpo feminino muito pouco masculino. Então, eu vou trabalhar com o conceito de ININT discursivo, ou contrato de leitura, que é... de... de uma análise do discurso que vem da área de comunicação, que o teórico Que eu ININT . Ele propõe a análise do contrato de leitura de leitura que é justamente o que dá o suporte de ININT jornal, revista com seu leitorado, né? O público leitor. E como é que a revista vai construir esse leitorado, né? Através da imagem, da própria.... da própria revista é mais XXXX e ...essa relação entre o leitor e.... a revista e o leitor

*INF:* Tem um livro de ININT sobre iconografia. Sobre o componente estético da iconografia, Susan ININT que é uma escritora que é... morreu há pouco tempo. Ela é americana. Parece que teve câncer. Ela escreveu até romances também. Mas ela é uma teórica de... uma teórica de literatura e de teoria da arte. Ela escreveu um livro sobre a iconografia do ponto de vista estético. Isso pode lhe ajudar muito assim. Não sei. Aprofundaria essa... essa abordagem, assim, do ponto de vista estético. Porque eh... revistas masculinas, revistas eróticas, de um modo geral, elas trabalham com uma estética ah... claro que ... trabalham com a estética do erotismo. Não tem outra coisa. O primeiro plano é uma estética do erotismo. Para uma certa classe. Ela se dirige a uma certa classe, porque ela pesquisa e sabe que aquela classe eh... relaciona-se com o erotismo a partir de uma estética e rejeita outras estéticas. Por serem muito primitivas, muito ah... brutais, por serem ah.... enfim. Há várias... vários tipos de estética, né? ah... erótica.

*CIRC:* Então, na verdade da lingüística aplicada, né? *ININT/INF:* Lingüística aplicada a ?

*CIRC:* Lingüística aplicada à análise crítica do discurso. Onde a teoria ININT. Construção sociodiscursiva ININT

*INF:* Interessante. Como vocês sabem, nós não temos aqui ainda uma linha de lingüística aplicada na nossa universidade. Precisaríamos. Porque, lá na Ufba é uma das línguas... das linhas mais ah.... mais concorridas. De maior ah.... de maior força. Eu participo lá. Eu oriento... eu oriento nessa área. De lingüística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras. Norman Fairclough é um de nossos teóricos. Norman Fairclough . E... ele é, assim... interessante que ele é interdisciplinar. Ele trabalha tanto questões pedagógicas., tanto questões ah,... sociológicas ah... ah....dentro dessa perspectiva de uma disciplina crítica. A perspectiva de Fairclough é essa. Lingüística aplicada a crítica. Que é uma nova visão da lingüística aplicada. Lingüística aplicada interdisciplinar, transdisciplinar, ou, às vezes, antidisciplinar. É uma proposta dessa disciplina muito avançada.

*CIRC:* INDISCIPLINAR?

*INF:* É. Interdisciplinar, indisciplinar, ou, até mesmo, antidisciplinar. Que nas... as disciplinas muito territorializadas, elas... elas oprimem ah... ah... compartimentalizam... enfim, desterram o conhecimento, ou o acesso ao conhecimento. Bloqueiam eh... essas disciplinas. É preciso que, então, haja um conceito indisciplinar ou antidisciplinar, que é muito mais radical que indisciplinar. Porque antidisciplinar, você é contra a noção de que disciplinas. Existem ah... conhecimentos ah... definidos, assentados. ININT E eu acho eh... é interessante essa perspectiva. Eh... você vai ter um pouco de dificuldade no seu foco. Você vai perceber ah... porque... ah... ah... a lingüística aplicada, ela... a crítica nova, ela é.. ela é forte na Austrália.

Você tem a Stephany C. Cê tem um cara chamado Christian F. Cê tem Alan ININT. São lingüistas aplicados australianos. São muito atuantes. Mas eles têm uma parte muito importante, que é a parte do ensino de línguas. A língua, que é o primeiro ah... mais... e maior pertence da lingüística aplicada: o ensino de línguas. Porque... por quê? Porque tem muita procura, empregabilidade, enfim... língua... línguas estrangeiras. E línguas maternas também. Mas, cê vai ter uma oportunidade para aplicar, né? a... a uma questão...

*CIR:* No Brasil Milton Lopes já trabalha essa...

*INF:* Sim. Um pouco. Mas também, Milton Lopes... a lingüística aplicada ao ensino de línguas. Majoritariamente.

*CIR:* Não.

*INF:*XXX

*CIR:*XXX

*INF:* Não que eu não reconheça Milton Lopes como um intelectual importante, mas eu acho ININT é uma pessoa assim mais ah... consegue interpretar melhor essa contemporaneidade brasileira. Eh... terceiro mundo, que nós somos emergentes. Que somos ainda. Que ele é indiano, ele vive no Brasil, ele vive nos Estados Unidos, ele vive na Inglaterra. Então, ele conhece o cenário internacional muito bem. Então, é só uma dica pra você não ficar mui... não ficar muito em Milton Lopes. Milton Lopes eh... vem de uma outra tradição. Eu acho que ele... ele, cê sabe do que eu estou falando, ele vem da desconstrução que é, eu acho, um caminho mais aberto. Ok? Muito bem. R..., né? Quem mais? Vai falar.

*CIR:* Bom. Meu nome é A.... eh... o título da minha pesquisa é “Antigo conto, novas histórias. Questão de gênero na... no conto de fadas”.

*INF:* Que linha?

*CIR:* Na sua linha um. Eh... por que “Antigo conto, novas histórias”? Porque meu objeto de estudo eh... vai... eu vou analisar o *Reinações de narizinho*, de Monteiro Lobato ... um dos contos de *Reinações de Narizinho* e uma obra da... da década de oitenta, oitenta e seis, chamada *o fantástico mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira. Qual é o meu objetivo com isso? Comparar e demonstrar que o conto de fadas ditos originais, porque os de Perrault, Andersen não foram os originais ainda- alguns contos de fadas já existiam na história oral. Então, eles estão sendo retomados na contemporaneidade. Só que não só na nossa época, desde Monteiro Lobato, em mil novecentos e quarenta e nove, quando ele escreve *Reinações de Narizinho*, ou até na década de vinte, quando ele escreve ININT, ele já vai trazendo outros personagens de contos de fadas pra conviver com o sítio, com Narizinho e Pedrinho. Então, eu quero rever, levantar, pesquisar como é feita essa retomada, quais estereótipos são

perpassados, quais são quebrados. Qual é a visão de príncipe, porque meu objetivo é a questão de gênero, então, qual a visão de príncipe encantado que se tinha em contos de fadas na... em versões anteriores e nessa versão de Lobato e de... Pedro Bandeira. Então, por isso que o título é “Antigo conto, novas histórias: questão de gênero no conto de fadas.”

*INF:* Interessante.

*CIR:* À luz dos estudos culturais.

*INF:* É porque, na realidade, porque um dos maiores escritores brasileiros, um dos mais importantes escritores do Brasil, Monteiro Lobato não... não lida, na obra dele inteira, com o conceito de cultura. Ele não trabalha o conceito de cultura. Ele... Monteiro Lobato, em toda a obra dele, ele não cita... não aparece... ainda não lidava com o conceito de cultura. Então, não podemos fazer uma leitura chamada, quer dizer, cobrar de alguém que saiba algo que nós sabemos agora num tempo em que não se discutia, não... então, não é pra se fazer uma... uma ININT ideológica com Monteiro Lobato. A gente não vai esquecer os problemas eh... suas glórias, ele tinha umas limitações eh... em termos de pensamento um tanto positivista ah... mas, ele, ao mesmo tempo, é totalmente contrário a isso. A obra de Monteiro Lobato, você vai encontrar desde uma posição Nietzscheana, inclusive que ele conhecia Nietzsche, e praticando isso ah... em personagens e situações da história, altamente avançadas para a época dele, mas trazendo para o contexto tropical, né? Que... antecipando, inclusive, o modernismo. Algumas coisas de caráter tropical, tropicalização dos mitos europeus. E, ao mesmo tempo, ainda um ININT formal ah... ligado ao século dezenove. É um homem de transição. Ele tem um pé no século vinte e um pé no século dezenove. Monteiro Lobato. É difícil você trabalhar com justiça com Monteiro Lobato. É tão grandioso, ele é tão... uma mente tão poderosa. Tradutor, eh... crítico, ah... ensaísta, ah... contista, só não foi romancista, que eu saiba. Mas ele foi eh... eh... escritor de histórias infantis eh... então... então é abrangente e a gente tem que ter cuidado. Muito cuidado para não fazer... cometer um desastre com Monteiro Lobato. É muito fácil a gente co... eh... eh... ah... a gente cometer um desastre com Monteiro Lobato... eu diria um... sacrilégio ao trabalharmos com Lobato. Lobato é muito grande, mas ao mesmo tempo, também não é intocável. Não se pode trabalhar Lobato acriticamente. Tem que se trabalhar criticamente. Ah... nunca esquecendo a dimensão, a importância de Lobato.

*CIR:* Eu acho, até, professor, que, por isso, eu destaco um conto de *Reinações de Narizinho*. O objetivo é observar como ele retoma o personagem do conto de fada e com que visão, né? De que forma ele retoma, com quais valores, quais estereótipos. E... só justificando pra turma, que eu não sei se o senhor deve lembrar do meu projeto, mas é porque não era assim no início.

*INF:* É. Vai mudando. É normal.

*CIR:* No início das nossas reflexões com a turma, ele mudou um pouco.

*INF:* E vai mudar ainda mais.

*CIR:* Primeiro, que a minha teoria... a minha base teórica era a análise do discurso. E, por conta de alguns comentários de alguns professores e de alguns colegas, eu verifiquei que a questão de gênero ah.... talvez, o que possa ampliar mais seja em Estudos culturais. Isso não quer dizer que, durante a análise, e não possa lançar mão um pouco da análise do discurso.

*INF:* Claro. Que são muito próximos. São interdisciplinares aí. (super)

*CIR:* Mais outra coisa. A princípio (superp) A princípio, professor, eu ia analisar literatura e cinema. Na mesma... com o mesmo objetivo. Mas eu ia analisar ININT e Shreck. (risos).

ININT. Eu gostaria de avisar ININT (risos)

*INF:* Tinha dois projetos em um? Tinha dois projetos em um?

*CIR:* Era.

*INF:* Basta um dos dois.

*CIR:* A professora ININT que falou. A linguagem que eu devo utilizar, a teoria e até a forma de analisar um texto cinematográfico é diferente da forma de análise do texto infantil. Ela me falou que eu ia (superp)

*INF:* É outra forma (superp). Tem outros teóricos. É outra linguagem e tem outro teóricos.

*CIR:* Exato. E é uma coisa que eu não... não conheço, professor. Eu iria começar do zero na análise de obras cinematográficas. Então, (superp)

*INF:* É. Eu acho que cê deve ficar na...(superp)

*CIR:* Literatura infantil. Buscando esse diálogo intertextos.

*INF:* Eu acho que é um conselho...

*CIR:* que é uma coisa que eu já li bastante.

*INF:* Eu participei, há poucos meses, de uma banca na UEFS sobre Monteiro Lobato. De uma... uma... peça de Monteiro Lobato. E era sobre questão... não era de gênero. Eh... eh... raça em Monteiro Lobato. Raça. Questão de raça. Conceito de raça em Monteiro Lobato. Eh... cê pode consultar a UEFS. Está lá no banco as dissertações deles. Tem pouco tem ah... e achei muito interessante. Muito ah... muito... uma análise justa. Que ele fez... ah... Lobato, ao meu ver, ele tem um projeto de Brasil. É um... é um desses brasileiros... intelectuais brasileiros, que tiveram um projeto de nação. Lobato tem um projeto de nação. Assim como também ah... não digo que são bons ou maus, não estou fazendo essa avaliação. Eles têm. Darcy Ribeiro tem um projeto de Brasil. Pensou o Brasil. Assim como eh...Gilberto Freyre, né? Tem um projeto de Brasil também, né? de nacionalidade. Lobato tem também. Daí essa... essa

obsessão dele com uma pedagogia pra educar o Brasil. Seria o Brasil... o Brasil civilizado. Um projeto... um projeto civilizatório para o Brasil. Ele tinha um projeto civilizatório para o Brasil. Essa era a obsessão de Lobato. Agora, que civilização é essa. Se ela presta para o brasileiro ou não, é uma coisa pra se discutir aí pra mil teses. Lobato...

*CIR: ININT*

*INF:* Sim. Eu acho que... que há... há. Há outros projetos mais anárquicos, né? Ah... mais anárquicos. Talvez tenham pensado o Brasil ah... um Brasil mais selvagem, um Brasil mais ah... tropical, contra esse Brasil domado. Eu acho... na arte, né? a... ah... um intelectual que tenha feito esse projeto ah.. eu conheço na arte.

*CIR:ININT*

*INF:* Não. Eu acho... não. Aí, eu acho que seria.... Darcy Ribeiro tem uma... um flerte com o Índio, né? A gente sabe que ele... a imagem do índio é muito marcante no projeto de Brasil de Darcy Ribeiro. Nós somos indígenas do... nós somos mais índios do que negros e do que europeus. Essa é a visão que... que... mas é uma visão um pouco de... de determinismo geográfico. Ele acha que... a natureza, ele acha que nos domina. Então, o modo que nós tomamos banho toda hora... ele acha que nós somos mais índios do que europeus etc. São teorias de... de Darcy Ribeiro. Ah... mas, eu acho que escritores, alguns pensaram um Brasil mais... mais anárquico, mais edênico eh... mais realmente tropical. E.. e os escritores que pensam esse projeto eh... de reversão do colonialismo, são projetos pós colonialistas, na min...minha opinião, né? ININT é cem por cento. Eu acho que João Ubaldo Ribeiro é um dos que fazem um projeto de reversão do colonialismo muito forte. *Viva o povo brasileiro* é uma proposta desse tipo. Recontar a história do Brasil a contra-apelo né? Arrastando um contra-apelo do ponto de vista das iniquidades, da violência da cultura européia sobre a cultura tropical brasileira, né? E é uma proposta de descolonização. Eh... bem. Há outros. Lembrei agora deste aqui. Um projeto não necessariamente europeu para o Brasil.

*CIR:ININT*

*INF:* Mas isso é mais estético. Eles.. eles teorizaram isso, mas fizeram o contrário. Não há homem... e... Macunaíma? Macunaíma é o anti-herói, mas tudo bem. Mario de Andrade. Quem é Mario de Andrade? Mário de Andrade é a própria racionalidade européia em cima do Brasil. O pesquisador. É o pesquisador. Então, eu acho que é uma contradição na obra de Mário de Andrade que não desmerece Mário de Andrade. Que deve ser estudado, respeitado. E mais estudado do que é. Mais valorizado do que é. Que Mário tem muita coisa que... que é desconhecida. Precisa ser ainda mu... muito estudado.

Vamos adiante.

*CIR*: Não. ININT

*INF*: Tudo bem, então? Você tem dois projetos em um. Tem que decidir po um dois dois.

*CIR*: Já decidi.

*INF*: Claro. Cê deixa para outra.... Pro... pro doutorado.

*CIR*: Depois eu caso com esse.

*INF*: É. Tem que partir para frente.

*CIR*: Meu nome é Cacilda. Eh... da linha um também. O meu projeto, inicialmente... inicialmente, é o amor e a feminilidade nos contos de Marina Colasanti. Eu escolhi três contos de duas épocas diferentes. Dois contos são da década de setenta e oitenta e o outro foi agora de ININT. E vou fazer um estudo comparativo. Como ela trabalha esses conceitos, em relação ao amor, quer dizer, na verdade, a... a... ININT do amor, a importância do amor na construção da identidade feminina.

*INF*: Muito interessante. Bem, aí acho que é na minha área mesmo. Me senti em casa agora. Porque literatura é que eu... minha formação é em literatura. Minha formação básica, embora a gente tenha que ser interdisciplinar em Letras. Ninguém pode ficar no seu cantinho. Aquartelado. Achando que não precisa de lingüística e o lingüista achando que não precisa de literatura. Se ficar nessa perspectiva, vai ficar isolado. Não vai transitar, não vai progredir em Letras. Você, que é de literatura, tem que estudar lingüística e quem é de lingüística,, tem que estudar literatura. Tem que conhecer eh... outras possibilidades discursivas. Se não, vai ficar isolado e limitado. Infelizmente.... temos que ter duas bibliotecas, né? A um e a dois. A da linha um e a da linha dois. Ah... ambas, elas se complementam. Se integram e se complementam. Se entrelaçam. Então, Marina Colasanti é escritora contemporânea. Então, você vai ter aí muitos diálogos com escritoras contemporâneas que tematizaram o amor, não é? Minha tese de doutorado usou... minha tese de doutorado foi sobre o sujeito estético. E a escritora que eu usei como exemplificação foi uma escritora também contemporânea e felizmente próxima que foi... carioca, ensinou aqui na UFBA muito tempo, mas já tem uma obra nacional. ININT do Sul, então, a obra dela é reconhecida nacionalmente. E ela tem um livro chamado *Meu amigo Marcel Proust*, que é um discurso amoroso, né? Como Barthes fez, né? O discurso amoroso de Barthes, ela também fez o discurso amoroso dela. E você te... tem outras pra dialogar. Você tem... tem... você tem a própria Clarice. Eu vou lançar um livro esse mês sobre Clarice. Vou até convidar vocês pra.. pra estarem lá. Ah... é na... dia trinta, às dezoito horas, lá na Ufba. O preço é pra estudante mesmo. É quinze reais. Tem gente que bota um livro caro... estudante não tem dinheiro pra comprar livro. Não tem nenhum interesse no... o dinheiro vai ser doado pra própria UFBA. Não há interesse financeiro nenhum.

*CIR*: O senhor foi orientador do ININT

*INF*: Não. ININT co-orientador de Fernanda Mota, que também está estudando ININT. Mas eu publiquei um livro também. Nesse meu trabalho tem um livro. *O sujeito estético*. Eu tenho um livro. Vou trazer pra você. Vou trazer pra você o livro. E você poderá usar, né? na... também como discussão estética no que concerne ao discurso amoroso como ININT estetiza a... o trabalho. Enfim, nesse... e nesse livro que eu vou lançar agora tem uma ah... uma análise do conto *Amor*, de Clarice. Como Clarice tematiza o amor. Ah... semp.. comparado com ah... Virgínia Woolf, que ela trabalha ah... K... Ah.. eu também trabalho *A hora da estrela* em uma perspectiva de comparação com um conto de Suan ININT. Sempre relações ah... amorosas. Eu trabalho com outra escritora... sempre de língua inglesa, não é? Que eu trabalho com literatura inglesa. Porque a gente conhece escritores de língua inglesa e isso ajuda... que é uma literatura muito densa, a literatura inglesa. Muita história de uma tradição. A escrita feminina é poderosíssima. Cê pegar Jane Austen, as irmãs B..., cê vai... tem uma tradição riquíssima de escritoras que tematizaram o amor na... na literatura inglesa. E aí, você poderá ter alguns subsídios, né? Com esse liro... pra esse trabalho. Enfim, eh... eh... um tema prazeroso. Acho que é um tema delicado, mas prazeroso. Nã... não é só para mulher, não. Para homem também. Porque o amor é um tema que interessa igualmente a homens e mulheres.

*CIR*: Posso conversar de novo com o senhor.

*INF*: Claro. Eu faço a co-orientação de meus alunos sem nenhum compromisso. Sem constar nenhum documento. Porque gosto mesmo de... de discutir. Eu sou aquele cara interiorano que gosta de estar teorizando, conversando sobre livros, sobre coisas que hoje em dia as pessoas na capital não têm mais saco nem tempo pra fazer isso. Mas eu gosto de fazer isso. É uma atitude interiorana, mesmo. Discutir... discutir filosofia, discutir estética. Que ninguém te perguntou e você começa a discutir. Do nada. É uma atitude puramente inocente e interiorana, essa. Ficar jogando conversa fora sobre grandes pensadores.

*CIR*: Essa... esse seu desejo vem de onde?

*INF*: O quê?

*CIR*: Esse seu desejo. Você vem de onde?

*INF*: Eu sou de Candeias, a cidade mais feia do Brasil. (risos) Lá... eu morei muito tempo em Santo Amaro, né? Que também é uma cidade de grandes Barrocos. É a cidade de Caetano, onde tem os maiores barrocos baianos. A terra de pessoas barrocas. É a terra que as pessoas falam de tudo, mesmo que não entendam, não conheçam, mas falam. É uma tradição barroca. É muito barroca. É o cara que leu a... leu a orelha do livro e discute o livro todo. É um dado...

um dado da nossa baianidade, né? Mas também tem um lado bom nisso. Baiano é falante. Então, você é?

*CIR:* Eu sou G... Da linha um. Sob a orientação do professor L. R... Meu projeto, ele versa a cultura da baianidade que a gente está... portanto, se enquadra nos estudos culturais. E eu faço um aporte com os elementos dos estereótipos. Eh... analisando o espetáculo do Bando do teatro Olodum. Que eles se apropriam de um texto clássico com os elementos, né? de baianidade. Texto do século dezesseis e transporta esse espetáculo para o Tridimensional, colocando elementos de baianidade nesse texto clássico. Mantendo toda a linguagem, né? Do texto. Então, você vai ver o espetáculo, você tem um choque XXX.

*INF:* o TEXTO É ORIGINAL?

*CIR:* O texto é adaptado por Bárbara Eliosório, que ela mantém na íntegra a adaptação. Eles não colocam nenhum elemento de baianidade, textualmente falando. ININT

*INF:* Aquele sabor de época traz uma ... mas a estética é totalmente diferente. Então, o texto é de uma época e a estética é contextualizada.

*CIR:* ININIT (superp)

*INF:* Atual, atual. É interessante. Bem, é um tema que interessa a todos nós. A baianidade, né? Que nós... o que é baianidade? É difícil pra nós, inclusive, falar sobre baianidade, porque você não tem afastamento para falar dela. A.. a alteração que eu vou... que eu orientei pra... que vai ser defendida no dia vinte e nove é sobre isso. Eh... ritos de baianidade em Jorge Amado. Do mestando J... S. Ele vai discutir o que é baianidade em Jorge Amado. Jorge Amado é um dos construtores desse conceito atual de baianidade. Que nós somos, ao mesmo tempo, beneficiados e somos também prejudicados por ele. Estereótipos. Tanto do lado bom quanto o lado ruim. Há pouco... há poucos dias- sobre esse tema da baianidade- eu vi uma entrevista um... deliciosa com Fernanda Young. Fernanda Young, cê sabe quem é Fernanda Young, não é? Era da tv Globo. Ela tem um programa chamado *Irritando Fernanda Young*, que ela entrevista as pessoas e faz as brincadeiras “o que é que lhe irrita? o que é que lhe irrita? o que é que lhe irrita?” E ela... ela esteve aqui em Salvador para a Feira Do Livro no ano passado. Uma feira do livro que teve aqui no... ela escreve. Ela escritora de vários livros. E ela dizendo que a coisa que ela tem mais inveja na vida... ela tava sem maquiagem. Só tava com as tatuagens, que ela não pode tirar, né? É uma mulher muito bonita, né? Uma mulher muito... também, não tão bonita assim, mas bastante atraente. Eh... ela tava dizendo que a coisa que ela mais inveja no mundo é baiano. Que ela sonha ser baiana. Ela é uma mulher muito inteligente... que ela é carioca. Mas a coisa que ela mais gostaria de ser mesmo, é baiana. O estado de ser do baiano. A maneira de ser do baiano. São tão ar.... já é artista. Tão

artístico, tão na dele, ah... nem lá nem cá. Nem sul, nem nordeste. Ela... fez uma análise interessante. Ela tava sem maquiagem, também ela falou sem... sem meias palavras. Foi uma entrevista ótima. Não foi num lugar assim muito acessível. Foi na TV FTC. Entrevistaram... que é a tv que a UNEB é quem é... cê sabe que a Tv universitária é aqui na UNEB, né? Sabia disso? Pois é. É na... é uma sala do tamanho dessa... desse cantinho aqui, canal dezessete na net é TVUFBA, TVFTC e TV UCSAL. Juntas. Cada uma XX informação. É um... um dvd que joga lá com a programação, numa sala, que manda pra Net e a Net bota no ar. Cê pensa que é uma estrutura, que é uma Tv. Nada. Só uma salinha introdutória. Cabe ali dentro. É um cantinho. E passa coisas boas às vezes. Passa coisas interessantes, às vezes, na tv universitária. Mas só pega na Net. Canal dezessete.

*CIR:* ININT

*INF:* Depende do que seja bom ou ruim. Não é... não é tecnicamente boa. Cê vai... é pobre tecnicamente. Mas a gente também... não é demérito ser pobre, né? Porque nós somos um país pobre. Nós somos uma região pobre e uma país pobre. Então, ser pobre para nós não é demérito. Cada uma tem o seu viés. A UFBA é mais tradicional. Que a UFBA tem aquela tradição, né? Sessenta anos. A nossa, bem popular. Que nós somos uma universidade do povo. A UNEB é uma universidade do povão. Uma universidade negra da Bahia. Uma universidade. No interior da Bahia é a UNEB. A mais... as outras também são, mas a UNEB é mais, porque está em toda parte. Todo o território da Bahia, a UNEB está lá, né? Está lá atuando. Social. É um papel social incrível que a UNEB tem. Então, é a nossa... FTC é aquela coisa de tv particular. Aqueles meninos de jornalismo fazem aquele trabalho. Eh... mas foi perfeita essa entrevista. Então, ser baiano é uma coisa, assim, que tanto... incomoda muita gente, né? A baianidade. Esse mito... o mito da baianidade incomoda as pessoas que não são da Bahia. Incomoda mesmo. As pessoas... esses mitos que giram em torno de nós, nossa diversidade, nossa cultura. Um dia eu tive um saque assim. Eu tava viajando. Eu tava indo pra uma cidade chamada Nova Friburgo. Uma cidade do Rio de Janeiro. Niterói. Serrana. Nova Friburgo é uma cidade fria. Era... eram seis da tarde. Eu estava caminhando numa rua... na rua principal do comércio da cidade de Nova Friburgo. Eu, um baiano, deslocado. Então, eu percebi a diferença cultural que existe entre nós e o Sul. Ah... aquela cidade ali só tem o comércio que abre e fecha. Ela é organizada.... muito limpa a cidade, mas é uma cidade que não tem cultura própria. Não tem cultura popular. Ela... ela... ela é organizada. Ela se estrutura em torno do horário de abertura do comércio e do fechamento do comércio. É uma cidade, talvez, até boa de se viver. Ou não. Mas, para nós, não é um conceito de cidade. Não é... não há uma força cultural que... que seria indomável, que desse estrutura, não é? Uma

coisa organizada. Sociedade capitalista. Que corre à revelia. Ali não corre nenhuma força contrária àquela organização de ser... cumprir o horário, ser eficiente, organizado e pronto. É um outro conceito de cidade, de civilização, de cultura, de sociedade, de comunidade. Está ali, posto. Diferente do nosso. O nosso, às vezes, causa muitos problemas, mas, às vezes também, nos consola. Né? um pouco. Você perceber que.. que há uma vida cultural ainda ah... autêntica, né? latente nessa cidade. Foi assim que eu senti o que é baianidade. Foi estando numa cidade... naquela cidade média, que não tem os problemas das metrópole, que não tem favela, que não tem assalto. Uma cidade quase pequena, média. São muito boas de se viver. O pessoal de São Paulo há muitas dessas cidades. Muito limpa. Com um padrão quase de Europa. São Paulo, Rio Grande do Sul eh... a gente tem cidades do interior que têm um padrão social muito bem or... urbanizado, que são, assim, um padrão, um nível social muito bom. Com escola decente, um posto médico que atende ah... mas, não têm cultura própria. É muito... é diferente daqui. Então, Fernanda Young diz que o sonho dela era ser baiana. Um sonho não realizado. Tem inveja. Inveja. Toda noite ela pensa nisso (risos) que ela sempre pensa nisso. A mulher, ela é destrambelhada. Ela faz aquele tipo, não é? Um... destrambelha mesmo. Quando está... quando está surtada, ela solta os cachorros, né? Cês conhecem a figura, né?

Bom. R...?

*CIR*: G....

*INF*: Desculpa. G... Está bom, G...

*CIR*: Ô, professor....

*INF*: Tem muito pano pra manga aí, viu?

*CIR*: Preciso de um co- orientador (risos)

*INF*: Já tem aqui, em mim, um interlocutor. Eu lhe convido pra assistir a defesa de M... S.... no dia vinte nove.

*CIR*: Aonde?

*INF*: Aqui mesmo. De tarde. É uma quinta feira. Jorge Amado. Sobre Jorge.

E você? Apresente-se.

*CIR*: Eh.... eu gostaria de falar um pouquinho... me apresentar logo, porque, na verdade, tem uma hora com o orientador... que eu vou viajar depois. O senhor se incomodaria?

*INF*: Não tem problema. Isso aqui é uma universidade. Quem manda é o aluno.

*CIR*: é porque eu vou me encontrar com o orientador só pra ININT

*INF:* A gente tem um texto pra começar aqui.... um texto pesadão. Pra gente começar já jogando duro. Mas se eu fosse trabalhar com você, eu ia ficar... vai ficar bem acessível pra gente . H.... Vai ficar... vamos discutir H... , mas como baianos. Vamos baianizar H... (risos).

*CIR:* inint

*INF:* Não. Ao contrário. Baianizá-lo para ficar melhor. Fica melhor baianizando. Eu sou baiano ah... assumido.

*CIR:* Nem tocar berimbau ele conseguia.

*INF:* Me dê um berimbau aí pra voc.... eu só queria... não precisaria nem ser demitido pra esse homem ser punido. Nme condená-lo a perder o emprego. Queria que desse um berimbau pra ele tocar. Pra ele ver o que é mole tocar um berimbau. Você pode tomar um... se você quiser... qualquer um de nós aqui pode ser tocadador de violino ou de órgão, mas não de berimbau. Tem que ter C... tem que ter jogo ...

*CIR:* Mas,

*INF:* De cintura. Que nem todos nós temos. Eu mesmo não tenho, né?

*CIR:* ININT

*INF:* Sim. Vamos lá.

*CIR:* Meu nome é E... Também sou da linha um.

*INF:* Diga o seu nome.

*CIR:* E....

*INF:* E...

*CIR:* Eh... minha.... Eu sou da linha um. E a minha pesquisa, ela é sobre um autor, um escritor de... já nasceu em Caetité, viveu muito em Vitória da Conquista, que é ININT de Jesus Lima. É uma obra praticamente... quase toda inédita. Não sei se cês já ouviram falar...

*INF:* Um escritor literário?

*CIR:* É. Ele, na verdade, escreveu poesia, crítica, po.... eh... crônicas... tem uma obra muito extensa. Eh... tanto quantitativa, quanto qualitativamente, né?

*INF:* Eu conheço alguma coisa de João Gomes que é de lá também, mas...

*CIR:* Isso. De Caetité, né? Eh.... na verdade, a... a minha intenção, depois de tant... tantas.... eu cheguei aqui com XXX de C... achando que eu ia fazer muita coisa e que eu ia fazer muita coisa, né? Só que, eu comecei a tentar fazer.... dar um... um recorte e... eu gostaria de trabalhar mesmo, agora, depois de fazer o levantamento, o mapeamento de todo os seu trabalho, de todos os seus escritos, eu vou fazer um re... vou recorte estabelecendo os aspectos culturais encontrados, né? na sua obra em determinado período. O período, eu estou tentando delimitar o período ININT pra tentar ver. Que, na verdade, ele se...a...a...a... ele. Se...um...

uma... uma direção muito social lá... no seu trabalho. Ele fala muito da margem. Ele fala dos ININT, da questão do **alpinismo**, né? Ele nasce em mil novecentos e doze e morreu em mil novecentos e sessenta e cinco. Foi preso político, teve muitas questões históricas, né? que embasam e ININT essa questão da literatura... entre história e literatura e que também vem XXX nessa... nessa área.

*INF:* O professor... O professor J... A..., ele lançou agora um livro sobre o romance baiano no século vinte. Parece que tem uma... uma parte escrita.

*CIR:* ?

*INF:* É. Vou... eu tenho o livro. Vou olhar se tem uma análise da obra de XXX na ... Parece que tem.

*CIR:* Eh... a crítica... que na época também muitos livros surgiram sobre o trabalho dele. Ele ganhou prêmio A... Leoni na... na Academia carioca. Ele eh... tentou uma vaga na Academia de Letras, mas, na época, não conseguiu. Mas conseguiu a vaga na carioca. Então, ele tem, assim, a crítica da época era muito favorável....

*INF:* No interva... Está no carro o livro. No intervalo eu desço ININT quem sabe eu não acho uma parte interessante. Viu? E aí? Cê vai optar por um... uma... um instrumento teórico para analisar essa obra. Qual seria ele?

*CIR:* Aí que está o problema. Eu estou... eu estou...

*INF:* Na linha um, você teria, claramente, instrumento teóricos para analisar literatura.

*CIR:* Sim.

*INF:* Teorias sobre literatura. Mas na linha dois, tem... talvez você tenha que....

*CIR:* É linha um.

*INF:* Você é linha um? Ah... Então, ótimo.

*CIR:* Por isso, que eu estou indo tentando ver o que que vai mais... que na minha primeira perspectiva, era... seria o quê? Seria trabalhar na área de estudos culturais, porque a questão de identidade mesmo, de onde fala esse autor, né? O que... o que, na verdade, motivou toda a sua obra. O diálogo que ele desenvolveu com toda... por exemplo, na sua lírica em relação a outros escritores da poética. Então, tem essa questão de identidade nos culturais mesmo, que... na verdade, ele é um autodidata. Ele só estudou até, o que na época era o ginásial. E era poliglota. Pra um dia ser..., né? Então, ele tem, assim, muita coisa. Se eu trabalhar com um... ele teve três pseudônimos. Além de escrever como Jesus Lima, ele também tem ainda, assim...

*INF:* Ele morou no Rio, não foi?

*CIR:* Ele... não. Não, não.

*INF:* Não?

*CIR:* Ele morou na Bahia mesmo. Em Caetitê. Ele escrevia para os jornais. Ele escrevia pra jornais do Rio.

*INF:* Ele escreveu romance?

*CIR:* Ele escreveu dois romances. E escreveu um... um texto que é muito conhecido chamado de ININT, que é um texto que traz ININT de oralidade, né? É uma história de uma pessoa da Zona rural, violeiro e tal. E ele traz a ININT. E, interessante, que a crítica dele... literária é... é ... sempre foi do Rio, de São Paulo, escritores renomados eh... eh... mandavam pra ele os trabalhos pra que ele fizesse... dar um... um... um parecer, né? um parecer sobre os trabalhos. Então, olhando melhor eh... Jorge Amado, ININT publicavam, né? Tem... tem um texto... texto sobre a crítica feita ao trabalho de Camilo. Porque, às vezes, ele era ao mesmo tempo, escritor, poeta e ININT

*CIRC:* ININT

*INF:* No?

*CIR:* O último trabalho de Camilo foi uma antologia poética lançado pela UERJ, né? XXX, né? São compilação de alguns trabalhos, né? De várias obras tiradas do romance que não foram publicados. E não houve, né? Atualmente, vai ser lançado... atualmente eu digo, nesse atualmente já tem dois anos, viu? Que já está assim, está previsto o lançamento de obras completas. Mas são cinco volumes. E aí, como a obra é muito extensa, são cinco volumes e a academia... a academia baiana de Letras quer fazer o lançamento XXXXXX

*INF:* Deviam se unir e fazer uma edição... uma edição conjunta.

*CIR:* Mas aí, a família... a família já não quer fazer o trabalho sem que o texto tenha repercussão nacional. Uma editora que tenha maior, sabe? Visibilidade e tal. E pra isso esperaram, esperaram, esperaram muito. E agora que tem muita gente interessada em fazer, aí inint (rindo).

*INF:* Agora, você me falou que vai usar como marco teórico Estudos culturais. Estudos culturais tem várias vertentes. Ah... e não quer dizer que você, ao usar estudos culturais, tenha que abandonar qualquer perspectiva literária.. abordagem literária.

*CIR:* Eu quero mais uma abordagem literária.

*INF:* Porque Estudos culturais... às vezes o aluno entra, assim, “ah, Está na moda. É novo” . Mas não é bem assim. Estudos culturais tem duas vertentes ah... bem demarcadas, bem delineadas entre outras vertentes. Uma é de origem marxista. Porque os Estudos culturais, eles foram engendrados dentro do conceito marxista, né? Da década de cinqüenta. Na Inglaterra. Na... quando os filhos dos operários tinham que estudar o mesmo programa, o mesmo

currículo ah... dos filhos da princesa da... da rainha da Inglaterra. Da rainha da Inglaterra. E aí, os.. os sindicatos pediram ao governo, aos... aos... ao MEC deles. Lá tinha um MEC.... para elaborarem currículos apropriados para filhos de operários. Que não queriam que eles estudassem a mesma coisa que os filhos do... dos burgueses. ININT que conduzissem a coisas mais práticas. Que coduzissem a empregabilidade. Não aquela... aquele humanismo ah... estético, genérico, né? Disso daí... ah... dentro dessa nova esquerda... nova esquerda, que é uma esquerda que ININT de **religionismo** crítico em relação a... ao marxismo. Ah... essa linha eh... trabalha com várias perspectivas. Dentro da linha, tem várias perspectivas de estudos, de pesquisas. Uma delas, por exemplo, é verificar, em que medida, a cultura popular resiste às pressões da cultura chamada ah... oficial, ou da cultura de massa. Ou da estética de classe média, né? De que maneira... que mecanismos a cultura popular encontra para resistir, para sobreviver dentro di... É uma das linhas de pesquisa. Dentro dos estudos culturais. Dentro da linha . Mas na outra vertente... cê tem que pegar ININT, é um famoso ININR o livro *O local da cultura*. Mas vamos dar... da desconstrução de Derrida. Da diferença. Da diferença. Que também se aplica. Mas é muito problemático. Muito mais complexo do que a diferença. Do que ININT. Ela, de certo modo, afirma a diferença cultural, mas, ao mesmo tempo, nega a diferença. Isso é muito complexo. Isso explicar em dez palavras... quando a gente for discutir Derrida lá adiante, a gente vai explicar melhor o que é a diferença ININT em Derrida para que a gente entenda melhor como ela, ao mesmo tempo, ela é perigosa para Estudos culturais e é também uma forma de Estudos culturais. Foi um marco teórico pra Estudos culturais. Estudos culturais é mais uma visão de cultura. Que é como estudar a cultura. Eh... por exemplo, ah.. para estudos culturais, a literatura não é um discurso privilegiado, diferente. Não é diferente de, por exemplo,... literatura não é diferente de eh... não seria mais nobre do que ah...reza. Rezas, das rezadeiras, por exemplo. São discursos da cultura popular. São discursos culturais. A literatura não é uma coisa melhor, mais eh... bonita. Mais estética do que... do que eh... uma... do que o cordel, do que... são diferentes manifestações culturais que compõem o conceito de cultura, mas que um não é melhor do que o outro. Tira do conceito de literatura... qualquer privilégio de literatura e fica o discurso. Ah... um referencial elevado da cultura, ou superior à cultura popular. Você tem que estar muito consciente ao escolher Estudos culturais. Porque você pode também estudar a obra ah... o autor, através de teorias do texto... literário inclusive. Para o texto literário. Por sinal, contemporâneas, né? Que não são mais aquelas estruturalistas em que o texto literário era diferente dos outros textos. Está um pouco superado hoje. Um pouco, eu diria, ININT pra mim, estão totalmente superados. Você estuda literatura, mas não com aquela sacralização

DA LITERATURA; Então, é um conceito bem atual. São muitas possibilidades de estudar ah...estudos culturais, você não tem autores brasileiros ah... fortes para ser trabalhados. Ah... não há área que possa citar autores somente brasileiros. Tem que recorrer a autores estrangeiros ah... pra fundamentar seu trabalho.

*CIR:* ININT estudos culturais. Mas eu quero mesmo a questão do discurso literário sem... sem... sem fechar as portas, né? ININT na medida da necessidade da.. da... que própria obra dele permita, né?

*INF:* Claro, claro. Cê pode também comparar... lançar mão da metodologia da literatura comparada. Comparar o que ele fazia, com o que se fazia, na época, em outros lugares.

*CIR:* ININT

*INF:* Também. Mas se for uma visão crítica, pode ser os Estudos culturais criticando também. Desconstruindo o campo também. Eu acho que... sua... seu projeto é interessante, porque trabalha um tema bem atual, que é a literatura local. A literatura local. Escritores locais estão sendo muito valorizados. É hora de... já estudaram... todos os cânones já foram estudados, revisitados. Agora é hora de visitar esses desconhecidos.

*CIR:* Professor, eu tenho uma dúvida. Qual seria, então, a teoria da literatura que o senhor sugeriria pra... pra E... pra analisar a poesia do... do... do poeta de Caetité e qual teoria da literatura, qual segmento da teoria da literatura eu poderia utilizar, por exemplo, pra analisar literatura infantil.

*INF:* Bem. Literatura infantil, você tem, realmente, teóricos específicos. Na literatura infantil. É um pouco diferente. Eu acho que você tem que usar os teóricos contemporâneos. De... noventa pra cá. Quando houve esse... essa cisão com a teoria tradicional. Então, um teórico que eu trabalho, que eu recomendo sempre, que vocês vão trabalhar, inclusive, é Harry ININT, né? W... é um teórico em quem eu confio. Contemporâneo. Que desmitifica o discurso literário como um discurso diferente, como os outros, que põe a literatura em seu devido lugar. A literatura contemporânea para o mundo contemporâneo. Tem uma visão muito pós-moderna. Uma visão pós-estética. Uma visão própria dele e ... ah... a questão é se você, ao mesmo tempo, se um escritor local é um escritor da época modernista. Então, é um escritor do período modernista. Então, cê tem que fazer um contraponto com outros livros. Outros livros modernistas, ideológicos, engajados, né? Eu tenho uma análise de um livro desse, né? um artigo meu sobre a escritora Pagu, Patrícia Galvão. um artigo meu, que eu analiso o romance proletário ININT industrial. ININT publicou o romance proletário. Está no meu *site* esse artigo. Pode pegar no *site* esse artigo. Vou deixar *site* XXX aqui. Você pode pesquisar o artigo que eu tenho lá.

Então, eh... eu acho que está bem inserido no que o PPGEI faz: estudar a literatura local... regional. Preserva a memória literária regional. Faz parte de todo es... de toda uma teia, né? de ligações importantes.

Quem mais?

*CIR*: E o senhor tem mais algum outro...

*INF*: Teórico de literatura atual?

*CIR*: Sim.

*INF*: Ah, tem vários. Ela pediu um teórico... eu falei um , mas tem vários teóricos que são muito válidos pra analisar na literatura. Ah...

*CIR*: ININT teoria literária, né? Mais...

*INF*: Isso. Da literatura. Que teoria literária é uma coisa...

*CIR*: Compangnon. Tem Compangnon também, né?

*INF*: É. Antoine de Compangnon.

*CIR1*: Antoine de Compangnon

*CIR2*: *O demônio da teoria?*

*CIR1*: Ah, esse eu tenho.

*INF*: Tem? A referência? De Compagnon? É *O demônio da teoria*. Companhia das letras, né?

*CIR*: Eu tenho esse livro.

*INF*: Você tem? Cê leu?

*CIR*: É. Não sei se vai servir pra mim.

*INF*: Sim.

*CIR*: Meu nome é D...

*INF*: D... Você já conversou com a gente do seu projeto, né?

*CIR*: É. Estamos falando de literatura local. O meu também é literatura local, só que é literatura oral. Literatura oral. ININT de uma localidade lá de Xique-xique chamada ININT

*INF*: Você é de Xique-xique?

*CIR*: Eu trabalho lá. ININT Xique-xique. Então, meu projeto visa eh... estudar essas manifestações literárias culturais. A minha orientadora [e a professora E... que trabalha com isso. E... a gente busca fazer o estudo desses “CAUSOS”, dessas lendas, desses contos que constitui essa literatura popular.

*INF*: ININT

*CIR*: Tem muitas coisas. Tem lendas ININT a gente não sabe ... aparece ININT e até pra buscar, no futuro, talvez, um projeto ININT até pra conhecer a i... a identidade daquele povo eh... porque é uma região que a gente sabe eh.. é muito pr... o próprio município ao qual ele

pertence, que é **BXXX**, **BXXX** tem uma história de formação cultural... de preservação de determinados, né? ritos populares, de determinadas manifestações populares. Então, eu pretendo, com o meu projeto, abordar essa narrativa oral. Porque, como eu já falei, a localidade é, como eu falei, marginada, a única margem. A única via de acesso é o próprio rio. Então, pra chegar a Xique-xique ININT e ainda há muito que aprender.

*INF*: Interessante. A tv chegou lá há pouco tempo, né?

*CIR*: E a tv tem, no máximo, dois anos.

*INF*: Muita coisa preservada, então.

*CIR*: Ainda tem. Até a própria geografia do lugar, ela contribui pra a.... digamos assim, a sua... não seria bem ININT porque o próprio rio que ININT. Antigamente, a gente podia ver o rio. Agora não vê mais, porque já se formou uma linha. Esse rio desapareceu. O cemitério já está aparecendo. Não se sabia que lá tinha um cemitério. Já acruz... já vê cruz, né? E eu estou precisando ler tudo sobre identidade, né? Tem alguma coisa já de Derrida em meu projeto.

*Tipo:* elocução em situação formal

*Duração:* 1:15:03 (uma hora, quinze minutos e três segundos)

*Data:* 15/03/2008

*Temas:* Aula de latim

*Informante:* Faixa etária 3 feminino

*INF:* *I Cogito ergo sum.* A frase original de Descartes é ININT Por isso que nós temos o verbo cogitar, não é? Eu v... “eu não cogitava isso”, né? “Eu não pensava isso”. O verbo... é o verbo em... em latim *cogitare*. Então, *Cogito, ergo sum*. Lá na igreja dos maristas, por exemplo, tem lá *Magister...magiste adest et vocat te*. “O senhor... o mestre né? o mestre está presente e te chama”. Tem lá *Magister ades...magister adest et vocat et* O mestre está presente e te chama. Exemplo temos o verbo *est*. Este verbo *est* para nós, ele tem a significação de ser e estar, mas em outras **classes**, ele pode até ter outras significações também. Ele pode ter *algum* significações, a depender. Mas o latim, como ele era... tinha uma língua muito inséquitada, nem sempre ele usava o verbo *est*. O verbo *est*, às vezes, estava subentendido. Por exemplo, quando você diz “*vox populi*” ... “*vox populi*”

*CIRC:* Professora, rapidinho. Vale é na despedida, né? Valé?

*INF:* É. “*Vox populi vox Dei*” nós temos “a voz do povo é a voz de Deus”. Então, esse “É” aqui no latim não vai aparecer. Né? O “É” no latim não aparece, entendeu? Também você diz “*dura lex... dura lex, sed lex*”, ou seja, “a lei é dura, mas é a lei”. Então, nesses casos, o verbo não precisa... latim não precisa... “A lei é dura, mas é a lei”, ou seja, é a lei que tem que ser cumprida. Não tem outro jeito, né? É a lei. E vai ser cumprida, né? Então, “*dura lex, sed lex*” “a lei é dura, mas é a lei”. Né?

A mesma coisa, quando eu digo na Ave Maria, né? “*Ave Maria, gratia plena*” e vem “*dominus...dominus tecum*” então, “Ave Maria cheia de graça o Senhor é contigo”. O “é” não aparece aí. “*Dominus tecum*” já está subentendido a presença do verbo *est*. O verbo *est*, ele é um verbo tão amplo em latim, que às vezes, não precisava ele aparecer.

O presente que nós usamos aí quando nós dizemos *adest* etc, é o presente do verbo que é bem parecido com o nosso verbo em português, né?

*Sum, es, est, sumus, estis, sunt.* Né? Eu sou, tu és, ele é, nós somos, vós sois, eles são. Então, vocês vão ver também que o verbo em latim, exceto no pretérito perfeito do indicativo.... ele vai ter sempre essas desinências pessoais. *O* ou *m, s, t, mus, tis* e *nt*. Que quando nós formos

começar a construir quadros, né? Para saber ININT articular com o plural, vocês vão precisar dessas desinências número-pessoais. São as desinências número-pessoais do verbo. Essas desinências, elas só vão mudar no pretérito perfeito do indicativo. Só no pretérito perfeito do indicativo e no imperativo que não tem uma desinência, né? tem o tema puro. Como quando eu digo “*vale, vales; salve, salvest*” que tem o imperativo do verbo. Então, o cumprimento em latim é com o imperativo do verbo. Do verbo *salvare* e do verbo *valere*. Né? Cê tem *valer emagistra* Cê tem aí e é muito usado o... o... o imperativo tem *carpe diem*, que é “aproveite o dia”, *cape muliere*, “cuidado com as mulheres”, *cape canem*, “cuidado com o cão”. Que a gente bota lá na porta, né? *cape canem*, “cuidado com o cão”. E aí, o... o... o carteiro não sabe ler latim e é mordido de alguma forma, né? Porque não sabe ler latim. Então, é muito usado, portanto, a...

*CIRC*: E por que inint?

*INF*: Como?

*CIRC*: Por que a palavra ININT?

*INF*: Não. Isso é coisa de mitologia. Não tem a ver com a palavra em si. Não tem a ver com a palavra, não. Tem a ver mais com a mitologia mesmo, né?

*CIRC*: ININT

*INF*: Não. Porque os mapas eu não tenho no computador. Os mapas, eles são tirados de livros. O... as outras coisas eu devo ter no computador. Mas também... por exemplo, tenho computador um arquivo inteiro com muitas outras coisas, com as variações, com tudo. Ou eu tenho que recortar, botar em outro lugar, pra poder enviar, ou vai o arquivo todo, né? Com tudo o que eu tenho daquilo. Então, eu prefiro tirar cópia ININT fica mais.... mais fácil, né? E os mapas não tem. Porque os mapas, de um modo geral, eu utilizo mapas, mapas mesmo, e livros que têm mapas, dicionários com mapas, né? e com as aulas

Bom, mas hoje nós vamos ver um pouquinho também no latim, quando nós aprendemos uma determinada língua, temos, em geral, a dificuldade com a pronúncia. “Como é que eu vou pronunciar essa língua nova que eu estou conhecendo agora”. O latim, vocês não vão ter muita... essa preocupação. Por quê? Porque o português é latim, como nós já vimos nas aulas anteriores. Né? É o latim que foi modificado através do tempo. Então, a pronúncia é praticamente igual. Algumas coisas é que vão ser diferentes. O mesmo alfabeto, tá? Do português. O alfabeto é o mesmo. O latim- eu também já disse isso a vocês na aula anterior- eles não conheciam, inicialmente, a dualidade “i/j” e “u/v”. Daí eles usavam o “v” no lugar do “u”. Às vezes, acontecia o vice-versa, mas normalmente, eles usavam o “v” no lugar do “u” e o “i” no lugar do “j”... o “i” no lugar do “j”. Quando vocês- agora na... nas proximidades da

semana santa, né?- todo mundo queira ou não queira vai ver lá a cruz. Lá na cruz está “inri: i-n-r-i”- quando eu era menina eu me preocupava muito com isso “por que que tem *i*, se é Jesus nazareno o rei dos judeus?” E eu ININT. Depois, eu fui aprender latim e vi que era com “i” eram letras chamadas ININT letras namistas, creio que vocês já ouviram isso, **não?** Quem descobriu que eles não sabiam distinguir que uma era vogal e outra era consoante foi um filólogo chamado Pierre de Naomé, um filólolo francês, e, por isso, elas ficaram sendo chamadas de letras namistas. Isso ININT século doze. Imagine quanto o latim ININT já tenha passado muito tempo.

Então, aqui ó, “*Iesus... Iesus nazarenus rex iudaeorum*” “Jesus nazareno, rei dos judeus”. “*rex iudaeorum*”. Esse “i” na... quando vocês ouvem, por exemplo, a música da Ave Maria, vocês ouvem lá “*Iesus*” e não Jesus. Depois, no século dois, passamos a usar o “j” e, em textos latinos, nós nos encontramos com “i”. Alguns já ININT, já colocam o jota lá em algumas palavras, mas não em todas. O próprio dicionário, ele já traz, por exemplo, uma palavra como *iustitia... iustitia* a...o dicionário hoje já traz como *justitia... já traz....* No mais, a... o alfabeto é exatamente o mesmo... exatamente o mesmo, o alfabeto. Quanto a questão da pronúncia, o que nós temos que chamar a atenção quando estamos trabalhando com a língua latina, é que todas as letras têm que ser pronunciadas. Não é como nós fazemos em português “engolino” ININT final, né? engolimos letras, mudamos “e” e “i” “o” e “u” . É “Biniditu” e não Benedito e outras coisas mais. Isso não pode acontecer em latim, porque quando nós fazemos isso, fazemos também a modificação da sintaxe, porque mudamos o caso da palavra. Eu sempre chamava a atenção do coral que cantava música de natal aí dizia lá “*adeste, fideles*” todo mundo conhece essa música, né? “*adeste, fideles laeti triumphantes...*” (cantando), por aí, né? Todo mundo conhece essa música. Então, aqui é *fidele*, não pode ser pronunciado “*fideli*”, porque se eu disser “*fideli*”, passa a ser outra Função sintática, vai estar em outro caso , portanto, vai ser outra função sintática. Então, é preciso atentar para essas pronúncias. E por isso que aconteceu e que fez com que o latim passasse a ser as línguas românicas foram justamente essas coisas, né? Essas pronúncias que começavam a ser truncadas. A ... a própria o... o ININTdo acusativo que terminavam em “m” não se pronunciava mais o “m” e mudou-se o caso também, né? Daí, várias coisas foram acontecendo por causa disso. Tivemos que mudar a ordem da frase, porque o latim não precisava. Ele tinha já o caso que já dizia... a... a palavra podia estar em qualquer lugar que se fosse o sujeito, ele seguia o sujeito, porque a terminação dele ia indicar isso. Se ele fosse objeto direto, ele seria objeto direto em qualquer posição que ele tivesse. Já pra nós, é

diferente, né? Nós mudamos a ordem e invertemos muitas vezes o caso, né? Então, essa é a primeira coisa: pronunciar todas as letras de todas as palavras.

CIRC: inint

INF: *Adeste* é vinde, mas um vinde assim, bem depressa, a correr.. a correr. Vinde depressa, vinde... porque depois ele tem *venite adoremus dominus*, quer dizer, “vinde adoremos o senhor”. Aí, *venite* é que é o ‘vinde’. Então, este *adeste*, embora ele tenha uma significação similar a *veniste*, ele é mais forte “a correr”, né? “v’inde depressa”, né? Nesse sentido aí. E nessa mesma música você vai ter o *adeste* e depois vai ter o... o *venite*. Né? O *venite*. Então, na pronúncia, a primeira coisa é isso: pronunciar sempre todas as letras.

Depois cê tem o ditongo *ae* e *oe*. Esses dois ditongos, eles se pronunciam hoje como “e”. Houve um período que se pronunciava como “ai”, depois, mudou pra ‘e’. Então, onde tiver *ae* e *oe*, nós vamos pronunciar como “e”. Então, eu digo, por exemplo, *curriculum vitae* (*curriculum vitê*), *curriculum vitae. Pater nostrum qui es in caelum...* *Pater nostrum qui es in caelum* “Pai nosso que estás no céu”. *Caelum*. Então, sempre que tiver... eu digo *aetat aurum* “a idade de ouro”, entederam? Então, sempre nós pronunciamos o *ae* e o *oe* em qualquer posição que esteja. Houve uma época em que era “ai”, né? Era *ai* mas depois, foi mudando. Então *Caesar*, por exemplo, né? Que se escreve assim. *Caesar*, né? E *Caesar* é interessante, porque era... quando pronunciava era *Kaisar*... *Kaisar*. E a nossa cerveja Kaiser, que não é nossa não, mas é, né? De vez em quando, alguém toma. Então *Kaisar*, que significa ININT, o imperador. A cerveja kaiser...

INTERRUP

CIRC:

INF: Então, a cerveja kaiser é ... também essa... esse “c”, já que eu falei do “c”. O “c” inicial eh... poderia ser pronunciado como “K”, na... na pronúncia restaurada, né? Ele pode ser pronunciado como “K”. Nós optamos por pronunciar com a pronúncia tradicional, ou seja, com a pronúncia que se aproxima da língua vernácula. Por isso, nós pronunciamos César e não “Késar”, nem “Kíkero”. Pronunciamos “Cícero” no lugar de “Kíkero”, mas poderia também ser pronunciado como “k”: “kíkero”, “késar”, “kélum”, mas há os dois tipos de pronúncia. A pronúncia restaurada que é a pronúncia que tenta eh... levar para a pronúncia que o latim era originalmente. E a pronúncia reconstruída q... a pronúncia tradicional que puxa para a língua vernácula. Então, se você ouvir, por exemplo, o papa pronunciando em latim, ele vai dizer “*pater nostri qui es in (Tšelum)*”, que vai falar parecido com o italiano. *Tšelum*. Nós já dizemos “*célum*”. E assim por diante, né? A pronúncia se aproxima da língua latina...

ô... da língua portuguesa. Como eu coloquei pra vocês *magistra* em vez de “*maguistra*” como era.

Agora, se eu tiver lendo um texto do século doze - como é o meu caso que trabalho com texto do século doze-, se eu vou apresentar um trabalho apresentando o texto em latim, eu vou ler na pronúncia restaurada. Tá? Eu tenho que ler... o texto foi escrito lá no século doze, eu vou pronunciar desse jeito: o “K” ININT, né?

Então, “th”. O “t” mais “i”, mais vogal, vai se pronunciar como se fosse uma sibilante. Aquela palavra que nós já vimos ali, por exemplo, “*ius-ti-tia(cia)*”. Vejam que esse primeiro “t” eu pronunciei como “t” mesmo, que tem o “t” mais “i”, mas não tem outra vogal depois. Aqui eu tenho “*iusttia(cia)*”, que deu pra nós o “ç” aí, né? Esse “t” mais “i” deu pra nós o “ç”: justiça, “ç-a”. Eu posso dizer “*patie(cie)ntia(cia)*”, né? “*Patie(cie)ntia(cia)*”. Aqui eu tenho dois... todos dois pronunciados com “i”. Nós só tem ININT quando eu tenho um “s” antes, que é... poucas palavras, como por exemplo *hostia*, né? *Hostia*. Aqui no caso tem que ter “i”, mas muda por causa da proximidade desse “s” anterior. O “ph”... o “ph” nós já sabemos, né? Que tem o som de “fê”. Então *philosophia* ININT. Se vocês encontrarem alguma farmácia antiga, cês vão encontrar farmácia com “ph”. *Pharmacia*. e muitas palavras inglesas que são oriundas do latim. Há palavras que são língua inglesa que são oriundas do latim. Sessenta por cento do vocabulário do inglês vem do latim. Então, vocês vão encontrar sempre o “ph” com som de “fê”. O “ch” que tem o som de “k”. Aí sim, o “ch” é “k”. Então, cê tem, por exemplo, *charta*. *Charta*. *Charta* não... a carta aí está no sentido de carta geográfica. É o mapa. Nós falamos carta geográfica. Que é o mapa. Como seria a carta mesmo em latim? Carta ININT que é ... como seria carta? Ninguém lê a Bíblia, não?

*CIRC*: Ah. Epístola.

*INF*: Epístola. Então, a carta mesmo em latim é epístola. Então você tem lá “epístola de Paulo aos **Tesssalonicenses**” o que é? Foram cartas que ele escreveu e mandou para aquela comunidade. Aquelas cartas eram lidas na comunidade e depois, naturalmente, né? Eram... as epístolas são as cartas mesmo. Carta.

*CIRC*: ININT

*INF*: Como?

*CIRC*: ININT epístola?

*INF*: ININT? Mas aí é outra coisa completamente diferente, né? Epístola é a palavra que significa carta. ININT aqui ó. ININT essa palavra *pulchra*.

*CIRC*: *PULCHRA*?

*INF*: *Pulchra*. Significa bonita.

*CIRC: PULCHRA?*

*INF: Pulchra. Pulchra. Pulchra.* Engraçado que eu fui... ano passado eu fui...eu fui fazer uma... fui à praia do Cabo passar um fim de semana. No hotel, o nome da atendente era “Pulquéria”. E ela achava aquele nome dela feio, né? Quando eu disse a ela que o nome dela significa “a mais bela”, “a mais bonita”. Pronto. A cidade inteira ficou sabendo, né? Que o nome dela era isso. “Pulquéria”, na verdade, era “pulquérria”, né? Que era a mais bonita. Certamente, eh... reduziu um pouco ficou “Pulquéria”, né? E ela achava o nome dela horrível, passou a achar bonito depois que ININT, porque eu dei a ela uma significação do nome dela.

*CIRC: Ela era muito velha?*

*INF: Hein?*

*CIRC: Ela era muito velha?*

*INF: Não.* Ela era novinha. Ela era nova. Depois ININT. Mas o nome dela era “Pulquéria” que é... uma redução... uma redução de *pulcherrima*. *Pulcherrima*, que é “a mais bonita”. Então o “ch” pronunciamos como... como “k”. O “h” mudo... inicialmente, o “h” latino era aspirado, depois ele passou a ser o “h” mudo, por influência do latim vulgar. O “h” passou a ser mudo. E esse “h”, ele continuou na língua portuguesa, né? Ele continuou na língua portuguesa só p.. por etimologia. Hoje- eu já mostrei pra vocês, né?- hoje, que vem de *hodie* que veio de *hoc dien*, que significa “este dia”. Né? Este dia, hoje... este dia. Então, ontem é *ante dien*, o dia anterior. *Ante dien*, antes dia, por isso que ontem ficou com “o” em vez de “ô”.

Bom. Eu acho que de pronúncia não tem mais muita coisa para dizer, não. Na prática, quando nós começarmos a ler os textos, nós iremos vendo como é a etimologia. Agora, o principal é não ter medo de pronunciar. Ficam pronunciando eh... embolando a língua igual o inglês, ou então fazendo biquinho igual o francês. É pra falar normalmente como se estivessem falando português.

*Circ: ININT*

*INF: Sim.* Mas ali já é uma deturpação da nossa fala. Nós já... é uma tendência nossa de dizer “i” no lugar de “e”. Isso eu coloquei no início. A gente não pode fazer isso em latim.

*CIRC: vem cá,* esse “ae” e “oe” que pronuncia “e”. Ele ININT na palavra, ele transforma a palavra... declina a palavra ININT

*INF: Não.* Só no final. A palavra só modifica eh... no caso ININT no final. No meio não. Agora, esse “ae”... o problema é que esse “ae” e esse “oe” formam ditongos. São ditongos. Por isso que ele é pronunciado de uma vez só, tá? Eles são ditongos, aqui. Tanto que na

palavra, por exemplo, *pöeta* esse “o” tem trema. Tem o trema. Pra saber que é pronunciado os dois. *Pöeta*, né? Você pode colocar o trema no “o”...

*CIRC*: ?

*INF*: Não. “ae”... “ae” aparece no final porque é um terminação da primeira.

*CIRC*: ?

*INF*: Idade das trevas?

*CIRC*: É. Idade ou Era.

*INF*: Ó. Primeiro você vai ter trevas, né? Colocada *trevarum aetat*. Mas se você colocou no genitivo plural a palavra, né? Cê vai colocar no genitivo plural e aqui no nominativo. Isso são coisas que nós vamos ver depois. Né?

*CIRC*: a terminaçãO *um* ININT ela.. ela é o... significa o quê na língua?

*INF*: De um modo geral, *um* é usado no acusativo. Entra um pouco na frente, mas vamos lá. O acusativo, em latim, o acusativo, que pra nós é o caso lexicogênico, ou seja, o caso que gerou o nosso léxico. As nossas palavras vieram direto do acusativo latino. Que perdeu o “m”. Já, por exemplo, no italiano, ele vem direto do nominativo. Eh... no português, ele vem do acusativo. Com isso, o acusativo, pra nós é um caso muito importante, porque é o caso realmente, que as nossas palavras vieram a partir delas. O acusativo é, em geral, objeto direto. Mas no singular, o acusativo de todas as declinações termina sempre em “m”. E, no plural, termina sempre em “s”. Por isso, é que nosso plural é com “s”. Diferente do italiano, por exemplo. O nosso plural é com ‘s’ porque as nossas palavras vieram diretamente do acusativo latino. E como vieram do acusativo, no singular é ‘m’, o “m” se perdeu, então se eu tinha *rosam*, perdeu esse ‘m’” ficou rosa; se eu tinha *portam* perdeu esse ‘m’” ficou porta. Então, o acusativo se perde. E o plural fica igual. Por isso, a maioria das nossas palavras fazem o plural com “s”. Que é por causa da origem do léxico. O caso etimológico realmente da língua portuguesa é o acusativo.

*CIRC*: ININT algum filme em latim... em latim?ININT

*INF*: Ó. Filme em latim, falando em latim eu acho que só o filme *A paixão de cristo*. É latim. Tem uma parte em hebraico... tem uma parte em hebraico, tem uma parte em latim, que por sinal um latim assim claríssimo. Muito claro mesmo. Eles falam latim... eles falam latim muito claro. Na hora que ele conta, por exemplo, as... as chibatadas, e de longe você vai ouvindo. Ele está de longe... a mãe de Jesus está de longe e ouvindo, né? os números, né? *duo et vinte, uno et vinte*, porque o... no latim dezoito é *duo et vinte*, quer dizer, dois e vinte, dois menos vinte *duo et vinte, uno et vinte, vingite uno* aí ouve bem,né? Na hora também que ele vai para o tribunal se ouve bem claro... assim bem claro, né? Bem claro. É o filme que tem

realmente a frase em latim. Agora, há alguns filmes que têm pequenos trechos, pequenas falas em latim. Até novela tem, não é?. De vez em quando se encontra uma novela que tem alguém falando alguma coisa em latim. Até aquela novela meio maluca, né? *vade retro. Vade retro, Satanás.*

*CIRC:* Eu já vi um... tem muito tempo ININT

*INF:* Existe expressão latina ININT que seja encontrado em latim, esse, que é uma parte em hebraico, uma parte em latim. E o latim, realmente, é muito... muito claro. Você já assistiu? Alguém assistiu?

*CIRC:* Eu assisti, mas ININT

*INF:* Não. Porque tinha a parte do hebraico. Tem uma parte do hebraico ININT do período. Eles começam a falar em latim, quando eles estão em Roma, né? Quando eles estão em Roma é que eles começam falar realmente em latim. Né? Um latim, assim, bastante pad... bastante claro né? Eh... o filme, por sinal, é belíssimo, né? Um filme muito bonito. Tem a ver... aquele retorno... o retorno, né? O retorno. Não é só o momento da paixão, mas há aquele retorno pela memória. Ele volta e lembra da feira. Ele volta e lembra quando ele estava ININT. Né?

*CIRC:* Deve passar essa semana.

*INF:* É. ININT.

*CIRC:?*

*INF:* É. O filme é bastante forte, realmente, né?

*CIRC:ININT* os outros filmes são bem mais brandos.

*INF:* É porque ele retrata só aquelas horas ali da paixão. O momento da paixão. É aquele momento forte, realmente, da paixão. Mas eu vi... todo mundo estava falando que o filme era muito violento, todo mundo saía chorando. Eu fui, assim, até, né? Não fui a primeira vez, porque estava escrevendo tese e.... A minha orientadora mesmo disse: “não vá”, porque você vai ficar um dia sem escrever. Minha filha: “Bora?” “Não, mãe que é muito violento”. Eu fui sozinha. Assisti o filme. E me liguei em outras coisas. Que eu fui já prevenida pra me ligar em outras coisas, que eu, realmente, saí e entrei do filme tranqüila. Primeiro, por exemplo, que eu vi..eu acompanhei muito a... a posição de Maria. Então, eu fui igualzinho a Maria: fui ali atrás ó, tranqüila. Seguindo. Então, Maria estava ali, né? Eu vi bem a posição de Maria. A beleza do filme no retorno. A memória é que é muito bonita. Que ele vai voltando àquelas ações anteriores, né? E depois o latim também. ntão, eu prestei atenção à tanta coisa, que não prestei atenção na violência do filme e foi a... realidade segundo contam,né? Segundo conta a *Bíblia* foi aquilo que aconteceu mesmo. Né? Então... Mas eu prestei bem atenção à essas partes do filme e assisti tranqüila. Assistiria outra vez se fosse o caso. Mas vamos aí.

Então, passando pra... dessa... parte da pronúncia, existe a questão da acentuação. Então, em latim, não existe palavra oxítona. Então, nenhuma palavra se acentua na última sílaba. Em latim. Eh... ficamos, então, pensando nas paroxítonas e nas proparoxítonas. Portanto, nós só vamos pensar acentuação nas palavras de três sílabas em diante, né isso? Né isso? Nós só vamos pensar acentuação nas palavras em três sílabas em diante. Por quê? Porque antes de duas sílabas será paroxítona! Não existe oxítona. Bom. Latim não tinha acento gráfico. O acento tônico, é lógico. Mas o acento gráfico, o latim não tinha. Mas o latim trabalhava com a quantidade... a quantidade da vogal ou da sílaba. A quantidade, ou seja, a duração. A duração. Daí, existiam os sinais que são iguais aos sinais da música. O sinal de breve, que é isso aqui ó, e o sinal de longo que é esse aqui. Esse sinal se chama bráquia e esse sinal se chama mácron. Quem já viu uma partitura musical, já viu isso demais, né? Em cima da nota, né? cê tem lá a..aqui, né? ININT e você pode ter uma longa, tem uma breve, cê tem aqui... e aí você pode ter uma breve aqui. Então, é a mesma coisa ININT. O mesmo sinalzinho da música. Então, a língua latina era musical. Era musical. Tinha a duração. Então, breve era quando a sílaba se pronunciava mais rapidamente, aquela vogal era mais rápida, e longa, quando era mais demorada. Então, aqui como é que eu sabia se a let... a palavra era pronunciada ou não? Dependia da quantidade da penúltima sílaba. Da penúltima sílaba. Vou dar um exemplo aqui. Aparentemente essas duas palavras são iguais, né? Eu tenho duas palavras de três sílabas terminadas em “r”. Duas palavras, são dois verbos aí. Só que esse aqui a penúltima é longa e esse aqui a penúltima é breve. Então, pela lógica, se eu tenho aqui uma sílaba, na qual eu vou parar mais, é lógico que é essa que é acentuada. Né? Então, essa aqui é paroxítona e essa outra é proparoxítona. Então eu digo aqui *delere* e aqui *legere*. Certo? Vocês se lembram quando eu escrevi *cogito ergo sun* eu coloquei ININT não se pronuncia “coGIto” é “cógito”. Né? *Cogito ergo sun*. “Penso, logo sou, logo existo”.

*CIRC*: Ô, Jaciara, quando você escreveu ININT, você colocou assim embaixo ININT em M?

*INF*: Em *arum*. A terminação não é “M” é *arum*. E depois nós vamos ver essas coisas dos casos. Entenderam ,então, como é a colocação aqui? Se o acento estiver... se... a penúltima for longa, eu tenho uma paroxítona, se a penúltima for breve, eu tenho uma proparoxítona. Foi isso que terminou reduzindo as conjugações do latim pra o português de quatro pra três. Porque as proparoxítonas são sempre mais difíceis de pronunciar. Então, existia lá o verbo *saper... sapere* e... o... o latim vulgar começou a pronunciar *saPEre*, que deu pra nós, saber. Então, essa mudança de acentuação provocou a mudança de conjugação do verbo Esse verbo era da terceira conjugação latina, esse verbo era da segunda conjugação latina. Então, ele passou de uma conjugação pra outra, o verbo. O que eu já expliquei também com o verbo

*ponere*. *Ponere* que deu *poNEre*. Claro! *PoNEre* é muito mais fácil de pronunciar do que *ponere*. Então a... a... essa conjugação terminou desaparecendo. Deu *poer* e deu *pôr*. Não é não. Italiano é que parece com o latim.

*CIRC*: Cê não entendeu. É a transformação.

*INF*: é. A transformação. Então aqui, muda e quando chegou no português, nós já chegamos apenas com três conjugações ao invés de quatro. Isso se deu somente por causa da mudança da acentuação. Mudou a acentuação, mudou o contexto todo da palavra. Bom. Então, aí a questão da pronúncia eu acho que está já... resolvido.

As classes gramaticais em latim eram as mesmas nossas, né? Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. O latim não tinha artigo. Nem artigo definido, nem artigo indefinido. Não existia artigo em latim. Então, o artigo, ele veio depois pro português, à partir do demonstrativo *ille*. Pra nós, o artigo veio a partir do demonstrativo *ille*. *Illa* ININT. Por isso que eu tenho, em francês ININT, em italiano ININT, em português ficou, né? ININT a maior mudança foi para o português. Que deu “o”... espanhol *el*. E assim por diante, né? A... esse... esse *ille* além de ter dado o pronome ele ele também deu o artigo. Foi daí que veio o artigo da língua portuguesa. No latim, não vaos nos preocupar com artigo. Na hora de traduzir, se houver necessidade de artigo na língua portuguesa, nós colocamos o artigo que for mais conveniente. Ou definido ou o indefinido. As flexões também eram as mesmas, né? porém quando nós falamos em flexão, aí nós vamos ter algo diferente em latim. Primeiro, a flexão de gênero. Na flexão de gênero, em latim, nós temos gênero masculino, feminino e neutro. O neutro que vem de *neutre*, que significa “nenhum dos dois”. O neutro significa nenhum dos dois. As palavras do gênero neutro, elas tinham características diferentes das características das palavras eh... das palavras masculinas e das palavras femininas. Ou seja, na declinação, existia diferença. No latim vulgar, o neutro foi desaparecendo até desaparecer quase por completo nas novas línguas. Por que que eu digo quase por completo? Porque quando eu digo “esse, essa e isso”, “isso” é neutro. “aquele, aquela e aquilo”, “aquilo” é o neutro. Então, desapareceu quase por completo nas novas línguas. No latim vulgar, também ele desaparece. Então, nós temos, no latim, assim: palavras que são do gênero feminino, palavras que são do gênero masculino e palavras que são do gênero neutro. Essas palavras do gênero neutro na passagem pras línguas românicas, ou foram para o masculino, ou para o feminino. A depender da língua, né? *Mare*, por exemplo, é uma palavra do gênero neutro, em latim, e deu *mar* em português, que é o mar e *la mer* que é, em francês, feminino. O mar. Essas... esses gêneros assim, primeiro, quando... quando você pensa em gênero, cê pensa primeiro em gênero gramatical. Gênero gramatical. Primeira declinação

tema em “a” gênero feminino. Segunda declinação tema em “o” gênero masculino. O gênero natural suplanta o gênero gramatical. O gênero natural é mais forte do que o gênero gramatical. Então, não importa se ele tem... tem aquela terminação. Se, naturalmente, ele for uma palavra do gênero masculino, ININT com uma terminação de primeira declinação. ININT. O gênero das coisas é, normalmente, arbitrário. Por que que “mesa” é feminino, né? Não tem nada a ver por que que é masculino por que que é feminino. Quanto... a convenção colocou o que é masculino o que é feminino. Então, o gênero não está na coisa. Mas aí é o gênero gramatical. Quando você me diz que termina com a , você está me falando do gênero gramatical. Eu estou falando de gênero natural. Então, naturalmente, ele foi arbitrário. Então, o signo que é arbitrário, né? Totalmente arbitrário. Então o gênero é arbitrário. ININT tanto é arbitrário o gênero, que eu acabei de falar a palavra mar, que é neutra em latim, é masculina em português e é feminina em francês. Então, se mar tivesse alguma coisa do masculino, ou do feminino, naturalmente, ele eria o mesmo gênero em todas as línguas. Se ele tem gêneros diferentes, é porque o gênero, na verdade, é arbitrário. Sendo o gênero arbitrário, existe, naturalmente, não é arbitrário, pra cada um escolher o gênero a adotar. É arbitrário, mas há uma convenção. Convencionou-se que aquela palavra seria masculina ou seria feminina. No caso dos romanos, eles tinham, segundo consta – isso aí não é, não é científico. Não posso dizer cientificamente-, mas dizem que eles colocavam o gênero com a .... os Deuses. Então, aquelas coisas que eram regidas por Deuses masculinos ou por Deuses femininos. Então, por exemplo, todas as pedras preciosas, todas as árvores, todas as cidades eram femininos. Não importa qual declinação ela fosse. Não importava o gênero gramatical. Eram sempre femininas. Os rios eram sempre masculinos, as profissões eram sempre masculinas. Tá? Isso explica ,né? Porque, na época não existia o trabalho feminino. O trabalho era, realmente, masculino então, as profissões eram sempre masculinas. Nós é que ININT o poeta. Poeta é poeta. Não tem sexo, não tem gênero. Mas nós colocamos lá, inventamos a poetisa, né? Para fazer o feminino. Cecília Meirelles, por exemplo, não gostava muito de ser chamada de poetisa. Ela achava que diminuía um pouco a condição dela de poeta. Então, eh... o gênero era colocado assim. Então, do gênero neutro que vinham aquelas coisas que não estavam regidas por nenhum Deus. Isso não é um fato. Isso não é provado cientificamente. O que nós sabemos é que existiam determinadas coisas que eram masculinas sempre, outras que eram femininas sempre. Então se eu tinha, por exemplo, a palavra *pinus*. *Pinus* é uma palavra gramaticalmente... gramaticalmente que seria do gênero masculino. Você colocou ali a questão do “a”, mas só que *pinus* é nome de árvore. Então é feminino *pinus alta*, né? “O pinheiro alto”. Embora, tenha uma forma de segunda declinação, em *us*, mas ele tem uma

construção com o feminino. É claro que também eram masculinos os nomes de homem e feminino os nomes de mulheres. Cês vão “mas,ah, podia declinar”. Não, nós temos o célebre político romano que chamava Catilina. Então, Catilina tinha o nome na primeira declinação, mas a palavra passa a ser... a palavra passa a ser eh... masculina, porque é nome de homem. A palavra *poeta* que é o nome de uma profissão. Então, *poeta bonus*, embora *poeta* tenha a primeira declinação, então, o gênero gramatical dela deveria ser feminino, ela é masculina porque é nome de profissão. Então, poeta bom. Ok?

Outra flexão que também, eh... nós não temos na língua portuguesa e que temos na língua latina que é a base de toda a língua latina é a flexão de caso. A flexão de caso. Quem... quem já ouviu falar de caso? Onde é que nós vemos... nós falamos em caso? Na língua portuguesa, no dicionário...

*CIRC*: Caso reto?

*INF*: Caso reto. Pronome do caso reto e pronome do caso oblíquo. Né? Por que que é pronome do caso reto, por que é pronome do caso oblíquo? Por quê? *ININT*

*CIRC*: *inint*

*INF*: Por que que é do caso reto e por que que é do caso oblíquo? Veja bem, o caso... o caso. Pensava-se portanto, por isso se diz caso reto e caso oblíquo, porque se pensa numa... numa... num ângulo reto. Então, você tem o nominativo, que está aqui no ângulo reto... é o nominativo. Ou seja, é o caso, não é? O caso nominativo é *inint* no plural, como a palavra ... é o caso nominativo. Portanto, o nominativo vai ser o caso do sujeito. É o pronome sujeito. Daí em diante, o que é que acontece? Há um desvio do nominativo. Então, há um desvio, por isso que chama declinação, declina. E vai declinando no ângulo. Po isso que ele é oblíquo. Esse caso é o caso reto que está aqui. O nominativo. E os outros casos são os casos oblíquos. Porque desviam do caso principal, que é o nominativo. Então, você vem declinando. Cê vai ter o acusativo, o genitivo, o dativo, o ablativo. Que são desvios da forma original. Eles declinam. Declinam da original. Então, eu digo *rosa* e eu dido... eu digo “ a rosa é bonita”. A rosa é bonita. A rosa... é o sujeito. Eu digo “esqueceu a rosa”, a rosa é objeto direto. “O cheiro da rosa é bom”, eu já tenho ‘da rosa’, né? E assim por diante.

*CIRC*: da rosa *inint* oblíquo né?

*INF*: Oblíquo. Exatamente. Aí vamos ver os casos oblíquos que nós substituímos a desinência... a desinência às vezes por preposições, às vezes por posição da palavra na frase. A posição é que vai dizer. Então, realmente fica bem claro que a noção de caso pra nós não se perdeu. Nós continuamos tendo caso em português. Nós só não temos a desinência que...*ININT* aquele caso. Então, nós não temos mais a desinência que indica que aquilo é um

objeto direto, que aquilo é um objeto indireto. Perdeu-se o caso morfológico, mas o caso sintático continuou. Então, eu passo do caso morfológico... do caso morfológico latino para o caso sintático.

*CIRC*: caso do português ININT?

*INF*: O caso está na sintaxe. Quando eu digo “eu dei o livro ao menino”, “ao menino” é um objeto indireto. Então, o caso está aí. O dativo continua ali. Que é o caso do dar que é o objeto indireto. Então, eu tenho um dativo, eu tenho um acusativo, eu tenho o sujeito, eu tenho o adjunto adnominal todos os casos sintáticos tá aí. Então, essa sintaxe o que foi que se perdeu pra nós? O caso morfológico, ou seja, uma terminação que indicava que ali era um objeto indireto, um objeto direto e assim por diante. Então...

*CIRC*: Tem alguma língua que ININT?

*INF*: ININT o alemão tem ININT de caso, o japonês tem ININT caso. Então, cê vê que o latim influenciou várias línguas. Não é? Várias línguas. O inglês tem o caso.... o inglês tem o caso.... tem um nomezinho assim ININT. Então, o caso, ele continua em lati...português como caso sintático.

*CIRC*:

*INF*: Exato. A mudança toda foi isso. Então, quando nós... quando o latim vulgar... quer dizer, fomos nós que mudamos. Quando o latim vulgar começa a mudar, a tirara, a esquecer a terminação do caso, ele sempre substitui por outra coisa. Por isso, as preposições que vêm para substituir o dativo, por exemplo. O dativo, em latim, não tem preposição.

*CIRC*:

*INF*: Entra a preposição pra marcar que ali é um objeto indireto. Algumas vezes muda a posição, porque, por exemplo, se eu digo em português... se eu digo em português “amo Maria”... se eu digo em português que Pedro ama Maria. Pedro é o sujeito e Maria é o objeto do amor de Pedro se eu não fo... se eu disser o contrário, que Maria ama Pedro, é outra... é outra coisa, é outra comunicação, é outra frase, é outro tudo. “Maria ama Pedro”. Em latim, eu podia fazer uma troca, porque eu diria *Petrus mariam ama*. Então, essa terminação que me diz que é Maria que é o alvo do amor de Pedro. E não o contrário. Essa ordem pode mudar. Eu posso dizer *Mariam Petrus amat*. Ou posso colocar o *amat* no meio, posso colocar de qualquer jeito. Maria vai continuar sendo objeto do amor de Pedro. Não vai mudar. Então, na hora que o latim vulgar cortou esse “m” daqui, só a ordem vai dizer quem é o sujeito e quem é o objeto. Né? Então, aí só a ordem vai dizer.

*INF*: Como?

*INF:* Mas aí é outra coisa. Aí é outra... que aí você já mudou...você já mudou o verbo... a forma verbal você já mudou de voz ativa pra voz passiva. Aí você já tem o agente da passiva. Já muda toda a estrutura sintática. Cê vai mudar toda a estrutura sintática. Quando cê fala, por exemplo, em voz passiva, há coisas em latim que ficam diferentes. Em latim tinham os verbos que eram depoentes. O que é um verbo depoente? É um verbo que tem a voz passiva e passam pra nós com significação ativa. Por exemplo, se eu digo que eu ando de carro, pra mim é uma voz ativa “eu ando de carro”. Mas eu não ando de carro. Eu sou levada pelo carro. Então, esse verbo, em latim, seria um verbo depoente. Tinha de estar na voz passiva. Porque ninguém anda de carro. É levado pelo carro. Então há uma idéia ININT aí.

*CIRC:* ININT caso morfológico do caso sintático?

*INF:* O caso morfológico, ele está na forma. O caso morfológico. Ele está na forma. Então, quando eu digo eh... *Mariam*, o caso está aqui, ó. Na forma. Pela forma eu sei... eu digo assim *Magister librum Petro dat*. Então, aqui, eu tenho um caso morfológico que está aqui. Em latim, eu sei que isso é objeto... que isso é objeto direto, por causa da forma.

*Circ:* mas você tinha dito que o caso morfológico não existe em português.

*INF:* Não existe em português o morfológico. ININT. Então, o que é que nós fizemos nessa frase? “O professor deu o livro a Pedro”. O nosso caso aqui vai estar na sintaxe. Isso aqui é o objeto direto, né? E a gente vai ver, sobretudo, pela ordem. E isso aqui é um objeto indireto, porque vem regido por preposição. Então, nós tivemos de lançar mão de outras estratégias para ININT pela ordem... pela forma, entendeu? Pela ordem., por aqui, pela forma nós tivemos que criar outra estratégia para poder cumprir isso aí.

*CIRC:* Então, no latim era bem mais fácil, né?

*INF:* ININT

*CIRC :*Teoricamente era bem mais fácil.

*INF:* Teoricamente era bem mais fácil. Inclusive, porque o latim é uma língua sintética. Não é uma língua prolixa. Depois do latim vulgar é que começa ININT.

*CIRC:* a tendência é ININT, não é?

*INF:* Não, mas a tendência não era as línguas tornarem-se sintéticas não.É porque... porque, veja bem, toda oralidade ... toda oralidade tende para o perifrástico, tende para a paráfrase. Perifrástico. Ter ININT maiores. Por exemplo, hoje ninguém mais diz no futuro “Eu estudarei amanhã”; ‘Eu vou estudar’. Então o que é perifrástico é mais longo, tudo bem? Agora, o que que eu simplifico na mudança no caso da língua portuguesa? ININT tô, bora.